ALMANAQUE
do Tico-Tico
PREÇO
Cr$ 8,00
1944

Se o senhor este ano comprou
5
pares
DE CALÇADOS
PARA SEUS
FILHOS
Não
REPITA O ERRO!...
IMPERMEAVEL
DUAS SOLAS DUPLAS
UMA ENTRE SOLA DE BORRACHA c/2m/m
SALTO BORRACHA MACIÇO
COMPRE UM
SOLA CHAPEADA
E PARAFUSADA
ANTE-DERRAPANTE
ULTRA-FORTE
COSTURA A MÃO COM 8
FIOS TORCIDOS
Tank
Colegial
E VEJA QUANTO TEMPO DURARÁ
INDUSTRIAL DE CALÇADO "SOBRACOM" - RUA DR. BULHOES, 43 - RIO

Qual será o seu segredo?

E' que êle, além de estudar com aplicação, só faz as provas com a excelente tinta

"SARDINHA"

a mais antiga e preferida tinta nacional.

MIGUEL H.

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS

"SARDINHA"

Rua do Senado, 218

RIO DE JANEIRO

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nêsse instante
Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!
O' Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!
Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.
Gigante pela própria natureza,
E's belo, és grande, impávido colôsso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.
Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu Brasil,
O' Pátria amada!
Dos filhos dêste solo és mãe gentil.
Pátria amada
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!
Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos teem mais flores,
"Nossos bosques teem mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores"
O' Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!
Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado
E diga o verde louro desta flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.
Mas, se ergues da Justiça a clava forte
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte
Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu Brasil,
O' Pátria amada,
Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada
Brasil.

OSORIO DUQUE ESTRADA

Os nomes dos dias da semana

Conforme Herodoto, foi a semana composta de sete dias em honra dos sete corpos celestes. Isto parece tanto mais verosimil quanto, em quasi todas as linguas indo-européias, cada dia da semana tem o nome de um dêsses astros.

Assim, o 1.° dia foi o do Sol.

(Os ingleses, em *Sunday* e os alemães, em *Sonntag*, teem conservado esta significação. (Domingo).

O 2.° dia foi o da Lua. (Por isso ainda hoje a segunda-feira se chama em francês *Lundi*, em italiano *Lunedi*, em espanhol *Lunes*. (Segunda-feira).

O 3.° dia foi de Marte. (Por isso a têrça-feira chama-se em francês *Mardi*, no espanhol *Martes*, em italiano *Martedi*. (Terça-feira).

O 4.° foi de Mercurio. (Por isso se chama em francês *Mercredi*, em espanhol *Miercoles*, em italiano *Mercoledi*. (Quarta-feira).

5.° dia foi de Jupiter. (Em italiano *Giovedi*, em espanhol *Jueves*, em francês *Jeudi*. (Quinta-feira).

O 6.° foi o de Venus. (Em italiano *Venerdi* e *Vendredi* em francês. (Sexta-feira).

E o 7.° foi o de Saturno. (Sábado).

O CANAL do Panamá corta o istmo do Panamá, entre o Oceano Atlântico (Mar das Caraibas) e o Oceano Pacífico (Golfo do Panamá).

No lado do Atlântico, o levantamento dos navios, nas comportas, é feito nos tanques de Gatun, que são feitos de três degraus ou câmaras, chamada baixa, média e alta. No lado do Pacífico, o primeiro plano fica na comporta de Pedro Miguel, e dois outros planos em Miraflôres, a quasi uma milha ao sul. Entre essas comportas, fica o lago de Miraflôres, cuja superfície fica normalmente a 54 pés acima do nivel do mar. As partes do canal com o mesmo nível do mar estendem-se entre o Oceano Atlântico e as comportas de Gatun, por 6 2/3 milhas, e entre o Pacífico e Miraflôres, por 8 milhas. A linha do canal é de noroeste-sudéste, sendo que a ponta do Pacífico dista 27 milhas a éste da ponta do Atlântico.

O comprimento do canal é de 44,04 milhas náuticas, ou 50,72 milhas comuns, chegando pelo menos a 300 pés de largura no fundo dos canais excavados e 110 pés de largura nas comportas, que têm um comprimento útil de .. 1.000 pés. A sua profundidade varia, nunca chegando a menos de 41 pés no mesmo nivel do mar ou da superficie do lago de Gatun.

Resposta com base

A velhinha (escandalisada com o vocabulário de um garoto da rua): — O que não diria sua mãe si ouvisse o que você está dizendo!

O garoto: — Ela diria: "Ora, graças a Deus"!

A velhinha: — Não diria nada disso! Menino feio!

O garoto: — Diria, sim senhora, que ela há vinte anos é surda.

Foi o padre Idelfonso Xavier Fontoura o sacerdote que, em sessão pública, no dia sete de setembro de 1822, proclamou, em São Paulo, D. Pedro "Primeiro Rei do Brasil"

ANEDOTAS HISTORICAS

Certa manhã, Bolivar e seu tutor passeiavam nos suburbios de Caracas. Sanz montava um excelente cavalo; o menino via-se em dificuldades com um burro teimoso. Precisava bater continuamente com os calcanhares na barriga do bicho, senão êle empacaria, e o tutor, que já levava grande dianteira, desapareceria de vista. Em dado momento, Sanz faz estacar a alimaria e grita, irritado:

— Qual! Você, meu amigo, não aprenderá nunca a andar a cavalo!

E Bolivar, imediatamente:

— Como é que hei de aprender a andar a cavalo, quando o que me dão é um burro?

De outra vez, jantava-se em casa do jurisconsulto. O menino sentiu qualquer dorzinha impertinente e queixou-se em termos de rua. Sanz repreendeu-o: — Não me abra mais a bôca.

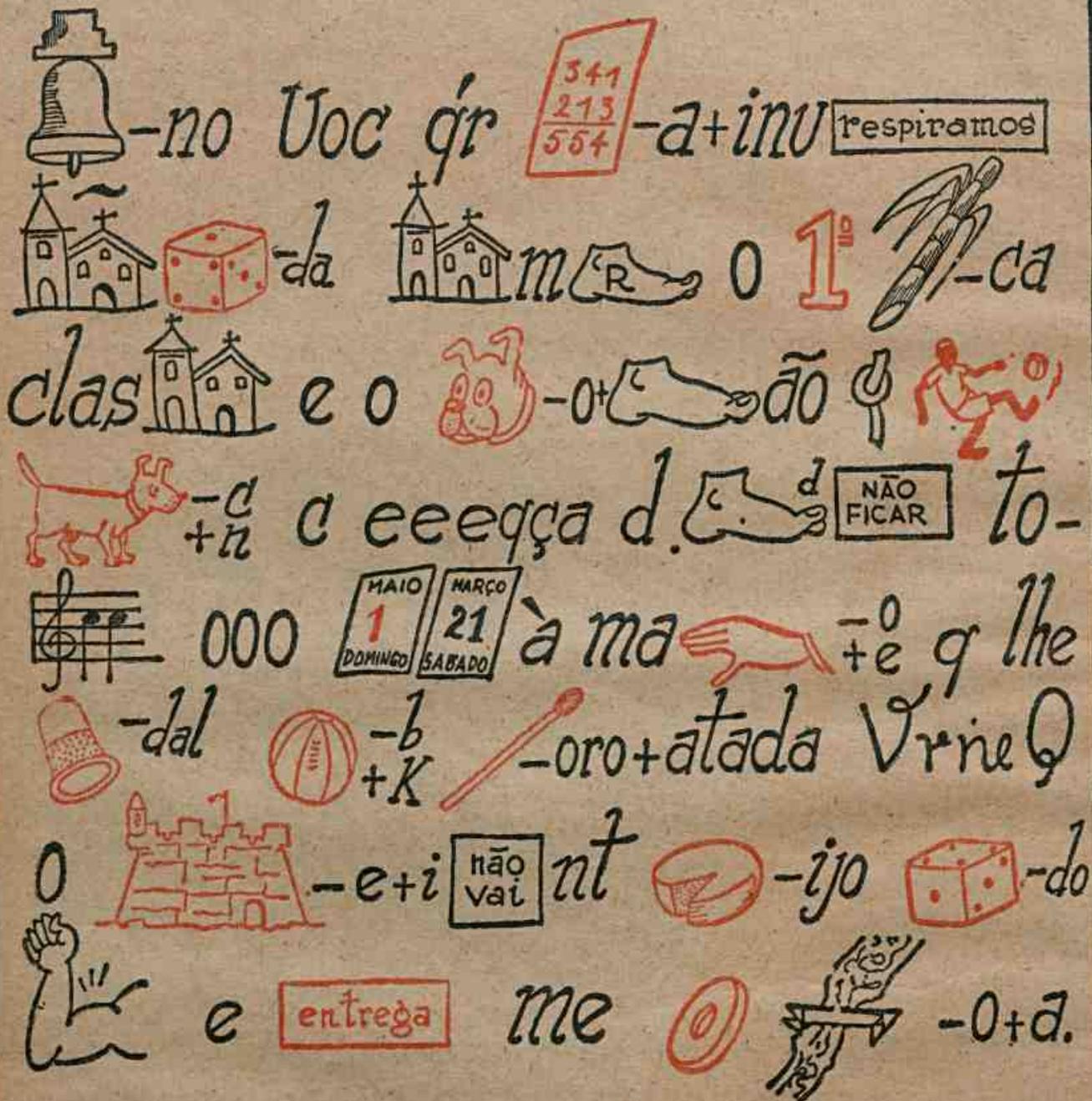
Passados muitos minutos, o tutor reparou que Bolivar cruzava os braços e não comia.

— Menino, por que não acaba de jantar?

— Não posso. O senhor mandou que não abrisse mais a bôca. Estou com ela fechada!

Roberto

Como vais?
Eu vou bem. Ontem
fiz 8 anos e ganhei um au-
tomovelzinho de papai.
Você tem tomado o Toni-
co Infantil? Eu tenho e
estou mais forte e gordo. Tam-
bem Tonico Infantil é tão gosto-
so você não acha? amanhã
vou ao cinema ver o gordo
e o magro. A fita é gosada.
E pronto e um abraço
do
Julinho

VOCÊ DECIFRARÁ ISTO?

Todos os leitores que mandarem a solução exata deste conselho para a Caixa Postal, 235 — Rio, receberão, pelo Correio, uma linda coleção de livros de histórias, inteiramente gratis. Na solução se deverá fazer referência ao "Almanaque d'O TICO-TICO".

PATRIOTISMO E GENEROSIDADE

FABIO, general romano, havia firmado com Anibal, o valente chefe dos cartagineses, um tratado para a troca de prisioneiros, estipulando-se que se devolveria homem por homem. Si depois disto algum dos generais ficasse com vários soldados de sobra, devolve-los-ia reunidos, recebendo por cada um certa quantidade de dinheiro.

Feita a permuta, em poder de Anibal ainda ficaram duzentos e cincoenta prisioneiros. O Senado não quís pagar o resgate e reprovou o que Fabio fizera, sem pensar em tudo quanto devia áquêle bravo guerreiro e sem se preocupar com a sorte que pudessem correr os prisioneiros.

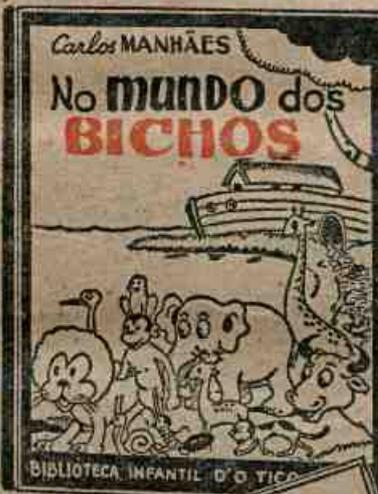
O general suportou sem protestar a injustiça e não querendo faltar à sua palavra nem deixar aqueles soldados à mercê do inimigo, vendeu a maior parte de seus bens, embora soubesse que ia quase ficar na pobreza. O produto da venda destinou-o ao resgate dos romanos prisioneiros, não deixando um só.

Muitos destes quiseram devolver-lhe o dinheiro, porém Fabio não aceitou, dizendo:

— Tudo quanto exijo de vós é que ameis a pátria acima de todas as coisas, servindo-a sempre bem.

Biblioteca INFANTIL d'O TICO-TICO

LIVROS ESCOLHIDOS QUE OFERECEM LEITURA SADÍA E INSTRUTIVA

Carlos MANHÃES — No mundo dos BICHOS — BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO

COMPLETAMENTE modernizada, em atraente formato e caprichosamente impressa a côres, a nova série da BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO oferece à infância brasileira oito livros bonitos e interessantes; de autores consagrados da nossa literatura infantil.

Páginas cheias de graça, movimento, bom humor e deliciosa ingenuidade, ao par de outras em que reponta o espírito da aventura, do heroismo e da coragem.

Ensinamentos suaves ministrados sutilmente aos pequeninos leitores, sob a forma mais agradavel possivel.

Oito verdadeiras joias da literatura infantil, que farão o enlevo e a alegria das crianças brasileiras.

PREÇO DE CADA VOLUME CR$ 6,00

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS PELO SISTEMA DE REEMBOLSO POSTAL À "BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO" — RUA SENADOR DANTAS, 15-5.° — RIO DE JANEIRO

TOSTES MALTA — ENTROU POR UMA PORTA E SAIU POR OUTRA... — BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO

Josué Montello — O tesouro de D. JOSÉ — BIBLIOTECA INFANTIL DO TICO-TICO

RUA SENADOR DANTAS, 15 - 5º ANDAR - RIO

A INDISCREÇÃO

De H. RICHETTI

SER discreto é segredo do bom viver. A indiscreção é, de todos os defeitos, o mais notado à primeira vista.

Há pessoas com as quais evitamos palestrar, por serem indiscretas. A propósito, ouvi contar, há pouco tempo, uma hsitoria que vale a pena ser repetida aqui.

"Havia um senhor já bem idoso que tinha ojeriza pelas pessoas indiscretas. Certa vez, conversava êle com uma senhorita, quando esta lhe fez à queima-roupa a seguinte pergunta:

— Quantos anos tem o senhor?

O velho respondeu, dissimulando a raiva:

— Não sei, senhorita. Mas já sou bastante idoso. Imagine, sou do tempo em que era falta de educação perguntar a idade dos outros".

No entanto, querer saber a idade dos animais não é indiscreção.

Muitas vezes vemos um lindo cavalo e dizemos: "Se não fosse tão velho, eu o compraria". Procuramos saber sua idade: 12 a 14 anos. Já está velho, porque o cavalo só vive de 25 a 30 anos. O gato, que tanto nos auxilia na extinção dos ratos, atinge a velhice extrema quando aos 20 20 anos. Já seu inimigo, o rato, caduca aos 7 anos. O esquilo, ou caxinguelê, que vemos nos parques públicos, vive até ao máximo de 9 anos. O castor, que parece ser

primo do esquilo, vive seis vezes mais. O leão vive pouco, relativamente à sua forte estrutura. Aos 25 anos já é um rei decrépito. Os hipopótamos são gigantescos, ao passo que só aturam 20 anos. O leopardo, o jaguar, a hiena, aos 25 anos mal podem defender-se, e pouco mais vivem.

E' voz geral que os elefantes atingem idades miraculosas — 100 a 200 anos. Na realidade, porém, êsses proboscídios envelhecem aos 85 anos e raramente passam desta idade.

As aves, em relação aos grandes animais, vivem bastante. Canários e pardais, bem como pombos e galinhas, podem viver até 20 anos.

Dentre os animais a tartaruga é a campeã. Em cativeiro passa dos 150 anos e em liberdade chega aos 300 anos. Contrasta com os insetos. Há entre os insetos alguns que vivem apenas horas em seu estado alado. Outros, no fim de 3 dias já estão velhíssimos.

A prisão é um fator do rápido envelhecimento dos animais. Dentre êles, o que mais a sente é o macaco. Uma vez engaiolados, os símios envelhecem rápidamente. Não há razão para privarmos os animais da sua liberdade. Quando fazemos isso, roubamos-lhes o que é mais sagrado para todos os sêres: a vida.

QUEM CORRE, CANÇA; QUEM ANDA, AVANÇA

Os submarinos na antiguidade

Bem se disse que não há nada novo debaixo do sol. Quem diria por exemplo que a idéa da navegação submarina remonta à mais alta antiguidade e que já uma porção de sábios dos tempos remotos se ocuparam com êsse mesmo assunto ?

Narra, efetivamente, Aristoteles que Alexandre Magno se serviu de sinos de buzio no cerco de Tiro (332 a. J. C.), mas a navegação submarina tem antecedentes menos antigos e mais exatos.

Em 1538 foi apresentado a Carlos I de Castela, ou seja Carlos V, uma especie de máquina de submersão; o mecânico William Burnes inventou máquina analoga quarenta e dois anos depois. Em 1605 Miguel Pejelui construiu um aparêlho que passou nesse tempo por uma verdadeira maravilha e em 1620 o holandês Cornelio van Drebiec construiu os três primeiros barcos verdadeiramente submarinos.

Desde então para cá teem-se inventado perto de duzentos tipos de submarinos na Inglaterra, França, Italia, Espanha, Estados Unidos, etc.

•

A penalidade imposta aos que usassem fogos de artificio na cidade de Olinda, vila de Recife e bairro de Santo Antonio, após violento incêndio ateado no Recife por um foguete, era prisão de dois meses em enxovia e multa de cinquenta mil réis.

O mês de Janeiro era consagrado pelos romanos ao deus Jano, entidade protetôra da guerra e cuja imagem tinha duas caras, uma sorridente e outra sevéra, para significar que a guerra é uma cousa horrivel para uns e vantajosa para outros.

Cria-se o seu próprio suplicio tendo inveja da felicidade dos outros.
PETRONIO

O dever é procurar gostar do que se tem de fazer. GŒTHE

A modestia de Rocha Pombo

Rocha Pombo foi de uma incrivel modéstia e simplicidade. Dêle contam êste caso muito expressivo :

Em nome de um grande jornal estrangeiro, alguém lhe pediu um artigo sôbre determinado assunto de história nacional.

— Pois, não. Póde vir buscá-lo na próxima semana.

No prazo marcado, ao receber o artigo, o representante do periódico estrangeiro perguntou :

— Qual é o prêço de seu trabalho ?

Rocha Pombo, que julgava até uma grande honra colaborar gratuitamente no importantissimo diário, ficou sem saber o que dizer. Começou a sorrir, todo embaraçado.

— Qual é o seu prêço ? — insistiu delicadamente o visitante.

E o historiador :

— Eu... eu não sei... O senhor dê qualquer coisa...

— Mas...

— Bem, para facilitar, direi quanto me paga por artigo um jornal em que estou colaborando aqui, no Rio : cem mil réis.

Então o visitante, a sorrir, estendeu um cheque a Rocha Pombo.

— Que é isto ? ! Um conto de réis ! — exclamou o historiador, emocionado. — Um conto de réis ! Não, não senhor ! — Isto é muito dinheiro para o meu trabalho !

E não sabia como segurar o cheque. Parecia-lhe ter um tesouro nas mãos. Em todos os seus longos anos de trabalho, de assidua colaboração na imprensa, nunca supusera que um artigo seu pudesse valer tanto dinheiro. Um conto de réis ! Virava e revirava o cheque, sem saber si devia aceitá-lo ou devolvê-lo.

— Isto é muito dinheiro ! Muito dinheiro !

E sorria, entre contente e espantado, como si aquilo fôsse um sonho...

ALMANAQUE D' O TICO-TICO

Propriedade da S. A. "O MALHO"

38.° ANO DE PUBLICAÇÃO

Diretor: Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO :

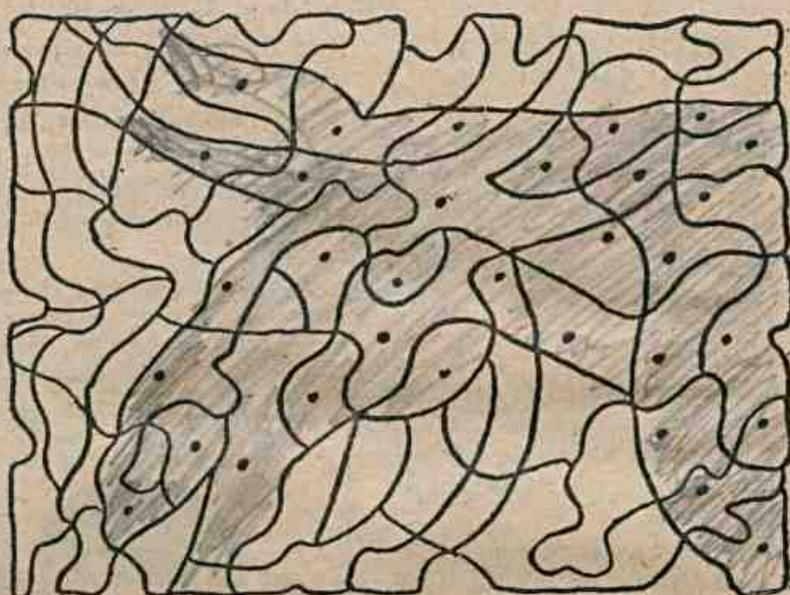
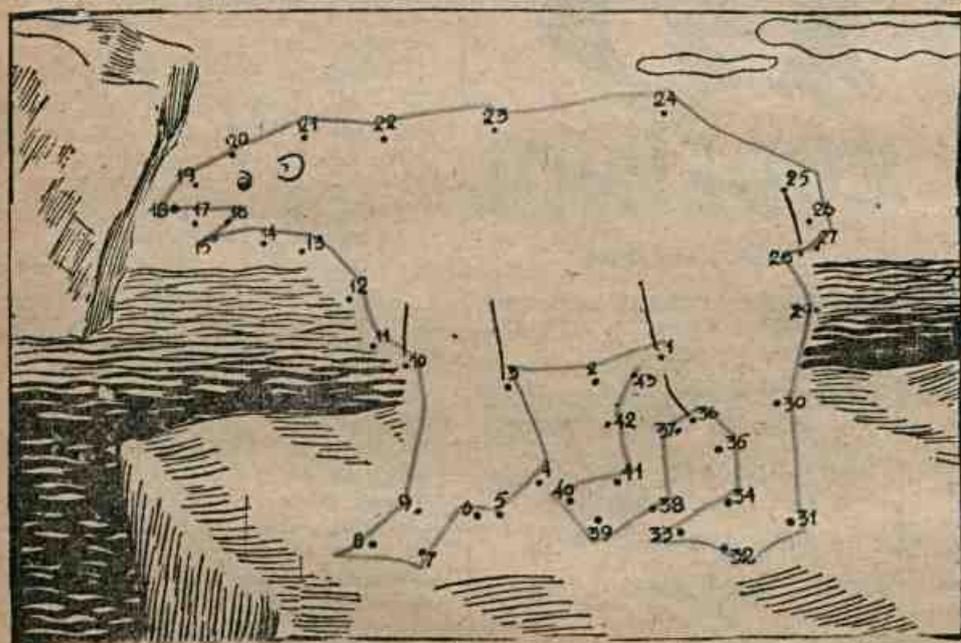
RUA SENADOR DANTAS, 15, — 5.° andar

Caixa Postal 880

Preço CR$ 8,00 — Rio de Janeiro

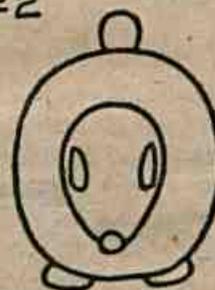
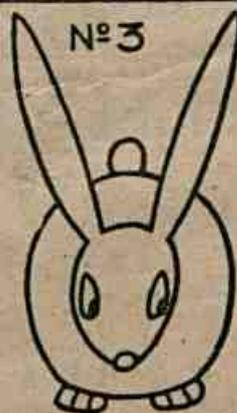
DEZ MINUTOS DE RECREIO

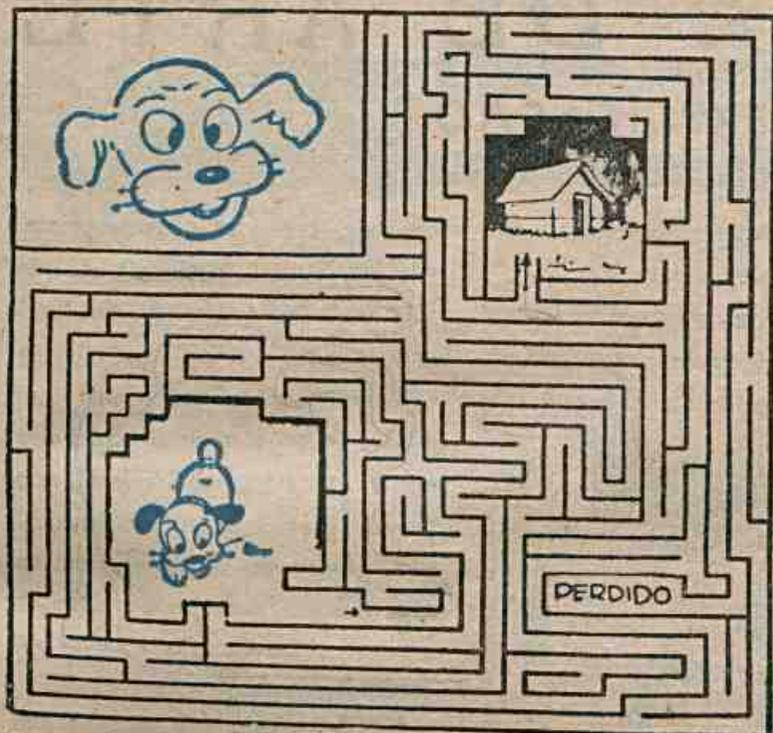
Tome um lapis dos seus, de preferência o marron ou o côr de cinza, e encha cuidadosamente todos aqueles espaços que teem um ponto no meio. Só aqueles.

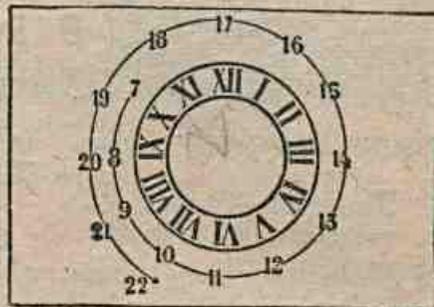
Verá, então, que se destacará um perfil de animal, e animal muito útil ao homem.

COMPLETE ESTE QUADRO

Ligando com uma linha os números acima, pela ordem, de 1 a 43, você completará a paisagem polar.

O RATINHO QUER A SUA AJUDA...

Pobre do camondongo! Está com vontade de devorar aquele pedaço de queijo, mas não sabe qual o caminho a seguir. Não haverá por aí um menino ou menina que tenha bom coração e... bom ôlho, que queira achar o caminho para o coitado?

Para você desenhar

Eis como, em três tempos, se póde desenhar um coelho. E' facílimo!!

PARA A SUA INTELIGÊNCIA

"Sultão" está querendo voltar para sua hospitaleira casinhola, mas está, tambem, com medo de ficar perdido. Quem o ajuda a ir para casa ?

Para adivinhar a hora escolhida

Mande alguem escolher uma hora em segredo. Está? Mande, então, contar *para traz*, sôbre o mostrador, mentalmente, da hora escolhida até 22, a contar da hora que esteja marcando o relógio.

No nosso exemplo, (fig.) eram 10 horas e a pessoa tinha escolhido 7 horas. Contou, então, de 7 a 22, para traz. O 22 caiu nas 7 horas... e com isso fica *descoberta* a hora escolhida.

Vamos escrever nos quadrados em branco alguns números que, somados, dêem esses resultados? Si não acertar, veja a solução à página 124.

Esta figura póde ser feita com um só traço e sem levantar o lápis do papel. Veja se consegue. Si não, recorra à pág. 124.

Partindo do número 1, com uma linha, vá ligando os números, até 37. E veja o resultado.

ADIÇÃO CURIOSA

Apresente a alguem quatro linhas de 5 pontos e a soma, assim:

```
 . . . . .
 . . . . .
 . . . . .
 . . . . .
-----------
1 9 9 9 9 8
```

e mande que, no lugar dos pontos de duas linhas ponha algarismos. Você, então, ràpidamente, escreverá os algarismos das outras 2 linhas de pontos e, se a pessoa fôr verificar, a soma estará certinha!

E' assim que se opera: Suponhamos que a pessoa escreveu

```
 3 7 2 1 0
 2 9 6 0 7
 . . . . .
 . . . . .
-----------
1 9 9 9 9 8
```

Você escreverá as outras duas:

```
 3 7 2 1 0
 2 9 6 0 7
 6 2 7 8 9
 7 0 3 9 2
-----------
1 9 9 9 9 8
```

e... estará certa a soma. Como se consegue isso? E' fácil. Cada algarismo que Você escrever, deve somar, com o seu correspondente de uma das parcelas de cima (a 1.ª com a 3.ª e a 2.ª com a 4.ª) o total 9.

Isso fará com que a soma total seja equivalente a esta

```
 9 9 9 9 9
 9 9 9 9 9
-----------
1 9 9 9 9 8
```

Para *impressionar* e obter o efeito desejado, é preciso treino e, ainda, não deixar a outra pessoa perceber o... sêgredo.

UMA OBRA DE ARTE

E SUA EXPLICAÇÃO

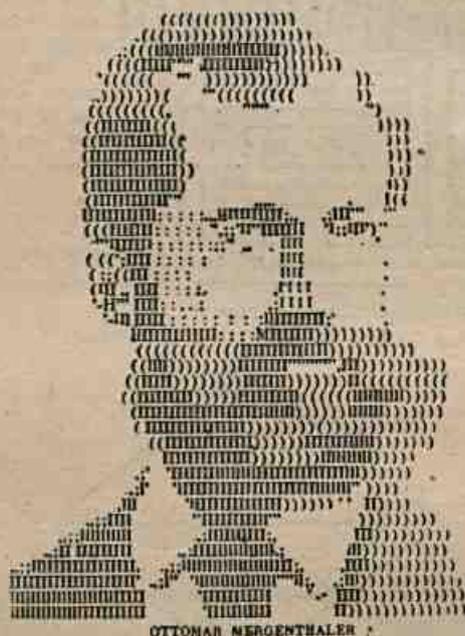
ALGUNS de vocês que já viram uma oficina de jornal por dentro, conhecem a máquina denominada *Linotype*, em que, por meio de um teclado e por um mecanismo complicadíssimo, se formam, em pequenas chapas de chumbo, que parecem tijoletas, as linhas das colunas dos jornais.

As palavras, ali, ficam escritas às avessas, como nos sinêtes e carimbos.

As *tijoletas* — vamos chamar assim — postas umas em baixo das outras, formam as colunas. E essas colunas, lado a lado, formam a página.

Essa máquina é uma das mais perfeitas e engenhosas que o homem já imaginou e construiu, trabalhando de tal modo, com tanta perfeição, que parece ter um cérebro.

Quem inventou a *Linotype* foi Ottomar Mergenthaler, cujo retrato está ilustrando estas linhas.

Mas, si vocês repararem bem, verão que o retrato do inventor da máquina de compôr Linotype está feito

OTTOMAR MERGENTHALER

de tracinhos que nos lembram sinais de jornal. E é isso mesmo. Esse retrato do homem a quem se deve, depois de Guttenberg — que foi o inventor da imprensa — o progresso a que chegou a arte tipográfica, esse retrato, repetimos, foi feito em uma das máquinas por êle inventadas — que hoje ainda estão mais aperfeiçoadas — com o emprêgo de pontos, virgulas, letras l, parênteses, etc., de cuja combinação resultou uma verdadeira obra de arte.

É preciso, ainda, que se note: isso é obra de um patrício nosso! Foi o operário da Imprensa Nacional, snr. Sérvulo Franco, quem, pacientemente, e monstrando sua capacidade e o conhecimento que tem do modo de manejar a *Linotype*, conseguiu esse resultado.

Isso serve para que vocês vejam como a paciência, a habilidade e a prática podem ser aperfeiçoadas e levadas a um alto extremo.

E serve, também, para mostrar como nós temos compatriotas que são capazes de realizar coisas interessantes, não sendo só os filhos de outras terras que se aperfeiçôam e possuem habilidades interessantes e curiosas.

— Que é isso, Casimiro! Ignorava que te havia acontecido uma desgraça!
— Não me aconteceu desgraça nenhuma...
— E por quem é que estás de luto?
— Por ninguem. E que a manga do casaco está rasgada... Assim, tapo o rasgão.

ADJETIVOS PÁTRIOS INTERESSANTES

Da Pérsia — persa, pérsico, persiano.
Do Egito — egipcio, egpciano, egiptano.
Da China — chino, chim, chinês.
Da Arábia — árabe, arábico,.
Da Judéia — judêu, judio, judáico, judengo.
Da Polônia — polaco, polônio, polonês.
De Java — javanês, jau.

NA FARMÁCIA

O FARMACÊUTICO (depois de ouvir o freguês que lhe conta seus males) — Tome duas colherinhas dêste remédio, antes do almôço e do jantar. Si não ficar curado, volte aqui que eu lhe darei um remédio que nunca falha.

O DOENTE — E por que não me dá logo êsse outro de uma vez?

MODOS DE VER...

Dia frio e chuvoso. Um vento gelado sacóde os vidros das janelas e os choviscos descem em cachoeiras pelos guarda-chuvas das pessoas que andam na rua.

O cliente entrando no consultório do médico: — *Que tempo, heim, doutor? Resfriados, gripes, pneumonias, bronquites...*

O médico: — *E'... é... Realmente, não me posso queixar...*

O exército com o qual Caxias dominou a "Balaiada", no Maranhão, intitulou-se, por ordem de seu chefe, "Divisão Pacificadora do Norte".

A minha Mãe

E's tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor, indolente, se abandona
E beija uma criança adormecida...

No leito solitário, és tu quem vela,
Trêmulo o coração que a dôr anséia,
Nos ais do sofrimento inda mais bela
Pranteando sôbre uma alma que pranteia.

E, si pálida sonhas na ventura
O afeto virginal, da glória o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando:
Pensamento de mãe é como incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Criatura de Deus, ó mãe saudosa,
No silêncio da noite e no retiro
A ti vôa minh'alma esperançosa
E do pálido peito o meu suspiro!

ALVARES DE AZEVEDO

Coisas do mundo da lua

A distância da Lua à Terra é, em média, igual a 60 vezes o raio terrestre. Dizemos "em média", porque essa distância é variável, conforme a posição do nosso satelite. A máxima distância é de 64 raios terrestres e a minima de 56. Como o raio da Terra mede, em números redondos, 1.600 léguas (de quatro quilômetros), aquela distância máxima é de 102.400 léguas, e a minima de 89.600 léguas. A média é, por conseguinte, de 96 mil léguas. Nesse espaço caberiam, unidos pólo com pólo, 30 globos iguais à Terra. O fio, que medisse a extensão dessa distância teria comprimento suficiente para se enrolar, de nove a dez vezes em torno do equador terrestre. Uma bala de artilharia que conservasse sempre a velocidade de 400 metros por segundo gastaria 11 dias para ir da Terra à Lua; e uma locomotiva avançando sempre com a velocidade invariável de 15 léguas por hora só lá chegaria ao fim de nove meses.

O raio da Lua, igual a 3/11 do raio terrestre, isto é, igual a 436 léguas, dá para o astro um contorno de 2.700 léguas. O seu volume é, sensivelmente, a quinquagesima parte do volume da Terra; quer dizer: se imaginássemos a Lua reduzida ao volume de uma laranja, a Terra deveria ocupar, em proporção, um volume equivalente a meio cento de laranjas de igual tamanho.

De nada valeu a bôa intenção

Quando os patos voam, como se estivessem assustados, sôbre a água dos rios ou dos lagos, é que o tempo vai mudar.

Há mais de 500 espécies de aves da tribu dos papagaios.

Os olhos das formigas teem 1.200 facêtas por onde recebem a luz.

Pedro, o Eremita; era francês de origem e pertencia ao convento de Amiens.

UMA CARTA

Meu filho:

Ao que parece, o estudar te é pesado; não te vejo mais ir para a escola com a alegria e entusiasmo que eu desejára. Pois sim estás te tornando vadio, não é? Mas repara bem: que triste cousa para ti um dia sem aula! No fim de uma semana de mãos postas pedirias para voltar, aborrecido e enjoado de viveres só brincando. Toda a gente estuda hoje em dia, meu Henrique. Lembra-te dos empregados que vão á escola, de noite, depois de trabalharem muito o dia inteiro; de outros, moços e moças, que vão estudar aos dias de domingos, depois de se cansarem tôda a semana; lembra-te ainda dos soldados que se atiram aos livros e cadernos depois dos exercicios quando já vão caindo de fadiga; e dos rapazes mudos e dos cegos que ainda assim estudam!... Eia! Vamos! Henrique! o estudo, o trabalho é o progresso, a fortuna, a esperança e a gloria do mundo. Coragem! A teu pai, apraz pensar que não sejas um soldado covarde no grande exército de trabalhadores, que constitue a humanidade.

Edmundo de Amicis.

Deve ser, mas não deve ser...

O benfeitor deve ser como o vento, que passa sem ser visto, não deixando contudo de ser sentido; mas não deve ser como o vento, que faz estragos por onde passa.

A mulher deve ser como a cigarra, que canta para se distrair; mas não deve ser como a cigarra, que não sabe fazer mais do que isso.

O pobre deve ser agradecido como o cão, que beija a mão que o afaga, mas não deve ser como o cão, que ladra a quem lhe não dá pão.

A policia deve ser vigilante como o galo, que dá o alarma continuamente; mas não deve ser como o galo, que se recolhe logo ao anoitecer.

O sábio deve ser como a coruja, que passa em vigílias as suas noites; mas não deve ser como a coruja, que só prediz agouros.

O menino deve ser como o macaco, que faz tudo quanto vê fazer, mas não deve ser como o macaco, que tambem imita os gestos ridículos e máus.

O músico deve ser como o galo, que nunca deixa de cantar; mas não deve ser como o galo, que briga com os outros galos.

A atriz deve ser como o papagaio, que só fala o que se lhe ensina; mas não deve ser como o papagaio, que fala tudo quanto ouve falar.

O militar deve ser como o leão, forte entre os fortes e generoso entre os pequenos; mas não deve ser como o leão, que sacia a sua sêde no sangue de seus inimigos.

* * *

A noz, o burro, o sino e o preguiçoso,
Sem pancadas, nenhum faz seu ofício;
Uma é fechada, outro anda vagaroso,
Um cala, outro jaz sem exercício;

Mas tanto que do ferro ou páu nodoso
Os duros golpes lhe sacodem o vicio:
O fruto abre, o animal pés amiúda,
O bronze sôa e o preguiçoso estuda.

F. B. BORGES

Ó MEU JESÚS!

NA flôr dos anos, sentindo na alma
Sêde infinita de amor e luz,
Ouvi por noite serena e calma,
Voz que dizia: "Vai a Jesús!"

Busquei-o, ansioso, nem sei por onde,
Na flôr, na estrêla, que além reluz;
Mas flôr e estrêlas, tudo responde:
"Ai! não! não somos o teu Jesús!"

Sonhei palácios ricos de fadas,
Dêsses que o verso mal reproduz;
Entre as riquezas mais encantadas,
Não vi, ai! nunca! o meu Jesús!

Andei por salas cheias de flores,
Cheias de riso que amor traduz;
Entre folguedos enganadores,
Não vi, ai! nunca! o meu Jesús!

Amei a glória que ao sol fulgura,
Num trôno de ouro já me supuz,
Achei vaidades, vi a loucura,
Mas nunca, nunca o meu Jesús!

Desiludido, lavado em prantos,
Fugi ao mundo que nos seduz;
Fui ter à porta dos claustros santos,
A perguntar-lhes do meu Jesús.

Lá na penumbra do altar sagrado
Remindo os velhos tormentos crús
Enfim escuto a voz do Amado:
— "Eis-me!" responde o meu Jesús.

Só no silêncio, só no retiro,
Não entre flores, mas numa cruz,
Acha-se Aquele por quem suspiro,
Ideal eterno, o meu Jesús!

Bendito o ermo, bendita a prece,
Que ao Infinito nos reconduz!
O mundo todo aqui se esquece,
E só me basta o meu Jesús!

De cada abrôlho que às vezes piso,
Logo uma rosa Êle produz,
Ao mago influxo de um seu sorriso:
Como é amavel o meu Jesús!

Por Êle abraço a cruz mais grave
Hei de levá-la nos ombros nús;
Basta que nela sinta o suave
E caro peso do meu Jesús!

Agora e sempre, si canto ou gemo,
Em feias trevas ou doce luz,
Sê minha estrêla, meu bem supremo,
Meu Deus, meu tudo, ó meu Jesús!

DOM AQUINO CORREIA

ALMANAQUE
d'o
TICO TICO
1944
MAIS UMA VEZ AQUI ESTÁ O ALMANAQUE D'O TICO-TICO, PARA ALEGRIA DAS CRIANÇAS DO BRASIL. A CADA UM DOS SEUS LEITORES E AMIGUINHOS, DESEJA QUE O ANO DE 1944 SEJA CHEIO DE FELICIDADES E DE PROGRESSOS NOS ESTUDOS, AGRADECENDO A PREFERÊNCIA COM QUE O DISTINGUEM.

AS CRUZADAS

(Condensado do livro "Historia do Mundo para as crianças")

Por MONTEIRO LOBATO

Selo de Ricardo Coração de Leão

AS cruzadas constituem um episodio muito interessante da vida dos homens. Havia na Idade Media tamanho entusiasmo e fé entre os cristãos que de todos os cantos saíam viajantes com rumo à Palestina. Era lá a cidade de Jerusalem. Queriam ver com os proprios olhos a terra onde Cristo fôra crucificado, e rezar diante do seu tumulo. Esses viajantes chamavam-se peregrinos — e a viagem que faziam, peregrinação. Trazer de Jerusalem uma folha de palmeira, ou outra qualquer lembrança para mostrar aos amigos e pendurar nas paredes, constituia o ideal de toda a gente.

A viagem durava meses, às vezes anos. Nada de trens, como hoje. Nada de hoteis pelo caminho e outras comodidades. Os pobres peregrinos tinham de sujeitar-se a mil in comodos e padecimentos.

O pior, entretanto, era Jerusalem estar nas mãos dos turcos, povo maometano que detestava os seguidores de Cristo. Depois dos peregrinos vencerem as mil dificuldades da viagem, tinham ainda, quando chegavam, de sofrer os máus tratos dos turcos. Isso começou a desesperá-los, e como a situação fosse ficando cada vez pior, lá pelo ano 1099 o papa Urbano, que era o chefe supremo da cristandade, resolveu reagir. E lançou uma proclamação convidando todos os cristãos a se reunirem em exército para expulsar os turcos de Jerusalem.

Um monge de nome Pedro, o Eremita, homem de grande eloquencia, tambem se sentiu revoltado e saiu pelo mundo a pregar a guerra santa.

Pedro já havia estado em Jerusalem, donde voltára cheio de colera pelo que vira. Porisso começou a contar a todo o mundo os máus tratos que os cristãos sofriam, frisando ainda o absurdo que era estar o Santo Sepulcro nas mãos dos piores inimigos da cristandade. Falava ao povo nas igrejas, nas ruas, nos mercados, pelas estradas — onde quer que encontrasse ouvidos, e graças à sua eloquencia conseguiu impressionar os ouvintes.

Não demorou muito tempo e os cristãos começaram a juntar-se aos milhares, moços e velhos, homens, mulheres e até crianças, com o fim de marchar para Jerusalem e arrancá-la às mãos dos turcos. Esses vingadores usavam como distintivo uma cruz de pano vermelho, pregada às roupas. Daí o nome de **cruzados**, que tiveram, e o nome de **cruzadas**, que tiveram as suas investidas em massa.

Quem partia para uma cruzada tinha bem pouca esperança de voltar, e porisso dispunha de todos os seus haveres — casa, mobilia, gado, plantações. Seguia limpo. A maior parte dos peregrinos marchava a pé. Outros iam a cavalo — entre estes os nobres.

O plano do papa era organizar uma grande cruzada que partisse para o oriente no ano de 1099; mas tal era a ânsia por combater daquela gente, que não houve meio de a segurar. Com Pedro, o Eremita, e outros chefes à frente, lá partiram os primeiros cruzados muito antes da organização imaginada pelo papa Urbano estar completa.

Os reis Cruzados

Semelhante multidão, cuja ignorância de tudo era profunda, não tinha a menor idéia da distancia em que ficava Jerusalem. Geografia para eles era coisa não existente. Mapa, não havia. Informações, todas incompletas ou erradas. Ninguem pensava no modo de obter alimento e agasalho pelo caminho, nem nas mais coisas necessarias a uma marcha. Confiavam cegamente em Pedro, o Eremita, e o seguiam. Deus havia de olhar por eles durante a viagem.

"Para a frente, soldados de Cristo"! era o grito de guerra, a cujo som massas imensas rolavam de rumo a Jerusalem. A quantidade dos que morriam pelas estradas não tinha conta, de fome ou doenças. Iam indo, iam indo. Cada vez que avistavam ao longe uma cidade, perguntavam ansiosos: "Já é Jerusalem"?

Um cruzado

Quando os turcos souberam daquela marcha de milhares e milhares de homens, reunidos em exército para expulsá-los da Palestina, saíram ao seu encontro, bem armados e bem comandados. A matança feita nos cristãos foi tremenda. O próprio Pedro, o Eremita, não escapou. Acabaram todos destruidos.

Mas atrás deles vinham, muito mais em ordem, outras levas imensas, que haviam sido organizadas pelo papa Urbano e partido no tempo que ele marcára. Houve tambem mortandade grande pelo caminho, mas por fim chegaram a Jerusalem os sobreviventes. Quando viram diante dos olhos as muralhas da cidade sagrada, rompeu entre eles um verdadeiro delirio de alegria. Caíram de joelhos e rezaram e cantaram hinos, agradecendo a Deus o terem conseguido chegar ao termo daquela interminavel e dolorosa jornada.

Depois atacaram a cidade com furia de assombrar aos proprios turcos. Nada pôde resistir ao impeto do assalto — e Jerusalem caíu. O principal chefe, chamado Godofredo de Bulhão, tomou conta da praça e estabeleceu um governo cristão — e desse modo terminou a primeira cruzada.

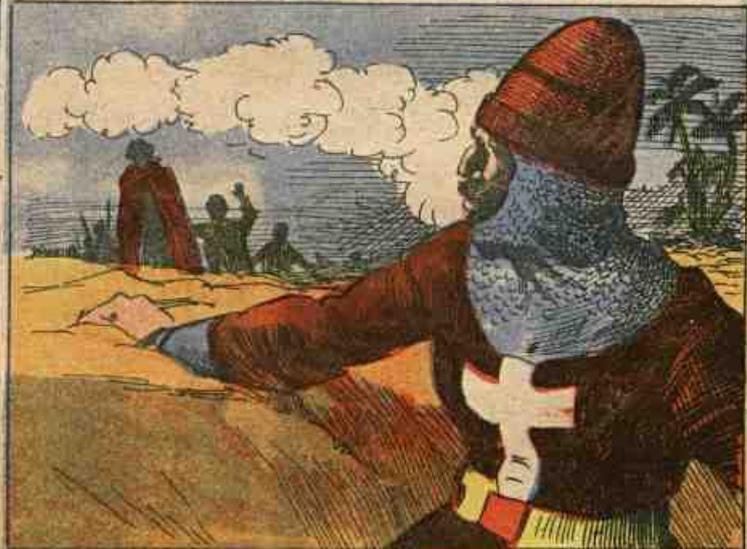
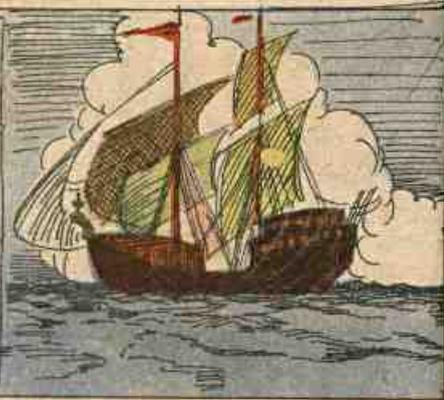
Houve nove cruzadas, no espaço de dois séculos, porque os turcos logo depois retomaram Jerusalem, massacraram todos os cristãos e nunca mais saíram de lá.

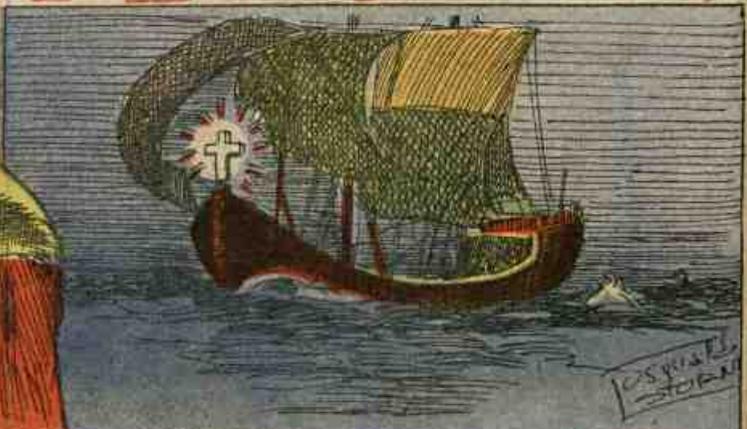
Houve três reis metidos nas cruzadas: Ricardo, rei da Inglaterra; Felipe, rei de França e Frederico Barbarruiva, rei da Alemanha.

Apesar dos pesares, as cruzadas trouxeram o seu beneficio, porque nada ensina tanto como viajar, vêr novas terras, novas gentes, novos costumes. Os cruzados que morreram, morreram; mas os que voltaram, vieram sabidissimos, e ensinaram aos que não foram mil coisas novas. Para a ignorancia espessa da Idade Media isso valeu muito. Serviu para quebrar a crosta do "não sei". Serviu tanto, que depois delas começou a raiar nova luz na Europa. A derradeira cruzada marcou o fim da Idade Media.

O CRUZEIRO DO SUL

O Cruzeiro do Sul é uma bela constelação visivel do Brasil e assim chamada porque as estrêlas que a compõem, desenham a forma de uma cruz. No tempo das Cruzadas, (guerras feitas pelos fidalgos europeus para libertar Jerusalém) o cavaleiro "Rosimundo" partiu de França para guerreiar no Egito.

Mas no Mediterrâneo, seu navio foi a pique e, tendo que refugiar-se no império de Marrocos, "Rosimundo" foi aprisionado pelos arabes. Reconheceram-o como cristão por causa da cruz que ornava seu peito, amarraram-o e levaram-o a bordo de um navio...

...para ir vendê-lo como escravo a um rei muçulmano. Fechado no porão do navio, o cavaleiro sofria grandes privações e teria morrido de máus tratos se um dos guardas...

..."Drizi", não tivesse pena d'ele. "Drizi" trazia-lhe alimentos e ensinou-lhe a falar a língua árabe. "Rosimundo" explicou a "Drizi", que as náus dos cristãos, durante a noite, tinham na prôa uma grande cruz luminosa. E disse :

— Na noite em que eu vir navios com cruzes de luz na prôa, já sei que os cristãos estão perto e vão me libertar. "Drizi" riu-se, porquê não acreditava que os cristãos os alcançassem. Mas, de repente, levantou-se uma grande tempestade e a náu dos árabes foi arrastada para o Sul com rapidez incalculavel, chegando a mares nessa época inteiramente desconhecidos. — Estamos perdidos — disse "Drizi" ao prisioneiro. Por isso o chefe mandou-te libertar. Subindo ao tombadilho, o cavaleiro disse : — Se Deus nos ajudar, veremos em pouco a cruz de luz de um navio cristão e êsse navio nos salvará.

O CRUZEIRO DO SUL

Passaram-se assim vários dias e houve intenso nevoeiro. Os viveres acabaram-se e estavam todos a bordo quasi a morrer de fome, quando uma noite "Rosimundo", olhando para o céu, viu várias estrêlas desconhecidas. Consultou "Drizi". Êste também nunca . . .

. . . tinha viajado tão para o sul. Mas de repente soltou um grito e exclamou: — Olha, nobre cavaleiro! . . . Olha a Cruz de Fogo!

Com efeito, sobre uma ilha que aparecia de longe, via-se no céu uma cruz formada por estrêlas. O chefe dos árabes ajoelhou-se diante do cavaleiro e disse: — Vejo que és um grande feiticeiro. Ordena e eu te obedecerei.

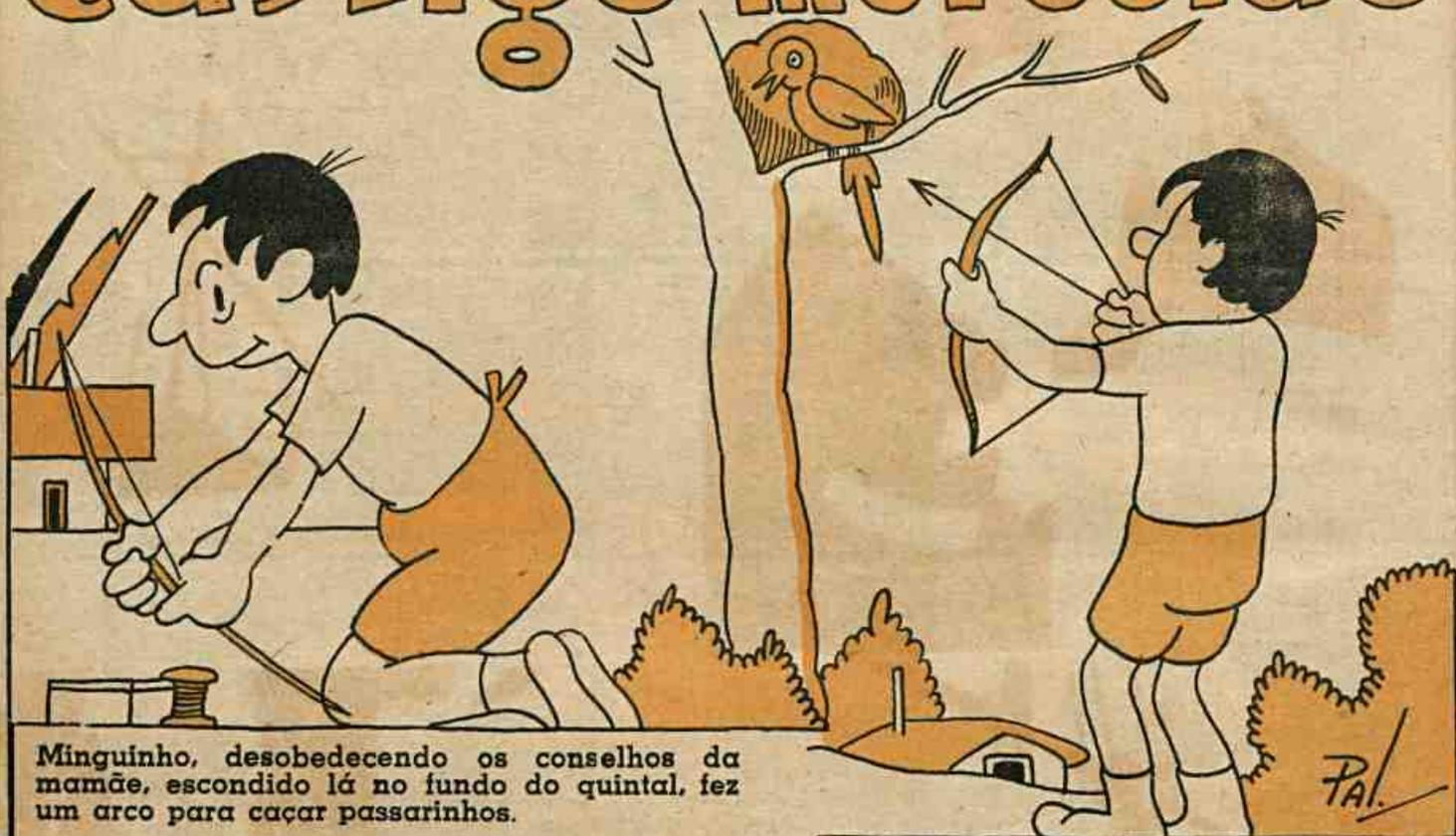
O cavaleiro mandou dirigir a náu para a cruz e ao rompêr do dia abordaram a uma ilha desconhecida, mas onde havia água e muitos viveres. Aí o cavaleiro ordenóu a construção de uma náu como as dos cristãos, com remos, para não estar à mercê do vento.

Partiram e, navegando agora com mais segurança, viajaram em sentido opôsto à Cruz de Estrêlas . . .

. . . até que chegaram a vêr as estrêlas do céu septentrional, as estrêlas que são vistas da Europa.

E finalmente chegaram à costa de Espanha, que era nesse tempo um dos primeiros países do mundo, governado pelos árabes. Os viajantes despediram-se do cavaleiro e deram-lhe muitos presentes, porque o consideravam um feiticeiro.

E o cavaleiro, chegando à França, contára aos frades que encontrára o milagroso Cruzeiro do Sul.

Castigo merecido

Minguinho, desobedecendo os conselhos da mamãe, escondido lá no fundo do quintal, fez um arco para caçar passarinhos.

Mal viu um João de Barro, muito distraido, pousado a um galho perto do seu ninho, fez pontaria, e zás, a fléxa saiu com fôrça.

Mas por sorte da avezinha a fléxa passou por ela, e foi cravar-se naquilo que parecia seu ninho, mas não era outra coisa sinão uma enorme casa de maribondos.

Enraivecidos, os bichos cairam em cima do Minguinho, mordendo-o todo, dando-lhe assim o castigo merecido pelas duas ações feias que praticou: desobedecer à mamãe e maltratar os passarinhos.

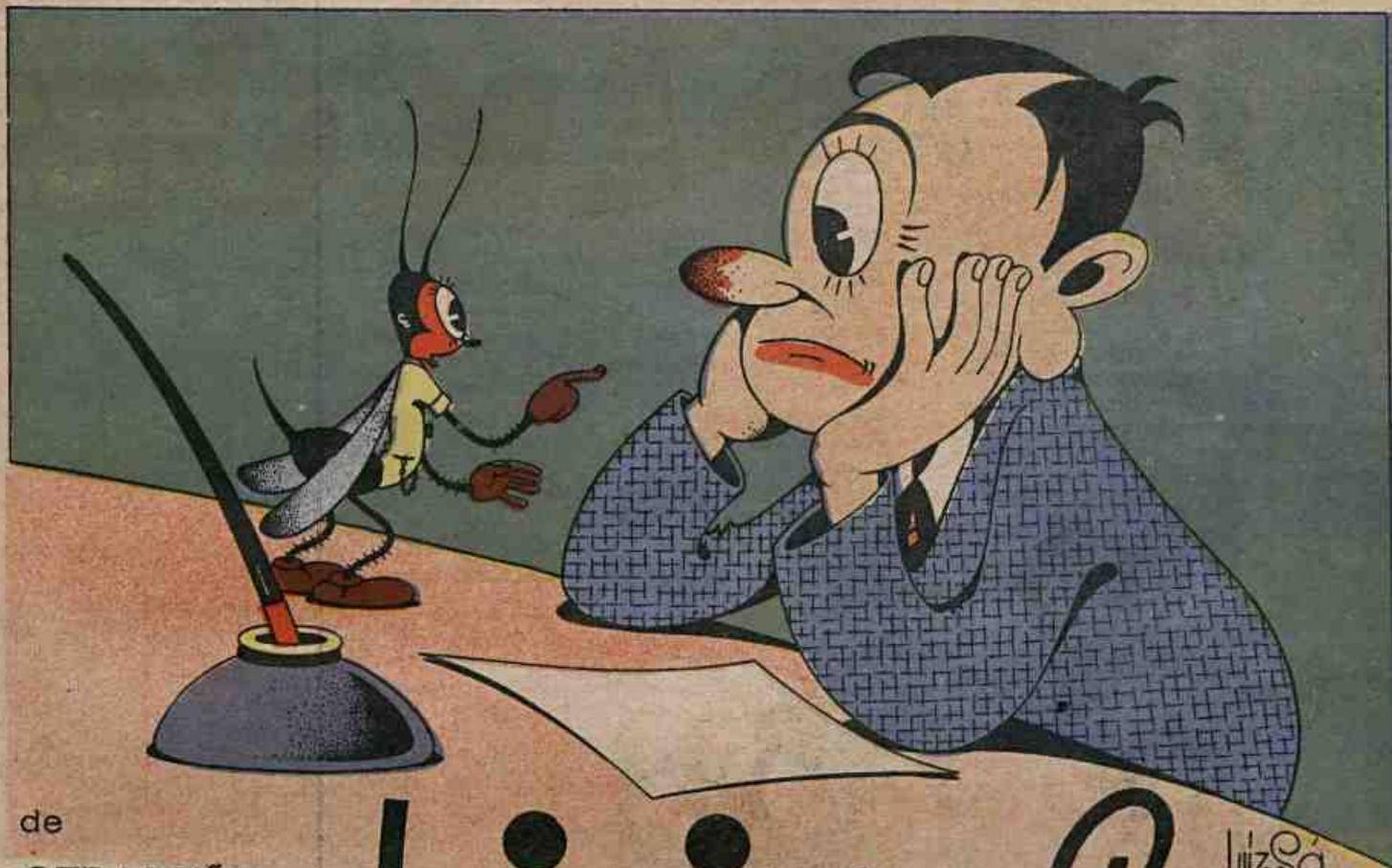
O JOGO DO TERMOMETRO

— VER EXPLICAÇÃO A' PAGINA 125 —

EQUADOR			
60	59	58	57
53	54	55	56
52	51	50	49
45	46	47	48
44	43	42	41
37	38	39	40
36	35	34	33
29	30	31	32
28	27	26	25
21	22	23	24
20	19	18	17
13	14	15	16
12	11	10	9
5	6	7	8
4	3	2	1
POLO			

60 50 40 30 20 10 0 10 20 30

EQUADOR			
57	58	59	60
56	55	54	53
49	50	51	52
48	47	46	45
41	42	43	44
40	39	38	37
33	34	35	36
32	31	30	29
25	26	27	28
24	23	22	21
17	18	19	20
16	15	14	13
9	10	11	12
8	7	6	5
1	2	3	4
POLO			

O AÇUCAR
Durante muitos séculos foi a cana o único vegetal do qual se obtinha açucar. Hoje, o açucar, tão necessário à nossa alimentação e que tem uma importância enorme na vida da humanidade é extraido da seiva de muitas árvores, de frutas e de milhares de flores. Nesta página vamos mostrar as principais espécies de açucar, e de onde provêm. Em primeiro lugar, está o açucar de cana, que é o mais conhecido.
Nos paises de clima temperado recorre-se à beterraba, que fornece hoje quantidades enormes, rivalizando com a cana. E' bastante cultivada, em quantidades fabulosas, na Austria, na França, Rússia e América do Norte.
Na India o açucar é fabricado com o suco dos frutos da tamareira, uma palmeira que se encontra em grande abundância nos terrenos arenosos e um tanto umidos. As tamareiras atingem 25 a 30 metros de altura.
Na América do Norte há uma árvore chamada bôrdo, cuja seiva depois de fervida produz açucar. Praticam-se no seu tronco incisões, quando a seiva sobe, até aos fins do inverno, e colocam-se recipientes por baixo para receber o liquido. Um só bôrdo produz de quilo e meio a três quilos de açucar por ano. A seiva é tratada como o suco da cana.
PAULO AFFONSO 42

de

SEBASTIÃO FERNANDES

Inimigo?

O maribondo deu meia volta como os aeroplanos quando querem pousar, e desceu na minha mesa.

Assustado parei de escrever e ia apanhar um objeto qualquer para enxotá-lo, quando êle disse com voz fininha...

— Espere aí. Não me precisa enxotar. Já sei que sou inimigo. Vou falar, e ao terminar eu vou embora. O Senhor estava escrevendo histórias para crianças, por isso desejo que me ouça.

Estou acostumado a conversar com uma porção de bichos. O sapo é meu velho camarada, o macaco, sempre que tem tempo, me vem contar uma porção de coisas engraçadas. Mas nunca tinha ouvido um maribondo falar.

E indaguei:

— Que é que você vai dizer?

O maribondo endireitou-se todo como quem vai para uma tribuna e começou:

— Quem olhar para mim, mesmo sem reparar nos meus bigodes e meus olhos grandes, sabe que eu tenho na cauda um ferrão que, quando espeta, dói muito. Inventam que sou um bicho perigoso, porque tenho veneno no ferrão.

— Mas isso não é mentira.

O maribondo ficou um pouco aborrecido e continuou:

— Faça o favor de não me interromper. Já sei que tenho ferrão e é por causa dêle que todo mundo vive correndo de pau e pedra atrás de mim para me matar. E por causa dessa corrida para me matar é que eu tenho de me defender. Toda a gente se defende com alguma coisa. O gato tem dentes e unhas como a onça; o homem tem a faca, o revólver e o canhão; a formiga, como o cachorro, morde; o elefante tem a tromba, o gavião tem garras, a cobra tem os dentes com veneno, e todos nessa vida teem uma defesa qualquer. Então eu só é que ia ser como a minhoca, que não sabe morder? E' para não perder na luta, ou para não morrer, que uso o meu ferrão, como a abelha.

— Mas a abelha dá o mel!...

O maribondo levantou um pouco as asas, mexeu com os bigodes e arregalou os seus grandes olhos vermelhos.

— Já disse que não me interrompa. Quem é que não sabe que a abelha faz mel e tambem muito bôa cêra? Mas todos olham para o mel, vão lá apanhar o mel e a cêra e por isso esquecem que a abelha também tem ferrão. E que ferrão! Quando luto com ela é que sei como dói a picada daquele ferrão preto e pontudo!... Tambem gosto de mel, mas como não sei fazer melado, olham só para o meu ferrão. E logo que apareço, vão logo berrando: — "Lá vem o maribondo! Olha o maribondo! "E eu tenho que lutar para não dar parte de fraco, se não me matam. No entanto, todos sabem que a abelha ferrôa, mas, por ter a casa cheia de mel, ninguem grita: "Iá vem a abelha!" E como a abelha sabe que não a matam, não mete o ferrão.

Encostou-se ao tinteiro, cruzou, as pernas, e continuou:

— A abelha gosta de açucar e eu tambem. A abelha come açucar e, porque vai fazer mel, ninguém a mata. Eu vou comer açucar e saem todos com pau para me matar, porque não sei fazer casinha cheia de melado. Mas ninguem ignora que minha casinha tambem é muito bem feita. Póde ventar, póde chover; com o temporal, as casas feitas pelos homens com cal e tijolo vão ao chão e minha casa fica firme, balançando, porém não cai. Não sou tão mau assim, porque sei criar meus filhinhos e, com uma filharada, tenho que procurar comida... O mais importante, porém, — e foi para isso que vim falar com o Senhor — é que, só olhando para o meu ferrão — todos esquecem que sou muito amigo dos agricultores.

— Dos agricultores ?!

— Sim, dos fazendeiros, dos que teem terras plantadas e cultivadas. Ah! se êles soubessem que sou eu quem mata todas as larvas e lagartas destruidoras das plantações!... Mas ninguém quer saber que sou eu quem acaba com os insetos malfeitores das árvores que dão flôres e frutos... Sou conhecido por ter ferrão para morder as crianças e... pronto! No entanto, muito pior que minha ferroada é o veneno das aranhas caranguejeiras e outras aranhas venenosas. Ninguém vê quando luto com elas e, mesmo parecendo mais fraco, sáio vencedor. E por não verem essas lutas dentro da mata, imitam São Tomé, que só acreditou no que viu.

Mexeu com os bigodes e, sorrindo, disse:

— Póde ser vaidade, mas é verdade. Faço o bem, limpo as hortas, os campos, onde há plantações, mas ninguem quer saber disso, ninguém vê. Todos estão vendo só o meu ferrão e a casa da abelha cheia de mel... Para todos eu sou como o mosquito, que quando não zumbe está sorrateiramente chupando o sangue dos outros. Eu só trabalho durante o dia. O mosquito é mau, espera o homem dormir e, à noite, faz zum-zum para acordar e, não fazendo barulho, vai morder covardemente. Todos são meus inimigos.

(Conclúe no fim do "Almanaque")

AS LIÇÕES DOS SÁBIOS DO DESERTO

NA aldeia de El Tebir, vivia outro'ra Abdulla, filho de um mercador de camelos.

Por morte de seu pai — ferido com um couce de um desses animais — ficou senhor de todos os bens. Não eram muitos, pois constavam de três camelos um com duas corcovas, outro com uma, o último completamente leproso, e algumas moedas. Abdula não viéra ao mundo para conduzir camelos; demais, na sua opinião o último d'eles não podia durar muito.

Assim, resolveu vendê-los por sete moedas de ouro; d'est'arte chegou a reunir dez moedas. Dando graças a Allah, dizia êle, de si para si:

— Que póde haver melhor que o saber? — em que poderei empregar meu dinheiro mais sabiamente? Vou ter com os três eremitas do El-Zeb, que moram no deserto, e pedirei que me ensinem o que souberem.

Abdulla, tomou um saco, ajaezou uma mula e nela montado partiu em demanda do deserto. Fazia um calor nunca sentido, a areia girava-lhe em frente e a lingua agitava-se-lhe na bôca como uma folha sêca. Por vezes, sentia-se animado ao vêr água próxima, mas dentro em pouco tornava a intristecer-se pois não passava de uma miragem. Finalmente chegou a um oasis onde morava o primeiro eremita, ao El-Zeb.

Este era um homem muito velho. Estava sentado à porta de sua cabana, sob uma tamareira, tendo ao lado um pequeno riacho que servia para mitigar a sede.

Seus olhos brilhavam muito e não tardavam em encontrar-se com os de Abdula. Este cumprimentou-o respeitosamente.

— Quem está aí? — perguntou o eremita.

— Ó, fonte do Saber, sou eu, Abdulla — Sou eu, o filho de um homem muito honesto, humilde mercador de camelos na cidade de El Tebir. Infelizmente faleceu. Tenho em meu poder dez moedas d'ouro, e vim ao deserto para tornar-me erudito. Que me podes ensinar, grande sabio?

O eremita fitou-o durante muito tempo.

— Aproxima-te, Abdulla, filho de um camelo, ou... de um mercador de camelos — disse êle — e senta-te a meu lado. Quero dar-te uma lição.

Muito contente com a concessão que lhe fizera o bom homem, Abdulla, sentou-se junto d'ele, na areia quente.

O eremita passou-lhe o braço em torno do pescoço.

— Queres ser sábio antes do tempo. A tua idade já demonstra grande sabedoria... Colocou o braço na cintura de Abdula.

— E acredita — continuou êle — que muito me agrada tua conversação: estou encantado contigo. E curvando-se apanhou uma garrafa que se achava sôbre a areia.

— Toma — disse, apresentando-a a Abdula, atonito — ela contém vinho feito com tamaras d'este oasis.

— Vinho! — gritou Abdulla, espantado — o profeta proíbe que se beba!

— Não d'este — respondeu o eremita calmamente — não foi feito no seu tempo, nem dêle teve noticia. Esta garrafa te pertence, meu filho; guarda-a e bebe do vinho quando tiveres sêde.

Abdulla tomou a garrafa muito contente.

— E agora — disse o eremita — vai procurar meus irmãos que moram no deserto, afim de que eles te ensinem mais alguma cousa. Acabo de dar-te parte da minha lição, da qual te deverás lembrar durante a jornada.

Abdula partiu. Depois de muito andar, sentiu fome. Levou a mão ao lado e viu que lhe haviam tirado o dinheiro.

Impossivel descrever a confusão em que se viu o pobre Abdula. Sua primeira intenção foi voltar, pegar o eremita pelos cabelos e dar-lhe muita pancada. Mas estava muito distante do oasis e se fazia tarde. Olhou para a mula e viu a garrafa.

— Disse-me o eremita que bebesse o vinho quando tivesse sede. Então, vamos a êle.

Abdula tomou a garrafa e dispunha-se a beber, quando viu aparecer o segundo eremita.

O segundo eremita era mais velho do que o primeiro. A barba caía-lhe sôbre o peito em forma de leque. Seus dedos eram compridos e descarnados e as unhas dobradas em arco. O eremita fitou Abdula por algum tempo e disse:

— Aproxima-te. Que queres?

— Grande sábio! — gritou o rapaz — não me faças mal. Pensei em ti durante muitos dias. Sou um pobre rapaz que procura aprender, e para isso vim ao deserto. Esta manhã tinha em minha algibeira dez moedas de ouro. Mas o primeiro eremita m'as roubou, dando-me em troca esta garrafa com vinho. Fiquei sem vintem e peço-te que me ensines o que puderes.

O segundo eremita tomou a garrafa e bebeu o precioso liquido.

— Agradece à Allah — disse êle enxugando a barba — a lição que te vou dar.

Abdula viu que o eremita havia bebido todo o conteúdo da garrafa.

Continúa teu caminho, meu rapaz, e não te esqueças esta lição.

O sol se escondia no horizonte e a noite tombava aos poucos; a mula moveu-se e Abdula partiu. Não havia andado muito quando avistou uma gruta. Era a residencia do terceiro eremita. Fustigou a mula e, quando se achou à alguma distancia, viu na estrada uma linda moça. Abdula aproximou-se:

— O' veneravel mãe da lua cheia! — gritou êle. Poderás dizer-me onde mora o terceiro eremita de El Zeb? A moça olhou por algum tempo e se pôs a rir.

— Sim, respondeu, mora naquela gruta.

Mas como a moça fosse muito bonita, começou Abdula a namorá-la. Disse-lhe muitas cousas. Que tinha os olhos mais brilhantes que as estrelas, a bôca mais rosada que o coral, enfim que era mais linda que qualquer deusa. Ao terminar, porém, a moça que o admirava assustada, contentou-se em dizer-lhe:

— Lembra-te que sou a mulher do eremita a quem procuras...

Abdulla quasi enlouqueceu, pois tinha a certeza de que ela iria contar tudo ao eremita.

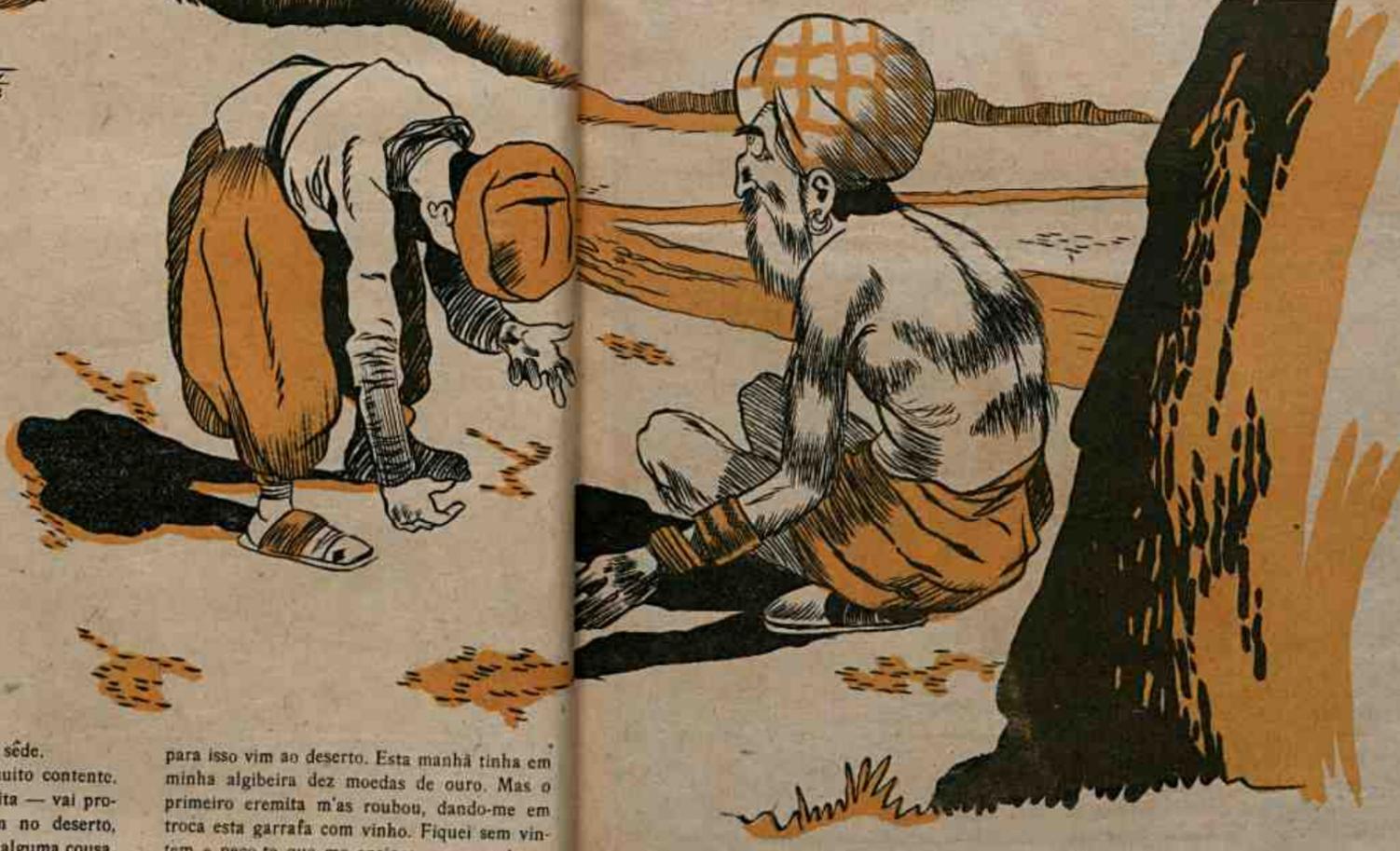
Estava assim atonito, quando apareceu um velho de barbas brancas.

— Que queres? — perguntou êle.

Abdulla tremendo, mal podia abrir a bôca.

— Sou um pobre rapaz que procura aprender e para isso vim ao deserto.

O eremita olhou-o e depois, chamando dois escravos, disse-lhe:

— Vou dar-te a última lição. Chamou grande número de escravos e mandou que aplicassem algumas bastonadas nas solas dos pés de Abdulla.

Muito triste, voltou Abdulla à sua terra natal.

Quando o viram chegar acercaram-se d'ele todos os habitantes da aldeia.

— Então, Abdulla que aprendeste — perguntaram-lhe?

Abdulla contou-lhes o que havia sucedido.

A indignação foi geral; tomaram-n'o por um doido e deram-lhe ainda mais pancadas.

Na verdade, porém, sábias tinham sido as três lições que lhe tinham sido dadas. Abdulla meditou a sós, em recolhimento, sôbre elas.

Se não tivesse acreditado na primeira palavra que ouviu, não teria sido ludibriado, levando a garrafa de vinho enquanto o primeiro sábio lhe surripiava a bolsa. Se não tivesse sido indeciso, não teria ficado sem o vinho. Se não tivesse ficado a dizer galanteios à primeira mulher que apareceu, o marido dela não lhe teria mandado dar aquela surra.

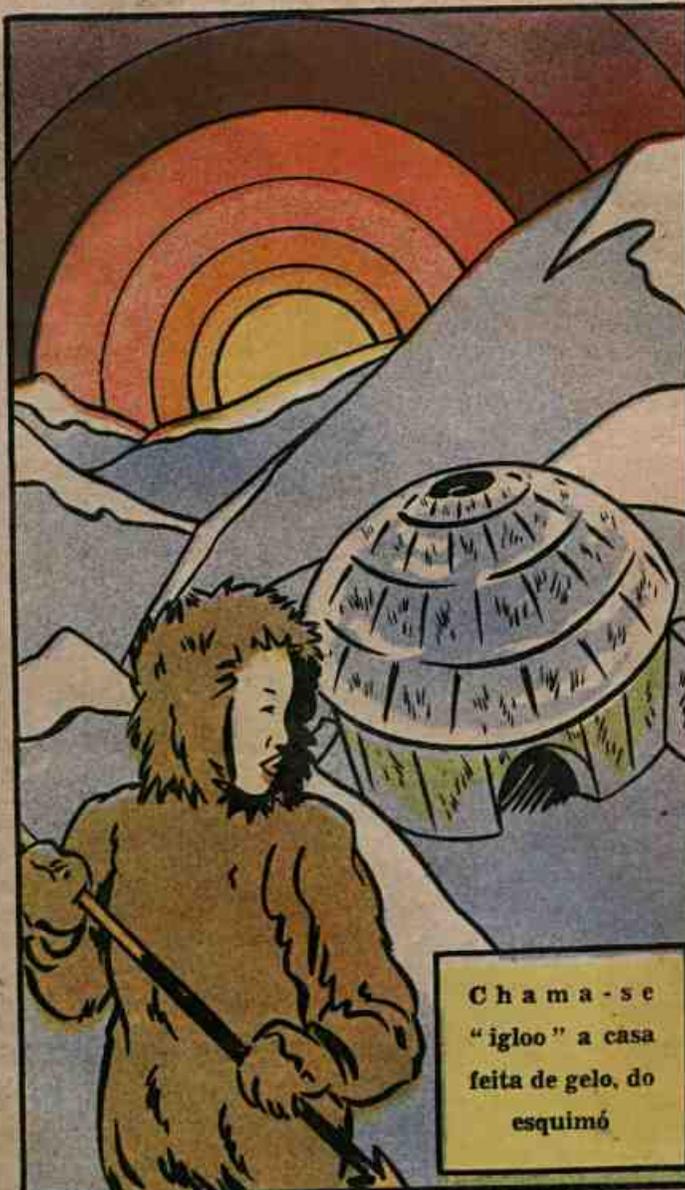
Se se tivesse contentado com o que tinha, sem aspirar aquilo que estava demasiado acima das suas possibilidades, não teria perdido a herança paterna.

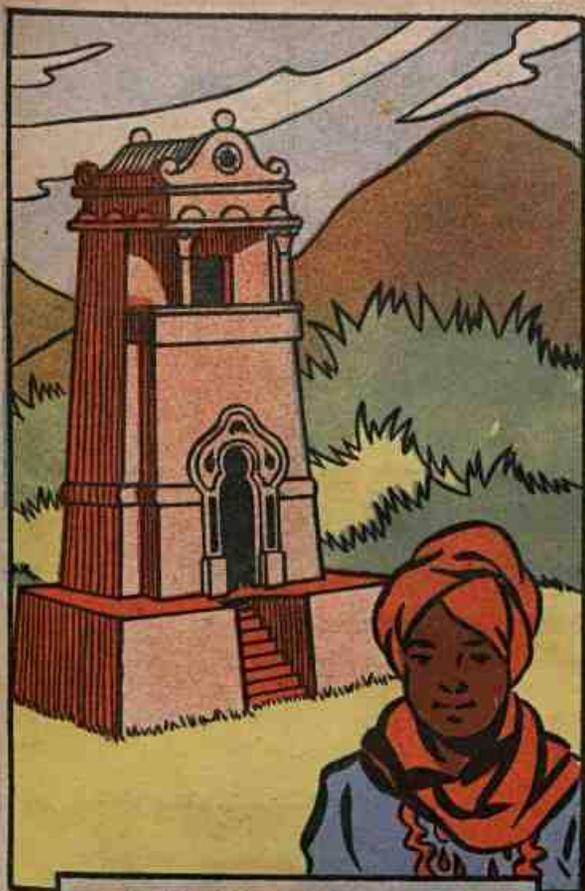
O saber é coisa digna de se desejar, é bem certo. Mas não se adquire, de uma hora para a outra, a sabedoria, a ciencia, o conhecimento, sem trabalho longo e estudo demorado. Não é por conviver com os sábios que em sábios nos tornaremos. Essa era outra lição. E a mais sábia de todas, meus meninos

DIVERSOS TÍPOS DE HABITAÇÃO DO HOMEM

Além da casa comum, do arranha-céu, do palacete, outros tipos de moradia tem tido e teem os homens. Nesta página vocês vêem vários dêles. Alguns bastante curiosos e revelando, cada qual, suas características próprias.

Um dos tipos mais curiosos de moradia : a casa rodante dos saltimbancos.

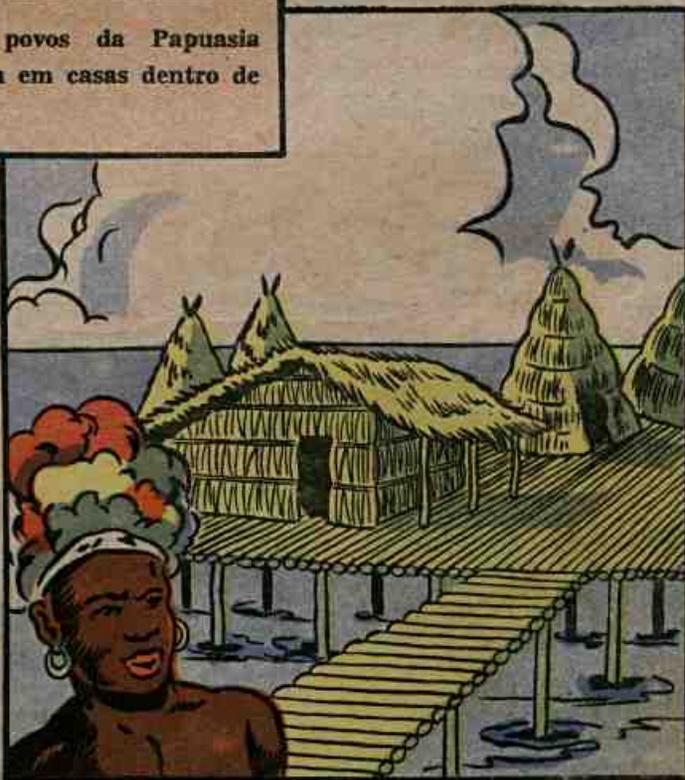
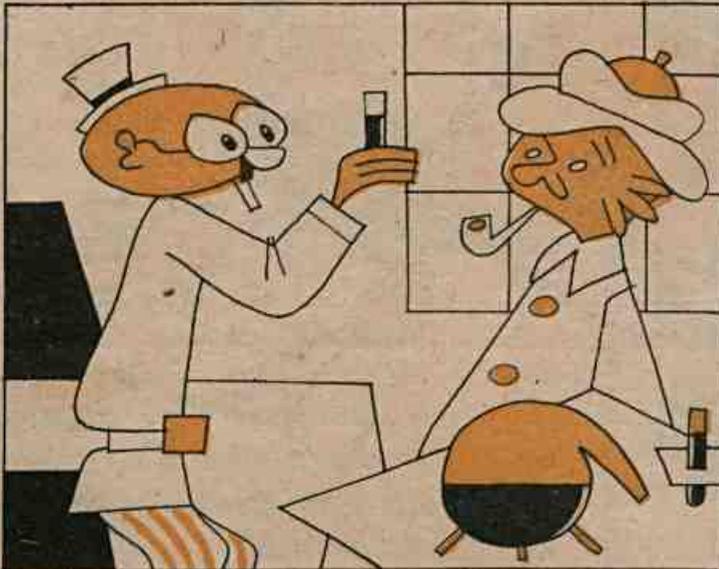
Alguns índios constróem com êste formato e aspecto suas moradas.

Chama-se "igloo" a casa feita de gelo, do esquimó

As construções no Egito teem seu formato e aspecto todo peculiar.

Na Índia êste tipo de casa é o que mais se encontra. Na India como em outros países daquela região do globo.

Choupana — a moradia do pobre, do homem do campo.

Tipo de casa do Oriente, da China, do Tibé.

Os povos da Papuasia moram em casas dentro de lagos.

As casas do tirol, dos Alpes da Suiça, teem este formato.

Aventuras de Tinoco - Caçador de Feras (Des. de Théo)

Tinoco entende um bocado de química e anda à procura de uma combinação de clorofórmio que sirva para paralizar instantâneamente os animais. Com a

idéia fixa de fazer caçadas originais, aplicou sua mistura a uma bomba de inseticída e fez prodigios cloroformizando um ferocissimo leão, um velocissimo

coelho e um enorme tamanduá que já se preparava para lhe dar o famoso abraço. Mister Brown fez um humanitário protesto contra a caçada química.

A MOEDA

É atribuida à raça greco-pelasgica a invenção do dinheiro, no começo do VII século antes de Cristo.

O certo, porém, é que o dinheiro circula desde os mais remotos tempos, como instrumento de permuta, ora em forma de joias, ora em barras de ferro de feitios os mais diversos, objetos esses que se pesavam a cada transação, sistema que foi usado no Egito, na Caldéia e na Assiria, na época de grande prosperidade nesses países.

Uma determinada quantidade de metal representava um valor fixo e correspondia a uma escala ponderavel; assim, por exemplo, na Asia semitica o siclo não era ainda moeda, mas um peso, e a estimação das mercadorias ou das cousas se fazia por intermedio de uma quantidade de ouro ou de prata em bruto.

Mais tarde, com o objetivo de lapidar as peças de ferro e por não existirem ainda serras para cortá-las e limas para asseá-las, fizeram-nas então de tamanhos menores que eram, afinal, mais comodas para a execução dos pesos e medidas certas, e outras modificações surgiram com o correr dos tempos.

Colocou-se nestas peças ou maços metálicos uma marca oficial que lhe deu valor estimativo de verdadeiros instrumentos de troca. — Assim nasceu o dinheiro.

Não ficou, porém, bem esclarecido, porque tratando-se de cousa tão antiga, a verdade se torna dificil — se a primeira emissão monetária foi feita por Fridon, rei dos Argos, ou se, pelo contrario, a fizeram os lidios.

Sabe-se, entretanto, e tendo-se como quasi certo, que as moedas do primeiro tinham o cunho, em alto relevo, o retrato de uma tartaruga — símbolismo, diga-se de passagem, pouco acertado, e nada verosimil, pois entre o caminhar morosissimo das tartarugas e a rapidez com que o dinheiro se vai de mão em mão há uma enorme diferença.

O invento se estendeu rapidamente pelo mundo helênico, e já no século VI, afirmam os historiadores, "povo ou lugar onde houvesse um grego estabelecido, existia a moeda".

Os filhos da Grecia, pois, estenderam o uso do "vil metal" por toda a terra conhecida, com excepção da China, que creou a moeda sem a invenção dos gregos e a levou para o Japão e a Coréia.

O ouro, a prata e o cobre foram, de preferência, nessa época, empregados na fabricação de moedas.

No Egito, porém, houve moedas de vidro; na China, de porcelana; em Roma de madeira e de barro cozido; Séneca disse que os lacedemonios as usaram de couro.

A forma da moeda foi, no inicio de sua existência, ligeiramente oval, mas a circular se adotou prontamente sem dúvida para que rolasse melhor.

Natal

Natal! Natal! Enfim, Jesus nasceu!
Que pequenino e lindo! Vinde vêr!
Tanta humildade faz enternecer;
Fez-se criança o próprio Rei do Céu!

Um novo dia, agora, alvoreceu,
De harmonia, perdão e bem-querer!
Já chegam pastorinhos a correr,
E Herodes, no seu trôno, estremeceu!

A noite, silenciosa, vai caíndo,
Enquanto os anjos cantam nas alturas,
Jesus treme de frio, já sentido

D'esta vida as primeiras amarguras,
E assim começa o Creador, sorrindo,
Ensinando a sofrer às creaturas!

ROSA SILVESTRE

O signo dêste mês é AQUARIO.

Tem 31 dias e seu nome se deriva de Jano o deus mitológico que tinha duas faces.

Nêste mês se festejam a Confraternização Universal, o dia de Reis e, no Rio de Janeiro, o padroeiro da cidade, S. Sebastião.

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas nêste mês, serão muito felizes no comércio onde, com facilidade, enriquecerão.

Como talismã devem usar as pedras ônix branco, rubi e granada.

As côres que devem usar são: azul e preto e as "nuances" castanho e cinzento.

JANEIRO

Domingo		2	9	16	23	30
Segunda-feira		3	10	17	24	31
Terça-feira		4	11	18	25	
Quarta-feira		5	12	19	26	
Quinta-feira		6	13	20	27	
Sexta-feira		7	14	21	28	
Sábado	1	8	15	22	29	

Datas principais da História do Brasil

1500 (3 de Maio) — Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral.

1501 — 1.ª expedição exploradora.

1534 — Divisão do Brasil em capitanias por D. João III.

1549 — Thomé de Sousa, 1.º governador geral. Os primeiros jesuitas chegam ao Brasil.

1555 — Os franceses no Rio de Janeiro.

1567 (20 de Janeiro) — Fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

1624 — Holandeses na Baía, 1.ª Invasão.

1637 — Conquista do Amazonas. Chegada ao Brasil de Mauricio de Nassau.

1673 — Bandeira do Anhanguéra.

1708 — Emboabas.

1710 — Mascates. — Duclerc no Rio de Janeiro.

1711 — Daguay-Trouin vinga a morte de Duclerc.

1792 (21 de Abril) — Execução de Tiradentes no campo da Lampadosa.

1808 (28 de Janeiro) — Abertura dos portos do Brasil às nações amigas, por D. João VI.

1815 — Elevação do Brasil à categoria de Reino.

1816 — Chegada ao Brasil da missão artística francesa.

1818 — Fundação do Museu Nacional.

1822 (7 de Setembro) — Proclamação da Independência do Brasil.

1838 — Fundação do Instituto Histórico.

1854 — Estrada de Ferro Rio-Petrópolis.

1865 (11 de Junho) — Batalha Naval do Riachuelo.

1870 — Morte de Solano Lopez. Fim da guerra do Paraguai.

1888 (13 de Maio) — Lei Aurea. Liberdade dos escravos.

1889 (15 de Novembro) — Proclamação da República.

1891 (24 de Fevereiro) — Promulgação da Constituição.

1895 — Revolta de Canudos.

1907 — Rui Barbosa na Conferência de Haia.

1908 — Exposição Nacional.

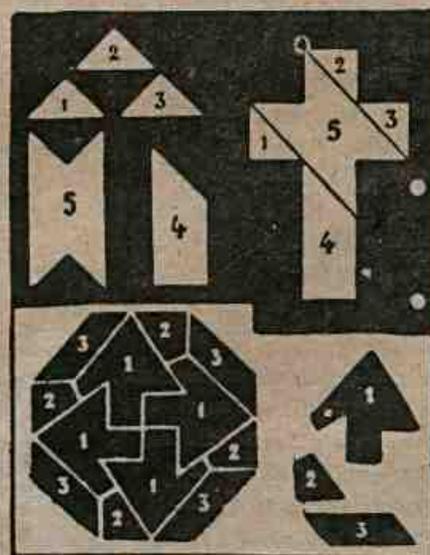
1922 — Fundação do Museu Histórico.

1930 — Govêrno Provisório — Presidente Getulio Vargas.

1937 — Nova Constituição Brasileira.

PUZZLES

1.º Com cinco pedaços de cartão cortados como mostra a figura branca, construir uma cruz:

2.º Com 4 pedaços de cartão cortados conforme o n. 1, em negro, 4 pedaços conforme o n. 2 e 4 pedaços conforme o n. 3, formar um octogono regular.

FERIADOS NACIONAIS

- Ano Bom (Circ. do Senhor) — 1 de Janeiro
- Tiradentes — 21 de Abril
- Comemoração do Trabalho — 1 de Maio
- Independência do Brasil — 7 de Setembro
- Dia de Finados — 2 de Novembro
- Proclamação da República — 15 de Novembro
- Natal — 25 de Dezembro

O signo dêste mês é PEIXE. Tem 28 dias habitualmente e 29 nos anos bissextos.

Nêste mês não há festas nacionais nem dias santificados. Quase sempre é em Fevereiro que se festeja o Carnaval, dependendo isso de uma questão ligada às fases da lua.

HOROSCOPO

As pessoas nascidas em Fevereiro são geralmente alegres e comunicativas.

Seus meses mais felizes são Abril e Agosto, seu melhor dia, o sábado, e suas pedras talismãs: a safira, a opala ou turquesa.

Suas côres preferidas devem ser o azul, o preto, o verde-claro e o róseo.

FEVEREIRO

Domingo		6	13	20	27
Segunda-feira		7	14	21	28
Terça-feira	1	8	15	22	29
Quarta-feira	2	9	16	23	
Quinta-feira	3	10	17	24	
Sexta-feira	4	11	18	25	
Sábado	5	12	19	26	

Canção do Soldado

Nós somos da Patria a guarda,
Fieis soldados
Por ela amados;
Nas côres de nossa farda
Rebrilha a gloria,
Fulge a vitoria!
Em nosso valor se encerra
Toda a esperança
Que um povo alcança;
No peito em que êle impera
Rebrilha a gloria,
Fulge a vitoria!

(Estribilho)

Quem sente no peito invicto
Ardor intenso
Amor imenso,
E veste a farda convicto
Que brilha a gloria
Fulge a vitória!
E' dotado de alma forte
Quem orgulhoso
Vem, desejoso
Afrontar a propria morte
Que brilha a gloria
Fulge a vitória!

(Estribilho)

A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor,
Porém se a Patria amada
For ũm dia ultrajada
Lutaremos com valor.
Como é sublime
Saber amar,
Com a alma adorar
A terra onde se nasce;
Amor febril
Pelo Brasil
Nos corações
Não ha quem passe!

Quando morre um camarada
Na luta ingente,
Valentemente,
Trilha pela grande estrada
Que brilha à gloria
Fulge à vitoria!
A sua alma de arminho
Palpita inteira
Junto à Bandeira
E nos segreda baixinho
Visões de gloria
Fulge á vitoria!

NUNCA VÁ PARA A MÊSA COM AS MÃOS SUJAS

PACIENCIA COM O DOMINÓ

Dispôr quinze dominós em cinco fiadas em fórma de esquadro ou de triângulo retângulo e escolher os dominós, de maneira que, somando as pontas dos dominós de cada fila, se obtenha um total igual a 12.

A primeira fiada compreenderá cinco dominós; a segunda, quatro; a terceira, três; a quarta, dois e a última será constituida por um só dominó, o duplo seis. Os dominós de cada fiada serão colocados uns por baixo dos outros; enfim, o dominó do meio da primeira fiada será visto de costas; as suas pontas não serão contadas.

O mês de Fevereiro tira seu nome de februalia, cerimônia religiosa que, usada em Roma, consistia numa purificação de todo o povo. Os romanos consagravam o mês de Fevereiro ao deus do mar, Netúno.

O sígno deste mês é CARNEIRO.
Seu nome se deriva de Marte.
Nêste mês começa o Outôno. Também não tem dias de festa nacional, mas geralmente é em Março que se comemora a Quaresma, com a Semana Santa e seus ritos cheios de piedade

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Março terão grande predileção pela poesia e pela pintura.
Seus meses mais felizes, são Maio e Junho; seu melhor dia, o sábado, e as pedras talismãs o topázio e a madrepérola.
Deverão optar pelas seguintes côres: verde, azul claro e rosa.

MARÇO

Domingo		5	12	19	26	
Segunda-feira		6	13	20	27	
Terça-feira		7	14	21	28	
Quarta-feira	1	8	15	22	29	
Quinta-feira	2	9	16	23	30	
Sexta-feira	3	10	17	24	31	
Sábado	4	11	18	25		

UM VULCÃO

Vocês sabem que certos corpos simples postos em presença uns dos outros se combinam com forte reação; o ferro e o enxôfre oferecem um exemplo notavel.
Formem então uma pasta com limalha de ferro, flôr de enxofre e água; enterrem depois uma boa porção desta pasta (algumas centenas de gramas) a uma profundidade de 40 a 50 centímetros e tapem o buraco com terra bem batida.
O ferro e o enxôfre combinar-se-ão rapidamente, desprendendo calor e ao fim de alguns minutos a terra batida será levantada e projetada a uma pequena distância, ao mesmo tempo que, através das fendas da terra, se desenvolverão vapores carregados de enxôfre.
O Etna e as suas sulfatares em miniatura.

Março era o mês que os antigos romanos dedicavam a Minerva e que o imperador Rômulo consagrou ao deus Marte.

O hábito é uma das maiores fôrças da fraqueza — Alexandre Vinet.

O DIA

O dia é o tempo que a Terra gasta para fazer uma rotação completa sôbre o eixo e consta de 24 horas.
O dia natural é o que vai do nascer ao pôr do sol, e astronómico é o que compreende o dia e a noite: principia e acaba ao meio dia e tem 24 horas seguidas, sem distinção de manhã, tarde ou noite. O dia civil é o que vai de meia noite a meia noite.

A VELOCIDADE ATÉ 1936

Damos abaixo uma lista muito interessante de "records" de velocidade em várias especialidades, registrados até o ano de 1936.
Em primeiro lugar, o avião pilotado por Agello, que voou a 709 km., 209 a hora; em seguida o automovel de Campbell, com 455 km.; a motocicleta do alemão E. Heute com 256 km., 040; a lancha do americano Wood, 200 km., 700 à hora; a locomotiva a vapôr, inglesa, com 174 km.; o austriáco Garteil com ski, 136 km.; o belga Vanderstugft, em sua bicicleta, com 125 km., 815; a baleia com 120 km.; o dirigivel com 118 km.; o vaso de guerra francês "Le Terrible", com 84 km.; a lebre e o cavalo com 70 km.; o elefante e o "Normandie", com 60 km.; o corredor Peacock com 35 km. e o nadador americano Frich, com 6 km., 350.

QUEM DIZ TOLICES NUNCA E APRECIADO

O signo dêste mês é TOURO.

Seu nome se deriva de Aperire (abrir) porque em Abril começava o ano, antigamente. Comemora-se em Abril o suplício de Tiradentes, e o Dia da Juventude Brasileira, aniversário do Presidente Getúlio Vargas.

HOROSCOPO

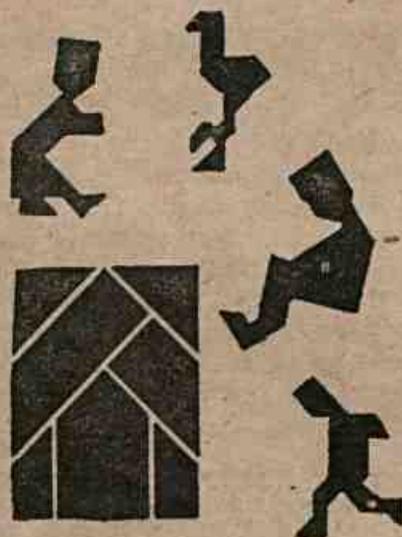
As pessoas nascidas em Abril serão de grande mentalidade e inteligência e conseguirão prosperar em tudo em que empregarem sua fôrça intelectual.

Seus meses mais felizes são Junho e Julho, e seu dia propício a terça-feira. Suas pedras talismãs: o diamante, a ametista ou a ágata.

Suas côres: branco e o vermelho, e a combinação: róseo.

ABRIL

Domingo		2	9	16	23	30
Segunda-feira		3	10	17	24	
Terça-feira		4	11	18	25	
Quarta-feira		5	12	19	26	
Quinta-feira		6	13	20	27	
Sexta-feira		7	14	21	28	
Sábado	1	8	15	22	29	

PUZZLE

Tome um pedaço de papelão retangular e côrte em 7 pedaços conforme a figura acima. Depois, com os 7 pedaços você poderá armar muitas figuras curiosas, como as que aí estão. Com 2 jogos (14 pedaços) as figuras inda serão melhores.

•

Barnabé tem reflexões imprevistas que fazem rir o auditório. Lendo, há dias, no jornal, a narrativa de um suicídio que tivéra lugar às seis horas da manhã, exclama com convicção:

— Que maneira tão estúpida de começar o dia!

O cachalote é um mamífero da ordem dos cetáceos. Da baleia difere no tamanho descomunal da cabeça e em ter dentes. É monstruoso. O macho atinge a 20 metros. Os seus carateristicos são: cabeça volumosíssima, maxila superior estreita, comprida e ornada de uma ordem de dentes cilíndricos que entram, ao fechar da bôca, em cavidades correspondentes da maxila inferior, de dentes extremamente pequenos. A parte superior da enormíssima cabeça consta quase tôda de grandes cavidades cobertas e separadas por meio de cartilagens e cheia de um óleo que se coalha esfriando e é conhecido no comércio como "espermacete".

HINO DA «JUVENTUDE BRASILEIRA»

(Apresentado ao Concurso Nacional que não se realizou)

Como a pira, que ardente crepita
Na ara santa da Pátria gentil,
De entusiasmo sagrado palpita
A alma nova do imenso Brasil.

Estribilho

Juventude Brasileira,
Raça nobre, varonil,
Marcha avante, sobranceira,
Para a glória do Brasil!

Do amazonas até ao Rio-Grande,
Do Oceano ao longinquo sertão
Um idioma sómente se expande,
Um só hino, um só pátrio pendão.

Estribilho

Lindas flôres da Pátria querida,
Alvorada de intenso luzir,
São os jovens, pujantes de vida,
A esperança dum grande porvir.

Estribilho

Dos sepulcros despertam, radiantes
Tantos vultos de excelso valor,
Apontando aos novéis bandeirantes
Os roteiros da luta e labor.

Estribilho

Bravos jovens de ideais altaneiros,
Sentinelas da Pátria e de Deus,
Sêde sempre leais brasileiros,
E tereis os mais ricos troféus.

PADRE JOSÉ JUNGES

O signo dêste mês é GÊMEOS.

Seu nome vem de Maius Majoribus — os velhos. Nêste mês há a festa internacional do "Dia do Trabalho", a de "13 de Maio", abolição da escravatura, a da "Batalha de Tuiutí" e, no dia 3, a do desbrimento do Brasil.

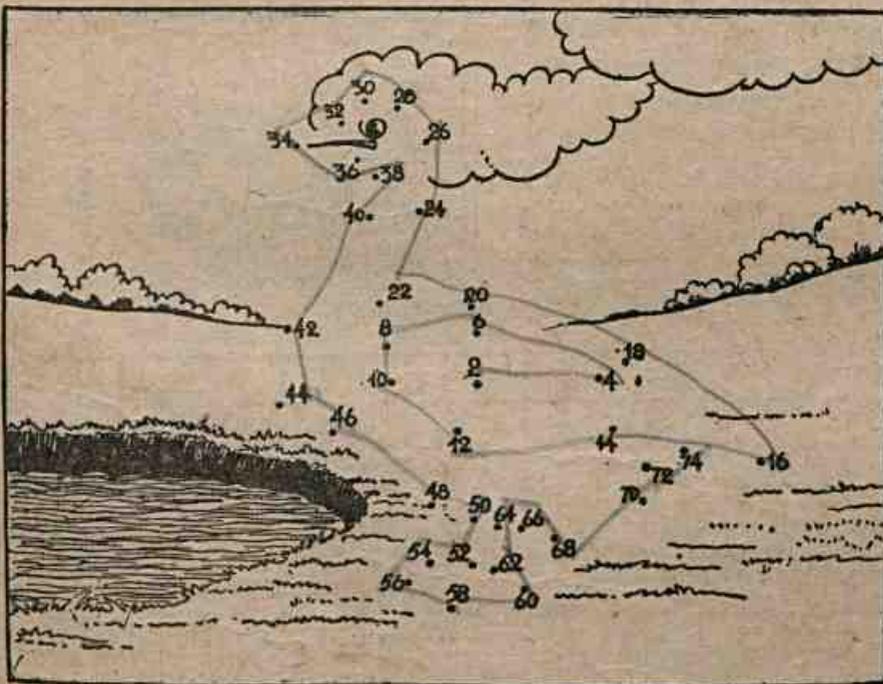
HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Maio serão inteligentes, tendo grande habilidade manual. Possuem esplêndida memória, são amigos leais e generosos, porém prejudicam, às vezes, sua felicidade quando se deixam arrebatar pela ira.

Seus melhores meses são: Maio e Julho; seu dia mais feliz a sexta-feira.

MAIO

Domingo		7	14	21	28
Segunda-feira	1	8	15	22	29
Terça-feira	2	9	16	23	30
Quarta-feira	3	10	17	24	31
Quinta-feira	4	11	18	25	
Sexta-feira	5	12	19	26	
Sábado	6	13	20	27	

RECOMPONHA O DESENHO

CARIDADE

A José II se apresentou um oficial, implorando socorro para tratamento de sua mulher e filha, doentes. "Não tenho senão 24 soberanos de ouro", disse o imperador; "Se lhe chegam, ei-los". — "E' muito, observou um cortezão. "Bastariam 24 ducados". — "Tem-nos aí?" perguntou o monarca". O oficioso cortezão apressou-se a tirá-los da bolsa, e a apresentá-los a José que, tomando-os, juntou-os aos 24 soberanos, e disse ao oficial: "Agradeça a este senhor, que contribue comigo para o seu alivio".

HISTÓRIA

— Conta uma história, vóvó...
E' a voz do pequeno,
à hora de dormir.
E o pequeno, atentamente,
ouve o começo da história:
— Era uma vez, meu netinho...
Num país maravilhoso,
onde o homem não conhecia
a covardia,
nem o medo,
nem o que é vil.
— Pára, vóvó...
não precisas dizer qual é...
êsse país é o Brasil!

CARDOSO FILHO

O ouro e o ferro

Guarda o Brasil nas entranhas
riquezas tais e tamanhas
que, em palavras imortais,
um grande sábio estrangeiro,
num conceito verdadeiro,
disse de Minas Gerais:

— No meu juizo não erro
se lhe avallo o tesouro:
dentro em seu peito de ferro
palpita um coração de ouro.

Belmiro Braga

O signo dêste mês é CARANGUEIJO.

Seu nome vem de Juno. No dia 11 se comemóra a Batalha de Riachuelo. Nêste mês são as festas tradicionais de Sto. Antônio, S. João e S. Pedro. Nêste mês começa o inverno.

HORÓSCOPO

A pessoas nascidas em Junho serão bons médicos e melhores políticos, não estando nunca satisfeitos com o que fazem ou conseguem obter.

Exagerados em tudo, excedem-se no comer e no beber, de sorte a sofrerem do estômago e do fígado.

Seus meses mais felizes são: Abril e Agosto; seu melhor dia a sexta-feira, e suas pedras talismãs: a água-marinha, o berilo e a safira.

JUNHO

Domingo		4	11	18	25
Segunda-feira		5	12	19	26
Terça-feira		6	13	20	27
Quarta-feira		7	14	21	28
Quinta-feira	1	8	15	22	29
Sexta-feira	2	9	16	23	30
Sábado	3	10	17	24	

— Como nos podemos servir da rapidez do som para medir aproximativamente as distancias?

— Como o som apenas percorre 340 metros por segundo, ao passo que a luz não demanda tempo apreciavel para atravessar espaço igual, póde medir-se aproximadamente a distância de um objeto remoto, si se observar a diferença do tempo que vai entre o aparecimento da luz e a percepção do estampido de uma pistola que estoure junto a esse objeto.

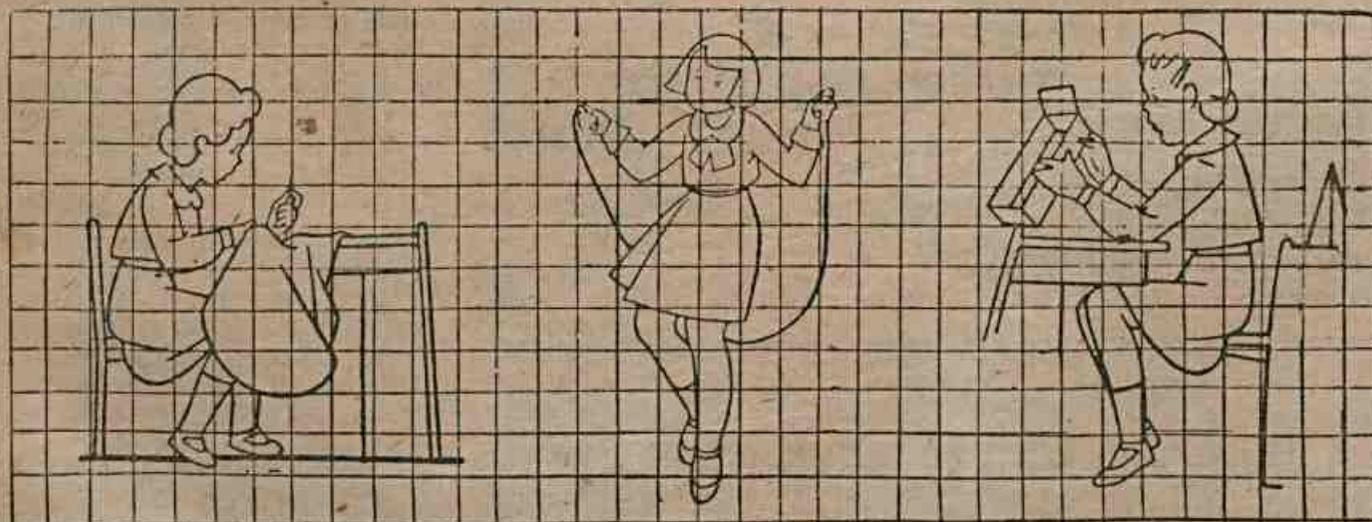
À BANDEIRA

Oh! pendão de minha terra,
Símbolo santo que encerra
Tanta glória e tanto amor.
— Pudesse eu morrer um dia
Envolto na dobraria
De teu pano multicôr!

BRANT HORTA

— Por que é que a lã, o algodão, o pó de serra, etc., amortecem o som?

— Por que essas substâncias são compostas de particulas mui divididas e separadas umas das outras: o som, para a transmissão de suas vibrações, exige de tudo um meio contínuo, e as vibrações sonoras facilmente se extinguem quando deparam com corpos moles e excessivamente divididos. Um copo muito sonóro, quando cheio dágua ou ar, diminue de som se o enchem de chompagne, porque o som extingue-se transmitindo-se através da mistura do liquido e gás carbonico.

PARA VOCÊ TREINAR NO DESENHO

No seu caderno quadriculado, copie estas três figuras. Faça em cada quadrinho um rabisco igual ao do quadrinho correspondente e, no fim, terá copiado todo o original, sem sentir.

O signo dêste mês é LEÃO. Julho não tem festas nacionais. O dia 14 recorda uma data notavel para a humanidade: a tomada da Bastilha, na Revolução Francesa, dia antigamente feriado, mas que não é mais. O nome do mês deriva do de Julius Cesar.

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Julho serão muito inteligêntes, dotadas de magnânimo coração e de superior habilidade na direção de grandes emprêsas.

Teem muito espírito crítico, não poupando os defeitos do próximo, porem zangando-se quando lhes apontam os seus.

Seus melhores meses são: Fevereiro e Setembro.

JULHO

Domingo		2	9	16	23	30
Segunda-feira		3	10	17	24	31
Terça-feira		4	11	18	25	
Quarta-feira		5	12	19	26	
Quinta-feira		6	13	20	27	
Sexta-feira		7	14	21	28	
Sábado	1	8	15	22	29	

JOGO DE DAMAS CHINÊS

Tem a vantagem de se poder utilizar um vulgar jogo de damas; e os peões manobram da mesma maneira. Mas reduz-se a isso a analogia: porque não se podem tomar prisioneiros ao adversário e não vai "à dama".

Para se ganhar a partida é preciso conseguir colocar cinco peões em linha réta, seja perpendicularmente à base da partida seja diagonalmente. Tôda a estratégia do jôgo consiste então em impedir o adversário de deslocar os seus peões para conseguir alinhamentos vitoriosos, bloqueando-os, isto é, dispondo pelas casas vizinhas peões que impedirão de caminhar o peão prisioneiro que era necessário para completar a série dos cinco peões alinhados.

O peso de alguns animais

DEPOIS da baleia, que é o mais pesado e gigantesco dos animais conhecidos, o elefante é o de maior peso, pois chega a pesar mais de cinco toneladas, geralmente. Seguem-lhe o hipopótamo e o rinoceronte, com, mais ou menos, duas toneladas. A girafa poucas vezes excede de uma tonelada, o que se dá com a tartaruga do mar.

O peso do urso branco varia entre 400 e 500 quilos. Ha anos foi morto um destes animais, nas ilhas de Spitzberg, cujo peso era de 503 quilos e medindo mais de 4 metros, do focinho à cauda.

Um tigre pesa, quase sempre, 200 quilos.

M. Frank Onraet, que obteve o record da caça ao tigre, no Estado de Gwalior, matou muitos desses mamiferos carnivoros que pesavam de 200 a 225 quilos. Outro grande animal, de grande peso, é o gorila africano, com 200 quilos.

Julho tem seu nome derivado de Julio Cesar, o reformador do calendário romano. Chamou-se também Quintilis porque era o quinto mês do ano do calendário de Rômulo.

RADIOSCOPIA BARATA

Numa pequena caixa de pó de arroz ou de pomada, façamos dois orifícios, um no centro da caixa e outro na tampa. No interior de uma destas peças, obturemos o orifício, colando-lhe no contôrno um fragmento de pena de ave; fechemos depois a caixa. Com êste estranho "visador", se observarmos a nossa mão aberta colocada a uma certa distância dum fundo luminoso, teremos a sensação de ver os ossos dos dedos.

Não se trata, naturalmente, de radioscopia e os raios X não interveem. Há uma simples ilusão de ótica produzida pela *difracção* da luz que passa através da rêde extremamente fina, formada pela pena: os raios luminosos são ligeiramente deslocados e penetram nos contornos da sombra que formam os dedos.

METER O DEDO NOS OLHOS É UM GRANDE PERIGO

O signo dêste mês é VIRGEM.

Seu nome vem de Augusto, imperador romano. Nêste mês se festeja o dia de aniversário do nascimento de Caxías, consagrado "Dia do Soldado". Caxías é o patrono do Exército nacional e um dos grandes exemplos para os meninos.

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Agosto, serão generosas e dotadas de muita habilidade manual, porém não gostam de trabalhar, sendo preciso incentivá-las a cada momento.

Seus meses mais felizes são Janeiro e Outubro, seu melhor dia o domingo.

AGOSTO

Domingo		6	13	20	27
Segunda-feira		7	14	21	28
Terça-feira	1	8	15	22	29
Quarta-feira	2	9	16	23	30
Quinta-feira	3	10	17	24	31
Sexta-feira	4	11	18	25	
Sábado	5	12	19	26	

A Inglaterra teve rainhas que foram grandes soberanas

No momento presente, a corôa da Inglaterra tem por herdeira uma menina. Esse grande império já foi governado por mulheres que foram soberanas de grande papel em sua história e nos destinos do Universo.

ELISABETH

Elisabeth, foi uma das soberanas mais importantes da história da Inglaterra e a sua época, a de Shakespeare e Bacon, é uma das mais fecundas da literatura européia. Elisabeth, cujo duro destino levou sempre a marca de uma infância infeliz, dirigia, com a vontade de um grande chefe, o seu país em época de grandes crises políticas. Sob o seu reino deu-se o desastre da "Invencivel Armada".

Combateu Elisabeth o poderío imenso da Holanda, com grande sucesso.

Enérgica, violenta, caprichosa também, a ponto de recusar audiência a um ministro, porque êste trazia botas que lhe desagradavam, ela é uma das mulheres que deixaram marca mais profunda na história da Europa.

A Rainha Elisabeth em sua côrte

VICTORIA

Apenas subiu ao trôno da Inglaterra, em pleno esplendôr de seus 18 anos, Victoria foi objeto de numerosos pedidos de casamento, vindos dos quatro cantos da Europa. Coroada em Westminter, em 1837, escolheu entre todos os pretendentes o principe Alberto de Saxe-Coburgo-Gotha, um dos pretendentes menos em evidência, tão tímido que quase foi necessário que a rainha fizesse o pedido... E Victoria amou até a morte aquele a quem fizéra a Inglaterra conceder o título de principe consorte. Foi sob o seu reino, um dos mais importantes da Europa, que a Inglaterra conheceu os grandes dias da época de Disraeli. Ao mesmo tempo se afirmava a grandeza e a união do grande império britânico, em torno desta rainha inteligente, digna, um pouco austera, mas tenaz e maternal.

Quando morreu, em 1901, ela merecêra, com a veneração de um povo imenso, o título afetuoso de "avó da Europa".

O PERU PERTENCE À MESMA FAMÍLIA DO PAVÃO

O signo dêste mês é BALANÇA.

Era o sétimo mês do ano e daí o seu nome. Há nêle a "Semana da Pátria", festa da Independência do Brasil. Nêle começa a Primavéra, que tem sua festa também.

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Setembro serão muito felizes nas emprezas a que se dedicam, e teem decidida vocação para a música.

Seus meses mais felizes são Fevereiro e Novembro, seu melhor dia: a quarta-feira e suas pedras talismãs: o jaspe róseo, a opala ou a pérola.

Suas côres devem ser o amarelo, o azul e o castanho.

SETEMBRO

Domingo		3	10	17	24
Segunda-feira		4	11	18	25
Terça-feira		5	12	19	26
Quarta feira		6	13	20	27
Quinta-feira		7	14	21	28
Sexta feira	1	8	15	22	29
Sábado	2	9	16	23	30

— Tu não és o rapaz que esteve aqui, há uma semana, à procura de emprego?

— Sou, sim senhor.

— Bem me parecia. E eu não te disse que precisava dum rapaz mais velho?

— Disse, sim senhor; por isso é que eu venho agora.

O mês de Setembro foi denominado em diversas épocas Tiberius, Germanicus, Antonius e Herculeus. Consagrado a Vulcano seu nome deriva-se do latim september, sétimo mês do ano romano.

O nome Pará vem de mbará ou mará, que significa o mar. Batista Caetano opina por Y-pa-rá, o elemento formativo de PARÁ, que quer dizer coletor de águas. Positivamente o Pará é o logar onde todas as águas do rio Amazonas e seus afluentes vão ter para se arrojar ao mar.

A bandeira passa...

LÁ VAI EM MARCHA, LIGEIRA,
ENTRE ALAS DE ARMAS E PALMAS

VÔA NA LUZ! É A BANDEIRA,
NOSSA BANDEIRA,
QUE TEM AS CÔRES DAS NOSSAS ALMAS!

SEU VERDE É UM CÂNTICO DE ALEGRIAS;
SEU OURO É A AURORA DOS SÓIS DIVINOS;
E O CÉU DE ESTRÊLAS —
É O CÉU DE ESTRÊLAS DA FANTASIA
QUE MORA NA ALMA DOS PEQUENINOS.

AO SOL, HERÓICA, LAMPÉJA E ESVOAÇA
CLARINAM OS HINOS . . .
É A NOSSA TERRA QUE PASSA
COM O CÉU DOS NOSSOS DESTINOS!

MURILO ARAUJO

— SEJA CARINHOSO COM SEUS IRMÃOS MENORES —

O signo dêste mês é ESCORPIÃO.

Era o 8.º mês do ano antigo, donde o seu nome. Nêle se comemora a descoberta da América, o "Dia da Criança", a "Semana da Asa" e no dia 11 faz anos "O TICO-TICO", a querida revista das crianças do Brasil.

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Outubro serão ativas, animosas, entusiastas. Não conhecem o desalento, alcançando sempre o que desejam.

São máus pagadores de dívidas, embora sejam honrados.

Seus melhores meses são: Agosto e Dezembro e seu mais feliz dia a sexta-feira; suas pedras talismãs: o diamente e a opala.

OUTUBRO

Domingo	1	8	15	22	29
Segunda-feira	2	9	16	23	30
Terça-feira	3	10	17	24	31
Quarta-feira	4	11	18	25	
Quinta-feira	5	12	19	26	
Sexta-feira	6	13	20	27	
Sábado	7	14	21	28	

O curso da Lua, tendo indicado a divisão do ano e meses, seus quatro quartos, distantes um do outro de sete dias mais ou menos, deram, provavelmente, origem à divisão do mês em semanas. (Do latim septemana, feito de septem, sete, e de mana, amanhã).

Outubro, do latim october, oitavo mês do ano de Rômulo, era consagrado a Marte, e tambem teve diversos nomes, como Invictus e Fausteinus.

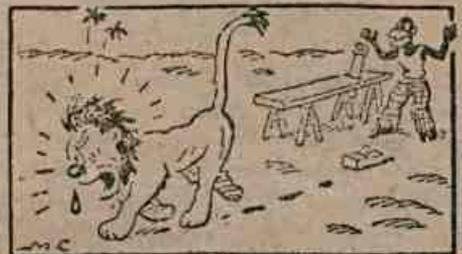
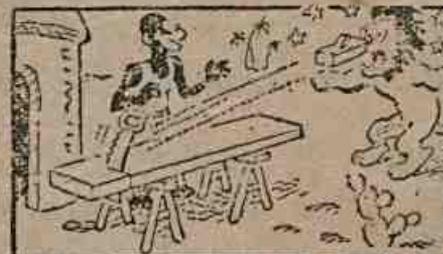
O mês de Novembro era consagrado a Diana. Seu nome provém de november, por ter sido o nono mês do calendario de Rômulo.

ELOGÍO DO BEM

CLEÔMENES CAMPOS

AMIGO, FAZE O BEM: ÊSSE PRAZER DISPENSA
A MAIOR RECOMPENSA.

— AQUELES FRUTOS SABOROSOS
QUE O TEU VIZINHO COLHE, ÀS VEZES, A CANTAR,
CUSTARAM, COM CERTEZA OS TRABALHOS PENOSOS
DE ALGUEM QUE JÁ SABÍA
QUE NUNCA, EM SUA VIDA, OS COLHERIA...
MAS NEM POR ISSO MESMO OS DEIXOU DE PLANTAR.

O CARPINTEIRO ASTUCIOSO

CUIDE DOS SEUS DENTES E ÊLES NÃO DOERÃO

O signo dêste mês é SAGITÁRIO.

Nêle se homenageiam os mortos, no dia de Finados, festejam-se Todos-os-Santos, comemóra-se a Proclamação da República, a instituição da Bandeira Nacional e a festa máxima, a implantação do Estado Nacional, pelo presidente Getúlio Vargas.

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Novembro, serão dotadas de lúcida inteligência.

Teem ambição de mando, não gostando de ser subordinadas, e procurando ser chefe de quaisquer movimentos.

Seus melhores meses são Fevereiro e Julho; seu mais feliz dia é terça-feira, e sua pedra talismã: o topázio.

NOVEMBRO

Domingo		5	12	19	26
Segunda-feira		6	13	20	27
Terça-feira		7	14	21	28
Quarta-feira	1	8	15	22	29
Quinta-feira	2	9	16	23	30
Sexta-feira	3	10	17	24	
Sábado	4	11	18	25	

FRANQUEZA

— E' isso mesmo! Agora, Sim! Estou de acôrdo com você!!
— Concordas? Mas, será que eu disse alguma asneira?

CUIDANDO...

— Por quê tanto olhas para o teu sobretudo?
— Estou cuidando, para que não aconteça como aconteceu com o teu, que foi roubado agora mesmo...

A BANDEIRA

Da República emblema esplêndido, sagrado,
Que Benjamim legou à Pátria Brasileira,
Exaltas o porvir, celebras o passado.
Formoso pavilhão, científica bandeira.

Recorda a tua côr, a terra e o céu amado
Do Brasil; o Cruzeiro indica a fé primeira
Que alenta as nossas mães, e o lema desfraldado
A eterna aspiração da Humanidade inteira.

Bendito sejas tu, magnífico estandarte,
Que a glorioso futuro a cára Pátria guia,
E que a Ordem e Progresso arvora em tôda a parte;

Bendito sejas tu, pendão da minha terra,
Onde a Ciência e Arte em íntima harmonia,
Realçam mais o amôr que esse pendão encerra.

REIS CARVALHO

MODO DE ADIVINHAR O RESTO DE UMA SOMA, QUE QUALQUER PESSOA TENHA PENSADO

Diga-se a alguem que pense um número; que o dobre; que lhe adicione um número dado; que divida por dois o total, e tire o número pensado; ficará a metade da soma, que se tiver mandado adicionar.

Exemplo: Suponhamos que o número pensado seja 6: dobre-se, ficam 12; adicionem-se 8, temos 20; divida-se este total por 2, restam 10; tire-se o número pensado, que é 6, e ficam 4, que é a metade da soma que se mandou adicionar

O signo dêste mês é CAPRICÓRNIO.

E' o mês das festas, das férias, dos bons exames e do Almanaque D'O TICO-TICO. Festeja-se nêle o nascimento de Jesús, a data maior da cristandade.

HOROSCOPO

As pessoas nascidas em Dezembro serão francas, e enérgicas e tão trabalhadoras que lhes faz mal aos nervos a preguiça . . . dos outros.

Seus meses mais felizes são: Fevereiro e Junho, seu maior dia a quinta-feira e suas pedras talismãs: a turqueza e o carbunculo.

Suas côres prediletas são: o amarelo, o vermelho, o verde e o preto.

DEZEMBRO

Domingo		3	10	17	24	31
Segunda-feira		4	11	18	25	
Terça-feira		5	12	19	26	
Quarta-feira		6	13	20	27	
Quinta-feira		7	14	21	28	
Sexta-feira	1	8	15	22	29	
Sábado	2	9	16	23	30	

Você conhece o PEREIRA?

O Pereira tem esse nome porque nasceu de uma pêra. Veja como foi. E experimente fazer outros Pereiras com outras fisionomias

A FILATELIA — o *li* é que é a sílaba tônica, e dizemos isto porque há muitos meninos que dizem erradamente filatélia... — tem por fim o estudo dos sêlos do correio usados nas diversas nações, e metodicamente colecionados.

Além de constituir um agradavel passatempo, é altamente instrutiva; a filatelia contribue de fato para difundir conhecimentos de geografia, de história e de arte, da maior utilidade para as crianças, e em especial para as que já andam na escola. E' que é raro o sêlo que não apresente, aos olhos curiosos do seu possuidor, um episódio interessante da história dum país, o rosto duma figura heróica e genial, ou algum desenho que facilite o entendimento dos costumes de determinado povo.

A filatelia é, portanto, uma fonte inesgotavel de recursos para a cultura geral.

Além disso, o colecionador de sêlos adquire hábitos de método, de paciência e de ordem, que hão-de ser depois, pela vida afóra, da maior utilidade.

A PÁTRIA

A pátria é a familia amplificada.

E a familia, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. E' uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas enlaçadas. Multiplicai a célula e tendes o organismo. Multiplicai a familia e tereis a pátria. Sempre o mesmo plasma, a mesma substância nervosa, a mesma circulação sanguínea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade de que o Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros. "Diliges proximum tuum sicut te ipsum".

Dilatai a fraternidade cristã e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da familia à nação, da nação à humanidade. Objetar-me-eis com a guerra? Eu vos respondo com o arbitramento. O porvir é assaz vasto para comportar esta grande esperança. Ainda entre as nações independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da nossa. Aplicai-o agora dentro nas raias desta: é o mesmo resultado: benqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos. Se o casal de nosso vizinho cresce, enrica e pompeia, não nos amofine a ventura de que não compartimos. Bendigamos, antes, na rapidez da sua medrança, no lustre da sua opulência, o avultar da riqueza nacional, que se não póde compor da miséria de todos.

RUI BARBOSA

NÃO FIQUE COM ROUPA MOLHADA: FAZ ADOECER!

ZÉCA E O LIVRO

QUE é isto, Zéca? — perguntou o pai, assombrado. Houve descarrilamento, ciclone, dilúvio ou incêndio?!

Zéca se aproximou:

— Que foi, papai? Que aconteceu?

Compreendia que papai exagerava. Falava em tom brincalhão. No entanto, "por causa das dúvidas", Zéca foi-se chegando com certo receio...

— Que sucedeu a êste livro teu? — perguntou papai. Pela capa rôta e pelas folhas soltas, suponho que haja sido vitima de um descarrilamento e que o tiraram em estado gravíssimo de baixo de algum vagão.

Faltam-lhe folhas; então, foi um ciclone que as levou...

E estas grandes manchas de humidade, estas letras borradas, parecem denunciar que o livro esteve perto do dilúvio, tão perto que não teve tempo para se livrar de um banho e de uns salpicos de lama!...

Zéca abaixou a cabeça, envergonhado, porque, realmente, o aspecto do livrinho era de meter dó!

— Não sei... Não sei como isso foi!... — balbuciou.

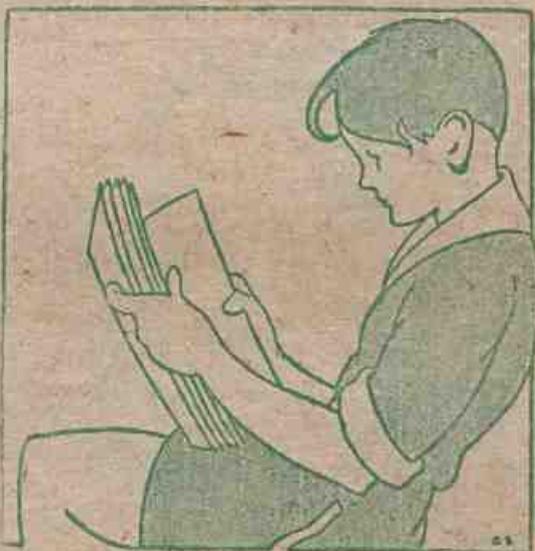
— Se quizeres, vamos indagar como o caso se deu — disse o pai. Ora, vamos a saber: para que serve um livro?

— Para ler, papai.

— Muito bem. Para ler. Está certo. Mas, parece que, às vezes, também serve como parapeito, como almofada, e como tapete!...

Zéca desatou à gargalhada.

— Por que te ris?! Digo-te isto pelo que vi. Recordemos o que observei: hontem, à tarde, estavas com os cotovelos apoiados no livro aberto sôbre a mesa. Serviste-te dêle como se fosse o parapeito de um balcão!... Um momento depois atiraste com o livro para uma cadeira e, distraido com a conversa, sentaste-te em cima dêle!... O assento não era muito comodo, porque, na verdade, um livro não é almofadão!....

E que não era, tiveste disso a prova, que, a seguir, o atiraste para o chão, junto aos pés da cadeira. De vez em quando, como "tens bicho-carpinteiro", mudavas de posição, e — zás! — punhas os pés em cima dêle, como se fosse tapete caro ou capacho ordinário!...

— Fiz tudo isso sem querer, papai.

— Já sei. Um menino inteligente — e tu o és — não faz essas coisas propositalmente, mas por distração, por esquecimento.

A proposito de esquecimento. Sabes onde encontrei o livro esta manhã? Num banco do jardim! Tinha-lo deixado lá hontem! Encontrei-o molhado pela neblina, inchado pela humidade. Parece-me que não é a primeira vez que êle passa a noite fóra... E estas manchas levam-me a crer, que esta noite o pobrezinho não tinha guarda-chuva!...

Zéca sorriu, mas confuso. O pai continuou:

— Agora estou pensando no que vamos fazer a êste livro, rôto e sujo. Parece-me que faria má figura entre as coisas do teu quarto, tão arranjadinho, e suponho que, quando algum amiguinho teu te pergunte que livros tens, não te atreverás a mostrar-lhe êste, no estado em que êle está!...

— Não, papai. O melhor será escondê-lo. Comprarei outro com uns nickeis que mamãe me deu...

— Escondê-lo?!... Isso não. Tenho uma idéia. Vamos pô-lo numa linda caixa forrada de papel de seda, uma caixa que deixarás sempre na tua secretariazinha. Assim mesmo é que conservarás êste livro!

— Guardar um livro tão velho assim?!...

— Por que não?!... Tenho ouvido dizer, que quando nos Estados Unidos um acidente por imprudência despedaça um automovél, deixam os restos do veiculo no meio-fio do passeio, para que êle sirva de lição e de prevenção para os automobilistas imprudentes. Compreendes?!

Êste livro, sujo e rôto, êstes restos de um livro, postos na tua mesa, lembrar-te-ão a todo instante como é preciso tratar-se os livros...

Vamos arranjar uma caixa para que os restos entrem pelos teus olhos e te previnam sempre de que os livros servem para ler e não para estragar!...

E o Zéca nunca mais estragou um livro!

QUEM não quizér fazer o bem, abrande, ao menos suas palavras, use gestos bem serenos.

Cégue a inveja (que é vesga e ao fundo da alma pousa): não querer mal a alguem já é alguma cousa.

MARQUES DA CRUZ

O JOGO DO DOMINÓ

O jogo de dominó, dizem ter sido inventado por dois religiosos, pertencentes ao convento do Monte Cassin, fundado em 529. Êste jôgo permitia que êles se distraissem, sem infringirem as regras do silêncio e o que ganhava contentava-se em murmurar para seu parceiro, o primeiro versículo das vésperas, que principia por estas palavras: *Dixit Dominus domino meo.* Os adeptos simplificaram rapidamente a fórmula litúrgica, conservando sòmente uma palavra, e esta batisou a série das pedras ou pequenos cubos marcados com diferentes pontos, que dão a cada um o seu valor.

O MILHO

NASCI de um grão:
brotei e cresci
fui subindo, subindo...

Dei fôlhas e flôres
e formei um batalhão

Filas e mais filas verdes,
as fôlhas farfalhando ao vento.

o batalhão do milharal está contente
as espigas estão abertas,
os bagos parecem de ouro.
São da côr do sol.

O vento torna a passar,
as fôlhas entôam
a canção do trabalho e da tranquilidade,
da paz e da prosperidade,

porquê foi dum grão
pequeno e dourado
que formei o batalhão.

SEBASTIÃO FERNANDES

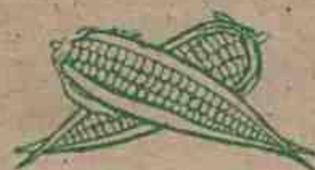
O MILHO

HÁ Cêrca de 449 anos, em 5 de novembro de 1492, dois espanhóis, incumbidos por Colombo de explorar o interior de Cuba, relataram ao regressar que haviam encontrado na ilha uma espécie de grão, denominado maís, que, depois de torrado e reduzido a farinha, constituia uma alimentação bastante saborosa. E assim chegou ao conhecimento do homem branco uma planta que, do ponto de vista econômico, se destinava a alcançar o segundo lugar entre as plantas mais importantes do mundo. Mal sabia Colombo que êste novo grão se transformaria em um tesouro sumamente mais valioso do que as especiarias que o levavam com tanto afinco a procurar um caminho para as Indias rumo ao ocidente.

O milho é hoje a planta mais disseminada no mundo e ocupa uma área maior do que qualquer outra, exceto o trigo.

Existem várias espécies de milho, que se dividem por sua vez em numerosas variedades.

Os russos já coligiram cêrca de 3.000 variedades e indubitavelmente a coleção ainda está muito longe de ter sido completada. Há certas variedades, como por exemplo as da Península do Gaspé, no Canadá ou dos Pirineus, na Espanha, que amadurecem dentro de 60 ou 70 dias depois de plantados, ao passo que na Colômbia existem variedades que levam de dez a onze meses para amadurecer. A espiga varia em tamanho desde duas ou três polegadas em certas variedades de milho de pipoca até três pés em certas variedades no Vale de Jalla, no México. Os colmos desta última variedade são tão altos que a colheita póde ser feita a cavalo, e tão fortes que se empregam frequentemente na construção de cercados para os animais domésticos.

Muitos pesquisadores — historiadores, arqueólogos, geólogos, botânicos, — veem fazendo estudos no sentido de descobrir a verdadeira origem geográfica do milho, e são quase unânimes na sua opinião de que o milho é originário do hemisfério ocidental, pois em nenhuma outra parte do mundo descobrem êles qualquer vestígio desta planta. Na Biblia não há menção ao milho; os gregos não possuíam palavra alguma que pudesse descrevê-lo; na arte pictórica dos egípcios não aparece cousa alguma parecida quer com a planta quer com o fruto do milho e a literatura chinesa anterior a 1492 não revela o menor vestígio dêste grão.

VICTOR MEIRELLES um grande pintor brasileiro

VICTOR MEIRELLES nasceu a 18 de Agosto de 1832, na antiga cidade de Desterro, hoje Florianópolis, capital da então provincia de Santa Catarina; seus pais foram Antonio Meirelles de Lima, de nacionalidade portuguêsa, e d. Maria da Conceição Prazeres, nascida no Brasil. Victor, que era o primogenito do casal, demonstrou desde a mais tenra idade grande vocação para o desenho, tendo a felicidade de encontrar no emigrado platino D. Mariano Moreno um ótimo professor de desenho geometrico e um ardente encaminhador das suas tendencias artisticas. O progresso de Victor foi tamanho que D. Mariano aconselhou aos seus pais enviá-lo à côrte afim de que pudesse completar sua educação. Entretanto, faltos de recursos, estes não puderam enfrentar despesa tão grande, e um dos maiores pintores brasileiros teria visto talvez aniquilada a sua vocação, se um acaso providencial não tivesse feito passar por Santa Catarina o conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, que muito se interessou pelos estudos do jovem principiante.

Depois de haver examinado alguns trabalhos de Victor Meirelles, o conselheiro presenteou-o com uma caixa de tintas e pinceis, pedindo-lhe que em troca lhe pintasse um aspéto panorâmico da capital catarinense. O jovem desempenhou-se brilhantemente da tarefa, e de regresso à côrte o conselheiro Jeronymo Coelho apresentou a téla ao barão Felix Emilio de Taunay, diretor da Academia de Belas Artes, que vaticinou desde logo o mais completo triunfo ao jovem artista. O conselheiro, o senador catarinense José da Silva Mafra e alguns amigos do casal Meirelles, resolveram então concorrer com os recursos necessarios para o custeio dos seus estudos na côrte. E assim, a 3 de Março de 1847, Victor Meirelles com 15 anos incompletos, ingressava na Academia Nacional de Belas Artes.

O seu curso academico foi brilhantissimo, conquistando, nos dois priprimeiros anos, a pequena e a grande medalha de prata. De triunfo em triunfo acabou por conquistar o prêmio de viagem à Europa, seguindo para Roma em 1853. Visitando museus e estudando as obras dos grandes pintores, êle percorreu Napoles, Florença, Veneza, Modena, Bolonha, Parma, Milão e Turim. Depois, tendo sido prorrogado por mais três anos o prazo da sua excursão academica, transferiu-se para Paris, onde, de 1859 a 1861, pintou a "Primeira Missa no Brasil", que obteve grande êxito no *Salon* oficial de Paris.

Regressando ao Brasil em 1861, foi condecorado pelo imperador D. Pedro II, com a insignia de cavaleiro da Ordem da Rosa, sendo logo após nomeado regente da cadeira de pintura da Academia Nacional de Belas Artes.

Na sua obra valiosa destacam-se os seguintes quadros:

"A Batalha do Riachuelo", "A Passagem do Humaitá", executados com autorisação do visconde de Ouro Preto, então Ministro da Marinha, e pelos quais lhe pagaram dezesseis mil cruzeiros "O juramento da Princesa Isabel", encomendado pelo visconde de Abaeté, "A Batalha dos Guararapes", feita por encomenda do conselheiro João Alfredo, "Moema", téla inspirada no poema "Caramurú", de Santa Rita Durão, "Casamento da Princesa Isabel", "O Imperador falando ao povo reunido no largo do Paço", e "Os Primeiros Desterrados", em que êle fixou o drama dos dois primeiros condenados portugueses abandonados no Brasil por Pedro Alvares Cabral.

Entretanto, o creador de tantas obras primas morreu na mais extrema miseria num domingo de carnaval no ano de 1903, aos setenta e um anos de idade. Mas a memoria de Victor Meirelles ficou para sempre no coração de todos os brasileiros, como um grande artista e uma bela alma.

Meu Brasil

Não há nada tão bonito,
Tão brilhante, tão gracil
Como o céu que se recurva
Sobre a terra do Brasil.

Não há flôres tão vistosas,
De aroma ativo ou sutil,
Como as flôres que desbrocham
Pelas veigas do Brasil.

Não há rios, cujas águas
Brancas, negras, côr de anil,
Tantos campos fertilizem
Como os rios do Brasil.

Metais, safiras, diamantes,
Rubins, pedrarias mil,
Não ha sólo que os encerre
Como o sólo do Brasil!

Não há no mundo arvoredos
Que levantem seu perfil
Co'a linda elegancia altiva
Das palmeiras do Brasil.

Avezinhas não existem
De plumagem tão gentil,
Nem de mais doces gorgeios
Do que as aves do Brasil.

Serras e matas, erguendo
Sua fronte senhoril,
Váles e grutas profundas
Não há, como no Brasil.

Terra bendita entre as terras
Do globo! Terra gentil,
Só és tu, patria querida,
Minha terra do Brasil.

AMELIA RODRIGUES

MANDAMENTOS CIVICOS

I — Viverás do amor dos que se foram, para o amor dos que hão de vir.

II — Encontrarás a verdadeira alegria na utilidade da tua vida.

III — Ornarás a tua casa com a virtude do teu trabalho.

IV — Honrarás os que te agazalharam, consolando os que te procurarem.

V — Praticarás a fé no teu dectino para dominar a ambição dos teus desejos.

VI — Só pensarás naquilo que puderes clamar a toda gente.

VII — Evitarás o caminho por onde a bênção materna não te puder acompanhar.

VIII — Serás rico se souberes repartir a tua prosperidade.

IX — Exultarás de bondade e de justiça pela grandeza do Brasil.

X — Não esquecerás nunca que o mesmo céu vela sobre todos os povos.

(Da "Cartilha da Probidade", do Professor Fernando Magalhães).

O QUE ELES PENSARAM

A glória, a saúde, o amôr — tudo quanto nos dá a alegria de viver — não se adquire com o dinheiro. — François Coppée

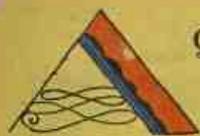
•

Não há mais que uma felicidade: o devêr; nem mais que uma consolação: o trabalho; nem mais que um praser: o bêlo. — CARMEN SYLVIA.

Durante uma guerra que os romanos sustentaram contra Pirro, rei do Epiro, combinou-se uma troca de prisioneiros. Entre estes se achava Fabricio. O rei mandou-o chamar e achando-se a sós com ele ofereceu-lhe uma grande quantidade de dinheiro, afim de subornál-o e obter dele os dados que desejava.

Fabricio manteve-se inflexivel, não cedendo diante das mais tentadoras ofertas, embora o rei lhe prometesse cada vez maior soma. Fabricio retirou-se e no dia seguinte foi chamado de novo à presença de Pirro. Este havia ordenado que escondessem atrás de uns grandes cortinados o maior de seus elefantes. Quando Fabricio se encontrava conversando com o monarca, o animal passou sua tromba pela abertura do cortinado e lançou um furioso urro. Fabricio, que jamais havia visto um elefante, permaneceu inpassivel e disse a Pirro:

— Nem teu ouro de ontem nem teu animal de hoje quebraram minha conduta.

Ligando os números pela ordem, de 1 a 32, vocês verão do que o explorador está se lembrando, nessa hora triste...

AQUELES três garotos que passavam a vida atravessando em todas as direções a mata espessa do morro do "Burro Bravo", despojavam todas as árvores de seus frutos ainda verdes e derrubavam cercas invadindo os sitios mais sombrios.

Uma vez o vigia de um laranjal que ficava lá para as bandas de um velho açude disparou três vezes a velha espingarda contra os três vadios e só Deus desviara aquelas cargas de chumbo.

Mesmo assim os três pequenos vagabundos não se compadeciam de uma arvore triste que erguia ao céu um feixe de galhos sêcos, eriçados de varas de visgo e enfeitados de gaiolas e alçapões.

Aquela pobre arvore sofria, resignada, o vandalismo dos três pequenos e era raro o dia em que não se quebrava mais um galho, vergado pela acrobacia daqueles malandros.

Uma vez, quando o sol descia por detraz do morro do "Burro Bravo", apareceu um anãozinho velho e de longas barbas brancas que falou aos três meninos:

— Uma árvore, meus amiguinhos, é um presente do céu que Deus mandou. A sua sombra protege o lavrador cançado, abriga a fonte contra os raios do sol. Ela abre a sua fronde em milhares de flores que abastecem as colmeias de mel saboroso. Depois vêm os frutos, alimento precioso que os mercados trocam por dinheiro, enriquecendo as nações. Ela sofre tambem o golpe que se lhe dá e fenece quando o homem é ingrato.

Não, meus amiguinhos!

De hoje em diante vocês vão deixal-a em paz. Quando ela for confortada pela bondade de alguem, ela, recamada de flores, triunfante e agradecida, pagará a sua divida, curvada ao peso de muitas coisas boas.

E o velho desapareceu na sombra úmida da grota...

Fez-se um silêncio de morte.

Os três pequenos, disfarçando o mal que lhes fizera a censura daquele velhinho misterioso, trocaram palavras alheias ao caso.

O mais moço, então, esticou o braço para a esquerda e falou:

— Naquele lado ha muita goiaba.

— Basta! – replicou o mais sensato. Quem tem razão é o velho. Vamos cuidar dessa árvore, adubando esse terreno, umedecendo essas raizes.

O zelo dos três pequenos vagabundos pela vida da arvore triste aumentava, embora uma sombra de desânimo começasse a se esboçar.

Uma vez, um dos garotos, depois de derramar uma lata dagua em torno do velho tronco, murmurou:

— Parece que o padeiro continuará a vir a pé.

E os três garotos, revestidos de um aspeto mais grave, combinaram entre si zelar eternamente pela vida daquele triste feixe de galhos secos, abandonados pelo destino.

Desde esse dia era frequente a visita dos três garotos à árvore doente.

Fizeram-lhe em torno uma cerca protetora, renovaram-lhe a terra esteril e lhe trouxeram muitas latas dagua apanhadas no córrego mais próximo.

O vigia do laranjal já tinha transformado o perfil carrancudo e sorria aos pequenos dizendo:

— Quando todos os meninos do mundo forem bons, o padeiro virá do céu num aeroplano.

Passaram-se varios meses.

Depois os dias foram correndo, uns após ó utros.

Veiu a primavera.

A mata toda, exuberante, a derramar saude por todos os galhos, envolveu a varzea e a colina.

Só a arvore triste emergia do meio daquele tapete verde, erguendo ao céo o feixe de gravetos.

Vieram depois outros sóes, outras luas.

Em Dezembro, na vespera feliz do Natal, o velho vigia do laranjal entrou a correr no barracão onde moravam os três garotos.

Vinha buscal-os, a ofegar, gaguejante a sorrir.

A arvore triste amanhecera engalanada de flores, pejada de frutos, curvada ao peso de milhares de brinquedos...

O CASTELO INVENCIVEL

UMA vez um capitão famoso estava sitiando um castelo tão bem defendido que, apesar de repetidos ataques, resistia.

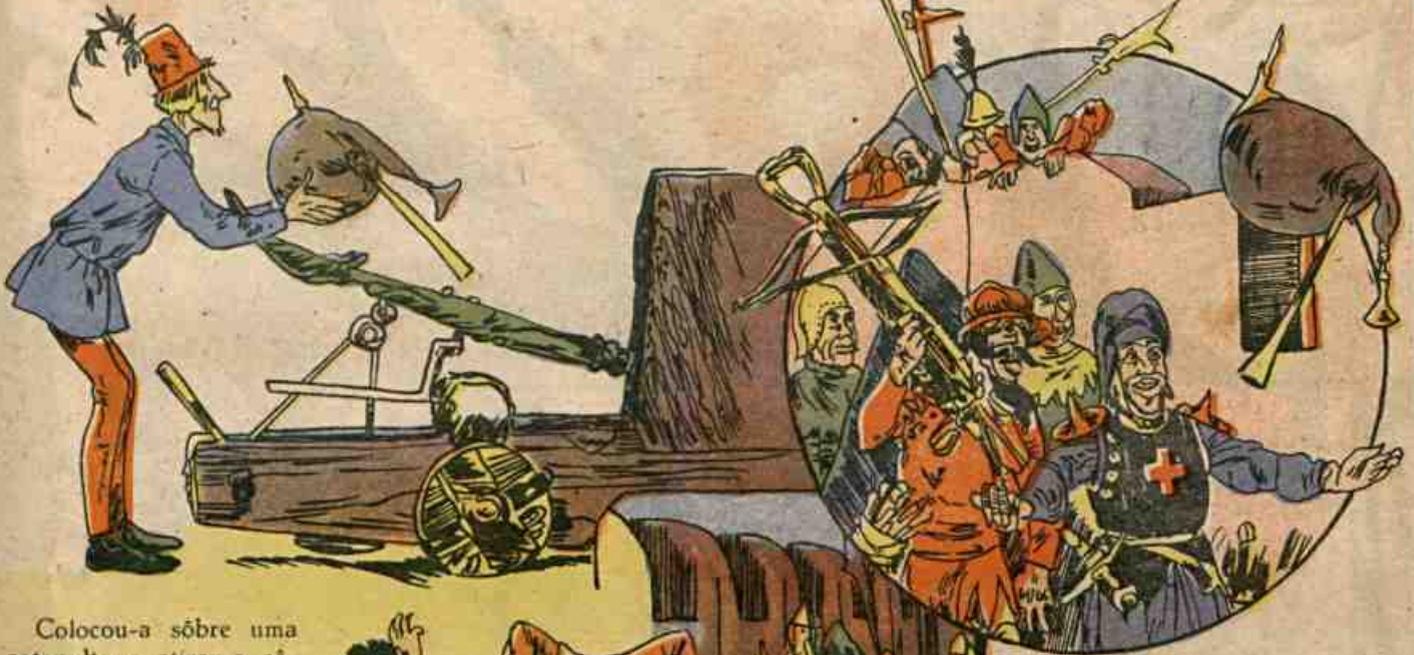
Eram assaltos sôbre assaltos; os soldados atacantes atiravam-se com valentia admirável, mas os defensores do castelo não se deixavam surpreender.

O campo do capitão famoso já estava cheio de feridos; os mantimentos de seu exército tinham-se acabado e os soldados eram forçados a comer até os cachorros dos arredores. Nessa ocasião, um soldado, Valentim, disse: — Eu vou salvar a situação!

O CASTELO INVENCIVEL

Ouvindo estas palavras, o capitão Ricardo pensou que Valentim estava gracejando, mas êste disse-lhe:

— Falo seriamente. Preparem as escadas porque dentro de meia hora poderão assaltar o castelo sem perigo.

Disse isso e foi logo buscar a sua gaita de fole...

Colocou-a sôbre uma catapulta e atirou-a sôbre o castelo invencível.

Os soldados do castelo ficaram muito admirados de vêr a gaita cair ali.

Ora, imaginem que a gaita estava cheia de pulgas e, rebentando ao cair, as pulgas se espalharam por todo o castelo. Os soldados começaram a se coçar tão atrapalhados com aquilo, que nem deram fé quando os guerreiros do capitão Ricardo galgaram o muro.

Tôda a guarnição do castelo foi aprisionada e o capitão Ricardo, vitorioso, disse a Valentim: — Obrigado, meu amigo; mostraste-me que muitas vezes a astúcia e o raciocinio podem mais que a fôrça.

A lenda do Colibrí

NUMA CASINHA BRANCA, À BEIRA DE UM BOSQUE FLORIDO, VIVIA UM CASAL DE CAMPONESES, QUE TINHA CINCO FILHOS.

QUATRO MOCINHAS E O CAÇULA, UM MENINO, MEIGO E ENCANTADOR.

EMBORA POBRES, VIVIAM FELIZES. MAS UM DIA UM GÊNIO MAU, INVEJOSO DE TANTA FELICIDADE, PENSOU EM DESTRUIR AQUELE LAR.

E NUMA NOITE DE TREMENDA TEMPESTADE, ENQUANTO O RAIO RASGAVA O CÉU, OS TROVÕES FAZIAM TREMER DE MEDO AS ALMAS SIMPLES E O VENTO ULULANTE PARECIA TUDO DERRUBAR, ENTROU SORRATEIRO NA CASINHA BRANCA E MATOU OS DOIS CAMPONESES E AS QUATRO IRMÃS.

QUANDO O MENINO DESPERTOU, PELA MANHÃ, VENDO OS PAIS E AS IRMÃS MORTOS, FICOU INCONSOLÁVEL.

E, DEBULHADO EM LAGRIMAS, IA, DE UMA A OUTRA IRMÃ, AOS PAIS, INCANSAVELMENTE, BEIJANDO-OS, BEIJANDO-OS REPETIDAS VEZES.

PASSARAM-SE AS HORAS. O SOL JÁ SE APAGAVA NO OCASO, QUANDO UMA FADA BOA PASSOU PELA CASINHA BRANCA.

LÁ ESTAVA AINDA O INFELIZ CORRENDO DE IRMÃ A IRMÃ E AOS PAIS, BEIJANDO-OS COM SOFREGUIDÃO...

A BOA FADA CONDOEU-SE DA SUA SORTE, E QUIZ AMENISAR-LHE A GRANDE DOR. TOMANDO DA VARINHA MÁGICA, TOCOU LEVEMENTE OS CORPOS QUE JAZIAM INERTES; E ÊLES FORAM TRANSFORMADOS EM FLÔRES.

DEPOIS, TOCOU TAMBÉM O MENINO, E TRANSFORMOU-O EM PEQUENO E DELICADO PASSARO DE VARIEGADAS E BRILHANTES CÔRES.

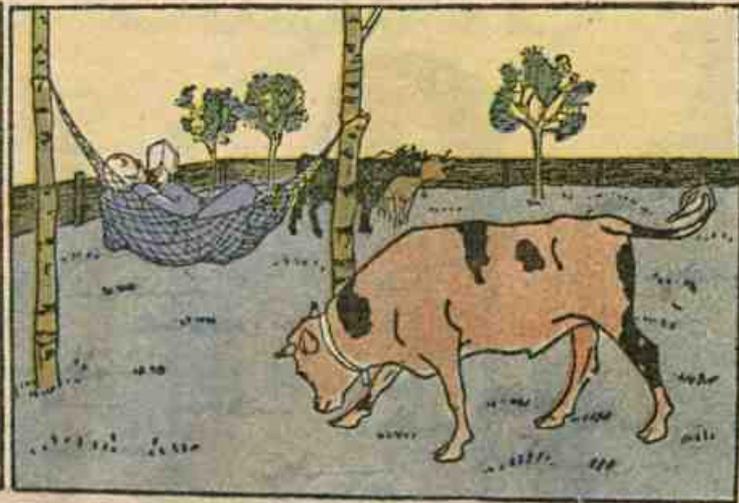
FOI ASSIM QUE NASCEU O COLIBRI...

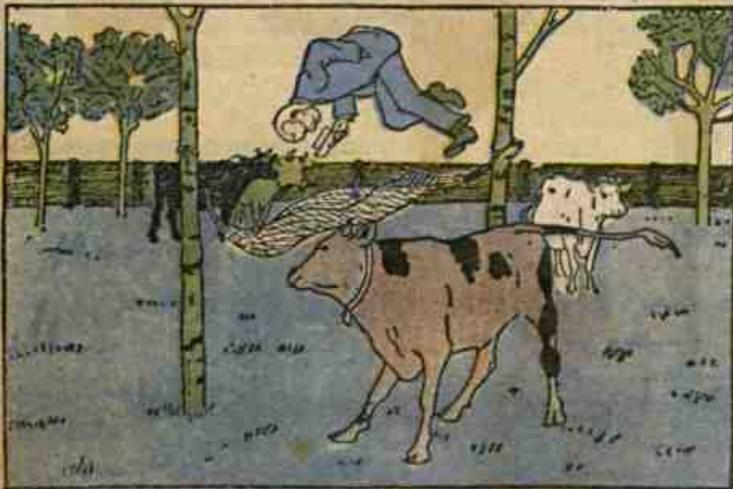
E, ATÉ HOJE, O POBRESINHO AINDA ANDA AÍ PELOS CAMPOS E JARDINS, VOANDO DOIDAMENTE DE FLOR EM FLOR, NA ILUSÃO DE QUE BEIJA OS SEUS ENTES TÃO QUERIDOS.

PAULO AFFONSO

O ÍNDIO PELE-VERMELHA

Colada a página em cartolina, recorte tôdas as peças. Sôbre as aletas A e A, cole os braços A e A., dobrando um pouco para diante. Dobre a base pela linha horizontal de pontos e cole D e D em D e D, assim como a parte das pernas que vai desenhada na base em linha interrompida. Abra um corte em B por trás, enfie na cabeça do indio. Em C e E, cole respectivamente C e E. Olhe sempre o modelo, em caso de dúvida.

SEU TERENCIO E O LIVRO INTERESSANTE

Seu Terencio é um grande devorador de livros. Leitura, para êle, é o que há de mais gostoso e apreciavel. Se apanha um bom livro, instrutivo, bem escrito, então, chega a esquecer o tempo, as refeições, as obrigações, tudo, tudo... E gosta de lêr ao ar livre, dando preferencia à rêde, presa a duas árvores no campo que fica visinho à sua casa.

Ora, sucedeu que há dias estava êle agarrado a um desses livros formidaveis, embebido na leitura, gozando aquelas páginas magistrais, quando um boi que pastava pelas cercanias se aproximou. O touro não gostou daquilo. Achou que ali não era lugar para leituras. Implicou com seu Terencio, com a rêde, com tudo aquilo, e decidiu agir.

Vocês sabem como é que agem os touros quando se tornam furiosos. Com eles, é logo na chifrada. Não há para onde apelar. O nosso, que era um touro forte, bem tratado, andou alguns passos para trás, fez uns passinhos de preparação, afiou os chifres no chão, para experimentá-los... Um, dois e tres! E investiu contra o tranquilo e distraído leitor.

Mas, quem disse que seu Terencio deu pela coisa? A rede virou, o touro, que estava em baixo, recebeu seu Terencio em cima do lombo, ficou ainda mais furioso... Mas Seu Terencio, nem nada! Estava num pedaço tão interessante do livro!!!

E vejam, agora, o que aconteceu: lá se foi êle a cavalgar o touro, lendo sempre, lendo sempre...

A PRIMEIRA EMOÇÃO QUE O BRASIL DEU AO MUNDO

RAIMUNDO DE MENEZES

O dia 13 de Maio de 1888 caía num domingo: domingo beijado por um sol de fogo, conseguindo "um dia lindo e amável".

Desde cedinho, uma multidão ansiosa veio para a rua.

O *Rio*, enfervilhando — cêrca de vinte mil pessoas! — caminhou para as imediações do Senado.

As ruas adjacentes do Campo de Santana despejavam uma multidão azafamada, que se acotovelava nervosamente.

Tôda a gente falava, gesticulando, suada, esticando-se nas pontas dos pés, e empurrava-se, querendo ver tudo, apreciar os menores detalhes dos acontecimentos que empolgavam a cidade, naquele dia glorioso.

Todos sabiam que, apesar de domingo, fôra pelo senador Cândido de Oliveira precipitada a 3.ª discussão e respectiva votação da lei extinguindo a escravatura.

. . . .

. . . .

O povo parecia que enlouquecera. Chapéus turbilhonavam sacudidos para os céus, lenços drapejavam nervosos, enquanto foguetes estalavam barulhentos.

Subitamente, o estrondar rouco de canhões, longinquamente, fez emudecer, um instante, a alegria do populacho, que estacou, medroso: eram os fortes e os navios que saudavam a data gloriosa...

Na porta do Senado, surgiram os primeiros estandartes, e a procissão cívica formou-se por sob uma chuva de pétalas, rua afóra na direção do Paço.

Seriam cêrca de 3 horas, quando dava entrada no vetusto edifício a comissão que devia apresentar-se à Princesa Regente.

. . . .

. . . .

O senador Dantas, voz quasi embargada pela emoção, disse algumas palavras, entregando à S. A. o autógrafo da Lei Aurea para assinatura.

A Princesa balbuciou um agradecimento e, melancolicamente, declarou que "seria êsse um dos mais belos dias da sua vida se não fôsse a circunstância de saber que seu [illegible] se encontrava enfermo na Europa. Esperava, porém, em Deus que êle voltasse para continuar como sempre útil à [illegible]".

Pegando na caneta de ouro, oferecida por uma subscrição do povo, D. Isabel assinou o seguinte decreto, que fôra co[illegible]tado caprichosamente pelo calígrafo Leopoldo Heck:

"A Princesa Isabel, regente em nome de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, faz saber a todos os súbditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou [illegible]

Art. 1.º — É declarada extinta desde [illegible] a escravidão no Brasil.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a [illegible] o conhecimento e execução da referida [illegible] que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e Interino de Negócios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de S. M. o Imperador, a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, 67.º da Independência e do Império. — Princesa Imperial Regente. — Rodrigo Augusto da Silva".

Aclamações [illegible] na sala apinhada. Eram precisamente 3 horas e 15 minutos.

De uma das janelas, Joaquim Nabuco, num improviso eloquente, comunicou à multidão que estava extinta a escravidão no Brasil.

Nesse instante, carregado nos braços da multidão, surgia, em plena sala do trôno, a figura do herói do dia: José do Patrocínio.

Num gesto épico, o jornalista precipitou-se aos pés da Princesa, beijando-os, e, teatralmente, declamou estas palavras:

"Minha alma sobe de joelhos nestes Paços..."

• • •

TARDE afóra, noite a dentro, prolongaram-se as festividades populares.

A rua do Ouvidor apinhou-se de gente. Bandos corriam lado a lado, cantando. Saíram serenatas e grupos de negros com seus maracás e os seus "récos récos" e, à luz de archotes, começaram os carpinteiros a martelar, edificando coretos ou fincando postes para a iluminação.

A multidão não se continha na alegria doida de uma vitória sem igual na nossa História.

Promoveram-se passeatas ruidosas, que passaram a visitar as redações dos jornais.

A redação da *Cidade do Rio* [illegible] José do Patrocínio [illegible] companheiros de luta, entre os quais figuravam [illegible] Paula Ney, "[illegible]", Olavo Bilac, Guimarães Passos, Coelho Neto, Pardal Mallet.

Nesse instante dramático, um preto velho aproximou-se, quasi chorando, e, com a voz trêmula, tartamudeou, em meio de religioso silêncio:

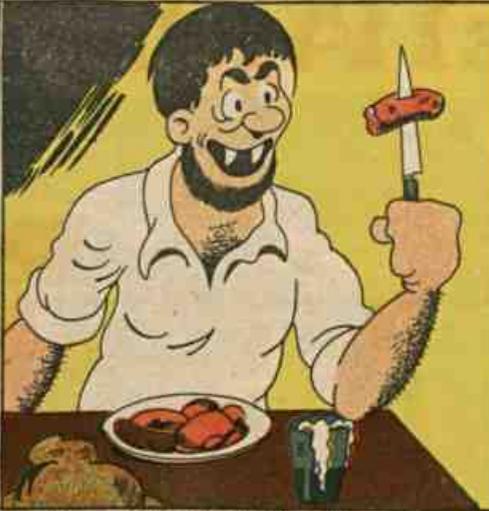
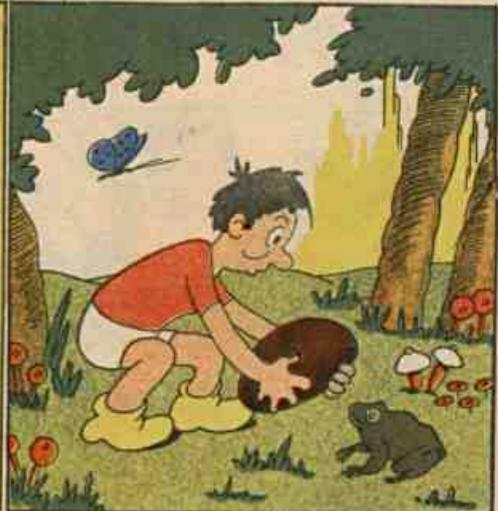
— "Nhô Patrucinu... Deu du céu bençôe suncê. Eu, pobre véio, já não se importava do cativêro. Morte tá hi môde libertá corpu di negru, cansadu di trabaiá, mâ zére, nhô: fio, fia, neto ,iquinino, esse sim, i parcêro tam... Rapaziada moça, esse sim, vai pruvetá liberdade. Nossinhô tá lá in cima; ele ha di oiá suncê, nhô Patrucinu. Antonce não hai Deu nu céu? Viva o sarvadô di nóis! Viva!"

E avançou resoluto para beijar os pés de Patrocínio, que, chorando, ergueu o negro velho, abraçando-o.

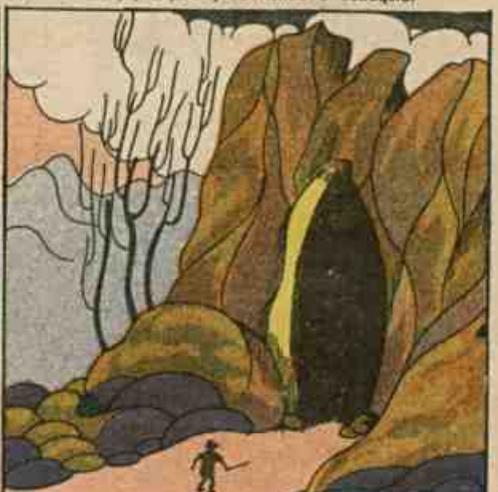
• • •

Durante dez dias, o Rio vibrou, comemorando, de mil formas, a festa nacional da Abolição.

SABIDINHO E O GIGANTE MATATOUROS

Havia há muito tempo um casal de camponeses que tinha um filho, que por ser muito esperto e inteligente chamava-se Sabidinho. Não muito longe da casa deles, numa caverna, vivia um gigante a quem todos conheciam pelo nome de Matatouros, e que era o terror daquela pequena população de gente humilde, pelas barbaridades que praticava.

Matatouros era de altura colossal e valia por dez ou mais homens. Era de apetite tão voraz que para satisfazer o seu estômago roubava quantos bois e ovelhas encontrava. Para cada refeição necessitava o gigante nada menos de seis bois e outras tantas ovelhas. O pai de Sabidinho, como os outros agricultores, dizia sempre que se não procurassem um meio de dar cabo do gigante, não tardariam em ficar completamente arruinados.

Aquilo deu que pensar a Sabidinho, e como era um menino valente começou tambem a meditar sobre a maneira de acabar com Matatouros. Aconteceu que um dia, quando perambulava pelo bosque em profunda meditação, teve a sua atenção despertada por um feio sapo que coaxava, prêso sob uma grande pedra. Dotado de bom coração, suspendeu, não sem grande esfôrço, a pedra, libertando o batráquio.

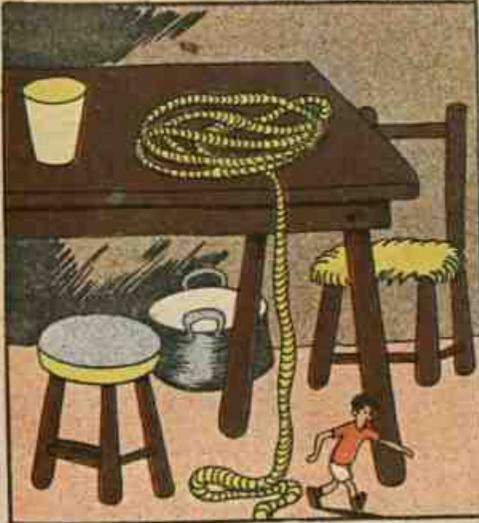
E então, com grande espanto, viu que a pedra transformara-se em um cofre e o sapo em um anãozinho que lhe disse: – «foste bom para mim e quero recompensar-te. Dentro deste cofre estão quatro cousas que te serão uteis. Um anel que torna invisivel quem o colocar no dedo; um chapéu que diz ao dono tudo quanto ele deseje saber; uma espada que corta tudo, e uns sapatos que fazem andar com a velocidade do vento.

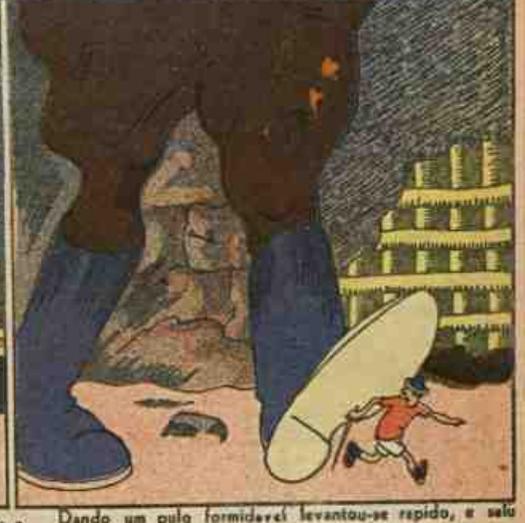
E dizendo isto o anãozinho desapareceu. Sabidinho tirou os objetos do cofre, pôs a espada à cinta o chapéu na cabeça, guardou o anel no bolso. E depois, calçou os sapatos. Imediatamente suas pernas começaram a mover-se com tanta velocidade que quase não tocavam o chão. E atravessou assim léguas e léguas sem sentir, em direção á caverna do gigante Matatouros

A caverna era a coisa mais colossal que se possa imaginar Era um grande buraco que ia pelas montanhas a dentro. Fazia medo ao homem mais decidido, mas Sabidinho lembrou-se do chapéu que dizia tudo quanto se desejava saber, e perguntou o que devia fazer, e o chapéu mágico lhe disse: «calma e coragem, menino, para poder vencer. Não vacile um só minuto e nem recúe.»

Então Sabidinho não esperou mais. Foi entrando pela caverna a dentro, cujas paredes tremiam com os formidáveis roncos do gigante que dormia uma boa soneca. Sabidinho aproximou-se sorrateiramente, e quando ia desfechar um golpe com a espada, o brutamontes acordou furioso e agarrou-o facilmente.

O menino tudo fez para livrar-se mas foi em vão. Matatouros levou-o com muito cuidado e colocou-o sôbre a grande mesa onde fazia suas pantagruelicas refeições. E ficou horas seguidas observando-o com grande curiosidade. E ria, satisfeito, como uma criança, a qualquer movimento de Sabidinho.

Depois o gigante meteu Sabidinho dentro de uma grande gaiola. E ali, o menino passava os dias inteirinhos pensando nos seus pais como ficariam se qualquer cousa lhe acontecesse. Mas êle tinha fé que Deus o ajudaria a vencer o gigante e não desanimava, estudando um meio de fugir daquela herrivel prisão.

SABIDINHO E O GIGANTE MATATOUROS

Todas as tardes, quando Matatouros voltava das longas caminhadas pelas matas espalhando o terror, gostava de divertir-se com Sabidinho soltando-o sôbre a grande mêsa, de onde êle não podia pular ao chão pois era de uma altura incrivel. Mas um dia, o gigante esqueceu sôbre a mesma um grosso rôlo de corda, que tocava o chão, e o garoto, no momento em que o brutamontes estava distraido, escorregou por ela e chegou ao solo.

Sem que êle percebesse foi até o lugar onde estavam o chapéu, a espada, o anel e as botinas e os apanhou. Matatouros muito distraido acendia o cachimbo, quando Sabidinho cautelosamente aproximou-se dêle disposto a atacá-lo de qualquer maneira, porém o gigante que tambem era feiticeiro parece que advinhou as intenções do garoto.

Dando um pulo formidavel levantou-se rapido, e saiu furioso perseguindo Sabidinho, que, ajudado pelos sapatos mágicos, corria muito, mas mesmo assim quasi ficou esborrachado sob o pé enorme do gigante que dava cada passada quilométrica. E quanto mais Sabidinho corria, mais corria o gigante.

Urrando de raiva, levantando poeira como quê, derrubando tudo o que encontrava pela frente Matatouros, armado de enorme espada, dava golpes terriveis, mas nenhum acertava no garoto, que parecia até voar. E isso irritava ainda mais o terrivel gigante, que redobrava os golpes com ferocidade.

De repente, Sabidinho lembrou-se dos poderes magicos do anel que havia posto no bolso. Sem demora tirou-o e enfiou depressa no dedo. Ouviu-se um forte estrondo e uma nuvem de fumaça levantou-se do chão. E o gigante ficou espantado quando viu que Sabidinho tinha desaparecido.

O gigante soltou um urro de raiva que fez estremecer toda a floresta. Sabidinho que se tornára invisivel começou a chamá-lo então, desafiando-o ora em um lugar ora em outro, e êle cada vez mais possesso procurava-o em todos os buracos das arvores, do chão, debaixo das pedras em todos os cantos possiveis.

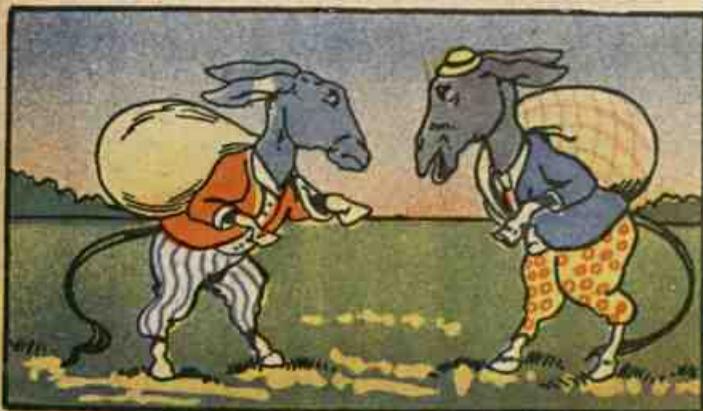
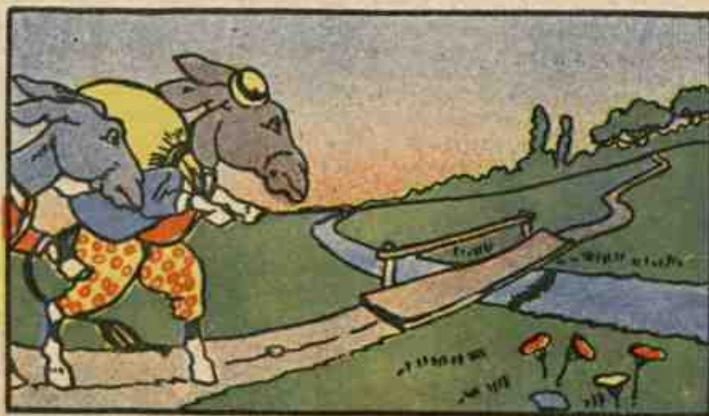
E levaram naquilo dois dias e duas noites sem um instante de trégua, quando no terceiro dia o gigante, que era um gastrônomo de trûs, sem nada ter comido enfraqueceu tanto, tanto, que as pernas fraquejaram e êle, sem fôrças, caiu ao chão onde ficou estirado sem poder levantar-se

Sabidinho voltou então a ser o Sabidinho em carne e osso. Aproximou-se do monstro resolutamente e com um golpe certeiro cortou-lhe a cabeça. Entusiasmado com a propria façanha, em vertiginosa carreira levado pelos sapatos magicos tomou ancioso o caminho de casa.

Mas logo pensou em agradecer ao misterioso anãozinho, e êle apareceu e disse: — Aqui estou novamente, meu menino, e nada agradeças. Volta para casa de teus pais e guarde bem esta lição: Por maior que seja o mal, nós podemos vencê-lo sempre, por mais fracos que sejamos. A questão é querer, porquê querer é poder.

OS DOIS BURROS

Dois burros tinham que levar ao mercado um saco de esponjas e um saço de açucar. O primeiro burro, julgando-se muito esperto, agarrou logo o...

...saco de esponjas, que era muito leve e deixou ao outro o saco de açucar, que era muito pesado. O burro pequeno pediu ao burro esperto que o ajudasse um...

...pouco, porque estava muito cansado. Mas o esperto, além de não querer auxiliá-lo, ainda zombou dele, dizendo: — Para que você foi tolo, e não...

...escolheu o saco mais leve, como eu fiz? — Mas aconteceu que logo adiante tinham que atravessar uma ponte.

O burro pequeno estava que já não podia mais. Suplicou ao outro que o deixasse descansar um pouco trocando de cargas.

Mas o outro não quiz e se meteu pela ponte, arrastando-o. De repente a ponta se partiu e os dois burros cairam nagua.

E aconteceu o que era de se esperar: o assucar se dissolveu na água e o saco ficou quasi vasio, e leve, permitindo ao burro pequeno alcançar a outra margem. Ao passo que as esponjas, embebendo-se de água, ficaram tão pesadas que o burro quasi morreu afogado.

MOLDANDO A TERRA VIRGEM

CAMARADAS! QUE BOA ESTA TERRA MOLHADA
NAS MÃOS, EM PASTA FINA!

DESVIAMOS AS VAGAS DA ENXURRADA
E AGORA É SÓ FORMAR A PLANICIE E AS COLINAS.
MOLDAREMOS NO BARRO UMA NOVA PAISAGEM!

COM SEIXOS FORMAREMOS MORROS BRANCOS;
E PLANTAREMOS MATAS PEQUENINAS,
VERDES, PELOS BARRANCOS DA BARRAGEM...

RIOS EM MINIATURA, PONTEZINHAS, CAMINHOS,
ILHAS DE ENCANTAMENTO, CATARATAS, MOINHOS,
BURGOS DE UMA ARROGANTE ARQUITETURA —
HÃO DE SURGIR DE NOSSAS MÃOS QUASI DIVINAS
ENCHENDO OS OLHOS DE DESLUMBRAMENTO

CAMARADAS! QUE BOM DESSE LIMO FECUNDO
VER DESPONTAR EM NOSSAS MÃOS UM MUNDO!

MAS QUANDO HOMENS, TAMBÉM, DEUS PERMITA QUE UM DIA
COM O MESMO ESFORÇO, O MESMO ABENÇOADO SUOR,
NÓS POSSAMOS CRIAR, COM ORGULHO E ALEGRIA
COM A TERRA DA PATRIA OUTRO MUNDO MELHOR!

Murilo Araujo

HISTÒRIA das

VOCÊS conhecem as notas musicais? Elas são sete: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, e Si.

Agora vou contar-lhes a história daquelas notas, que são as pessôas mais unidas dêste mundo. Prestem atenção.

Havia, há muitos anos, num país muito distante, uma cidade onde sómente moravam meninos.

Não acreditam? É a pura verdade! Vocês vão vêr.

Dó era uma menina muito pobre, magrinha e tímida. Seus vestidos limpinhos, mas remendados, não conseguiam ocultar sua formosura. Era bela como um anjo. Todos os dias ela ia até a cidade, depois de percorrer cinco estradas e atravessar quatro rios, afim de conseguir dinheiro, que a bôa menina levava todinho para sua mãezinha velha e doente.

Ré era um menino muito preguiçoso, incapaz de ajudar a outra pessôa. Não ia à escola, não andava, não falava e quasi não comia para não ficar cansado. Felizmente era rico e não precisava trabalhar.

Mi, irmã de **Ré**, era uma menina egoista, vaidosa, e que gostava de humilhar os pobres. **Mi** era muito estudiosa. Possuia bons livros e se esforçava por ser a primeira aluna da classe. Tudo afim de menosprezar os colegas que não tinham professores particulares, nem dinheiro para comprar o material escolar.

Fá era uma menina muito rica, mas bastante simples. Gostava de ajudar o próximo e não deixava sem socorro os necessitados. Por isso tinha sempre a conciência tranquila dos que praticam bôas ações. A caridade de **Fá** tornava-a querida de todos, e tambem a mais invejada.

Sol era um menino pobre, porém muito inteligente e aplicado. Tirava quasi sempre as melhores notas do colégio, mesmo estudando nos livros dos outros. Apesar disso, não era egoista. Gostava de ser útil aos amigos, ensinando-lhes as lições.

Vocês pensam que **Lá** era uma menina? Pois estão enganados! **Lá** era um menino muito educado. Os colegas faziam gracejos por causa do seu nome, mas êle não se zangava. Era um menino tão bom, que dividia com os outros a merenda, a ponto de, às vezes, ficar com fome. E pela noite ainda trabalhava, afim de ganhar a vida.

Falta apenas falar de um. É de **Si**.

Si era um menino muito interesseiro. Era o mais velho de todos, e só fazia alguma coisa para os outros, caso lhe pagassem. Era inutil pedir-lhe algo sem oferecer compensação.

AGORA, meus amiguinhos, que vocês já conhecem as sete notas, e sabem que elas tinham gênios diferentes, devem querer saber como vieram a tornar-se tão amigas, a ponto de serem as pessôas mais unidas dêste mundo. É uma história muito interessante e que vocês não devem ignorar. Graças à união das notas musicais é que os homens podem compôr as lindas melodias que vocês conhecem e apreciam. Não é verdade? Então escutem.

Certo dia, ao entardecer, a pequenina **Dó** estava aflita. A coitada não havia conseguido o suficiente para comprar um remédio de que necessitava sua mãezinha. Estava a pobre menina a ponto de desesperar de dôr, quando encontrou **Fá**, que muito lhe ajudou.

Foi então nesse dia que **Sol** teve a genial idéia de fazer com que os ricos ajudassem à necessitada. Com a ajuda de **Lá**, fez que se espalhasse a notícia de que a filha do Rei havia fugido e vivia como se fôra uma mendiga. Por tal forma as coisas se fizeram, que a descrição da princeza condizia com os traços fisionômicos da menina **Dó**.

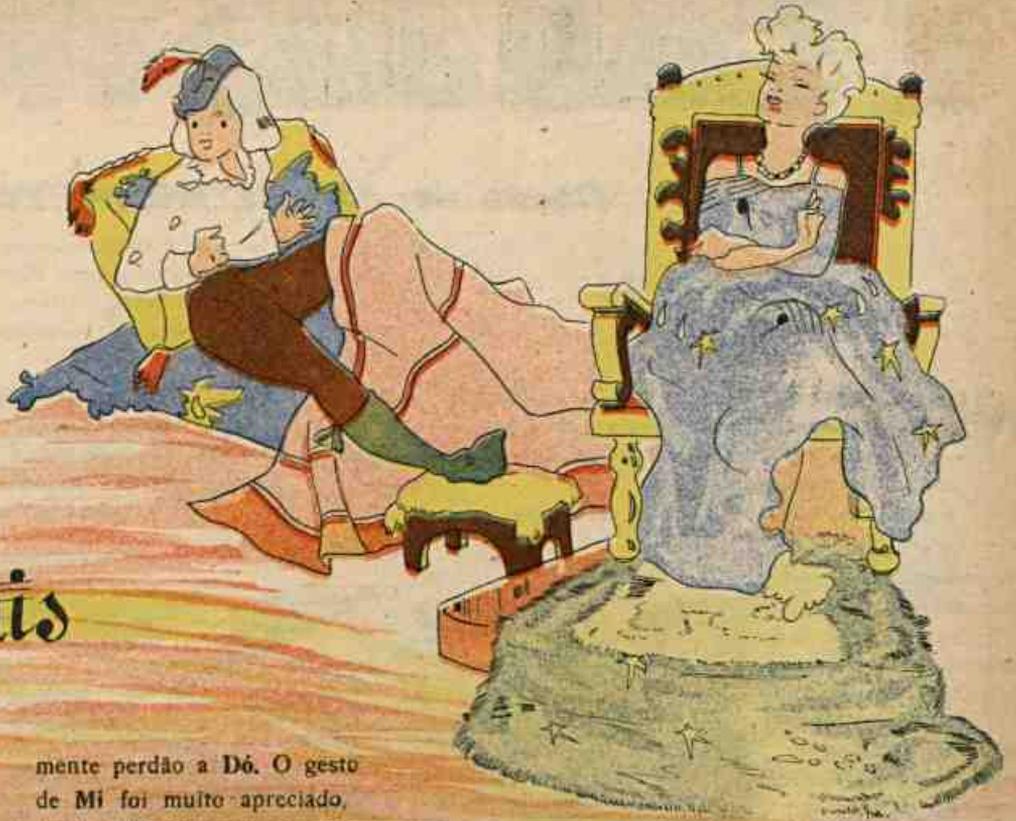
Mi exultou com a notícia. Caso ela encontrasse a princezinha, e a tratasse bem, o Rei, por certo, haveria de condecorá-la. Talvez até que a soberba tenha pensado em fazer-se passar pela princeza. Mas isto era por demais arriscado e ela teve receio de ser descoberta. **Ré**, comodista, não se interessou pelo caso e recusou-se a ajudar a irmã.

Em dada manhã, **Dó** vai ter à casa de **Mi** e pede uma esmola. A orgulhosa, como de costume, ia responder que não tinha nada para lhe dar, quando, reparando melhor, reconheceu na pequena rôta e faminta "a filha do Rei".

O alvoroço em casa de **Mi** foi enorme. A criadagem teve ordens imediatas de preparar o melhor aposento e servir as melhores iguarias à pequenina **Dó**. Esta ficou perplexa, pois nunca, nem mesmo em sonhos, tinha visto tanto luxo.

Enquanto **Mi** se desvelava em obséquios para com a suposta princeza, a notícia do achado desta chegou até aos ouvidos do Rei, por intermedio de **Si**, que, sendo o primeiro a transmití-la, esperava com isso ganhar alguma recompensa.

O Rei, que não tinha filha alguma, ficou surprezo com o caso, e mandou prender todos, tanto aqueles que tomaram parte no embuste, como o interesseiro **Si**.

Os que mais sofreram com a decep-

Notas Musicais

Por JURACY CORREIA

ção foram a orgulhosa **Mi** e seu irmão **Ré**, que desta vez teve que andar bastante, e a contragosto.

Estavam as coisas assim, meus amiguinhos, quando **Fá**, sabendo o que tinha acontecido aos colegas, foi ter à presença do Rei e explicou a história, pedindo ainda perdão e liberdade para todos.

Os caridosos amigos **Sol e Lá** foram muito louvados, e a pobrezinha **Dó**, cujas virtudes e coragem causaram geral admiração, foi cumulada de presentes e carícias.

Aí é que aconteceu a coisa mais espantosa dêste mundo. **Mi**, envergonhada com o seu procedimento, pôs de parte sua riqueza e orgulho, a pediu humildemente perdão a **Dó**. O gesto de **Mi** foi muito apreciado, tendo ela conquistado inúmeros amigos. E não foram estas as únicas transformações. Vocês deviam vêr como o preguiçoso **Ré** se tornou diligente! A todos êle distribuia atenções, como se em sua vida nunca houvesse feito outra coisa!

Tambem **Si** havia chegado ao bom caminho. Como todos sabem, o defeito de ser interesseiro não é difícil de ser corrigido.

Estavam, pois, meus amiguinhos, todos juntos, satisfeitos e felizes. O Rei, que era muito bom, não quiz que os amigos se separassem. Então mandou construir um palácio enorme, rodeado de jardins, onde se viam cinco estradas e quatro rios, não faltando, siquer, a casinha tosca de **Dó**, tudo apenas para enfeitar.

Sol, que é pensativo, gosta de ficar sózinho para meditar. O Rei mandou fazer uma cazinha tambem para êle e outra para **Lá**. Estas cazinhas chamam-se **Claves** e nelas os seus donos recebem os seus amiguinhos e realizam divertidas brincadeiras.

O palácio encantado ainda hoje existe, possuindo, além das sete notas musicais, uma infinidade de outros servidores. Êste palácio chama-se **Pentagrama.**

A mãe de **Dó**, que se chamava **Música**, adotou como seus filhos todos os sete amigos.

Vocês já notaram que a Música é escrita em cinco linhas e quatro espaços, simbolisando as estradas e os rios que **Dó** atravessava? Não? Pois então reparem.

Agora eu sei que vocês querem que lhes conte o resto da vida da Música e de seus sete filhos, não é assim?

Pois fiquem sabendo que ocorreram fátos maravilhosos. Mas a história é por demais comprida e porisso vocês devem pedir a seus pais que lhes mandem ensinar a Música, e então vocês conhecerão melhor as aventuras das sete notas musicais, Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá e Si, as pessôas mais unidas dêste mundo.

O que? Ainda mais uma pergunta? Querem saber o nome daquele Rei bondoso que ajudou a Música e aos seus sete filhos, não é? Pois fiquem sabendo:

— Aquele Rei, que anima e encoraja a todos aqueles que têm um ideal na vida, sou eu. Eu sim, meus amiguinhos. E meu nome, não esqueçam, é ARTE.

O CÃO JUSTICEIRO

Conto de ANDRÉ BONNEVAL

NUMA casinhola de madeira à orla da floresta, na Califórnia, James Hobson esquentava-se junto ao fogo.

A seus pés cochilava um magnifico cachorro-lobo, deitado ao comprido.

— Então, meu velho Whip, estás feliz, agora ?

Se o cão pudesse falar teria sem dúvida respondido :

— Feliz ? Eu o sou sempre que estás perto de mim.

James Hobson adorava Whip, que aliás era seu único companheiro, um valente animal, devotado, de inteligência admiravel.

Faltava-lhe apenas a palavra.

Whip era geralmente afavel; mas que ninguem atacasse seu dono ! Tornava-se, então, absolutamente furioso e mesmo feroz.

Com um guardião de tal ordem, James Hobson quase nada podia temer, ainda que habitasse aquela casinhola, isolada em pleno Far-West.

Entretanto James tinha um inimigo mortal : Fred Crowny. O vêsgo Fred Crowny, aventureiro que habitava uma cabana, também de madeira, a mais ou menos um quilômetro dali. Os dois homens, apesar da distância que os separava eram vizinhos, pois não havia outra habitação entre as suas.

James Hobson e Fred Crowny, sem saber bem porque, detestavam-se. Mas, se James não procurava aborrecer o inimigo, êste não perdia ocasião para desfeiteá-lo.

O ódio de Fred era tal que só o medo da justiça o impedia de matar o rival.

Muitas vezes, quando via passar James, murmurava entre dentes :

— Ah ! se pudesse meter-lhe uma bala no crânio sem que desconfiassem, juro que o faria !

—o—

James Hobson levantou-se e vestiu o casaco de péles. O cão empinou-se e sacudiu a cauda, pensando em sair com o dono. Mas êste acariciou-o docemente :

— Não, meu velho. Não te levarei. Prefiro que guardes a casa. Mesmo porque, dentro de uma ou duas horas estarei de volta. Espera-me com paciência... Vou percorrer algumas armadilhas que preparei nos arredores.

Whip voltou cabisbaixo para seu canto e não latiu mais. Êle havia compreendido.

James tomou o fuzil. Bateu amigavelmente na cabeça do cachorro, e saiu.

Dirigiu-se com passo rápido para a clareira onde, na vespera, instalára algumas armadilhas. Súbitamente, em uma curva do caminho, deu de rosto com Fred Crowny.

James quiz continuar, mas o outro, com um sorriso de mofa nos lábios, avançou para êle.

— Ah! Ah! Hobson ! Como a gente se encontra, hein ?

— Deixa-me tranquilo !

— Que péssimo carater !

— Falas do teu, Crowny ?

— Talvez . . . Em todo o caso, desejo aproveitar a oportunidade para livrar-me de ti, de uma vez por todas.

James sobressaltou-se :

— Hein ?

Os olhos do bandido brilharam.

— Não sei onde estou que não te abato, com um tiro.

James levantou as espáduas :

— Não digas tolices . . . Se o fizeres, o delegado não tardará a prender-te e irás acabar os dias na extremidade de uma corda.

— Fred Crowny, cégo de raiva, tomou o fuzil e fez pontaria para o adversário.

Este, crendo que o outro procurava apenas amedrontá-lo, pôs-se a rir.

— Não me impressionas, eu . . .

Não poude acabar. O bandido, incapaz de conter-se mais tempo, puxára o gatilho.

Ouviu-se uma detonação e James caiu ao sólo, atingido na cabeça.

Fred Crowny empalideceu.

Tradução de

AMAURY PORTO DE OLIVEIRA

— Matei-o ! — balbuciou.

Não que êle sentisse remorsos, mas temia as consequências de seu ato.

— E' preciso simular um acidente. — disse de si para si.

Apanhando o fuzil de James, deu um tiro para o ar e, em seguida, colocou-o junto ao corpo de maneira que se poderia, supôr ter sido o próprio James, quem, acidentalmente o disparára contra si mesmo.

Terminados esses preparativos, o assassino apressou-se em desaparecer.

Momentos após, um grupo de lenhadores descobriu o corpo. James não tinha sido morto; perdera unicamente os sentidos.

— Ter-lhe-ia acontecido um acidente. — disse um dos lenhadores.

— Sim, seu fuzil parece ter disparado sózinho.

— Contanto que êle escape !! . . .

— Levemo-lo para casa, enquanto um de nós vai à vila procurar o médico.

Quando Whip viu chegar o dono, ferido, pareceu desesperado e se pôs a lamber-lhe o rosto com carinho. Depois, de um salto, abandonou a cabana, com grande espanto dos lenhadores e desapareceu a toda velocidade.

— Aonde irá ?

O cão, após ter farejado o dono, compreendera o sucedido. Seu instinto lhe dizia que se James estava naquele estado devia-o a Fred Crowny.

Após uma corrida louca através da floresta, chegou à cabana de Fred. A janela estava aberta. Ele não hesitou; saltou para o interior e abateu-se sobre as espáduas do bandido, que, pegado de surpresa, perdeu o equilibrio e caiu no chão.

O cão mordeu-o cruelmente nas mãos, nas pernas, no rosto.

Fred procurou inutilmente defender-se. O animal era mais forte e estava enfurecido.

Mais surpresos ficaram os lenhadores quando viram o cão regressar minutos mais tarde. Parecia estafado e deitou-se a um canto do quarto.

Nesse momento, James Hobson abriu os olhos.

Os lenhadores o interrogaram :

— Foi um acidente, James ?

O ferido sacudiu a cabeça :

— Não, um crime . . .

— Um crime ? !

— Fred Crowny alvejou-me.

A indignação dos lenhadores foi tal que três dentre eles resolveram ir imediatamente à casa de Fred para entregá-lo ao delegado.

Mas quando chegaram à cabana um espetáculo trágico os esperava. Fred jazia sobre o soalho, a garganta aberta . . .

Estava morto !

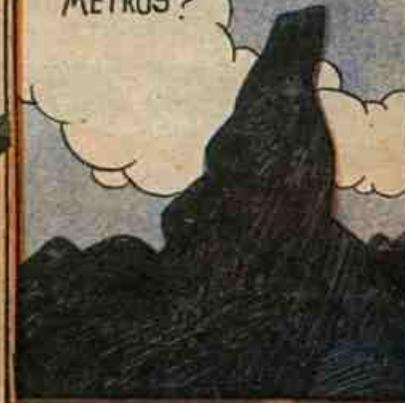
Nunca se soube quem matou o bandido. Mas James Hobson, que se restabeleceu rapidamente, não teve grandes trabalhos para advinhar que o miseravel fôra castigado por Whip, que, na ocasião, se erigira em justiceiro.

James, todavia, cuidou de não revelar sua descoberta a quem quer que fosse.

VOCÊ SABIA?

QUE O EDIFICIO MAIS ALTO DA EUROPA E' A CATEDRAL DE ULM, ALEMANHA, CUJÁ TORRE MEDE 175 METROS DE ALTURA?

QUE O PICO MAIS ELEVADO DO MUNDO É O MONTE EVEREST CUJA ALTURA E' DE 8.700 METROS?

QUE O PICA-PEIXE ZOMBETEIRO DA AUSTRALIA IMITA COM O CANTO A VOZ E PRINCIPALMENTE O RISO HUMANO?

QUE O FAMOSO EDUCADOR FRANCÊS LOUIS BRAILLE, CRIADOR DO CONHECIDO ALFABETO PARA CEGOS QUE TOMOU O SEU NOME, ERA TAMBEM CEGO DESDE A IDADE DE TRÊS ANOS?

PAULO AFFONSO

COMO VIVEM AS FORMIGAS

A formiga, como a abelha, é um inséto himenoptero, e também vive em grandes colônias. No desenho à esquerda podemos ver as galerias que conduzem ao interior de um formigueiro onde estão as larvas, que são esmeradamente cuidadas pelas obreiras. Entre as formigas, como entre as abelhas, há rainhas, zangões, embora não se dê êste nome aos machos da formiga e obreiras.

A formiga passa por diferentes metamorfoses. Do ovo nasce a larva, que se transforma em ninfa, e depois em inséto. O princípio de uma colônia de formigas lembra o de uma colméia. De certos ovos nascem rainhas e machos e de outros as obreiras. As rainhas possúem asas e voam. As obreiras não teem porque não precisam para o seu trabalho.

Quando as fêmeas, depois de terem voado algumas horas, voltam ao formigueiro, são despojadas das asas pelas obreiras e levadas para as galerias, onde ficam ocupadas a pôr. O que se costuma chamar "ovos" de formiga são uns pequenos casulos que conteem uma pequena formiga já formada e prestes a sair dêsse invólucro.

Além da constituição dos ninhos, da criação e alimentação das larvas, as obreiras são encarregadas de defender e alimentar a colônia. Um formigueiro é uma verdadeira cidade em que todos os habitantes se compreendem, se ajudam, distribuindo o trabalho, e vivem sem desordem e sem conflitos na ausência de qualquer soberano. O interêsse comum é a única lei.

As formigas teem grande predileção pelo mel. Os aphis são os insétos vulgarmente chamados pulgões, parasitas dos arbustos, e das ervas, de cujo suco se alimentam, transformando-o em mel. As formigas os criam e os encerram em verdadeiros currais. Para sugar o mel, a formiga acaricia-lhe o corpo com as antenas, como quem ordenha uma vaca.

AMA AS AVES

A' sombra dum arvoredo
não sejas, não, caçador:
quem mata por gôsto as aves
é malvado e pecador.

Os ninhos onde se criam
e cantam as avesinhas,
são bemditos como os berços
que embalam as criancinhas.

E' a dôr mais lancinante
a dôr da mãe desgraçada
que ao vêr o filhinho morto
sente a alma esfacelada.

E as aves, se não teem alma,
sofrem como quem a tem.
Não as mates, não, que as aves
são filhas de Deus, tambem.

TERROR NA

A LAGÔA da Pataria fica situada numa grande planicie, lá longe, no sul.

São numerosos os animais que vivem nas suas proximidades e a visitam. Os que costumam vir uma vez por dia, veem sempre uma vez; os que veem de manhã e à tarde, veem sempre duas vezes, salvo se houver alguma coisa grave que os impeça. A regularidade dos costumes é realmente assombrosa, entre os animais. Todos chegam alí a horas fixas, demoram o mesmo espaço de tempo e bebem cada qual por seu turno, entrando em fila direitinho, pois o respeito pela jerarquia e pelos direitos alheios é coisa que ninguem deve deixar de reconhecer.

Alí bebem vacas e cavalos, bentevis e caturritas, gaviões e côrvos, queroqueros e patos bravos, garças e beija-flôres, galinholas e perdizes, lagartos e corujas, tatús e gatos do mato, macacos, sabiás e preás, enfim, todos os moradores da vasta região, sem que nunca surgisse entre eles a menor desavença ou complicação, pois todos respeitavam mutuamente os direitos alheios.

Os outros animais que visitavam a Lagôa constituiam diversas especies viajeiras, que aproveitavam aquela solitária e sempre funda bandeja cheia de água, como um verdadeiro hotel. Porque é indiscutivel que os animais que viajam dispôem tambem de hoteis, embora não encontrem sempre neles as comodidades e alimentos desejaveis. São, entretanto, hoteis muito baratos, já que neles nada se paga absolutamente, e são muito antigos. Os clientes não necessitam que ninguem os informe nem convide. Quando iniciam suas viagens, parece que já sabem de cór a lista dos hoteis disponiveis na travessia, e a posição exata de cada um deles.

Eram hóspedes da nossa Lagôa, em contínuas viagens através da região, os biguás, os patos negros, as cegonhas e outras especies aquáticas. Esses viajantes chegavam fatigados e sedentos e, ao mesmo tempo que bebiam com prazer um pouco de água fresca, comiam algum bichinho que aparecia, limpavam as plumas e descansavam o tempo indispensavel antes de prosseguir no largo vôo.

Aquela existência tranquila e aprazivel se prolongava havia muitos anos ou séculos, sem que nada alterasse os hábitos e costumes dos moradores, quando, num dia de primavera, fez sua aparição pelas imediações um grande Nhandú, velho, magro e feio e de plumas bastante mal tratadas.

Êste foi o acontecimento mais importante que recordam os antigos conhecedores da Lagôa, que bem se poderia chamar laguna, lagoinha ou laguinho, pelas suas diminutas proporções.

Na primeira vez que apareceu, o velho Nhandú avançou resolutamente, dando assovios e agitando as asas, e quando se achou a uns quarenta passos da margem se deteve e contemplou o espetáculo, como que encantado com o descobrimento feito.

Os demais animais, ao vê-lo, contemplaram-no fixamente, como que a perguntar o que desejava alí. Logo desconfiaram de que êle estivesse com fome; mas o que não podiam explicar é que justamente naquele lugar êle esperasse encontrar alimentos adequados ao seu bucho.

O mais grave do caso foi que o Nhandú se adiantou cada vez mais, cada vez mais, até chegar à beira da água e beber, e quando acabou de saciar a sêde e de lavar os dedos, em vez de ir embora, ficou tomando fresco e só se retirou quando escureceu. No dia seguinte, pouco depois de clarear o dia, já lá estava o Nhandú novamente, passeando pelas imediações.

E no dia seguinte, a mesma coisa.

LAGÔA

(Adaptado de um conto de Vigil)
Por M. M. Eme

AS GARÇAS, naturalmente, não se preocupavam com êle. As especies palmipedes viajantes que chegavam de passagem, tambem não sentiam qualquer inquietação: os pequenos mamiferos que vinham beber alí, mostravam a maior indiferença, mas os patos observavam-no com curiosidade crescente e não sem certa inquietação.

Uma pata velha, quando via o Nhandú aparecer, cravava o bico no pescoço e se punha a pensar que é que andaria fazendo aquele camarada, porque, como dizia ela, coisa bôa não podia ser, já que não era coisa corrente e natural.

Que poderia procurar aquele individuo de ar insolente, em tôrno da lagôa?

Era pescador? Não. Nadava? Tomava banho? Tambem não. Bebia frequentemente? Comia bichinhos da água? Não. Então, por que andava sempre em volta da lagôa?

A pata começou a comentar, aos gritos, a presença do intruso, e pouco depois estavam todos os patos reunidos em assembléia debaixo de uma das grandes árvores.

— Quando foi que se viu um Nhandú por estas bandas? — perguntou a pata rabona.

— Antigamente — respondeu um pato velho, talvez o mais velho do bando — não se via um Nhandú só, mas dezenas deles, grandes e pequenos; mas depois se acabaram e, realmente, êste, não sei de onde póde ter saído nem como veio ter aquí.

— Eu penso — disse outro pato — que êste é um que estava lá muito longe, perto de certa casa, entre galinhas e patos de quintal.

— Nêste caso — exclamou uma patinha muito nervosa — trata-se de um fugitivo... Quero dizer que, ou fugiu do galinheiro, ou puzeram-no de lá para fóra, por causa de seus máus instintos.

— Em resumo — disse outro pato — que é que se decide?

— Vamos expulsá-lo! — exclamaram em côro muitos patos.

— Sim, é isso! — disse o mais velho, aquele que tinha falado primeiro; é muito fácil dizer, mas quem é que se encarrega de ir fazê-lo?

— E mesmo que algum de nós se decidisse a ir expulsá-lo, que é que um Nhandú liga a uma ordem de pato?

— Proponho — gritou uma pata gorducha — que a senhora Pata Rabona, que é a mais alarmada de todos nós, se encarregue de perguntar ao Nhandú se deseja alguma coisa aquí, e o que é; e que lhe faça saber que por aquí não há dos bichinhos de que êle gosta.

Esta decisão foi aceita por todos. E como justamente o Nhandú ia cada vez mais diminuindo a distância que o separava da Assembléia, optaram todos por considerá-la terminada e lançar-se à água, o que efetivamente foi feito.

POUCOS dias transcorreram quando, certa manhã, a Pata Rabona se encheu de coragem e decidiu cumprir o encargo que lhe tinha sido dado, satisfazendo, ao mesmo tempo, uma terrivel preocupação que lhe vinha roubando o sôno.

Aproximou-se, pois, pouco a pouco, do Nhandú, e no fim de duas horas de hesitação e preparação de terreno, saudou-o com uma inclinação de pescoço e disse:

— Que milagre, senhor Nhandú! O senhor por êste bairro!

— Milagre, não — respondeu o nhandú em tom sêco. — A senhora bem sabe que venho aquí todos os dias.

— E' verdade, senhor Nhandú, que o vejo vir todos os dias; mas o que eu

queria dizer que é milagre, é que o senhor venha para estas bandas, onde passa horas e horas sem se alimentar, porque aquí nada há que possa servir para o senhor.

— Parece que não há nada — disse o intruso —; mas eu sei que há. A questão é ter paciência.

— E porque não vai para o campo, procurar seus bichinhos?

— Porque não tenho fome.

— Que coisa interessante, não sentir fome de manhã cêdo!

— E' que... sabe? ontem eu comi que foi uma barbaridade! Quando passou a nuvem de gafanhotos...

— Que interessante, o senhor comer tanto gafanhoto, quando eu não vi nenhum...

E a pata baixou inda mais o bico contra o pescoço, e ficou calada e assustada, tão assustada que, sem poder pronunciar uma palavra mais, se foi embora para o outro lado da laguna.

DEPOIS de muito tempo a pata recuperou o uso da voz, e começou a chamar o pessoal para nova reunião.

Acudiram todos, para ouvir o resultado da embaixada, e ela lhes narrou o pouco que tinha conseguido saber do Nhandú acrescentando que, quanto a afastar-se dalí, nem valia a pena se pensar nisso. Acabou referindo-se aos gafanhotos.

Aquela falsa história da nuvem de gafanhotos ainda aumentou mais o receio e a desconfiança de todos. Tão sensacional acontecimento teria alvoroçado tôdas as espécies comedoras de bichinhos, que são numerosas, e era impossivel ter passado alguma nuvem desses terriveis inimigos das lavouras, sem que ninguem alí tivesse notado: só o Nhandú misterioso.

O Nhandú mentia e mentia para ocultar algo importante. Os patos não podiam compreendê-lo, mas não desistiriam facilmente de conseguir seu propósito.

Um triste pressentimento lhes anunciava que a tranquilidade da lagôa seria perturbada. Estavam a chegar os dias do nascimento dos patinhos. Patas e patos os esperavam com ternura e alvoroço... Que prazer, vê-los nadando junto com eles! Que alegria vê-los fartar-se de bichinhos no lugar em que eles sabiam que êstes abundavam!

Mas o Nhandú continuava em seus passeios em tôrno da lagôa, sabe-se lá com que propósito sinistro!

POUCOS dias depois apareceu Pata Rabona com o marido e nove lindos patinhos. Era um encanto vê-los. Pareciam nove pompons amarelos com patinhas. Corriam, gritavam, nadavam, todos em fila atrás da mãezinha que os contemplava orgulhosa e feliz.

Mas uma nuvem obscurecia o sereno céu daquela familia: o Nhandú.

A pata deixou os pequenos com o marido, à beira d'água, e se aproximou de novo do intruso, que olhava para eles com um olhar que causava medo.

Ao aproximar-se a pata, o Nhandú se fez de bobo e distraído.

— Que anda fazendo aquí, senhor Nhandú? — ela perguntou.

— Não vê que procuro algo? — respondeu êle, começando a bater com o bico no capim.

— Isso, vejo. Mas vejo que não acha nada.

— Eu tambem não vejo o que a senhora vai fazer por aí, e nada lhe pergunto. Já vi a senhora em cima de uma árvore. Será que a senhora agora é passarinho? Já a vi metida nos ninhos das cordonizes. Será, a senhora, agora, cordoniz?

— Os ninhos velhos eu sempre os aproveito, disse a pata. São ninhos abandonados. Creio que com isso não faço mal a ninguem, uma vez que não os destrúo, se não estão sendo usados, nem, como nada neles.

— Pois eu tambem não estou fazendo mal a ninguem, já que sou sózinho, não tenho família, e venho dar minhas voltinhas para me distrair, nêstes lugares tão bonitos...

— Ah! Não tem família, é?

— De tantos que eramos, nêstes campos, fiquei eu sózinho. E se me aproximar muito lá de cima, do campo alto, terei a mesma sorte dos meus parentes.

— E qual foi essa sorte?

— Foram todos mortos...

— Algum bicho feroz?

— Nada disso! Os homens! Eu me salvei porque era criancinha. Eles me pegaram e meteram num galinheiro,

onde tambem havia patos e patinhos, aliás bem bonitinhos... e...

Bem... Um dia eu fugi do tal galinheiro e por aquí ando, cavando a vida, conforme posso.

— Quer dizer que veio para aquí pra se esconder?

— E para me consolar.

— Isso está bem. Mas, e quando come o senhor?

— Quando posso.

"Isso é o que não entendo muito bem" — pensou a pata; mas preferiu calar-se. Chamou os nove patinhos

contou-os e se pôs a andar, acompanhada de todos, em volta da lagôa. Quanto ao marido, foi tratar de seus negocios.

Depois de caminhar um certo pedaço, a pata se deteve e tornou a contar os filhinhos. E, oh! surpreza! Eram apenas oito!

Gritou, olhou para todos os lados, retornou ao ponto de onde tinha partido e tomado banho com eles, chamou, chamou o patinho e nada! Só achava oito. Faltava um.

O Nhandú, com cara de bôbo, olhava a água da lagôa, e de espaço em espaço bicava o chão do campo.

A desgraça foi conhecida em poucos minutos por todos os patos, mas nem todos atribuiam o crime ao Nhandú. Alguns asseguravam que tinha sido um gambá, outros que devia ter sido a raposa. Não faltou mesmo quem dissesse que a pata se tinha enganado na conta, que sempre tivera apenas oito filhos, e não nove...

— De modo algum! assegurou a pata Rabona. Aqui está meu marido, que póde afirmar: — eram nove, nove, noves-fóra nada! (Disse isto porque se lembrou de quando estava na escola) Agora são oito, oito, oito... Alguem me roubou um, e esse alguem só póde ser o Nhandú, esse cara de bandido que vocês, os patos, não tiveram coragem de mandar embora daquí.

Respeitando a dôr daquela pobre mãe os patos nada disseram. Chegou a noite e o bando foi dormir, como de costume, nos álamos.

Na MANHÃ seguinte, antes de entrar na água, a pata contou os filhos: eram oito.

— Para a água! — gritou ela. E foi a primeira a se atirar na lagôa. Era um encanto vêr os garotinhos entrando em fila, atrás da mamãe, como se fossem tomar o ônibus. Brincaram um pouco, e tal, e logo ela os fez formar em redor de si para tornar a contar: só achou sete!

O Nhandú olhava distraido para outro lado, mas, apesar da sua atitude inocente, a pata desconfiava dele, e isso mesmo disse ao marido.

— Não sáias da água, com as crianças, até que êle se vá embora — disse o pato. Eu tenho que ir ao outro lado, já sabes onde. Hoje a pesca lá é abundante.

A pata esperou, esperou, esperou, e como o Nhandú não dava sinal de que ia embora, reuniu os filhos e lhe disse.

— Atenção, meus anjinhos. Os perigos que nos rodeaim são imensos, são espantosos! Dos nove que vocês eram, só sete estão aqui... Parece que a terra ou a água os tragou, coitadinhos! Vamos... vêr quantos são, agora.

E contou. Eram sete, mesmo.

— Bem — acrescentou. Prestem bem atenção ao que vou dizer. Vamos saír todos juntos, em fila, e logo que pisemos na margem, começaremos a andar. Ninguem se detenha! Sigam-me, sempre, e ligeiro!

Assim disse e assim foi feito. A pata se pôs a andar depressa, movendo-se para um lado e outro, como uma senhora gorducha e capenga com uma cesta ao braço. E os patinhos a seguiam, sem siquer sacudir a água da penúgem, para não se atrazarem.

Quando a pata já não podia de cansada, deteve-se e contou os filhos. Eram seis!

— Falta Manoelzinho, o que vinha no fim da fila! — gritou, brincalhão, um dos meninos-patos.

— O caso não é para rir — exclamou aflita a pobre mãe. E' uma coisa muito séria! Eram nove, e agora não são mais que seis!

A PATA desconfiava cada vez mais do avestruz. Mas não podia pôr as asas no fogo, apostando que era êle quem comia os patinhos, pois não tinha visto.

— Não andará por aqui uma raposa? — perguntava a si mesma. — Ou algum gambá?

Suas precauções aumentaram. Explicou aos filhos restantes que precisavam ter o maior cuidado e que nenhum devia ficar atrazado na marcha.

— Lembrem-se do que sucedeu ao pobrezinho do Manoel...

E, detendo-se, com o bico cravado no papo, começou a olhar fixamente o Nhandú que, como de costume, se fazia de bôbo e bicava o pasto, sem comer nada.

Seu aspecto hipócrita e sonso bastava, teria bastado, desde o primeiro dia, para denunciá-lo. Mas a patinha custava ainda a aceitar a espantosa realidade. A ausencia do marido,

que andava de viagem pelo outro lado, contribuiu para aumentar a dôr da desditosa mãe. Com cinco patinhos, aproximou-se do Nhandú e disse:

— Sabe o que me aconteceu?

— Não, madame... — respondeu o brutamontes.

— Quer dizer que o senhor... ignora a minha desgraça?

— Ignoro, madame...

— Pois saiba que dos meus nove patinhos já não restam senão cinco!

— Devéras?! Pois não tinha reparado!

Antes de entrar na lagôa, contou-os: eram seis. Enquanto nadavam e comiam bichinhos, contava-os a cada instante. Eram seis. Ao saír da lagôa tornou a contar e como o Nhandú estava para a direita, seguiu para a esquerda. Caminhou apressadissima um bom trecho, deteve-se arquejando e tornou a contar. Só achou cinco!

— Falta Chiquinho! — disse um dos pequenos. Vinha na rabada da fila.

— Que foi que eu disse? — perguntou a mãe, cheia de dôr. Eu avisei que não ficasse nenhum para trás!

Quando a infeliz acabou de acalmar-se, e poude andar alguns passos, deu-lhe vontade de contar os filhos novamente. E só achou três!

— Não póde negar, agora! — gemeu, desesperada. Você é quem devora meus queridos filhos!

— Aí vem seu marido — disse, como unica resposta, o Nhandú.

A pata olhou para a água. Vinha, com efeito, o marido nadando para aquele lado. Mas quando ela voltou o bico e contou os patinhos, só achou dois!

— Parece incrivel — disse, no auge do desespero — que haja no mundo seres tão malvados e de tão duro coração. Você gostaria que eu comesse, assim, os seus filhos? Vamos, meninos. Ponham-se um de cada lado de mim... Vamos para a água. E' horrivel! Só mesmo dentro da lagôa estaremos seguros.

E se afastou, pressurosa, com as asas abertas. Mas, quando chegou à margem, viu que estava só. Os dois últimos patinhos tinham desaparecido. E o odioso

— E fique sabendo que, assim que descobrir quem é o assassino e ladrão dos meus filhos, o típo me pagará caro!!

O Nhandú olhou para ela com dois olhinhos que eram duas bolinhas de gude e não disse uma palavra mais.

Desesperada, a pata deu meia volta e se foi. Mal tinha andado alguns metros voltou-se, para contar os gurís. Só encontrou quatro!

Tornou a voltar para junto do Nhandú e lhe disse, furiosa:

— Você é um assassino, um "gangster", um canalha! Por que não se atreve agora, diante de mim, a tocar num dos meninos?!

— Siga seu caminho, minha senhora, e não procure encrencas. Siga seu caminho e não me provoque porque, bico contra bico, e patas contra patas, já sabemos quem póde mais. E eu não gosto de dar em mulheres...

— Vou chamar meu marido, e veremos! — balbuciou a infeliz.

Ao ouvir seus desesperados gritos, todos os patos a rodearam, comentando o ocorrido em alta voz:

— Eeeeeeek... Eeeeeeek... Uaaaaaab... Uaaaaaab! — gritavam.

Nhandú se afastava, passo a passo, pelo campo a dentro.

AQUILO era um verdadeiro crime. Todos os patos se reuniram e começaram a gritar:

— Eeeeeeek!... Eeeeeeek! — o que queria dizer:

— Engole-patos! Engole-patos — e era o mais horrivel insulto quê podiam imaginar para um Nhandú.

O criminoso se deteve, olhou-os e soltou um assovio.

Era o cúmulo do desprezo pelos patos.

Mas o fato é que aquele apelido lhe ficou para sempre. Quando êle aparecia e os patos o avistavam, reuniam suas vozes e começavam a berrar, num côro ensurdecedor:

— Eeeeeeek! Eeeeeeek! — ou seja: Engole-patos! Engole-patos!

E voavam em bandos, para longe.

Engole-patos compreendeu que, agora, era inutil perder tempo na lagôa. Se continuasse esperando alí, morreria de fome.

Por outro lado, aquela história de "engole-patos" não só o aborrecia como prejudicava. Estava ficando conhecido, desacreditado, e outros animais começavam a gritar desaforadamente quando êle se aproximava, como se se tratasse de uma terrivel féra. Os bentevís, os "joão-de-barro", por exemplo, mal o avistavam, começavam uma algazarra infernal. Qual era o bichinho que, ouvindo aquilo, não se punha logo de sobreaviso? Aquilo era mais do que o simples descredito: era a fome!

Dir-se-ia que todos os animais estavam inteirados da desgraça de Pata Rabona e se dispunham a contribuir para o castigo do assassino. Já não havia bicho de pêlo ou de pena que soubesse gritar, que, ao vêr o Nhandú, não desse o alarme, aos berros:

— Engole-patos! Engole-patos!

Diante de tamanho escândalo, todos os bichinhos comiveis disparavam e se escondiam e Engole-patos não encontrava um bichinho, que fosse, para mandar para o bucho.

Andava, por isso, o miseravel, cada vez mais magro. Por outro lado, depois de ter comido aquele manjar que lhe parecêra os patinhos, não podia tragar outros bocados, mesmo com a fome danada que tinha. Contudo, não era o caso de poder escolher, pois tudo o que era engulivel se tornou para êle manjar proíbido.

A maior parte dos dias, enchia o bucho com pedrinhas da beira d'água, pra enganar a fome. E assim o tempo foi correndo.

NA PRIMAVERA seguinte, Engole-patos não apareceu na lagôa. Os goelânos realizaram vôos de inspecção pelos arredores, para saber por onde andava o temivel Nhandú. Pairavam no espaço e ficavam, de binóculos, a olhar para baixo... E depois de alguns dias de exploração do terreno, encontraram-no, morto, enredado entre arames.

Com certeza tinha querido passar pela cerca de arame para ir para outro campo, aguilhoado pela fome. Mas, como estava tão magro e era um camarada raivoso, neurastênico, afobado, tinha ficado atrapalhado sem se poder safar daquela armadilha. E morrêra de sêde, de fome e de raiva, com uma carrada de pedras no bucho e com sua cara de assassino mais antipática do que nunca.

Todos os patos voltaram, então, quando se espalhou a notícia, à lagôa, gritando, alvoroçados:

— Eeeeeeek! Eeeeeeek! Uáuáuáuáuá!!! — o que queria dizer:

— Acabou-se o Engole-patos! Acabou-se o Engole-patos!

E, desde então, a vida na lagôa voltou a ser pacífica e ditosa como antes.

AVENTURAS DE CHIQUINHO

Naquele dia, véspera de Natal, Chiquinho, Benjamin e Lili estavam muito contentes, como ficam todas as crianças nêsse grande dia, porquê é a época das "festas", dos presentes, das castanhas, rabanadas e outras cousas de que vocês todos gostam.

Quem não estava muito satisfeito era o Jagunço, coitado! Lá no fundo do quintal, sentado na posição que vocês estão vendo, lastimava-se da "vida de cachorro", pensando que, apezar de vigiar o sôno dos homens, não tinha, como êles, um Papai Noel que o recompensasse.

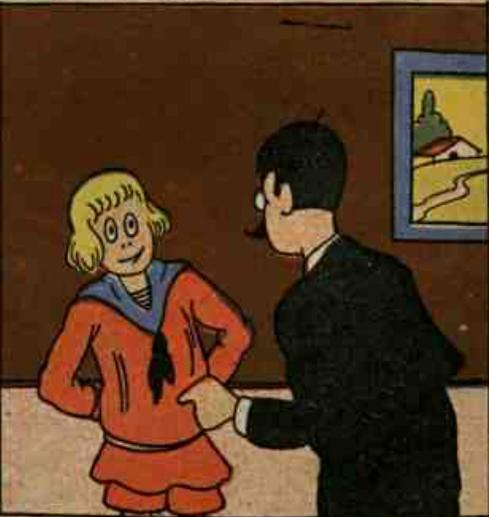
Tão ansiosos estavam os garôtos que muito cedo foram para a cama e ferraram no sôno. Tarde da noite, a mamãe de Chiquinho levantou-se e foi receber o Papai Noel, que, como sempre, trazia uma porção de presentes. O velhinho quis logo saber como haviam andado os meninos durante o ano, e a mamãe tudo informou direitinho.

E o bom velhinho começou a distribuição. Bem cedinho, todos acordaram. Benjamin, que durante o ano foi muito vadio, contava ganhar uma porção de brinquedos, no seu quarto, só encontrou livros escolares, e um bilhete do Papai Noel, dizendo que estudasse bastante e esperasse os brinquedos no outro Natal.

O Jagunço que tanto se lastimára tambem não foi esquecido. Lá estava no quintal uma confortavel casinhola para êle, mas não gostou nada quando viu no chão uma forte corrente, que certamente iria servir para prendê-lo, evitando assim as suas fugas para a rua, onde ia vagabundar com os outros cães.

O Chiquinho, que apezar das travessuras feitas durante o ano, foi muito aplicado nos estudos, ganhou muitos livros bons, e uma grande arvore de Natal, apinhada de brinquedos. Ali, só faltava uma bicicleta que era o seu maior desejo. Mesmo sem ela, pulou de contente por ter ganho tanta coisa bôa.

Menino de bom coração como devem ser todos vocês, apezar de ser traquinas, Chiquinho de repente se lembrou de qualquer cousa, e sem dizer nada a ninguem, aproveitando a distração dos outros, saiu apressado para a rua. Que diabrura iria arranjar o nosso héroi. Qual seria a nova aventura?

Aqui está, admiradores de Chiquinho. Lembrando-se das crianças pobres, humildes e desprotegidas, Chiquinho foi buscar alguns garôtos, da visinhança e com êles distribuiu brinquedos em quantidade. Vocês não podem calcular o contentamento e a gratidão daquelas crianças ao Chiquinho que, assim, foi o Papai Noel dêles.

Seu papai, quando soube de tão bela ação, praticada pelo filho, ficou tão contente que prometeu dar-lhe no dia seguinte a tão desejada bicicleta. Nesta historia, meninos, fica mais uma vez provado que aquele que semeia o bem, mesmo sem esperar recompensa, mais cedo ou mais tarde não deixará de ser recompensado.

RÊCO-RÊCO, BOLÃO E AZEITONA

NO DIA SEGUINTE

PESSOAL! EU TENHO UM ÓTIMO PLANO; COMO VOCÊS SABEM, ONTEM À NOITE CHOVEU MUITO, AS ÁRVORES ESTÃO MOLHADAS, ENTÃO...

QUANDO os homens da antiguidade inventaram a escrita sonharam logo com a possibilidade de reunir em táboas, rôlos ou livros as suas idéias e conhecimentos, para o fim de os transmitir às gerações que os succedessem.

Faltava-lhes, no entanto, um meio prático para atingir o ideal sonhado. Era o papel. As táboas, as laminas de pedra, não pareciam ser o material próprio para guardar tesouros dos que se dedicavam aos estudos. Quebravam-se com facilidade e sua reconstituição requeria muitas vezes trabalhos prolongados. As raras bibliotécas que existiram antes da descoberta do papel possuiam número bem pequeno de táboas ou tijolos nos quais estavam impressas as mais preciosas obras dos escritores notaveis. A descoberta do papel veio criar essa maravilha estupenda que é o livro. Tudo o que os sábios adquiriram nas horas de estudo, tudo que foi pensado pelo cerebro humano que meditou um pouco está hoje escrito no livro. Graças ao livro, vocês, crianças, adquirem conhecimentos de todos os ramos do saber humano.

Um livro é mais do que uma maravilha, é um tesouro, sempre ao alcance dos que teem sêde de saber, sempre pronto a levar luz às inteligências. Um grande educador brasileiro afirmava aos discipulos que um só livro valia mais do que um majestoso monumento. A frase impressa no livro tinha mais fôrça do que a estatua modelada no bronze. A pena, manejada ao serviço da história do mundo, tinha mais valôr do que a espada poderosa. Bendigam vocês os que escrevem livros, os que legam à posteridade, nas fôlhas impressas, todas as idéias, todos os conhecimentos para o bem estar da humanidade.

OS OLHOS DA

ERA uma vez uma princesinha muito bonita chamada Julieta. Logo ao nascer, recebeu ela no palácio maravilhoso de seus pais a visita de todos os anões e de tôdas as fadas.

De todo o reino, que era um vasto país muito rico e muito belo, chegaram os presentes mais valiosos, trazidos no lombo de camelos ajaezados de prata e ouro e de enormes elefantes da India.

Na camara da rainha, dia e noite chegavam fadas e genios, que traziam dons e graças especiais à princesa que acabara de nascer.

Em geral as fadas prodigalizavam à princesa presentes que os homens não lhe poderiam proporcionar: eram dons que elas ofereciam. A fada das Camelias, por exemplo, ofereceu-lhe o don de sentir-se imediatamente feliz tôda vez que na cabeleira da princesa houvesse um botão de camelia. Um anão, que para olhar a princesa no berço teve que pedir o auxilio de um criado para erguê-lo no ar — deu à recem-nascida um espelho através do qual ela poderia, quando fosse moça, conhecer todos os ensinamentos da arte de se tornar ainda mais bela. Todos êsses presentes e todos êsses dons eram sem conta — e eu perderia muitos dias a escrever, se quizesse apenas enumerá-los a vocês nesta história.

Houve uma fada, porém, que não trouxe presentes nem ofereceu dons. Ela, que já estava muito velha, subiu as enormes escadas do palácio para "dizer uma coisa". Vinha fazer uma revelação, vinha apenas dizer uma noticia sôbre o futuro da princesa Julieta. Quando se espalhou no palácio o objetivo dessa visita, logo acorreram ao quarto da rainha os camareiros, os cortezãos, as damas de companhia, os sacerdotes, os fidalgos e até mesmo o rei, para ouvirem a grande revelação que a fada haveria de fazer.

No silêncio completo que se estabeleceu nos aposentos da rainha, a voz da fada se ergueu, na cabeceira do berço, para predizer que Julieta somente se casaria com o rapaz que descobrisse a diferença entre os seus belos olhos.

Logo correu em todo o quarto um murmurio de espanto, enquanto a rainha, retirando a criança do berço, mirava-lhe inquieta as pupilas azues que eram absolutamente iguais. E duas lágrimas correram logo na face da rainha, porque ela, num relance, compreendeu que aquela profecia da fada nada mais era do que a confissão de que Julieta nunca se casaria, porquanto ninguem poderia descobrir diferenças em órgãos que eram absolutamente semelhantes.

Aproveitando a confusão que se estabeleceu no aposento, a fada desapareceu imediatamente, e foi esconder-se na floresta, no misterioso jardim todo florido em que morava. E foi bom que tivesse desaparecido logo, porque a rainha, ao contemplar os olhos de Julieta, quiz nesse mesmo instante interpelar a fada. Mas esta, que dispunha de dons celestes, já se achava, nesse momento, recolhida sob as pétalas de rosas de sua casa na floresta...

Os anos se passaram — e Julieta foi crescendo, num permanente aprimoramento de belesa. Seus cabelos louros e crespos desciam sôbre os ombros, e eram incomparáveis, e destacavam, como moldura do resto, uma pele muito alva e os dois olhinhos azues, absolutamente iguais, que eram como dois pedaços de céu numa alvura da lua cheia.

Quando completou dezoito anos, houve no palácio uma festa muito grande, que foi falada em todo o mundo. A essa festa compareceram as fadas, os anões e todos os genios que vivem nas florestas e moram na corola das flores silvestres. A noite, quando mais animadas eram as solenidades, e mais rumoroso era o baile no salão do palácio, subitamente cessou a música e os pares se detiveram surpresos em plena sala. E' que nesse instante tinha sido avistada, na porta principal do salão, aquela fada misteriosa que anunciara que Julieta só se casaria com o rapaz que lhe descobrisse uma diferênça entre os lindos olhos azues. Depois dêsse dia nunca mais a tinham visto. E a lembrança da profecia parecia ter desaparecido da memória de todos. Apenas a rainha, uma vez por outra, ao fitar os olhos da filha, se tornava subitamente triste e começava a chorar. Por isso mesmo ninguem falava nesse assunto — e tinha-se a ilusão de que as palavras da fada estavam esquecidas. Mas agora, com a súbita aparição desta na porta principal do palácio, a lembrança de seu vaticinio voltava à memória de todos. Que viera fazer naquela festa? Por que saíra da floresta para encher de temor os convivas daquela casa? A rainha, ao vê-la, ficou tão branca como um vestido de noiva e amparou-se no ombro do rei para não cair de espanto. E no seu rosto duas lágrimas começaram a correr, na antevisão de outra nova cruel. No silêncio que logo se estabeleceu em tôda a sala, elevou-se firme e clara a voz da fada:

— Rainha, não vos aflijais pelo destino de vossa filha! Sei que tendes sofrido, com a recordação das palavras que há dezoito anos eu pronunciei junto ao berço de Julieta. Agora venho anunciar-vos que o rei deverá convidar todos os rapazes de vosso reino para descobrir a diferênça dos olhos da princesa. Aquele que descobrir casará com ela e aqueles que não acharem a desigualdade serão atirados à floresta mais espessa do reino, onde serão devorados por um dragão, como pena por terem contemplado inutilmente a face de uma pessoa real!

PRINCEZA

De todos os cantos do salão elevaram-se os rumores dos comentários — e, rápida como uma luz ténue que o forte vento apaga, a fada desapareceu numa alameda do palácio.

No dia seguinte o rei mandava espalhar em todo o vasto reino, por seus arautos mais graduados, que a mão da princesa seria concedida àquele que lhe descobrisse a diferênça dos olhos. No mesmo instante formou-se em direção da cidade a caravana dos homens que, arrastados pela admiração da belesa de Julieta, que era por todo o mundo conhecida, se julgavam capazes de resolver o estranho problema proposto pela fada.

Era à tarde, numa pequena sala do palácio, que Julieta fazia entrar os seus pretendentes. Rapazes de todos os portes e de tôdas as posições, de todos os lugares e de tôdas as raças, feios ou belos, altos ou baixos eram levados à sua presença. Contemplavam-na durante alguns instantes — e depois, levados pelos guardas do palácio, caminhavam em direção a uma floresta longinqua, onde eram atirados à bocarra do dragão. Nenhum dêles conseguia descobrir a mais leve desigualdade naqueles olhos incomparáveis. Mas aventuravam uma ou outra suposição. Diziam, por exemplo, que a pupila de um era mais azul que a do outro. Mas logo acodiam, armados de complicados aparelhos, os sábios do palácio e revelavam que o azulado era o mesmo nos dois olhos. E havia também muitos rapazes que, extasiados diante da belesa real, se esqueciam inteiramente do problema da fada, e eram retirados da frente de Julieta sem que houvessem reparado numa possivel desigualdade daqueles lindissimos olhos.

No fundo de um vale, numa tarde de Maio, quando andava a recolher poeticamente as ovelhas de seu rebanho — Olavo, um pobre pastor do reino, ouviu pela boca de um amigo a estranha noticia daquele concurso. Uma vez, êle ouvira falar também na maravilhosa belesa da princesa — e nessa mesma noite, depois de abraçar uma por uma as ovelhas recolhidas no redil, Olavo, sem dizer nada aos amigos, ganhou a ampla estrada que levava à capital do reino. Também êle se candidataria à mão daquela pessoa real. Se não descobrisse o segredo do problema, restava-lhe o consolo de morrer depois de ter contemplado bem de perto a belesa de Julieta...

Só muitos dias depois Olavo chegou à cidade. Tudo estava triste, porque os sinos continuamente dobravam pela morte daqueles rapazes que eram lançados ao dragão. Mas, não obstante a quasi certeza de encontrarem a morte, outros homens continuamente chegavam ao palácio para olharem a princesa. Quando Olavo chegou ao portão de entrada, os guardas o fitaram compadecidos e espantados: naquele pastor vestido rusticamente havia um aspecto de belesa varonil, que revelava ao mesmo tempo a bondade e a fôrça. E êles pensaram logo que também aquele rapaz seria lançado em breve à boca do dragão da floresta.

Serenamente Olavo subiu as escadas do palácio. Foi só à tarde, quase anoitecendo, que vieram buscá-lo para entrar no aposento onde se achava a princesa. Julieta o olhou também compadecida e espantada. A beleza daquele rude pastor vestido à moda rustica a impressionou rapidamente — e no seu rosto começaram a descer duas lágrimas de tristesa pela morte próxima daquele belo rapaz de seu país.

Diante dêle, os lindos olhos dela ficaram parados. Antigamente, no fundo do vale, Olavo costumava passar as noites fitando o céu e contemplando as estrelas. Por isso mesmo, quando fixou os olhos de Julieta, poude dominar-se, e contemplou-os com serenidade. Reparou nas pupilas, no formato das órbitas, na côr da menina dos olhos. O rosto da princesa estava parado, revelando que ela também sentia a decisiva angustia daquele instante. E as lágrimas se tornaram mais abundantes na sua face, quando a mão do guarda tocou no ombro do pastor para preveni-lo de que o tempo havia terminado. Mas Olavo, sem dar atenção à advertência, estava deslumbrado — e sorria.

— Princesa — disse êle — podereis enxugar as vossas lágrimas. Eu acabo de descobrir a diferênça entre os vossos olhos. Ordenai que venham à minha presença os sábios do vosso palácio e eu lhes revelarei o segredo do problema.

Imediatamente houve um reboliço no aposento. E pouco depois, três velhos de longas barbas brancas derramadas sobre o peito apareceram no limiar da sala, armados com os seus instrumentos e os seus aparelhos complicados.

— Podeis revelar a vossa descoberta — disseram êles, com um sorriso de incredulidade.

E Olavo, pausadamente, com a vista fixada no rosto de Julieta, respondeu-lhes:

— A diferência é muito simples. E' apenas uma questão de aritmética: é que na pálpebra direita há uma pestana a mais que na pálpebra esquerda...

Os sábios se aproximaram de Julieta e em seguida, com o auxilio de seus instrumentos, verificaram que aquele rude pastor tinha razão. Logo a princesa abraçou-se a êle, chorando de alegria — e os sinos entraram festivamente a tocar, enquanto os arautos se espalhavam pelo reino para proclamar o noivado de Julieta, ao som das trombetas reais e dos tambores de festa.

Marcou-se nesse mesmo dia o casamento, que foi realizado pela primavera, logo que a natureza se cobriu com o tapete das primeiras flores do ano e os pássaros voltaram a cantar nas alamedas do palácio. E isto aconteceu há muito tempo, quando havia fadas sôbre a terra.

JOSUÉ MONTELLO

PRIMAVERA
VERÃO
OUTONO
INVERNO
MIGUEL H.
AS
Estações
DO ANO

MARIA CELESTE descera ao jardim. A manhã ia maravilhosa de luz. Um realejo quebrava o silêncio matinal derramando no ar docemente uma passagem harmoniosa do **Rigoleto**. O sol envolvia num manto luminoso a formosura angélica de Maria Celeste, sorridente nos seus adoraveis oito anos de idade. Apanhara algumas flôres para enfeitar o oratório de Nossa Senhora das Dôres, diante do qual, ao cair da noite, ao lado da mãe solicita e carinhosa, elevava, diariamente, a alma inocente a Deus, que a Ele voava nas asas etérias da prece cheia de unção e de fé. Maria Celeste jurava que Nossa Senhora lhe havia sorrido na véspera, por ocasião da oferta de sua oração ao Pai Misericordioso. E sob essa impressão adormecêra. E que lindo sonho, o sonho que Maria Celeste sonhou! Nossa Senhora baixára do céu e, acompanhada de um grupo de anjos louros, olhos azues cabelos de ouro, que dedilhavam harpas de misteriosa harmonia, a ela se dirigiu. E que ternura no seu olhar! E quê suavidade no seu sorriso! E que doçura na sua voz! "Maria Celeste, disse-lhe a Embaixatriz das Alturas, continúa a ser delicada e bôa para todos e obediente a teus pais. Socorre os necessitados, consola os aflitos, enxuga as lagrimas dos desgraçados. Deus, piedoso e justo, estará sempre contigo e te guiará e te protegerá e te abençoará. Serás feliz, Maria Celeste, na tua doce missão de praticar o bem".

Maria Celeste acordava sempre de bom humor. Nesse dia porém, estava alegre como um passarinho. Na candura dos seus oito anos, compreendia, sem poder explicar, a vibração sonora de sua alma. Sentia-se feliz, e era o bastante. Começou a colher flôres e arquitetar projetos de fazer visitas aos pobres, aos humildes do bairro, levando-lhes o consolo de sua voz amiga e o socorro da sua bolsa dadivosa e discreta.

Um desconhecido que, da rua, a observava de há muito, chega ao portão e chama-a. Maria Celeste atende-o com garridice e bondade. O homem aponta-lhe qualquer coisa vaga e distante que ela procura divisar. Aproveitando um momento de distração de Maria Celeste o individuo agarra-a, ergue-a, prende-a fortemente entre os braços e dispara em desabalada corrida. Maria Celeste grita por socorro, chora, desespera-se. Suplica a Nossa Senhora que a salve. Ouvindo os gritos angustiosos de sua amiguinha, Cipião, o guarda fiel da casa, cão inteligênte e lésto, retesou as orelhas, farejou os ares e abalou como relampago. Já ia longe o raptor de Maria Celeste. Cipião alcança-o, ferra-lhe furiosamente os dentes na barriga da perna, põe-se em seguida, nas pontas das patas e alcança com frenéticas dentadas o rosto do desconhecido. O malvado róla pelo chão. Cipião gruda-se-lhe a uma das orelhas. O desgraçado berra. Gente acorreu de todos os lados. Maria Celeste divinamente pálida, sorri com meiguice, afagando Cipião. O perverso retorce-se na calçada, ensanguentado e acovardado. Maria Celeste é erguida em triunfo pela multidão, que a sabia piedosa e afavel. Cipião abana festivamente a cauda inquieta. O vozeirão que se esparrama pela rua aproxima-se da residencia de Maria Celeste — lar de paz e de ventura. A mãe ansiosa, aguarda-a no portão. Toma-a nos braços, chorando de alegria. Cobre-a incessantemente de beijos. Agradece ao povo, que contempla, enternecido, o sublime quadro da restituição da filha salva e sã à mãe desvelada e amorosa. E Maria Celeste sorrindo:

— Foi Nossa Senhora que guiou Cipião. Vou acabar de colher as flôres para o seu altar. Sua benção, mãesinha do meu coração!

LEONCIO CORREIA

A Lição

CONTO DE GALVÃO DE QUEIROZ

O SULTÃO Ismar-Hamed, poderoso monarca, senhor de exércitos aguerridos e dono da maior porção de terras em toda uma extensão de milhares de milhares de milhas, tinha seu castélo nas montanhas.

Era um palácio riquissimo, com salões ornamentados da maneira mais faustosa, corredores incríveis onde se agitava toda uma enorme multidão de servidores que, a todas as horas do dia ou da noite, estavam prontos até a dar a vida, se preciso fosse, por seu senhor.

Em toda aquela redondeza era conhecida a munificência de Ismar-Hamed, o Sultão, que alguns chamavam, mesmo, "o Bondoso", tanto se interessava êle pela sorte dos que viviam em seu reino, sob sua soberania.

Ora, aconteceu que um dia Ismar-Hamed saíu pelo país em viagem, acompanhado pelos Ministros e pelo Vizir.

Era tradição, que vinha de tempos do seu bis-avô, guerreiro valoroso e governante tambem dos mais austeros, que o Sultão percorresse, cada ano, em determinada época, uma determinada região, e durante essa viagem êle devia observar o que visse, estudar as necessidades do seu povo, interrogar os habitantes sobre o de que mais precisavam, providenciando sem demora, ao regressar, para que todas as necessidades justas fossem satisfeitas.

Ismar-Hamed, desde que assumira o governo do reino, nem uma só vez tinha deixado de respeitar essa tradição. E, sempre que percorria uma parte do país, atendia com alegria aos pedidos que lhe eram feitos, dando sempre mais do que era solicitado, ampliando sempre os beneficios que, como governante, lhe cabia promover.

Aconteceu, porém, que Ismar-Hamed, ao fazer essa viagem, estava apaixonado, e devia casar-se precisamente ao regressar. O povo, que conhecia o romance do Sultão com a linda Zamara, filha de um rico comerciante, augurava e desejava ao jovem par todas as felicidades. E era com ansiedade que se esperava em todo o reino o dia venturoso, em que além de um bom rei habitaria o palácio das montanhas uma raínha que todos sabiam ser boa, caritativa, amiga dos pobres e bela como uma auróra de verão.

Com o coração cheio de amor, sentindo cada dia mais perto o dia de sua grande felicidade, Irmar-Hamed estava tão contente, que desejava ver todos felizes tambem.

E nós sabemos que as pessoas que estão assim, com o coração transbordando bons sentimentos, encontram em tudo, num trecho de música, na beleza simples de uma flôr, na sombra suave de uma árvore mais copada, no canto de um pássaro ou no vôo de um inséto, motivos de júbilo, de encantamento e de emoção.

Ismar-Hamed irradiava ventura. Como todos os que são bons e só praticam o bem.

Ao oitavo dia da viagem, quando a comitiva tinha já percorrido léguas e léguas de estradas e visitado aldeias, e povoações, e cidades, depois de ter estado algum tempo silencioso e pensativo, o Sultão mandou que o Vizir dêle se aproximasse, e lhe falou:

– Meu querido Ali-Ebn, estive a pensar num problema muito sério. E, como de costume, nada quero resolver sem ouvir sua opinião sensata, que tanto me tem valido na solução de assuntos que interessam o reino.

– Ismar-Hamed é o Senhor. Diga, e ouvirei. Ordene, e será obedecido.

– Ali-Ebn, meu amigo, venho notando, desde o início desta nossa peregrinação, que dentre os homens que habitam as cidades, vilas e aldeias, aqueles que se dedicam ao cultivo das artes são todos pobres, nada teem de seu... Meu coração se encheu de tristeza, ao verificar isso. Penso, Ali-Ebn, que não deveria ser assim. Esses homens, afinal, são os que mais se sacrificam, para que a vida seja bela e ofereça encantos de que todos podem gozar. Os que trabalham outros trabalhos, trocam seus esforços por bens, por fortuna, por dinheiro. Nada lhes sái das mãos sem a paga respectiva, e se o fruto de suas várias atividades, de seus múltiplos labores beneficia o mundo, a coletividade, êles recebem a sua parte, pois todos lhes pagam, todos lhes compram o que produzem.

Ali-Ebn, o Vizir, balançou silenciosamente a cabeça, aprovando.

– Agóra, veja que contraste com esses creadores de belezas, os artístas. Vivem pobres. Nada teem. Ninguem lhes dá um ceitil pelas coisas belas que suas mãos, ou seus cérebros, produzem... Quem compra um verso? Ninguem o compra. Mas todos o ouvem estasiados, decoram-no e com sua música e beleza todos se deliciam... As canções que os trovadores cantam noite alta, embalam sonhos de amor, anseios de felicidade. E nada mais custam do que o esforço de alongar o ouvido e acompanhar seu rítmo...

Ali-Ebn, eu quizera achar um meio de reparar essa injustiça...

O vizir, em silêncio, baixou a cabeça e assentiu novamente.

De regresso à capital do reino, Ismar-Hamed, com aprovação dos Ministros, promulgou um Decreto generoso e inédito. Ficavam convocados todos os artístas, músicos, poetas, pintores, para vir habitar um palácio lindissimo, que foi erguido de propósito nas montanhas, bem próximo à real mansão residencial.

Todos êles, agora, todos os "creadores de beleza", ali viveriam, sem que nada lhes faltasse e sem que nenhuma outra obrigação tivessem, além de continuar produzindo à vontade, engendrando coisas, canções, quadras, poemas, músicas para deleite do povo e para que a vida de todos fosse mais bela. mais amena e melhor.

Todos acorreram. Vieram de longe, atraídos pelo chamamento real todos os artístas que tiveram conhecimento. E o "Palácio da Arte" se encheu de estranhas creaturas, todas deslumbradas com aquela grande generosidade, que era mais um traço da personalidade altruística do bom Sultão.

Os dias, porém, correram, os meses passaram, e o que tinha que acontecer aconteceu.

As bodas reais se realizaram, com pompa, a alegria reinou em toda a vasta extensão do país. Depois das grandes festas, que duraram dias e dias, tudo voltou de novo ao estado normal e o trabalho pacífico recomeçou então para toda aquela boa gente, que tinha a dita de ser governada por um soberano como não havia outro igual.

E foi numa noite de inverno, quando o ditoso Ismar-Hamed e a gentil esposa liam, em silencio no salão da bibliotéca do castelo, que um mensageiro chegou e lhes trouxe a sensacional noticia.

– Senhor, os moradores do "Palácio da Arte" decidiram abandoná-lo.

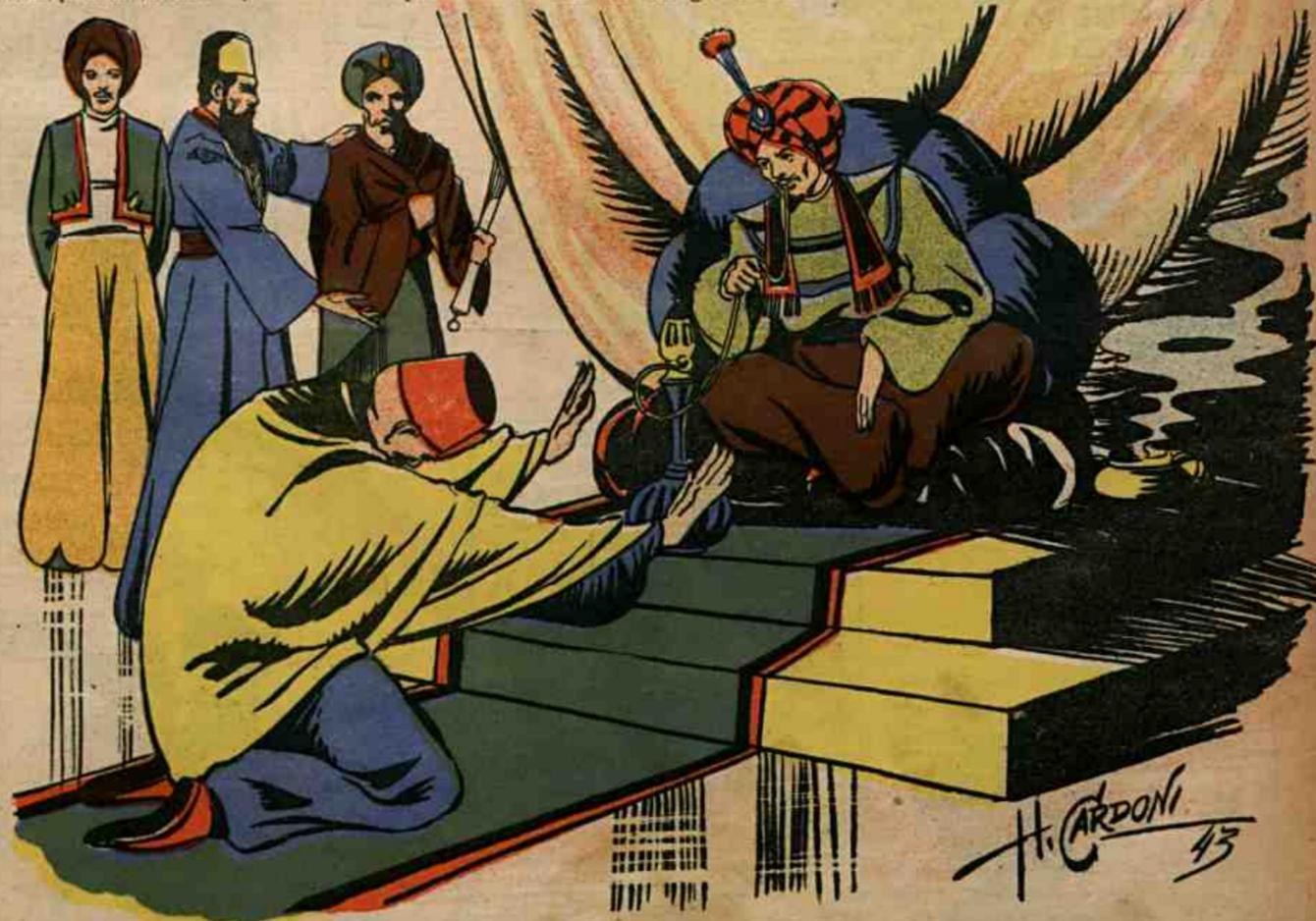
Fizeram todos as arrumações do que lhes pertencia, e se dirigem para aqui, pretendendo conseguir uma audiência...

– A estas horas? – fez Zamara, receiosa de uma atitude hostil por parte dos artístas.

– Algo de importante terão a dizer-me – disse Ismar-Hamed – e devo recebê-los. Por que não?

E, conforme seu desejo, foram abertas as largas portas do salão de audiências, e foram mandados mensageiros convocar os Ministros e o Vizir.

Alguns Ministros, inteirados do que ocorria, faziam comentários.

(Continúa no fim do Almanaque)

KAXIMBOWN

PATRÃO, ALISTREI-ME NO INXERCITO. AGORA SOU SOLDADO INTE' OUTRO DIA
NÃO DIGA, PIPOCA!

PILULAS! FIQUEI SEM O COSINHEIRO. NEM SEI FERVER AGUA. VOU TENTAR FAZER ALGUMA COISA PARA NÃO MORRER DE FOME

PUA'! QUE HORROR! PARECE SOPA DE BORRACHA...

VOU JOGAR ESTA PORCARIA PELA JANELA

VOU JA' CASTIGAR ESSE PATIFE QUE ME JOGOU ISTO NA CABEÇA

FOI VOCÊ QUE JOGOU COLA DE PEIXE NA MINHA CABEÇA?
E' PARA QUE NÃO CÁIA O RESTO DO CABELO. QUER MAIS?

APROVEITE. EU JA' VI QUE MINHA SOPA NÃO PRESTAVA

CHI! O HOMEM FICO BRABO! VAI ARMAR-SE. MAS EU SOU VALENTE - TREPO NESTA ARVORE E SE ELE APARECER EU PULO P'RA CIMA DELE E TORÇO-LHE O PESCOÇO

UAI!... UM TOURO!

AI' VEM ELE. VOU SALTAR

O QUÊ! O HOMEM VIROU BICHO?!
Hantok

A' BANDEIRA NACIONAL

Mil vezes salve, festival Bandeira,
O' simbolo fagueiro da bonança,
Imorredoura imagem da esperança,
Lindo pendão da Pátria Brasileira!

Pálio sagrado desta gente ordeira,
Representando a perenal pujança
E os venturosos dias de abastança
Desta fecunda terra hospitaleira!

Verde, esperança; azul, serenidade;
Amarelo, a fatal prosperidade
E a côr branca nos dita a paz gentil.

Desfraldada ao sabor das nossas brisas
Em lindas, vivas côres, simbolisas
A futura grandeza do Brasil!

ANTONIO GONÇALVES DE OLIVEIRA

No mundo, todo o mal que fizeres a esmo, tens que pagá-lo (à vista ou a prazo) em ti mesmo. — MARQUES DA CRUZ.

COMEÇO DAS ESTAÇÕES

O Outôno começa em 21 de Março.

O Inverno começa em 22 de Junho.

A Primavera, começa em 21 de Setembro.

O Verão começa em 22 de Dezembro.

A HORA

A HORA é o tempo que a Terra despende em percorrer 15 gráus de seu movimento de rotação.

A hora divide-se em 60 minutos, *cada minuto consta de 60* segundos *e cada segundo de 60* terceiros.

Vulgarmente se divide em quartos ou minutos, e só se diz 1 *h. e* 1/4; 2 *h. e* 1/2; 3 *h. e* 3/4 *ou* 45 *minutos.*

CALENDÁRIO PERPÉTUO

ANOS			Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
		1925	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
		1926	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
		1927	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
		1928	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
	1901	1929	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
	1902	1930	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
	1903	1931	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
	1904	1932	5	1	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
	1905	1933	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
	1906	1934	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
	1907	1935	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
	1908	1936	3	6	0	3	5	1	3	6	2	4	0.	2
	1909	1937	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
	1910	1938	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
	1911	1939	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
	1912	1940	1	4	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
	1913	1941	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
	1914	1942	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
	1915	1943	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
	1916	1944	6	2	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
1900	1917	1945	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
	1918	1946	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
	1919	1947	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
	1920	1948	4	0	0	4	6	2	4	0	3	5	1	3
	1921	1949	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
	1922	1950	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
	1923	1951	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
	1924	1952	2	5	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1

MODO DE USAR O CALENDÁRIO PERPÉTUO

Vamos ver que dia da semana foi o do aparecimento do primeiro número de O TICO-TICO: 11 de Outubro de 1905?

Na coluna dos anos procure 1905. Siga, horizontalmente, até vêr qual o número que lhe corresponde na coluna vertical pertencente a Outubro. Achará 0 somando 0 ao dia desejado (11) dá 11 mesmo. Vê-se, então, que o n.º 1 corresponde, no quadro dos dias, (abaixo) a uma quarta-feira. Realmente, o 1.º número do querido TICO-TICO circulou em uma quarta-feira.

•

Dias da Semana

1	8	15	22	29	36	Dom.
2	9	16	23	30	37	Seg.
3	10	17	24	31		Terça
4	11	18	25	32		Quarta
5	12	19	26	33		Quinta
6	13	20	27	34		Sexta
7	14	21	28	35		Sáb.

Póde apostar e ganhará

Com duas caixas vazias, uma visivelmente maior que a outra, e utilizando-nos para as pesagens do primeiro pesa-cartas à mão, enchamos uma e outra com areia, ou qualquer

outra substância bastante densa, de maneira que uma e outra pesem exatamente o mesmo.

Feito isto, sem que a pessoa que vamos interrogar o saiba, perguntamos-lhe para nos indicar, depois de ter sopesado as caixas com a mão, qual é a mais pesada. Constataremos então que nove vezes em dez, pelo menos, a caixa pequena será julgada mais pesada que a maior. Proporcionalmente ao volume, é evidentemente mais pesada; e é isso sem dúvida que leva ao equivoco.

O ANO

O ano divide-se em tresentos e sessenta e cinco dias, mas como não são tresentos e sessenta e cinco dias justos e sim tresentos e sessenta e cinco dias e seis horas, estas seis horas, no fim de quatro anos, formam um dia (porquê seis multiplicados por quatro são vinte e quatro). E' por êsse motivo que de quatro em quatro anos o ano é bissexto, isto é, tem mais um dia no mês de Fevereiro.

FRASE COMPRIMIDA:

ÊXITO

Que frase está escrita aqui? Se não acertar dentro de 3 minutos, veja a solução à pág. 124.

Marinheiro Garboso

POR MARY BUARQUE

(O menino deve vestir uniforme de marinheiro)

(DECLAMAÇAO)

Sou marinheiro garboso,
nalma tenho amor e fé.
Quero ser como Barroso,
Jaceguái, Tamandaré.

Defendendo nossa terra,
nos mares, de norte a sul,
seja na paz ou na guerra,
sob um céu negro ou azul,

vai o bravo marinheiro,
na sua nobre missão,
mostrando que o brasileiro
sabe amar o seu torrão!

Marcilio Dias glorioso,
e Alexandrino Alencar,
mostraram quão valoroso
é o nosso Brasil no mar.

Quando o luar brasileiro
prateia as águas do mar,
o "garboso marinheiro",
sabe sorrir e cantar:

(CANTO)

CÔRO

Marinheiro! Marinheiro!
Cuidado com as ondas do mar...
Olha que o mar é traiçoeiro,
marinheiro,
muito longe não deves chegar...

REFRÃO (sólo)

Sou marinheiro! Sei navegar!
Sou brasileiro! Sou da Pátria de Alencar!
Sou marinheiro! Digo-o com fé!
Eu sou da Pátria do grande Tamandaré!

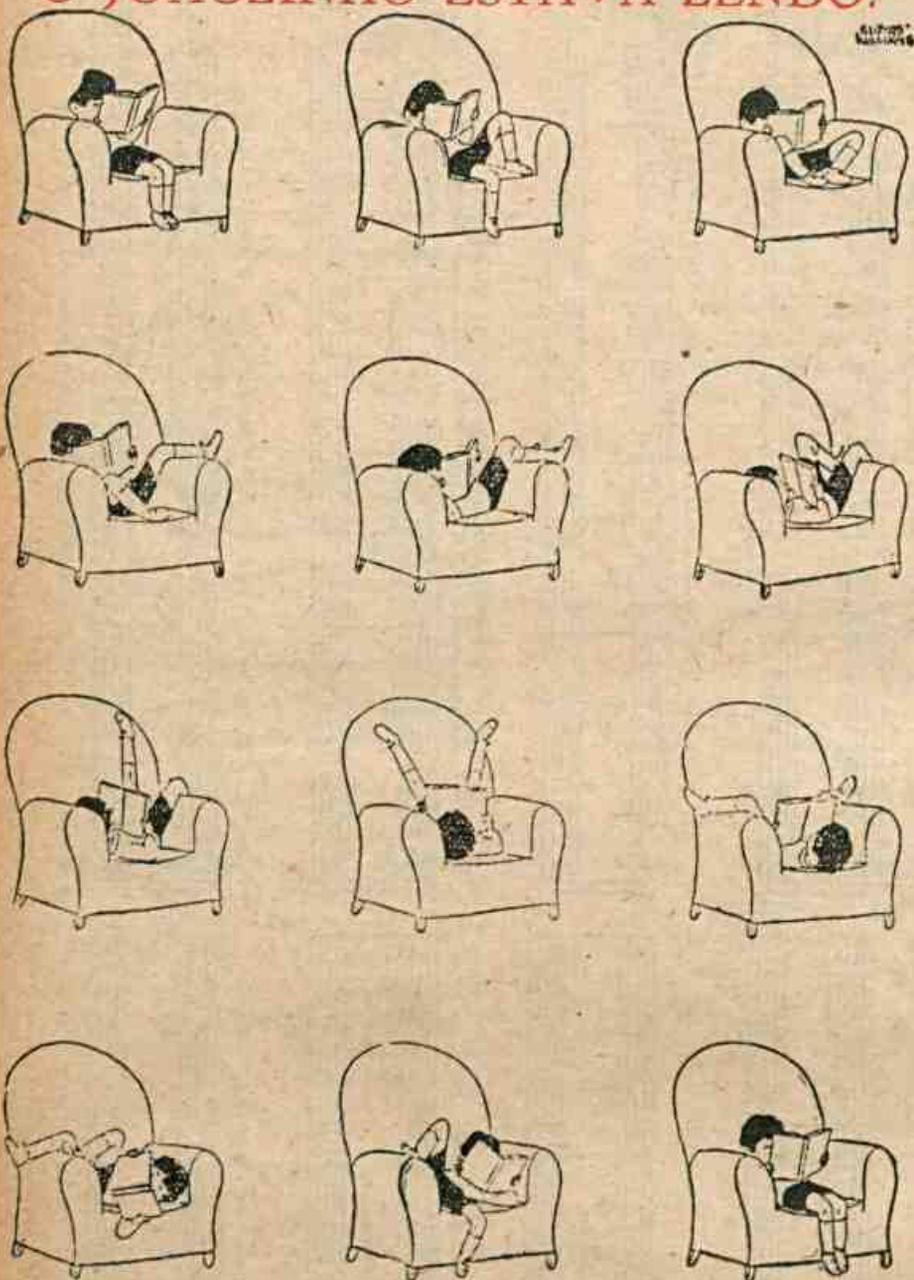
CÔRO

Marinheiro! Marinheiro!
Sempre garboso e taful...
Olha que o mar é traiçoeiro,
marinheiro,
o mar nem sempre é azul...

(SÓLO)

Sou marinheiro, etc....

ESTA E' A MUSICA QUE DEVE ACOMPANHAR OS VERSOS QUE ESTÃO NA PAGINA ANTERIOR

O JOÃOZINHO ESTAVA LENDO.

...A HISTÓRIA DE UM AVIADOR QUE ERA CAMPEÃO EM ACROBACIA

EXPERIÊNCIAS CURIOSAS

Tomem três pratos ou três tigelas contendo água quente, fria e morna. Coloquem as mãos nas de água quente e fria, durante alguns minutos, e, retirando-as bruscamente, passem-nas para a tigela contendo água morna.

A mão que fôra posta na água quente sente frio, enquanto que a outra experimenta uma sensação de calor.

Enchendo duas tigelas com água quente e colocando um dedo numa e a mão inteira noutra, esta última parecerá estar em água muito mais quente do que a outra, onde só se acha um dedo imerso.

A sensação do paladar é tão desenvolvida, quanto a do táto. Tomem três copos. Num dissolvam sal na água; no segundo açúcar e no terceiro sal e açúcar misturados.

Um gole de água salgada fará com que a terceira mistura pareça açucarada, mas um de água açucarada nunca fará parecer salgada.

O príncipe e o juiz

Henrique V, um dos maiores reis da Inglaterra, desmentiu no trono o que havia sido em moço.

Nesse tempo, pela conduta irregular, era a vergonha da família. Esquecido dos seus deveres, o príncipe chefiava um bando de turbulentos.

Certa vez, um dos seus comparsas, acusado de grave delito, teve de ir à presença do juiz, que o interrogou, ouviu testemunhas, e, provada a culpa, mandou-o para a prisão.

Ao ouvir a sentença, o príncipe que alí estava no tribunal, não pôde calar o despeito. Exigiu, em têrmos desabridos, que o presidente relaxasse a prisão.

— Cadeia, gritou o desordeiro, não se fez para os amigos dos príncipes! Sou o filho do rei. Não quero que este homem vá para a enxovia.

— Príncipe ou não, — responde o magistrado — vêde que estais falando a um juiz. Abaixai o tom. Jurei fazer justiça, e justiça será feita.

Ainda mais furioso ficou o príncipe. Cego de raiva, atira-se aos guardas e procura arrebatar o prisioneiro. Ordena-lhe o juiz que se modere, ou então será posto fóra do recinto.

O príncipe vem como um louco contra o juiz e o esbofeteia.

O magistrado, sem perder a calma, manda que os guardas agarrem o agressor e o levem com o amigo para a cadeia.

— Assim resolvo, — explicou — não porque tenha sido desrespeitado, mas porque a lei o foi.

E, virando-se para o príncipe, disse:

— Dia virá em que sereis o soberano da Inglaterra. Podereis, então, esperar que os vossos vassalos vos obedeçam, quando sois, hoje, o primeiro a desobedecer à lei?

O príncipe baixou a cabeça, vexado da sua covardia e do seu crime. Sem dizer palavra, entrega a espada, saúda o juiz e segue para a prisão.

Quando o rei soube do ocorrido, exclamou:

— Feliz da nação que tiver juízes para, assim destemidos, fazerem a lei respeitada!

Pouco tempo depois o príncipe subiu ao trono. Foi geral o temor. Ninguém escondia os seus receios. Rei... um louco daqueles! Que desgraça!

Os antigos companheiros apressaram-se em procurar o novo soberano. Esperavam ser recebidos de braços abertos, e voltaram desapontados. Os tempos eram outros, e que êles mudassem de vida se quisessem a sua amizade, foi o que, alto e bom som, lhes disse o rei.

Vieram os magistrados do reino saudar a Henrique V. Entre os juízes, estava o que o havia mandado prender. Timbrou o soberano em distinguí-lo, e, rememorando o fato, disse de modo que todos o pudessem ouvir:

— Se eu tiver um filho que se atreva ao que eu vos fiz, possa eu ter um juiz que vos iguale, para o corrigir.

SEJA PONTUAL PARA CONFIAR EM SEMPRE EM VOCÊ

JOGO DOS CATAVENTOS

(NÚMERO DE JOGADORES: 5 a 20)

Traça-se um quadrado, cujos quatro cantos representam os quatro pontos cardiais: Norte, Leste, Sul, Oeste. Quatro dos jogadores colocam-se cada um em seu canto: ficam sendo os "Cataventos", o quinto chama-se "Eólo" ou deus dos ventos.

"Eólo" previne os "Cataventos" de que devem virar rapidamente a cabeça, e sem hesitação, para o lado oposto ao ponto que será indicado.

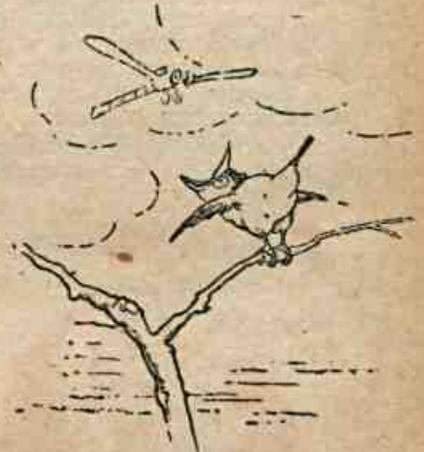
Começa o jogo. "Eólo" grita: "Norte", todas as cabeças devem voltar para o "Sul". "Eólo" grita: "Sul", todas as cabeças devem voltar para o "Norte". Si "Eólo" gritar: "Tempestade", cada catavento deve girar três vezes sobre si mesmo.

Quando "Eólo" diz: "Variavel", os catâventos oscilam da direita para a esquerda, para diante e para trás, até "Eólo" fixar a direção do vento dizendo, por exemplo: "Variavel — Leste". Então os cataventos voltam-se muito devagar inclinando-se para "Oeste". A' voz de "Oeste", as cabeças mudam de direção e olham para "Leste".

Quando um catavento não executa imediatamente o movimento ordenado, ou o executa errado, paga prenda.

O jogo termina quando se reunem bastantes prendas.

AS APARÊNCIAS NOS ENGANAM...

— Olá! Vou almoçar bem, hoje... Um "cavalinho de judeu"!

— E' agora! Aaaaaau!

— Bolotas! Enganei-me! Era um avião!

UM GRANDE HOMEM

(MONOLOGO)

Sou ainda pequenino,
Tenho seis anos e meio,
Mas declaro sem receio:
Já não sou nenhum menino,
E sem mêdo, nem perigo
De que por bôbo me tomem
Sinceramente lhes digo:
Sou um homem!

Um homem de pouca altura,
Mas, que importa essa questão?
O valor de um cidadão
Não se mede na estatura,
Sou pequeno ... é o meu tormento
O meu cuidado incessante,
Mas na alma e pensamento
Sou gigante!

Ah! quem me déra alcançar
A estatura de meu pai!
Essa idéia não me sai
Da cabeça, a germinar!...
Sou pequeno, porém, juro
Que quando a pensar me exalto,
Os meus sonhos de futuro
Vão bem alto.

O meu desejo é ser grande
E hei de sê-lo certamente;
Não digo fisicamente,
Mas a minhalma se expande
Só com a idéia de poder
Ser alto no pensamento
Forte, grande, a mais não ser
No talento!

CORNEILLE

Pierre Corneille nasceu em 1606 e morreu em 1684. E' considerado o criador da arte dramatica francesa. Dentre as tragédias que escreveu, destacam-se "O Cid", "Horacio" e "Medéa".

PSEUDÔNIMOS CÉLEBRES

Nem todos os grandes literatos e artistas se celebrisaram com os seus nomes verdadeiros. Eis aqui os pseudônimos de alguns:

Molière — João Baptista Poquelin.
Voltaire — François Marie Arouet.
Stendhal — Henrique Beyle.
Anatole France — Antonio Francisco Tibault.
Pierre Loti — Luis Viaud.
George Sand — Aurora Dupin.
Mark Twain — Samuel Clemens.
George Eliot — Anna Evans.
Tristão de Alencar—Araripe Junior.
Julio Diniz — José Gomes Pereira.

Não é porquê as coisas são dificeis que desistimos de fazê-las. Porquê desistimos de fazê-las é que são dificeis.

Séneca

Passatempos e Quebra Cabeças

O MISTÉRIO DA CHÁCARA DA TIJUCA

Lembram-se do detetive Ramiro? Ei-lo aqui outra vez...

O velho Moreira tinha sido assassinado em sua chácara na Tijuca. Homem rico, vivendo só, não tinha amigos nem parentes além do sobrinho, Miguel. Tinha uma criada, que chegava cêdo, trabalhava só pela manhã e ao meio-dia ia embora.

O detetive Ramiro vira-o mais de uma vez, passeiando, sòzinho, no jardim. E Paulo, vizinho do velho fôra quem lho mostrára, dizendo: — Aquele é Moreira, o velho solitário, que parece odiar toda a gente...

Quando a criada chegou à chácara, naquela manhã, havia um automovel

parado à porta. E um homem descia dêle. Era Miguel.

— Alô, Juliana! — disse o sobrinho do dono da casa.

— Estou acabando de chegar. Venho vêr meu tio. Já estará de pé?

Entraram juntos. Juliana foi ao quarto do velho e descobriu que êle estava morto. Prostrára-o um golpe no crânio.

Juliana saiu gritando e foi chamada à Policia.

O detetive Ramiro, quando chegou, cinco minutos depois, encontrou Miguel ao portão da chácara, junto do automovel.

— Pobre tio! — murmurava êle. Morrer assim!! Mas só êle teve a culpa, pois nunca quis que eu lhe fizesse companhia...

Ramiro se aproximou de Miguel e, ao mesmo tempo que se apoiava à capota do auto, perguntou:

— Senhor Miguel, quando chegou o senhor?

— Há, talvez, dez minutos, senhor detetive.

— Veio de Petrópolis? E' lá que o senhor reside, não?

— Sim, senhor. Vim de Petrópolis. Vim vêr meu tio. Tinha prometido visitá-lo...

Ramiro ficou pensativo um instante. Depois disse:

— O senhor mente. Não chegou há dez minutos! Posso prová-lo! Está preso, pela morte de seu tio!

Vamos vêr, agora, quem descobre: que provas tinha Ramiro contra o sobrinho do velho Moreira?

APRENDA A SOMAR LETRAS

Eis um interessante exercicio de arimética em que as letras representam o papel de algarismos. Comparando o total, expresso em letras, com as colunas de letras que servi-

54	BU
36	PL
72	IE
18	RC
09	SA
189	RCA

ram para o formar, deve encontrar-se uma palavra de dez letras, correspondendo aos dez algarismos de numeração, incluindo o zero.

Expliquemos: um exemplo. A palavra a encontrar deve ser de dez letras diferentes, para que cada uma corresponda a um número sem confusão possivel; tomemos a palavra REPUBLICAS, em que R — 1, E — 2, P — 3, U — 4, B — 5, L — 6, I — 7, C — 8, A — 9, S — 0. Escrevendo uma adição de cinco números em duas colunas, não empregando cada algarismo senão uma única vez, façamos o total, sempre em algarismos.

Feito isto, substituamos todos os algarismos pelas letras correspondentes e apresentemos aos investigadores a adição assim transformada, pedindo-lhes para encontrar a palavra que serviu para a estabelecer.

A adição da esquerda representa o trabalho preparatório; a adição da direita é a que se deve propôr.

Procure solucionar estes passatempos por si. Esforce-se para isso. Teime. Insista. Si, de todo, não conseguir, então veja as suas soluções à página 124.

QUAL SERÁ...

1 — O nome de uma medida de peso que é, ao mesmo tempo, mamífero carnívoro?

2 — O nome de uma moeda americana, que é, também, um astro?

3 — O nome de um rei israelita que é arquipélago da Melanésia?

4 — O nome de uma fruta que é capital de país?

5 — O nome de projétil que é cidade européia?

6 — O nome de moeda que é signo do zodiaco?

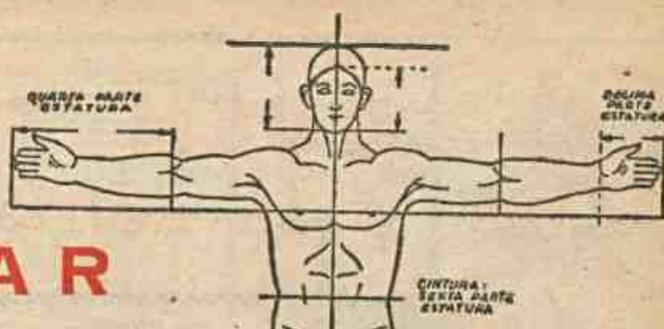
7 — O nome de mamífero que serve para levantar pesos?

8 — O instrumento de precisão que é signo zodiacal?

— Para que levar as pernas de páu para o jardim Zoologico?

— Ora, mamãe... Vou dar de comer à girafa...

COMPLETE AS PALAVRAS

HÁ REGRAS FIXAS PARA SE DESENHAR O CORPO HUMANO

VOCÊS gostam de desenhar e é preciso que conheçam certas regras que não podem ser desobedecidas, por quem se dispõe a ser desenhista.

Chama-se *proporção*, a essa relação existente no corpo humano, e sem a qual uma figura de homem desenhada fica grotesca, exquisita e horrivel.

Não se póde, por exemplo, desenhar um homem que tenha a mão

Fig. 2

maior do que a cabeça ou o ôlho maior do que a bôca. Seria um mostrengo.

Por isso, é sempre útil conhecer as medidas *ideais*, isto é, as medidas consideradas *normais* ou perfeitas, para uma figura desenhada.

O nosso desenho de cima mostra isso de modo claro. Por exemplo: a distância que vai da ponta do dedo médio à chamada curva do cotovelo, tem de ser a 4.ª parte da altura da figura humana desenhada.

A distância entre a parte superior da cabeça e o centro do peito, é igual à distância entre o cotovelo e o centro do pescoço.

A mão é igual à decima parte da estatura, e a distância entre as extremidades dos dedos médios, em uma figura com os braços em cruz (como a nossa) equivale à altura da figura. Os gregos estudaram perfeitamente essas noções de proporção e harmonia entre as partes do corpo humano, e ninguem melhor do que êles realizou obras tão perfeitas de estatuária, graças à observância dessas leis, até hoje seguidas pelos artistas que querem fazer coisas belas e não aleijões.

Está claro que as pessoas comuns não teem, todas, as medidas e proporções ideais. Há os baixos, os altos, os de pernas curtas... Mas quando vamos desenhar procuramos, como quando vamos escrever, fazer sempre coisas bonitas, buscando o mais perfeito que nos fôr possivel.

Olhem, agora, para a figura 2. As distâncias que medeiam entre a extremidade inferior do queixo e a base do nariz, e daí ao arco das sobrancelhas, e destas à parte superior do crânio são iguais.

Considerando três espaços iguais da base do nariz até a extremidade do queixo, a comissura dos lábios se encontrará na primeira divisão.

As orelhas estão compreendidas sôbre o prolongamento das linhas que passam pelo arco das sobrancelhas e a base do nariz.

Si dividirmos longitudinalmente a largura do rosto em 5 partes iguais, os olhos ficarão precisamente nas segunda e quarta divisões.

A largura do nariz, na sua base, deve ser igual à largura do ôlho. A boca é uma vez e meia a mesma medida (5.ª parte do rosto).

Como vocês vêem, não se deve nem se póde fugir a esses preceitos de harmonia, que até nas caricaturas devem ser observados para que aquilo que vai exagerado possa ser sentido.

Há livros especiais que ensinam detalhadamente essas coisas. Os meninos que se sentem com vocação para a bela arte do desenho ou da pintura, devem, antes de pretenderem desenhar histórias em quadrinhos, que é por onde os desenhistas de verdade terminam suas carreiras, quando já sabem desenhar, procurar *aprender*, *estudar* com interesse essas noções que são a base de todo o renome e de toda a fama na arte da ilustração.

UM HOMEM RICO

— Mamãe, seu Rozendo é muito rico, não é?

— Por que o perguntas?

— Por isso: eu ouvi quando êle dizia a papai: estes meus sapatos são número 42...

— Sim. E então?

— Ora! Pra ter 42 pares de sapatos, é preciso ser muito rico!! Papai só tem três...

QUEM TRABALHA
está sempre contente

O trabalho é uma cousa que às vezes nos cansa e que, uma vez terminado se abandona com alegria. Há muita gente que espera com impaciência os dias feriados, que não gosta de se levantar cedo, e desejaria que alguem lhe deixasse a sua fortuna; contudo, se déssemos um pouco de atenção, veriamos que o trabalho é muito proveitoso, e, em volta de nós, podemos observar todos os dias as consequências de se permaneser inativo, mesmo nas pessoas que teem muito dinheiro para se divertir.

Há duas especies de pessoas: as que procuram qualquer trabalho, embora tenham meios de fortuna, e as que não fazem nada.

Para os primeiros, o dinheiro constitue a sua felicidade e não lhes acarreta mal algum, podendo proporcionar-lhes muitos bens. Mas, para os que não fazem nada, o dinheiro póde ser a sua perdição.

As pessoas devem sempre ter qualquer ocupação; devem ter um fim que guie os seus passos na terra, do contrário, as suas vidas não teem valor para elas nem para os seus semelhantes.

O trabalho não constitue uma necessidade para algumas espécies inferiores de sêres, como por exemplo, para os animais de sangue frio, como os lagartos; pelo contrário, o que nêles é natural é a inatividade. Nunca se aborrecem, os seus corpos não amolecem nem definham, e não comem nem bebem sinão o de que precisam.

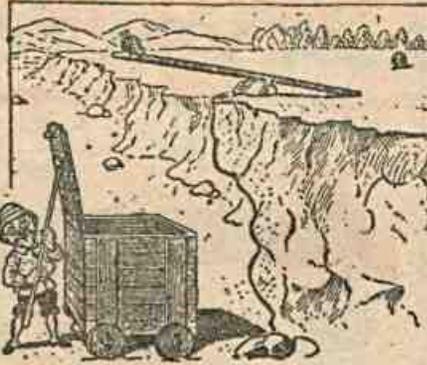
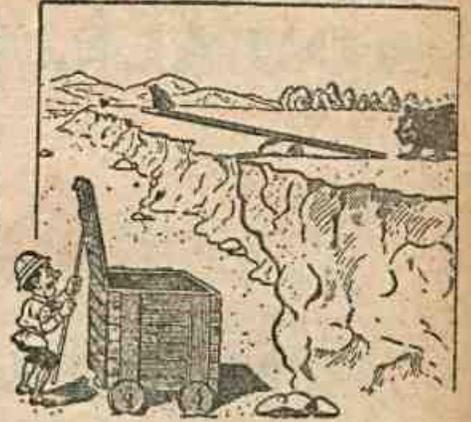
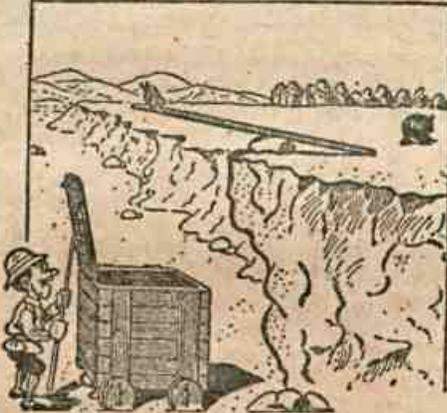
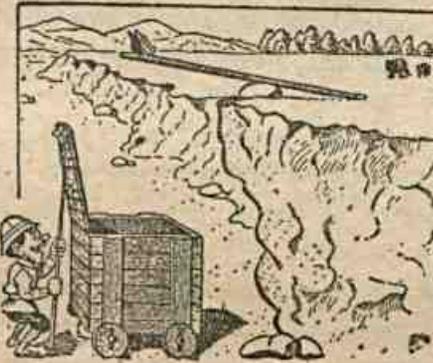
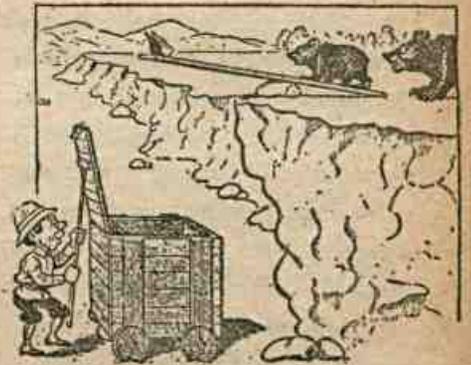
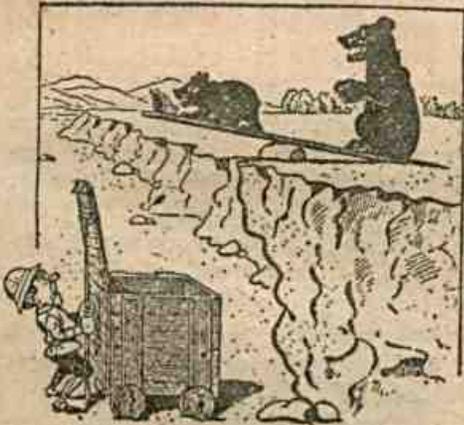
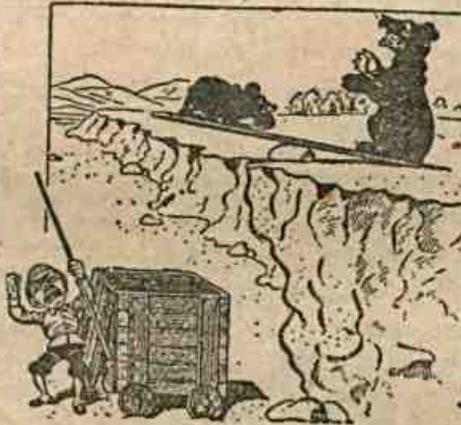
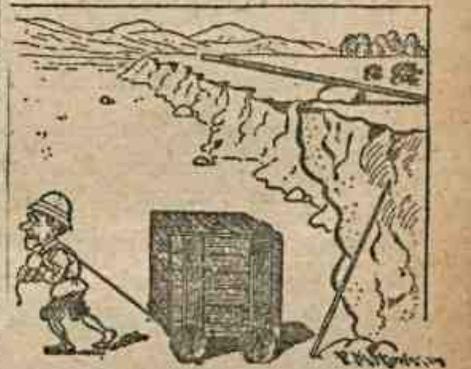
Mas o traço mais distintivo dos sêres humanos, e em especial dos seus típos mais elevados, é que todos sentem um impulso, uma necessidade de fazer alguma cousa; de formar planos e de os pôr imediatamente em execução.

Quando um homem se retira do trabalho ao qual dedicou a sua vida inteira, sente um pezar profundo se não encontra uma ocupação fácil a que possa dedicar as energias que lhe restam, em vez do rude labor que já é superior às suas forças.

E em breve se convence que vale muito mais trabalhar que permanecer ocioso, feito um vadio.

QUALQUER TRABALHO, MESMO O MAIS HUMILDE, HONRA A QUEM O FAZ.

Seu Juca e o urso

Às vezes os homens encontram animais astutos e inteligentes, que lhes dão lições de esperteza...

Seu Juca tinha preparado uma armadilha com um frango, na doce esperança de apanhar um urso para vender ao dono do circo.

Não teve que esperar muito, pois o urso, atraído pelo cheiro da "isca", logo apareceu e se aproximou.

Seu Juca já estava certo de bom êxito da caçada mas eis que o urso retrocedeu mesmo na horinha...

— Lá vem êle, de novo! — disse Seu Juca. — E tráz o filhote! Vou apanhar os dois! Vai ser uma dupla vitória! E ficou todo assanhado.

Mas... que seria aquilo? O urso-pai passou o filhote para a frente... Parecia que estava agindo com inteligência, como quem raciocina. Urso danado!

Lá está! Enquanto o bêbê-urso avança pela taboa, êle se põe sentado na extremidade dela, como contrapeso, para a armadilha não funcionar!

Seu Juca está desapontado! Urso terrivel!! Urso pirata!! Será que êle pensa? Será? E lá se foi a "isca", o belo frango tentador e cheiroso!

Danado da vida, Seu Juca teve que reconhecer que fôra logrado. E lá se foi, com a sua armadilha, cuidar de outra vida. Furioso!!

NA VIDA, O HOMEM ARREPENDE-SE DE TUDO:
OU DE FALAR DEMAIS OU DE FICAR-SE MUDO,
DE SER BRUTAL, DE SER ASTUTO, DE SER FRANCO,
DE TUDO, EMFIM, NESTE CONTÍNUO SOLAVANCO.
MAS NUNCA ALGUEM SE ARREPENDEU (MESMO O MESQUINHO)
DE TER, UM DIA, DADO ESMOLA A UM POBREZINHO.

MARQUES DA CRUZ

VOU ALÍ... E JÁ VOLTO

Monólogo de

EUSTORGIO WANDERLEY

(Entra com uma bolsa ou maleta, em trajo de viagem e falando para o interior): Esperem um pouco, que eu vou ali... e já volto. Sim... Não demorarei. *(Ao público)*: Pois é... antigamente, quando alguem tinha de viajar, era como se embarcasse... para o outro mundo: fazia testamento, despedia-se dos parentes e amigos, e partia... Não havia certeza de que se voltaria, nem mesmo de que se chegaria ao fim da viagem, que levava meses e meses, em navios à vela, a cavalo, em carros de boi, em "diligências", cadeirinhas, palanquins e em outros que-tais estranhos veiculos.

Hoje, não: a gente entra no bojo de um avião, as hélices roncam, e, quando se pensa estar em meio da viagem, está-se chegando ao fim.

E' comum tomar-se café no aeroporto Santos Dumont, às 6 horas da manhã, almoçar-se, ao meio dia, um vatapá na Baia, (até parece verso, mas não é) jantar às 4 da tarde um "feijão de côco" em Pernambuco e, ao anoitecer, já se está no Pará ou no Amazonas comendo pirarucú com farinha dágua", ou bebendo assaí.

Por isso é que, indo fazer uma dessas viagens, eu nunca digo *adeus!...* e sim *até logo!...* Eu vou alí e já volto!

E volto mesmo, muito antes do que se pensa. Embora tenha ido ao estrangeiro não posso por lá me demorar, porquê a saudade do meu Brasil não o permite. Quem quiser saber o quanto ama o Brasil faça uma viagem ao estrangeiro! Por mais belo que seja o pais onde estiver, não lhe achará beleza alguma; por maior que seja o conforto que tiver, sempre lhe faltará qualquer coisa, e esta "coisa" é a beleza, são os "ares" da pátria querida !

Então sómente um pensamento nos anima: é voltar! Felizmente um genial patrício nosso, o inolvidavel Santos Dumont, inventou o aeroplano que, rasgando o espaço com seus possantes motores, em poucas horas nos põe, novamente, no sólo do Brasil, por mais longe que dêle estejamos.

Glória, pois a Santos Dumont, que resolveu o problema da navegação aérea, em tão bôa hora!...

E por falar em hora... *(Consulta o relógio)* Estou eu aqui a "bater papo", sem me lembrar da hora em que devo tomar o avião para ir alí a Buenos Aires, dar um abraço nos nossos amigos argentinos!...

Com licença... Até logo... Se quiserem esperar aí sentados, não façam cerimônia porquê não me demorarei... Vou ali... e... já volto! *(Sái)*.

O sacrifício da Missa

PÓDE-SE dizer que foi Nosso Senhor Jesús Cristo quem determinou todas as coisas referentes ao Santo Sacrifício da Missa. Mas deixou a cargo da Igreja o que se refere à sua celebração, com maior ou menor solenidade.

AO apóstolo S. Pedro se devem os ritos da Missa tal como se celebra atualmente, e que estão de acôrdo com a liturgia chamada romana. Mas esta linguagem é pouco fácil de ser compreendida por vocês.

Vamos explicar as coisas com

mais simplicidade. Nos tempos em que os cristãos estavam sendo perseguidos, a cerimônia da missa era mais curta do que hoje.

A missa póde ser rezada, e cantada, ou "missa solêne". Nesta, tomam parte o celebrante, o diácono e sub-diácono, acólitos e turiferários (os que levam os turíbulos com incenso).

E' dever de todos os católicos ouvir missa inteira nos domingos e dias de festa de guarda.

A missa é uma evocação ou reprodução simbólica do sacrifício feito por Jesús, morrendo na cruz pela humanidade.

No dia de Natal, assim como no dia de Finados, cada sacerdote diz três missas seguidas.

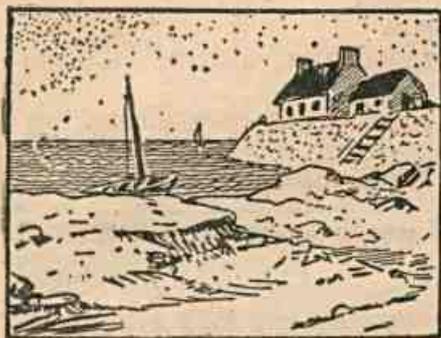
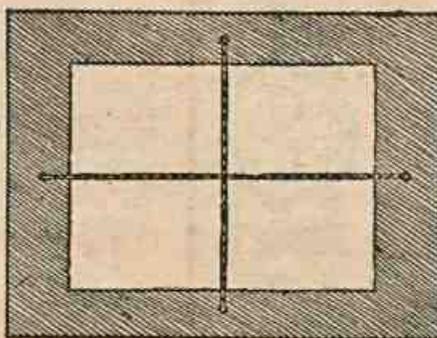
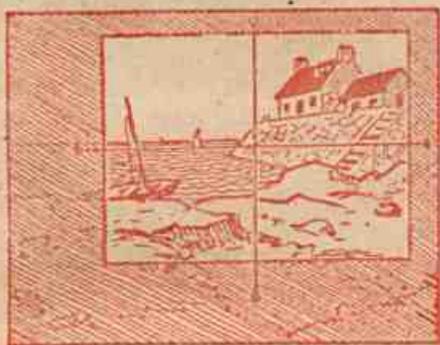
COMPRIMIDO:

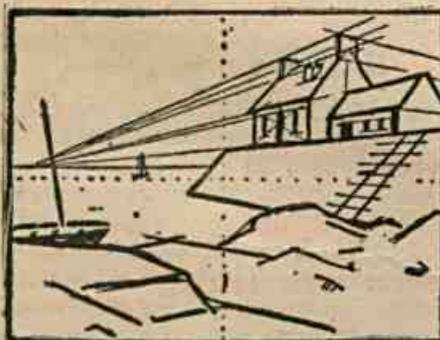
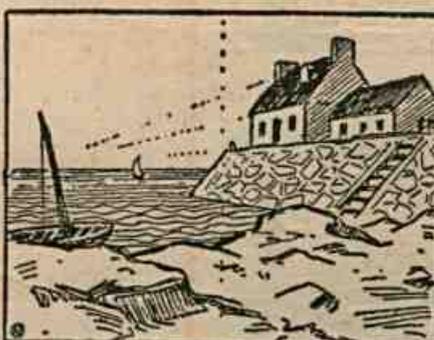
P L SULFÚRICO

Que nome de homem está comprimido aqui?

Si não souber procure vêr à página 124.

COMO SE DESENHA UMA BONITA PAISAGEM

A primeira cousa que o "artista" tem a fazer é escolher e delimitar o que vai pintar. O trêcho de paisagem é sempre um detalhe, uma pequena parte de grande conjunto. Uma vez escolhido, é preciso saber ater-se a êle, limitar-se. Quem não se sabe limitar jámais saberá pintar.

— Aqui está — faz de conta — o que o pintor viu, o que escolheu para seu quadro. Por onde deverá começar o nosso artista? Que deverá fazer, em primeiro lugar, para passar para sua téla a paisagem desejada? Primeiro, o que se segue.

— Vejam êste cartão como foi preparado. Cousa fácil, não? Qualquer um faz cousa igual. Êste papelão, assim recortado, será de grande valor para o pintor. Toma-se um ponto de referência na paisagem, que não póde ser quadriculada, e na téla se marca êsse ponto.

— Olhe a figura e compreenderá melhor. Usar o cartão equivale a quadricular a paisagem. Marcados os pontos essenciais desta, e na correspondente redução sôbre a téla, tudo o mais se tornará fácil. A distância entre o cartão e o ôlho do pintor deve ser sempre a mesma.

— O centro do retângulo e o centro do quadro se correspondem. O pintor irá sempre colocando o centro coincidindo com o mesmo ponto da paisagem, cada vez que olhar, com o cartão à mesma distância do ôlho. Por êsse processo marcará os pontos principais, no quadro, o que lhe permitirá ir esboçando o desenho com suas proporções.

— Tendo determinado a posição da linha de terra, ou linha de horisonte, as linhas de fuga já poderão ser traçadas, convergindo para o "ponto de fuga", e demarcando a perspectiva do desenho — e a perspectiva na difícil arte da pintura é o que há de mais essencial. Olhem para o desenho e verão melhor o que queremos deixar explicado.

— Assim, graças ao auxílio do pequeno recorte de papelão devidamente preparado, é possível se chegar a um resultado melhor do que se terá querendo fazer — quando se é principiante — um esbôço sem qualquer auxílio.

Com o tempo e a prática será dispensável, talvez, êsse auxílio.

Mas... vocês agora é que vão principiar...

SALVE, BRASIL!

Conde de Afonso Celso

Possúes grandeza e formosura
Preclaros dons, egrégios bens;
Nobreza mostras, que fulgura
Já na raiz donde provens.

Do seio teu se exalam hinos;
A fé no bem teu solo induz:
Deu-te a expressão de teus destinos
Teu nome outróra: Véra Cruz.

O teu passado é todo honroso,
O teu presente orgulho faz;
E que futuro portentoso,
Terra de luz, terra de paz!

Lar da Igualdade e do Direito;
Hospitaleiro e liberal,
Seja a quem fôr, logo o teu peito
Depara abrigo maternal.

Ninguem em ti fóge à verdade,
Amas lutar do justo em pról,
Sómente o sol da liberdade
Será teu puro, eterno sol.

E' permanente o teu sorriso,
Queres tranquilo trabalhar,
Sabes, porém, quando preciso,
Galhardas armas manejar.

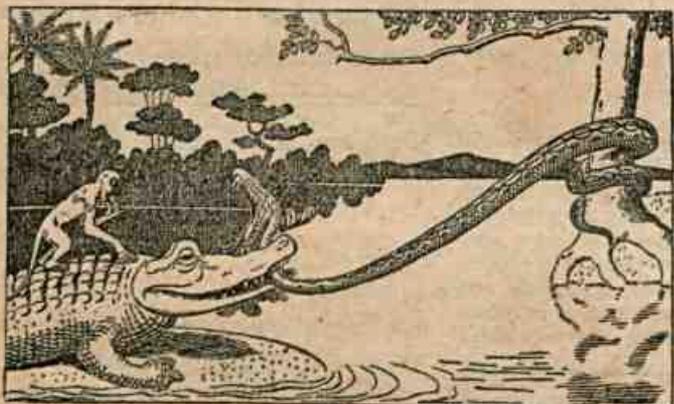
Para venceres impecilhos,
Basta-te um pouco de labor,
E que da parte de teus filhos
Haja por ti sincero amor.

Amor da Pátria, como ardentes
Tiveram sempre nossos pais
Temos, — e os nossos descendentes
Terão também, cada vez mais.

Salve, nação predestinada
Ao nobre, ao grande, ao senhoril,
Bemdita Pátria idolatrada,
Salve, Brasil! Salve, Brasil!

SIMÃO FOI ESPERTO!

As coisas estavam pretas! A cobra ia atacar Simão.

Mas nosso herói é dos tais que sabem sair de apertos..

A cobra deu o bóte mas êle pulou e o amigo jacaré...

... aproveitou a ocasião. E então o Simão voltou ao seu galho.

A juventude canta...

Somos fortes, valentes, altivos,
Do torpor desprendendo os grilhões!
A fraqueza faz povos cativos,
O vigor gera livres nações!

Nossa marcha é pujante e entusiasta
Pelo ideal que embalamos no ser:
Nesta terra tão bela, tão vasta,
O brutal agressor combater!

Nossa fé se revolta e se expande
Num Brasil que os seus filhos sustem;
E um país só será forte e grande,
Se o seu povo fôr grande tambem!

Para a frente! Bravura! Energia!
Rompa e vibre pelo ar nossa voz!
Na vitória hoje a Pátria confia
E o Brasil de amanhã — somos nós!

Estribilho

Juventude Brasileira!
A nossa alma varonil
Consagremos toda, inteira,
À defesa do Brasil!

ALVARO ARMANDO

Espíritos máus

por BASTOS TIGRE

JULINHO, diabrete de cinco anos, fazia manha para não ir dormir. D. Laura, a mamãe, insistia, já zangada, prometendo-lhe palmadas.

— Eu quero perguntar uma coisa a papai, disse o garôto choramingando.

— Deixa-o vir, Laura: consentiu, do escritório, o Dr. Gustavo.

E Julinho ao pai:

— Eu quero dizer bôa noite a você e "te" perguntar uma coisa.

— E depois vais dormir?

— Vou.

— Então, pergunta.

— Papai, porquê é que a maninha Lili não tem dentes? Eu olhei e vi a boquinha dela vasiazinha! Ela vai ficar assim toda a vida?

— Não. Papai do céu vai mandar uns dentinhos para ela.

— E eu também não tinha dentes?

— Também não tinhas.

— E o Papai do céu mandou êstes? E abriu a boquinha tagarela.

— Pois então?! Bem, agora, que já perguntaste o que querias, vai com a ama.

— Bôa noite, papaizinho!

— Bôa noite; dorme, direitinho que amanhã a vóvó te conta umas histórias bonitas.

E Julinho foi.

D. Gertrudes, mãe de D. Laura, chegára na véspera, a passar uns dias em casa do genro. Andava beirando os setenta anos de idade.

Recolhêra-se um tanto fatigada. De Icaraí à Tijuca, é uma viagem! Na manhã seguinte, eram já 7 horas e D. Gertrudes sempre tão madrugadora, ainda não aparecêra.

— Quê terá mamãe, que ainda não saiu do quarto?

— Talvez ainda esteja dormindo, sugeriu o marido. Estava tão cansada!

E o Dr. Gustavo saiu com o Julinho, a dar o seu passeio matinal, pela chácara. Mal entraram no jardim, o pirralho indagou, insistindo no inquérito da véspera:

— Papai, os dentes da maninha teem de ser pequeninos, não é?

— Certamente! depois vão crescendo, cáem, e nascem outros.

— Então eu fiz bem ... fez Julinho, falando consigo mesmo.

— Como, fizeste bem?

— Fiz, sim; "aqueles" eram muito grandes.

— "Aqueles"? que aqueles, Julinho?

— Eu te conto. Ontem, quando eu já estava na cama, ouvi um barulho no quarto, em que vóvó estava dormindo: rom ... rom ... rom ..., pensei que fosse o gato, me levantei e fui, de pontinha de pé, ao quarto; não era o gato não; era vóvó que estava roncando. Quando eu ia saindo, vi em cima da penteadeira uma coisa branca; "peguei ela" e vi que eram uns dentes.

— Sim, sim, e que fizeste?

— Pensei que eram os dentes que Papai do céu tinha mandado para a maninha e levei para o meu quarto ...

— Sim, e depois?

— Botei debaixo do travesseiro e dormi; de manhã bem cêdinho, eu ia para "botar êles" na boca da nenêm, mas vi logo que eram muito grandes, que Papai do céu se enganou na medida; então ...

— Então ...

— Então, eu fui e "enterrei êles" aqui no jardim.

— Enterraste-os?

— Enterrei. Quando se enterram as pessôas elas não vão para o céu? A Joana me disse. Eu, então, enterrei os dentes para êles ir para o céu e, então, Papai do céu vê logo que se enganou e manda outros mais pequenos para a maninha.

— Ora, essa agora!

— Que é que tem, papai?

— Nada, nada! sabes bem o logar?

— Sei, sim.

O Dr. Gustavo, sem perda de um instante, levou-o a mostrar-lhe onde enterrara os dentes ... do bebê, e, depois de recomendar ao pequeno que nada dissésse do que fizera, desenterrou a dentadura, lavou-a com infinitos cuidados, e foi entregá-la, às ocultas, à esposa, contando-lhe, por alto, o que sucedera.

D. Laura, sorrateiramente e aproveitando um momento de ausência da mãe, foi colocar a dentadura sôbre a penteadeira. Daí a alguns minutos, entrava na sala D. Gertrudes, muito elegante e muito digna, com o seu ar de nobre dama, e, chamando a filha à parte:

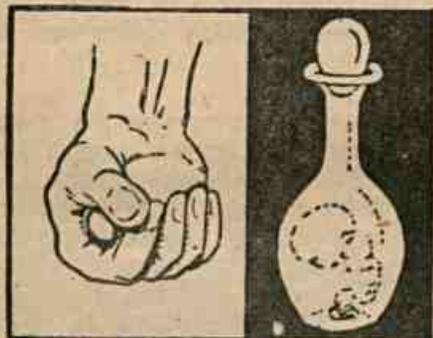
— Imagina, minha filha, que desde as cinco horas estou de pé, procurando a minha dentadura. Revistei por toda parte e nada! E, agora, quando já estava quase chorando de desespêro, encontro-a, onde a tinha procurado uma porção de vezes. E ainda há quem não acredite na obra dos máus espíritos!

O "espírito máu", àquela hora, estava pelo jardim, a correr atrás do cachorro.

A importancia da mastigação corréta

O alimento, para que seja bem aproveitado pelo organismo, deve ser mastigado devagar e muitas vezes: 20 pelo menos. Durante a mastigação, corre em maior abundância a saliva, que se mistura aos alimentos, auxiliando a sua digestão. Costuma-se mesmo dizer: bôa mastigação é meia digestão.

Mas a mastigação não é sómente necessária para a bôa digestão. Os dentes e os gengivas, como outros orgãos, também precisam de exercicio: e a mastigação ativa a circulação do sangue nas gengivas. Por outro lado, é de grande importância para a limpeza dos dentes: pelo atrito, os alimentos mais duros removem residuos, polindo a superficie exposta dos dentes e evitando o depósito de tártaro.

MÁGICA COM UM OVO

Quando a casca dum ovo está bem sã, sem qualquer traço de fenda, é tão sólida que, contra todas as aparências, é impossivel quebrar por compressão. Podeis então, atrevidamente, apostar com um terceiro, que, mesmo com muito esfôrço, não conseguirá partir um ovo na mão. Vê-lo-eis arregaçar a manga para evitar os salpicos, colocar a mão por cima dum recipiente, comprimir como num tôrno... — e renunciar por fim ao esmagamento que considerava fácil e inevitavel.

Fazei, entretanto, cozer o ovo e descascai-o; podeis gabar-vos de o fazer entrar numa garçafa que tenha o gargalo mais estreito do que êle. Para o conseguir, introduzi um papel aceso na garrafa; e, quando o ar, dilatado pelo calor, estiver razoavelmente rarefeito, colocai o ovo sobre o gargalo. Pela pressão atmosférica o ovo, moldando-se, penetrará no gargalo e cairá no fundo da garrafa, produzindo uma ligeira detonação.

TAL TAMPA, TAL BALAIO

BEM à entrada da vila morava o "Zé do Burrico". As crianças assim o tratavam porquê constantemente o viam encarapitado no lombo de seu inseparavel burrico.

Era um pobre homem. Muito bondoso, mas pouco inteligente. Por esta razão era motivo de troça para todos. Vivia da venda de ovos e frangos, que ia comprar nos sítios próximos.

Constantemente o viam encarapitado no lombo do seu inseparável burrico.

O certo é que o burrico compreendia muito bem as ordens do dono. Pudera! O "Zé" não parava de conversar com êle. E não o fazia por exibição, sim por hábito. Chamava o burrico e mandava que o esperasse em certo ponto — e ninguém o tirava dalí! Outras vezes fazia-o ir sózinho para casa — e não havia quem fosse capaz de o desviar do caminho, nem mesmo de pegá-lo.

Assim iam vivendo. Um dia, porém, o "Zé" apareceu na vila todo machucado: perna inchada, escoriações pelo rosto, nariz esborrachado; vinha puxando o inseparável burrico, tão maltratado quanto o dono. O pobre animal mancava da pata dianteira.

— Que foi isso, "Zé"? Que aconteceu?

— Ah, "sêo" moço, foi um desastre horrível! Vi na beira do caminho uma laranjeira carregadinha. Estava muito perto duma buraqueira. Como eu estivesse com sêde, quís apanhar umas laranjas. Por prudência fui dando ordens ao burrico: "Eia!... Burrico!... Eia!... Burrico!.." Êle dava um passo à frente a cada novo "eia". Assim conseguimos chegar à beira do precipício. Fiquei de pé na sela, com a intenção de alcançar as mais bonitas. Quando ia apanhar a primeira laranja, disse ao meu burrico: "Olá! amigo, está vendo esta buraqueira? Se vier alguém aí por trás e disser: "Eia!... burrico!... Eia!..."

Foi a conta. Ao ouvir um novo "eia", meu burrico deu mais um passo — e lá fomos os dois para o fundo. Tudo isto se deu por ser eu tão burro e meu burro tão sabido...

HENRIQUE RICCHETTI

NÃO ASSOBIE NEM FAÇA RUIDO NOS BONDES: É FEIO E INCOMÓDA OS OUTROS

POR QUÊ O GALO NÃO VÔA?

ISTO se passou há muitos anos, num tempo em que as aves não sabiam ainda que voavam. Tôdas elas viviam aqui por baixo, como qualquer animal rasteiro. A águia, o condór, o albatroz, a gaivota, o papagaio. Nenhum fazia o que hoje faz pelo espaço. Um belo dia, quando todos estavam caminhando por uma estrada pedregosa, que feria os pés, o papagaio lembrou:

— Ora, meus amigos, nós estamos por aqui bancando os "trouxas": cansando as pernas, fatigando o corpo, quase sem resultado. Não se sai do mesmo lugar. Para alguma coisa devem servir estas coisas que temos do lado. E apontou para as asas.

— E' verdade — os outros concordaram — Quem sabe se isso não nos ajudaria a vencer as distâncias, cortando os caminhos pelo espaço? Era uma idéia!

O papagaio foi o encarregado de entender-se com tôdas as aves para uma experiência. Procurou uma por uma. Só o galo se opôs a isso. Achou que não era possivel, que todos estavam doidos. Ele, de sua parte, não queria histórias. Tinha asas, mas não ia para isso. Prezava muito a vida para arriscá-la em tentativas perigosas. E recusou-se terminantemente a tomar parte na experiência. O papagaio e as outras aves não desanimaram. Vencendo a hesitação de uns e a fraqueza de muitos, marcaram o dia da prova. Tinham adquirido confiança nas asas. Iam com elas conquistar o espaço, dominar a amplidão. Não precisariam mais ferir as pernas e os dedos nas estradas pedregosas. Alegres e confiantes viram chegar o dia da experiência. O local escolhido era uma colina de onde as aves tinham de atirar-se no espaço, estendendo as asas. Tudo quanto foi bicho apareceu para assistir à prova. O galo tambem foi. Protestava que não era graça. E dizia com empáfia: — Isso é uma asneira. Eu bem que os aconselhei. Não façam tolices. Vocês vão vêr só em que dá essa experiência.

Chegou, enfim, a hora. Tôdas as aves estavam lá em cima, prontas para o vôo. E o galo protestando cá em baixo. De repente, a águia atirou-se. E logo em seguida se atiraram o condôr, o albatroz, a gaivota, os pombos, todos os pássaros. Num ominuto, o espaç ficou cheio de asas que iam e vinham, movendo-se em tôdas as direções. Cá em baixo todos estavam deslumbrados. As aves tinham conseguido a sua grande vitória. No dia seguinte, mariscando cá em baixo, o papagaio encontrou o galo desapontado da vida. E vai daí perguntou-lhe:

— Então, amigo galo? Que lhe dizia eu? Vencemos ou não? Foi só questão de coragem!

— Ora, aquilo quem é que não faz! — respondeu o galo, mal escondendo o seu despeito.

— Quem não faz? — volveu o papagaio — Você, por exemplo.

E os dois trocaram a aposta. O galo jurou que dali mesmo era capaz de voar até o outro lado do rio.

O papagaio esperou.

O galo abriu o bico e bateu as asas, tentando ganhar o espaço. Mas não saiu do mesmo lugar.

O papagaio então saiu anunciando que foi castigo do céu.

O certo é que o galo tenta de vez em quando repetir a experiencia. Bate as asas, abre o bico, anunciando que vai voar — e quando acaba não vôa nunca.

OSWALDO ORICO

O SABIA' E A ARARA

Bela arara as suas penas
Ao rei de alados cantôres
Com vaidade apresentou;
E por suas finas côres
Com escárneo perguntou.

O sabiá mui ligeiro
Se mirou, e descontente
Da pergunta se doeu.
Pois escuro, não luzente,
So então se conheceu!

E de triste e magoado,
O tal escárneo sentindo,
Mil trinados começou;
E a arara o canto ouvindo
De tristeza se tomou.

Abateu as belas asas,
E com o bico caido
Pezarosa se mostrou,
E o sabiá sentido
A causa lhe interrogou.

— "Ah, voltou-lhe a pobre arara
Cantas com tal melodia·
Que és da terra o môr cantor!
Bem quisera essa harmonia
Que te deu o Creador!"

— "Aprende, o cantôr lhe disse,
Cheio de contentamento,
Nada há sem compensação;
Todos teem merecimento,
Não há feio sem senão."

FAÇA FLORES, MENINA

Recorte um pedaço de papel com a forma desejada e levante-lhe as orlas ligeiramente, sem as dobrar, para ter a corola. Ao centro da flor uma conta redonda, de côr, e por baixo uma conta comprida, serão fixas por um arame que atravessa a flôr e constituie o seu pedúnculo; em volta dêsse arame deve enrolar-se uma tira de papel de sêda verde. Pinte o papel de amarelo, de vermelho, de violeta de tonalidade viva e terá uma flor, se não autêntica, pelo menos muito decorativa. Depois de feitas três ou quatro, reunem-se os pedúnculos de arame para formar um ramo.

Quanto às fôlhas, serão igualmente recortadas no papel, pintadas de verde e atravessadas na base (à semelhança dos alfinetes quando ainda na carta), por um arame que também irá enrolar-se no pedunculo das flôres.

A escola d'O Tico-Tico

A bicharada, desde muito tempo, andava ociosa, na floresta e no campo. O tempo passava sem uma aplicação por parte dos bichos. Os passarinhos, vencidos pela indolência que o calor provocava, não cantavam, não colhiam as palhinhas para a feitura do ninho encantador. O coelho, o rato, o caxinguelê, o galo e o pato, o marreco e a cotia, todos, amolentados e silenciosos, pareciam ter perdido a noção do movimento. À sombra das grandes árvores dormiam e era com grande custo que saíam em busca do alimento, farto na floresta, ou das águas tranquilas do lago próximo. Nunca se vira tanta indolência, nunca o verão abatera, de modo tão constritador, a bicharada chilreante, que morava na floresta. A vida naquele logar era só dormir. Foi assim que um tico-tico surpreendeu todos os habitantes da mata. E uma idéia assaltou a imaginação do lindo passarinho. Êle havia de despertar todos os animais da floresta para a agitação, para o trabalho, para o estudo, para a vida, emfim. Fundaria, com o auxílio da douta raposa e do mestre urso, uma escola para os animais. E assim fez. Dias depois, a bicharia da floresta, despertada pelo alento que a instrução recebida na escola lhes levara ao íntimo, animava a vida dos matos, cantando e voando, agitando-se na manifestação alegre do trabalho e do estudo. O tico-tico, com a sua escola, realizára o milagre de tornar à vida os companheiros da floresta aos quais a indolência, por pouco, não aniquilára.

O Calendário dos Egípcios

Nas plagas das pirâmides, determinava-se com precisão a duração do ano, que era dividido em 12 meses de 30 dias cada um. Os restantes 5 dias ou 6 dias, nos anos bissextos, eram consagrados a festividades. O mês dividia-se em 3 períodos de 10 dias cada um.

Pelo Calendário dos Egipcios se nortearam os Romanos, por ordem de Julio Cesar, após a conquista do Egito, (ano 46 antes de Cristo). Os Romanos distribuiram os 5 dias extras acrescentando um dia a cada um destes meses: Janeiro, Maio, Julho, Setembro e Novembro e retirando um dia a Fevereiro.

—o—

A SEMANA DE 7 DIAS

Antes da Era cristã, os Romanos adotavam a semana de 8 dias, ao oitavo dia chamavam "o dia o mercado".

A semana de 7 dias foi estabelecida pelo imperador Constantino, no ano 321, inspirando-se no Calendário hebreu.

—o—

ANOS BISSEXTOS

São aqueles que teem 366 dias. Todos os anos que sejam diviveis por 4, exatamente, são anos bissextos. O ano atual é bissexto, como serão bissextos também os anos: 1948, 1952, 1956, 1960, 1964, 1968, 1972, 1976, etc.

O NATAL E O ANO NOVO CAEM SEMPRE NO MESMO DIA DA SEMANA

Havia uma vez três irmãs, chamadas Branca, Alva e Clara. Eram criaturas muito boas, mas não se podia dizer que eram tão boas quanto bonitas, pois quem as via logo se impressionava com as cutis que possuiam, cheias de manchas e de espinhas.

GRANDE CONCURSO DE BELEZA

Entretanto, cada qual desejava ficar mais bonita que as outras, e para isso faziam as três os maiores esforços. Ora, aconteceu que houve na cidade onde elas moravam um concurso de beleza, com prêmios magnificos e tentadores.

A irmã mais velha, Branca, logo que soube, começou a fazer um tratamento que lhe veio à cabeça, com uma diéta exagerada, pois alguem lhe tinha dito que as espinhas e manchas do rosto eram causadas pelas cousas que ela comia.

A outra, Alva, por sua vez, entendeu de fazer outro tratamento também inventado por si mesma, e comia demais, e tomava remédios e mais remédios, e fortificantes, sem nenhum médico ter receitado coisa alguma...

SO EXT

Leite de Colonia

PARA O EMBELEZAMENTO DA MULHER

LABORATORIOS LEITE DE COLONIA STUDART & Cia.

MANAOS - RIO

LABORATORIOS STUDART

Afinal, chegou o dia do concurso. Branca estava reduzida a um esqueleto, com o rosto que parecia um ralador, de tanta espinha. Alva, coitada, tinha engordado tanto que parecia uma velha, e no seu rosto até pêlos tinham nascido!

Quando, porém, Clara apareceu, foi um deslumbramento! Sua pele estava linda, macia, sem uma única manchinha, fresca como a cutis de uma criança! Toda a gente quis saber o que tinha realizado aquele milagre. E então Clara explicou, simplesmente:

Eu tinha enorme tristeza de minha pele ser tão feia, e não fiz mais do que seguir o conselho da experiência. Vi, em uma revista, um anúncio do afamado "Leite de Colonia", a agua milagrosa que faz desaparecer as impurezas da cutis, em vez de escondê-las apenas.

Usei, então, cuidadosamente o "Leite de Colonia", e obtive este maravilhoso resultado. Qualquer pessoa que tiver a pele manchada e feia, poderá conseguir o mesmo resultado... Clara, como é natural, ganhou o prêmio. E ainda arranjou um noivo, que fazia parte do juri do concurso se apaixonou por ela.

A VINGANÇA DOS PEIXES

OSORIO NUNES

AQUELA tribu de indios vivia feliz e satisfeita. Era fertil e tranquila a região onde tinha acampado, fugindo à perseguição de outra tribu maior e mais forte. Acossada pela guerra, deixára as margens do rio caudaloso onde sempre tinha vivido e, internando-se nas florestas densas, encontrára, um dia, aquela região generosa e amiga, que era como uma graça de Tupan a seus filhos fracos e pequeninos.

Desde então, se estabelecera no melhor ponto da nova terra, desfrutando, suavemente, sem preocupações, tudo que de bom e de rico abundava em torno. As matas eram abençoadas e fartas. Davam o assai, o tucuman, a bacâba, o meriti, a popúnha e o patauá. As árvores de cupuassú enchiam a taba dos seus frutos saborosos, o bacuri era encontrado perto e, não muito longe. as castanheiras espalhavam ouriços pródigos pelo chão. Os bichos da floresta eram uma constante provisão de caça e, no lago em frente, vinham desovar os peixes, as tartarugas e as aves do rio grande. Os peixes do lago devoravam as larvas dos mosquitos e, por isso, não havia febres palustres nas redondezas, livres de igapós e atoleiros.

A riqueza da terra inundava o coração dos indios. Tôda a aldeia via passar os dias na suavidade das horas satisfeitas. Não havia logar para a ambição e o egoismo. A terra era de todos, dava para todos, não deixava surgir a competição e a inveja. "Coração de Luar", o velho cacique, era sereno e imponente como uma garça. Também sua grande alma recebia a graça da felicidade geral e tinha sempre um gesto de bondade e uma palavra de perdão. Todo dia o pagé renovava as tatuagens do rosto e vinha para a entrada de sua cabana erguer graças a Tupan, pela infinita ventura que repartia, após tantas angustias e incertezas. O ruido do maracá confundia-se com as vozes da oração e ficava enchendo a taba, até às primeiras sombras da noite. Então, as mulheres acendiam a fogueira e em torno se sentavam os anciãos, contando episódios do passado. Os moços eram obedientes e atentos. E vinham, respeitosamente, ouvir a palavra dos velhos, colhendo os conceitos da experiência e pensando no dia em que também ensinariam a filhos e netos o segredo das plantas medicinais e a história dos antepassados.

* * *

Uma tarde, o pagé estava rendendo graças a Tupan quando, ao levantar os olhos, viu um indio desconhecido que cambaleava na margem do lago. Pediu auxilio e, pouco depois, o estrangeiro entrava na aldeia. Era "Olho de Cobra", um dos sobreviventes da tribu inimiga, que fôra, finalmente, vencida, após muitas e muitas luas de guerra com outras nações indigenas. O chefe manso e bom mandou preparar uma cabana para o recem-chegado e, sem rancor nem ressentimento no coração generoso, acolheu o inimigo na taba. Com um ferimento de flexa num braço, o indio foi se deixando ficar no seio daqueles que sua gente perseguira. Astuto e silencioso, começou a ganhar prestigio entre os jovens, que o começaram a encarar como uma boa aparição, destinada a conduzir a tribu a vida nova e diferente.

O velho chefe, embebido na satisfação de sua ventura, nada ouvia, nada sabia. E "Olho de Cobra" encetava a sua obra ingrata de levar à aldeia feliz à intranquilidade.

Certa noite, quando todos estavam sentados em torno da fogueira, "Olho de Cobra" fez uma estranha proposta. Conhecia o segredo do timbó, uma terrivel raiz ignorada, que poderia trazer mais abundancia à tribu. Uma porção amassada de timbó, jogada ao lago, mataria os peixes que estivessem mais próximos da margem. Teriam, então, muita conserva de moquém, sem necessidade de sair, diariamente, à pesca. Encontrára as raizes perto das castanheiras. Não custava nada tentar.

"Coração de Luar" se opôs, imediatamente. Bondoso que era e satisfeito com o que tinha, não compreendia a necessidade da aventura e, ademais, adivinhava algo confuso e de más consequências na idéia. Mas era, também, arguto e inteligente. Percebeu a reação dos moços. Não se devia iludir. "Olho de Cobra" realizaria o projéto a todo custo e dividiria a tribu, separando os jovens dos velhos. Então, com surpresa dos anciãos, autorizou a matança geral dos habitantes do lago.

* * *

"Olho de Cobra" reuniu os moços. As mulheres aderiram. Sòmente os velhos ficaram entre as crianças, silenciosos e graves, impotentes ante o atentado.

O grande grupo rumou para a mata e, do local marcado por "Olho de Cobra", começou a remover raizes de timbó para as margens do lago. Era jogar à água a raiz amarelada e venenosa e logo subiam à superficie milhares de peixes mortos ou agonisantes. O fogo e constante para a moqueagem do peixe e é os velhos já se mostravam satisfeitos com o exterminio. Morriam todos os sêres do lago, quando os sobreviventes resolveram se vingar. Noite alta, quando os ambiciosos repousavam da inescrupulosa tarefa, os peixes, descendo a correnteza do rio grande, abandonaram as águas envenenadas pela ganância.

No dia seguinte, os indios atiraram o timbó ao lago. Com surpresa, verificaram que nenhum peixe aparecia. Repetiram a tarefa. Inutil. Insistiram. Arrependidos e desolados, compreenderam que, para ganhar tudo de uma vez tinham perdido, para sempre, o alimento de todos os dias. Indignado, o Conselho dos Anciãos, apoiado pelos moços, expulsou "Olho de Cobra".

Nunca mais os peixes do rio grande subiram até o lago, que se foi tornando perigoso e cheio de mosquitos. Com a ausência dos peixes, os insêtos se multiplicavam à vontade, trazendo a febre para a aldeia. Nutridos apenas com o que lhes dava a floresta e desanimados pela vingança dos peixes, os indios perderam a felicidade primitiva, que tão dificilmente tinham conquistado.

Dizimados pelas febres, abatidos e tristes, não tiveram coragem para procurar outra região, pois, sabiam que Tupan os castigára para sempre. Foram morrendo aos poucos, miseráveis e inchados, caindo pelos cantos da taba amaldiçoada pela Mãe D'Agua.

E, um dia, quando os peixes voltaram ao lago abandonado, as raizes do timbó dormiam de novo no seio da terra e a aldeia sem vida não tinha mais nenhum envenenador das águas povoadas pela graça de Tupan.

O LEITÃOZINHO

GERDA costumava passar o verão no campo com Erik, seu marido, e os seus dois filhos, Kaj e Dagmar. Gerda tinha vinte e oito anos. Gostava imenso de passear sòzinha, por entre a natureza silenciosa, arrancando, aqui e além, uma erva, que mordiscava com evidente prazer, sobretudo quando sua mãi não estava presente. Acontecia-lhe então abandonar-se a vagos pensamentos, ou, para melhor dizer, nessas ocasiões, idéias fugitivas, repassadas dum indefinível encanto, afluiam-lhe, passageiras, e algumas vezes, até se detinham, demoradamente.

Sentava-se, então, num banco do jardim e, enquanto os seus dentes miudinhos trituravam, um após outro, os tufos de ervas, o calor estival, as nuvens do céu e o vasto campo de centeio, que se estendia para além da sebe, harmonizavam-se maravilhosamente com tôdas as idéias, que surgiam e se desvaneciam no espírito de Gerda, com a mesma naturalidade com que ela respirava o ar puro do ambiente. Do jardim vizinho, pertencente ao rendeiro Andréas Hansen, chegavam-lhe exclamações de alegria que, infundindo-lhe um sentimento de calma e segurança íntimas, convertiam em encanto todo aquêle harmónico conjunto.

Era lá que Kaj e Dágmar brincavam com outros companheiros da sua idade, sob a vigilancia duma velha criada, tão séria e tão bondosa, muito melhor que a criadita de Gerda.

Havia uma outra nota importante: é que Gerda amava os filhos com uma paixão sem limites. Queria-lhes como não podia querer a mais ninguém no mundo, excepto seu marido, que era, para ela, o ser mais perfeito da criação. Todavia, experimentava algumas vezes uma grande, uma enorme necessidade de se sentir completamente isolada, numa calma absoluta, em completa solidão. Por outro lado, bem precisava disso, pois a vida não consiste apenas em deixar-se absorver, constantemente, pelos pequenos afazeres de cada hora, ou pelas crianças, dando voltas todo o santo dia, como uma máquina que só, à noite, o sono vem paralisar.

Em tais condições, ser-lhe-ia, evidentemente, impossível desempenhar junto de seu marido o papel duma verdadeira companheira; claro que experimentava uma imensa alegria, quando voltava a casa ao anoitecer, vindo da cidade, mas a verdade é que, durante todo o dia, não podia, por um minuto que fôsse, desembaraçar-se completamente de tôdas aquelas pequeninas preocupações; aquelas pequeninas preocupações, que, agitando-se sem cessar na nossa cabeça, nos distraiem e nos tornam incapazes de interêsse por tudo que tenha algum valor aos nossos olhos, e de que no fundo, gostaríamos de disfrutar plenamente. Tinha, além disso, de reflectir a sós sôbre uma multidão de coisas, a-fim-de poder discernir, por si, o que era justo, e não se deixar guiar apenas pelo critério do espôso.

De tôda a maneira, era-lhe impossível abdicar totalmente da sua independência, embora isto fôsse difícil, a quem, como ela, amava tanto o seu marido. De-resto, havia certas pequenas coisas, de que Gerda tinha de ocupar-se sòzinha, não só por lhes ter grande apêgo, mas ainda porque Erik, quando se falava delas, limitava-se a sorrir, amàvelmente, é verdade, mas o certo é que sorria. Isto magoava-a, aborrecia-a, mortificava-a, até; e nada no mundo lhe era mais doloroso do que sentir essa mortificação na presença de Erik.

Ali, no campo, uma dessas pequeninas coisas era o leitãozinho. Pertencia a Andreas Hansen e estava familiarisada com as pessoas. Deixavam-no correr, livremente, horas inteiras, todos os dias, e as crianças brincavam com êle como se fôsse um cãozinho. Quando chamavam por êle, acudia alegremente, dando saltos engraçadíssimos, e voltando a cabeça para tôda a espécie de coisas, tomado por súbitas curiosidades; piscava os olhitos, remexia o focinho e soltava grunhidos de satisfação, quando Gerda lhe fazia festas.

Gerda estava muito convencida, que era a ela a quem o animal melhor conhecia e de quem mais gostava. As crianças não o largavam nunca; eram violentas nas suas afetuosas demonstrações, e puxavam-lhe pelas orelhas com tanta insistência que êle, assustado, acabava por lançar um grunhido sêco, como o de certas bonecas, quando se lhes carrega na barriga.

Seria inútil pretender dissimulá-lo: um leitãozinho tão alegre e tão luzidio como aquêle a nada se assemelhava tanto como a um bébé. E nada no mundo enternecia tanto Gerda como as criancinhas, os seres pequeninos, tão pouquinha coisa, que não podem fazer um gesto sem necessitar duma ajuda.

Talvez isso não lhe ficasse bem, mas o certo é que tinha sentido pelos seus filhos um afêto muito mais exaltado, quando ainda usavam cueiros do que agora, que tão pouca necessidade tinham do seu auxílio. Não é verdade que ter de cuidar animais exige

CONTO de KARL LARSEN

também um certo sentimento de delicadeza? Gostaria tanto de ter um cão na sua casa de Copenhague . . .

Mas não podia deixar de dar razão a Erik, que dizia que, nas grandes aglomerações, os cãis são sempre uma coisa incómoda.

Quando as crianças já estavam arranjadas para ir brincar para os campos sob a vigilancia das criadas, Gerda dirige-se, lentamente, para o celeiro de Andréas Hansen e chegava a ir até ao chiqueiro, se não encontrava o leitãozinho no jardim ou no pátio.

Quando chamava por êle, mesmo se o fazia em voz baixa, acudia a galope, dando saltos triangulares e já sabendo muito bem que ela o levaria consigo até ao jardim; conhecia o caminho e tomava logo a dianteira, erguendo para o ar o seu rabito em rosca.

Depois, brincavam juntos, as vezes durante horas e horas.

Ela tinha-lhe ensinado a apanhar com a bôca e a trazer-lhe à mão as maçãs caídas das árvores, e, depois de ter juntado um monte sôbre o seu regaço, punha-se em pé sôbre as patas trazeiras, com o olhar ávido, o focinho ágil e as patas da frente remexendo no meio do montão, até que ela lhe desse licença para comer as maçãs.

Se passeavam os dois pelo jardim, tão depressa parava para a esperar, quando ela se atrasava, como, se era êle quem havia passado à frente, voltava para trás, ao seu encontro, com a tromba ao sol, tão turbulento, tão alegre de viver, que, às vezes, pouco faltava para a derrubar com as suas explosões de afecto.

Erik tinha visto algumas vezes o leitãozito e concordava em que era um animal engraçado; mas punha-se logo a falar duma multidão de coisas diferentes.

Gerda, evidentemente, fazia todo o possível para não voltar a trazer tal assunto para a conversa. Um dia que passeava com Erik, chegara mesmo a esboçar um ligeiro pontapé destinado ao leitãozito, que se obstinava a correr atrás dela para brincar com a franja do seu vestido.

Mas, no dia seguinte de manhã, quando, a sós, voltou a encontrar-se com êle, Gerda, para resgatar a sua falta da véspera, mostrou-se duplamente atensiosa e, como compensação, foi apanhar as melhores maçãs entre as que estavam caídas, e deu-lhas.

Quando Gerda, sozinha, reflectia seriamente na actividade de seu marido, pensava, para si, que esta raça de animais, cujo nome havia sido ridicularizado pelos homens, era injustamente desconhecida.

Considerava isso um preconceito vulgar, um malvado e estúpido preconceito humano.

Os porcos não eram, de modo nenhum, sujos e grosseiros no seu estado natural; tudo dependia, muito simplesmente, da maneira como os homens os criavam.

Nos estábulos modernos viviam no meio duma grande e constante limpeza e eram aí tão limpos como qualquer outro animal.

(Continúa no fim do Almanaque)

VOCÊ SABIA?
AS MEDUSAS SÃO SÊRES, FORMADOS QUASE INTEIRAMENTE POR ÁGUA DO MAR TENDO A CURIOSA PROPRIEDADE DE EMITIR FOSFORECÊNCIAS.
UM GORILA MACHO EM PLENO DESENVOLVIMENTO PODE ALCANÇAR UMA ALTURA DE DOIS METROS E PESAR 200 QUILOS.
ATÉ HOJE SE CONHECEM 800 ESPÉCIES DE MORCEGOS, REVELANDO UMA GRANDE VARIEDADE DE FORMAS E CARACTERES.
PARECE QUE O RECORD DA FECUNDIDADE DOS PEIXES PERTENCE AO BACALHAU, CALCULANDO-SE QUE ÊLE PODE PÔR ATÉ 9.444.000 OVOS.
PAULO AFFONSO /43
O TIGRE OCUPA O PRIMEIRO LUGAR ENTRE OS ANIMAIS DA INDIA. E' EXCELENTE NADADOR E ESSENCIALMENTE NOTURNO.

Maroquinha Rabello

Natal! Natal! No céu repicam sinos de ouro
Vozes celestiais cantam hosana em côro!
Desprende-se da altura um frémito de amor
Há sorrisos no espaço, há fragrância na flôr!
Tudo é gala e prazer. Tudo é grande e jocundo
festeja-se Jesús, o redentor do mundo!
Celebra-se com gáudio um grande nascimento
A terra é toda festa, a prece é toda alento!
E o presepe reluz no palácio do nobre
como reluz além, na cabana do pobre.
A humanidade esquece a dor, esquece a luta
e pára a meditar diante da doce gruta.
E transporta-se longe, em terras de Belém,
sem cogitar do mal, só aspirando o bem!
e não vê que essa rocha abrupta é feia e escura
que essa gruta de um Rei é toda miniatura,
e pensa o mundo absorto, olhando o Deus Menino
que o bondoso Jesús inda é assim pequenino...
Cheio o peito de fé, de amor e de esperança
a prece é dirigida à cândida criança;
devendo orar-se, a um Pai, como se ora a um Filho...
e a palha do presepe esplende tanto brilho
que ofusca a vista, absorve a idéia, enleia a vida!

. . . .

Ao eterno labutar dessa luta renhida,
quando falham ideais que se esvaem e que voam,
para o Menino Deus, no ardor dos corações
sobem preces aos Céus, descem consolações!
Na terra tudo é sol! No céu é tudo luz!
Para nossa ventura e paz, nasceu Jesús!
Vozes celestiais cantam hosana em côro!
Natal! Natal! No céu repicam sinos de ouro!!

DE UMA FÁBULA DE LAFONTAINE

O MACACO E O GATO

NUMA noite de inverno, estavam um macaco e um gato aquecendo-se à lareira da casa de seu dono, um velho capitão da marinha mercante. No fogo tinha êste posto a assar uma boa quantidade de castanhas. Os nossos dois amigos sentiam o cheiro do saboroso fruto mas não estavam com coragem de arriscar a pele metendo a pata no lume. Mestre macaco com a bôca cheia de água, resolveu usar da estratégia politica, e para isso assim falou:

– Compadre Gato, "dá Deus nozes a quem não tem dentes", diz um velho ditado muito aplicavel ao nosso caso.

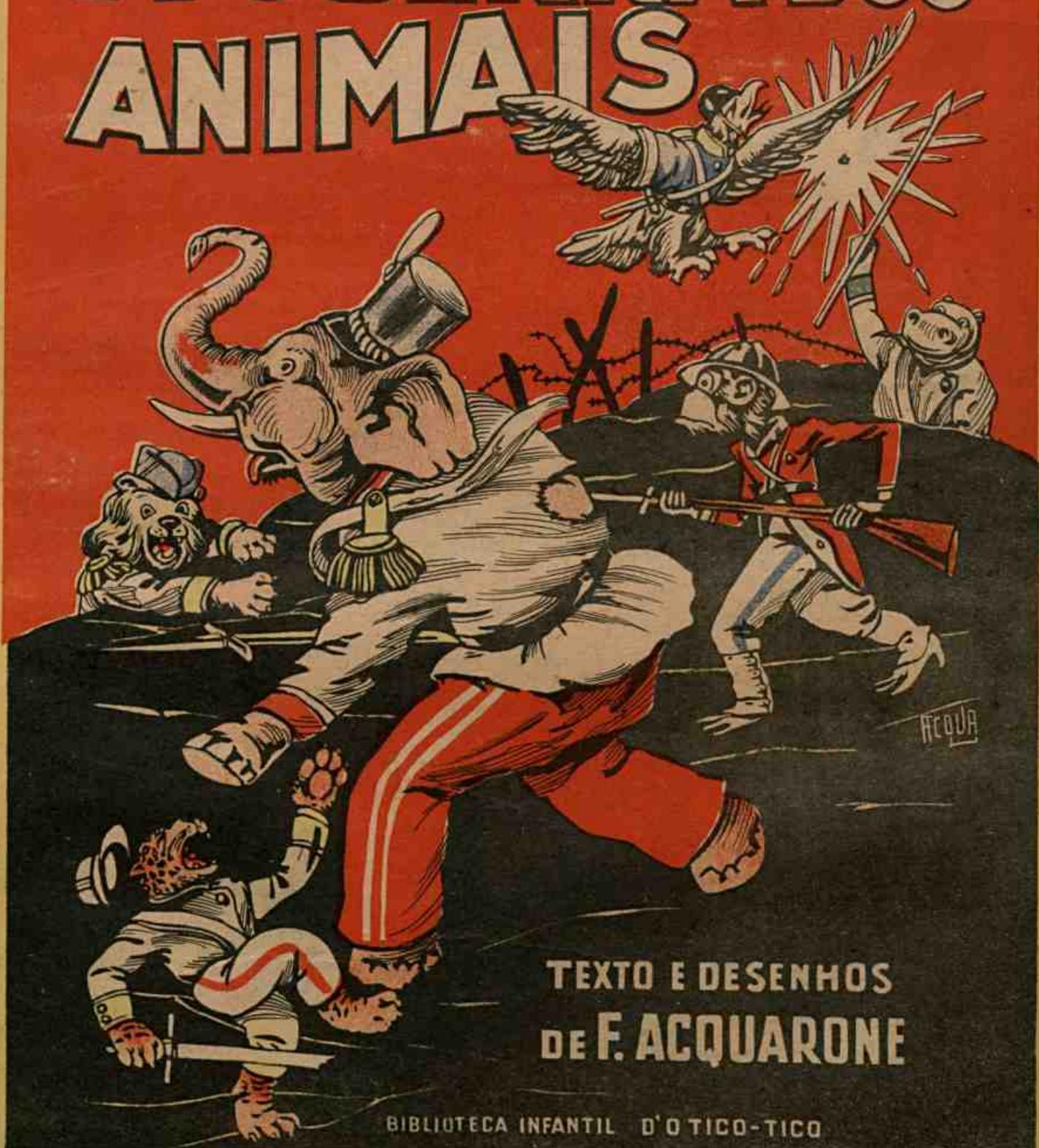
Si eu tivesse a habilidade que o meu querido amigo possúe, para extrair por uma pequena abertura todo o queijo e demais gêneros alimenticios que o nosso dono guarda no armário, já teria retirado há muito tempo as castanhas que estão à nossa frente! Mas, meu companheiro, não tenho a necessária competência para tal trabalho. Faltam-me a inteligência, e a agilidade que no meu amigo estão sobrando. Sou um desastrado.

Mestre Gato, envaidecido com tais elogios, resolveu-se a tirar as castanhas mesmo à custa de algumas queimaduras. Estava em jogo a sua reputação.

À medida que as ia retirando, o patife do macaco tirava-lhes a casca e passava-as ao estômago.

Nessa altura entrou o capitão, o qual, vendo a atividade do felino, lhe aplicou duas bengaladas, e das rijas.

O esperto macaco já se tinha posto a salvo, empoleirando-se no candelabro de uma sala vizinha; e desta maneira respondeu ao gato, que lhe exprobava a sua patifaria e egoismo:

– E' sempre assim!... Na vida os espertos procuram um tolo que lhes tire as castanhas do fogo...

NÃO GÔSTO DE PATO!

UMA PÁGINA DE
GUSTAVO BARROSO

FELIZMENTE, nunca fui bom caçador. Durante os anos em que vivi pelos matos do Ceará, a caça era o que menos me seduzia. Não me sentia com ânimo de atirar nos pássaros canoros e de côres vivas. Preferia admirá-los. Entre mim e certos animais estabelecia-se como que uma simpatia tácita e espontanea, corrente misteriosa que até hoje não sei explicar.

Naquela mesma lagôa do Presepeiro, observei durante dias seguidos que, ao cair da noite, um grande pato selvagem, um putrião, ave bastante rara, alçava o pesado vôo, ao crepúsculo, em procura do longinquo pouso onde dormia. Reliquia duma raça perseguida, arisco e só, perdia-se ao longe no céu que escurecia arroxeado. Êsse pensamento, um tanto informe, naquêle tempo, em minha alma infantil, paralizava-me o braço. Nunca apontei a arma ao putrião solitário.

Acompanháva-lhe o vôo, enquanto podia, imaginando onde iria esconder-se nas trevas da noite silenciosa. Muitas vezes, rastejando pelos ervanços, avancei até a margem da pequenina lagôa perdida nos desertos taboleiros. A minha frente, via o grande pato nadando por entre as vegetações aquáticas, mariscando e mergulhando. Erguia de quando a quando a cabeça, desconfiado. Seus olhos orlados de amarelo perscrutavam os arredores. Submergia-se rápido. Reaparecia mais longe. Retirava-me ao ir êle embora, sulcando o espaço com o pesado vôo. Murmurava baixinho:

— Até amanhã!

Uma tarde, não fui ao Presepeiro. Meu primo Joãozinho fôra caçar para aquele lado. Ouvi um unico tiro ao cair da noite. Meu coração se anuviou. Quando êle chegou em casa, foi logo dizendo alviçareiro:

— Afinal matei o diabo do putrião do Presepeiro!

E tirou da bôlsa de maracajá o pobre bicho inteiriçado. Fique com os olhos cheios de água. Nunca mais veria aquele vôo misterioso que cortava diariamente o céu na hora crepuscular.

Ao dia seguinte, quando o serviram ao almoço, recusei comê-lo, apesar da insistencia de todos, de máu modo:

— Não gôsto de pato!

(Do livro "Liceu do Ceará" — (memórias).

Aventuras de Zé Macaco e Faustina

— Oh!! — exclamou Faustina, ao descobrir que entre seus lindos cabelos apareciam muitos fios brancos. — Oh! Oh! Que horror!! Oh!

Imediatamente tratou de providenciar. Indagou de amigas, leu prospectos, ouviu programas de beleza pelo rádio e...

...ei-la a preparar um tônico maravilhoso, milagroso e perfumoso, com o qual esperava retornar a ter cabelos lourinhos...

...como quando era criança e não sabia falar e a mamãe já lhe ensinava os cabelos pentear.

Vendo aquilo, Zé Macaco ficou com medo. E' que êle já sabe no que dão as invenções e novidades de Faustina.

Madame Macaco, após a aplicação do tônico maravilhoso, milagroso e perfumoso, meteu-se no bercinho.

No dia seguinte, com grande otimismo, tirou a toalha e oh! surpresa! A emenda fôra pior do que...

...o soneto! Os cabelos estavam rajados, como couro de zebra! Pobre Faustina! Como chorou!!

Zé Macaco consolou-a como pôde, mas sentia vontade de rir pensando em um pijama listrado que tivéra...

AS FERAS DO

JOAOZINHO estava muito doente e o seu amigo Gustavo quis visitá-lo. Era perto, mesmo ao lado. Ninguém precisava levá-lo à casa do amiguinho.

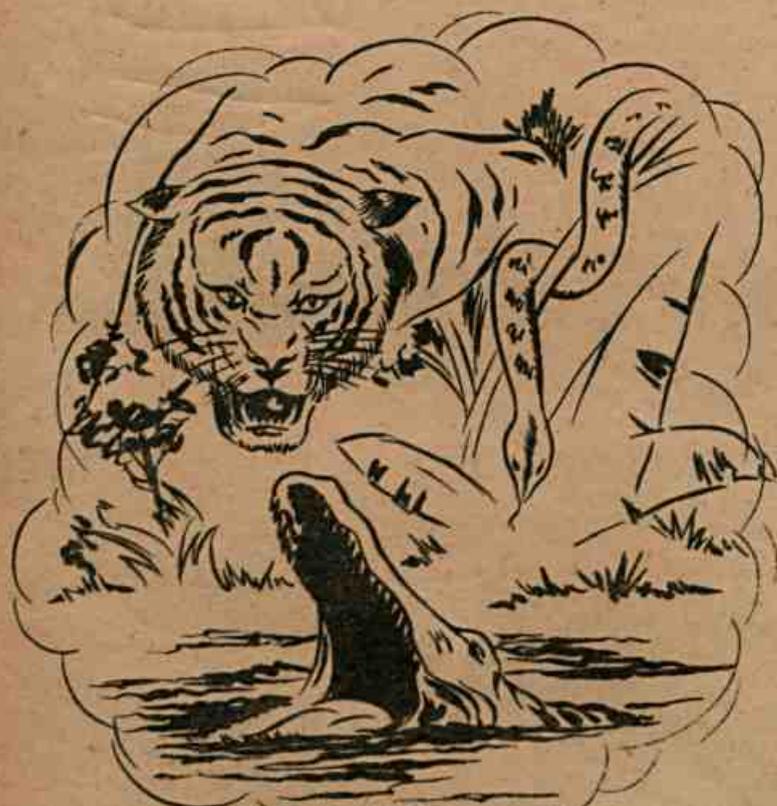
E Gustavo, garotinho peralta e quebrador de louça, foi à procura da mamãe, que se preparava para ir à missa, pois era domingo, o dia do Senhor.

— Não poderás ir hoje. Preciso da tua companhia nesta hora; além disso, já perguntei por Joãozinho ainda há pouco.

— Êle já ficou bom, mamãe?

— Não. Teve muita febre e passou a noite apavorado com os bichos!...

— Bichos?... Que bichos, mamãe?!...

E D. Luzia passou a contar ao filho o que soubera a respeito do Joãozinho. Gritou muito, dizendo que o urso bravo o atacava para devorá-lo. Sentia-se numa floresta cheia de feras e de répteis venenosos... Era a febre alta que o fazia delirar.

— Ainda está assim, mamãe? — perguntou Gustavo, já pensando na falta do amigo para as travessuras, que tanto assustavam as pessoas de casa.

— Não... O médico passou a noite lá... Já está quasi sem febre, mas muito abatido e não convém receber visitas hoje... Já disse à D. Leocadia que lhe fizesse uma visitinha em teu nome... Agora, vamos... Está na hora da missa.

E lá se foi Gustavo, na roupinha branca, bem passada, seguro na mão amiga da mamãe Luzia. Seguia calado, a lembrar-se do que, no jardim, à tarde, lhe dizia o bom companheiro. Uma empregada, a Zeferina, que vivera muito tempo no sertão, lhe contava histórias do *Saci Pererê*, da *Mula sem cabeça* e dos animais ferozes que, nas matas sombrias, comiam os meninos roubados pelos ciganos nas aldeias e cidades por onde passavam.

E tão distraido ia Gustavo, com a mente cheia das histórias que Joãozinho lhe repetia, que nem reparou na chegada ao templo iluminado e rico.

D. Luzia abriu o livro e começou a orar. O vigário, no altar, voltava-se para os fiéis:

— *Dominus vobiscum*...

— Mamãe! A Zeferina contou ao Joãozinho uma porção de histórias de bichos máus... onças, jacarés, leopardos... — disse alto, Gustavo, alheiado de tudo, apenas impressionado com os delírios febris do amigo enfermo.

No silêncio do recinto, aquela voz infantil chamou a atenção das almas devotas e muitas cabeças se voltaram para o lugar em que D. Luzia, surpresa, chamava, em voz baixa, a atenção do filho:

— Silêncio, Gustavo!... Aqui não se conversa... Olha! Lá está o Papai do Céu!... Reza, anda!... Reza!...

Gustavo caiu em si e ficou meio desapontado e, de joelhos, começou a rezar maquinalmente, a seu modo.

De volta para casa, D. Luzia perguntou a Gustavo que Zeferina era aquela das histórias horríveis contadas a Joãozinho. E êle explicou-lhe: — A empregada, mamãe, a Zeferina, que veio lá de longe, do sertão, com a senhora daquele engenheiro, amigo do pai de Gustavo.

Foi, então, que D. Luzia tudo percebeu.

A pobre mulher, vinda do sertão, contara aquelas histórias, sem atentar na alma impressionada e emotiva da criança.

No dia seguinte, à tarde, Gustavo teve permissão e foi visitar Joãozinho. Os dois amigos ficaram radiantes e Joãozinho, ainda fraco, quis assim mesmo saber qual a fita a que Gustavo assistira no domingo à tarde.

— Bonita e colorida, Joãozinho! Chamava-se *Mowgli, o menino lobo*...

— Mas o lobo comeu o menino?

Gustavo ia contar a história, quando D. Luzia interveio:

— Não fique aí a cansar Joãozinho com histórias, Gustavo...

Joãozinho, porém, estava curioso e D. Leocádia atalhou logo:

— Não faz mal a história, D. Luzia... Deixe o menino contar o enredo do filme.

Mas, D. Leocádia, não lhe parece que Joãozinho é muito impressionável?...

E mais em particular:

— Os delírios da febre...

— Ah!... sim... O doutor já conversou sôbre o assunto... Precisamos dar um outro aspecto à questão. Doravante, os bichos passarão a ser amigos e não só inimigos cruéis do homem e das crianças.

O doutor falou nesse filme e disse que, simplificado, só poderia fazer bem...

— Mas Gustavo saberá simplificar as coisas — retorquiu D. Luzia.

— Oh!... sim... As crianças são simples por natureza...

— Então, Gustavo, converse aí com Joãozinho...

Foi para ambos muito agradável a decisão de D. Luzia. Gustavo não só contaria o enrêdo do filme, como ainda as travessuras que fez e as já projetadas para depois.

JANGAL

Por GAY DE CHANTAL

A vontade! — acrescentou D. Leocádia, que, à parte, fez ciente a amiga e vizinha de uma outra novidade. O doutor lhe dissera que convinha colocar Joãozinho num colégio, onde os responsáveis, os professores, todos, enfim, soubessem compreender bem êsse assunto.

Deu-me até um prospeto dêsse colégio — concluiu Dona Leocádia. Ouviram-se, nesta ocasião, risos altos dos dois pequenos amigos.

D. Luzia deu por terminada a visita e partiu. Levava, pela mão, Gustavo, radiante porque Joãozinho já podia brincar com êle.

— Conversou muito com o amigo? — perguntou D. Luzia ao chegar à casa.

— Muito... Gostei muito de ir lá...

— Sabe da novidade? Joãozinho vai para o colégio!...

— Vai para o colégio? E a professora particular?

— Naturalmente não virá mais...

— Que colégio, mamãe?

— Não sei... Esqueci de perguntar à D. Leocádia...

— Que bom se fôsse para o Instituto La-Fayette!... Lá no Departamento Preliminar a gente estuda muito, mamãe...

— Talvez seja um pouco longe para êle.

— Mas Joãozinho vai ficar forte... vai passar uns dias em Caxambú...

— Dias, não — concluiu D. Luzia, uns meses.

Aproximava-se a hora do jantar... Acenderam-se as luzes... O pae de Gustavo reuniu a família, com a satisfação de quem preencheu bem as horas de trabalho dum dia afanoso.

* * *

Joãozinho olhava satisfeito para aquele ambiente de festa. Era uma tarde linda de setembro e, no parque ajardinado, ao som da banda marcial, desfilavam os meninos muito garbosos nas suas roupas de esporte. Quanta gente estava ali, naquela festa ao ar livre!... Joãozinho, que tudo olhava atento, de repente puxou a manga de D. Leocádia:

— Olha, mamãe! Que bonito!... O Gustavo está ali, marchando...

E D. Leocádia viu o filho de D. Luzia todo contente, desfilando para o jogo esportivo.

Tudo ali fazia bem e era agradável à alma emotiva de Joãozinho, os jogos infantis, os desfiles, a ginástica ritmica, o plantio simbólico da árvore...

Quando, porém, uma salva de palmas saudou a libertação das aves, Joãozinho não se poude mais conter.

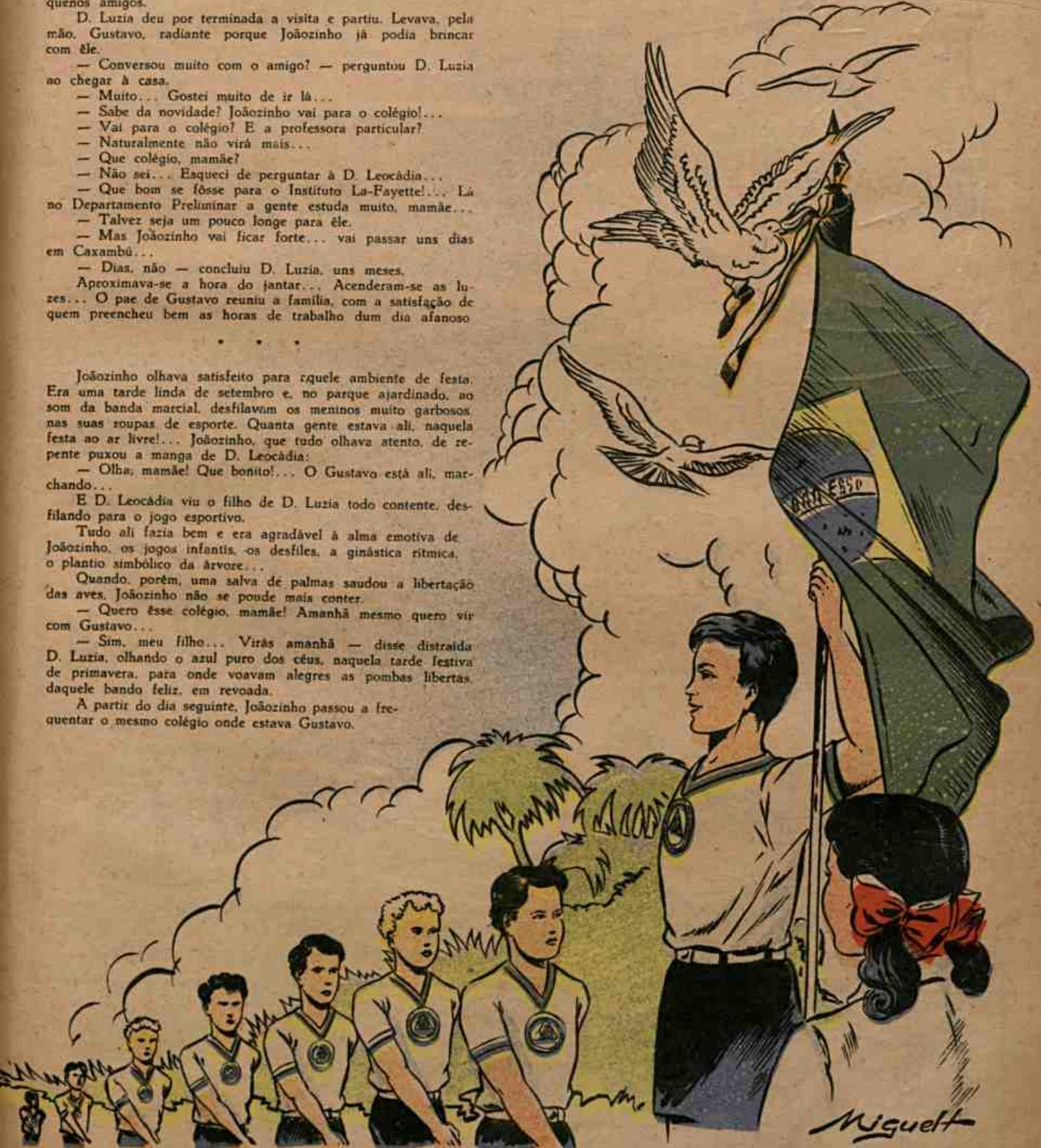
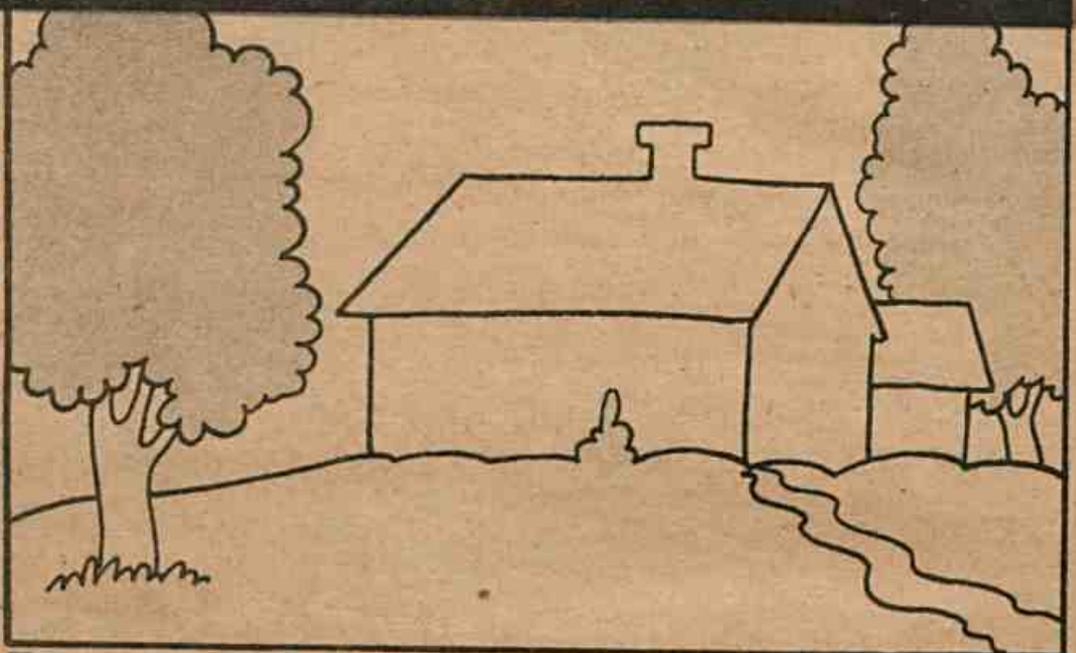
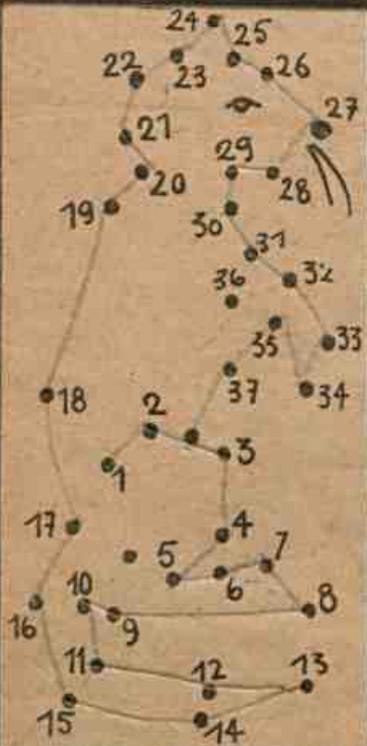
— Quero êsse colégio, mamãe! Amanhã mesmo quero vir com Gustavo...

— Sim, meu filho... Virás amanhã — disse distraida D. Luzia, olhando o azul puro dos céus, naquela tarde festiva de primavera, para onde voavam alegres as pombas libertas, daquele bando feliz, em revoada.

A partir do dia seguinte, Joãozinho passou a frequentar o mesmo colégio onde estava Gustavo.

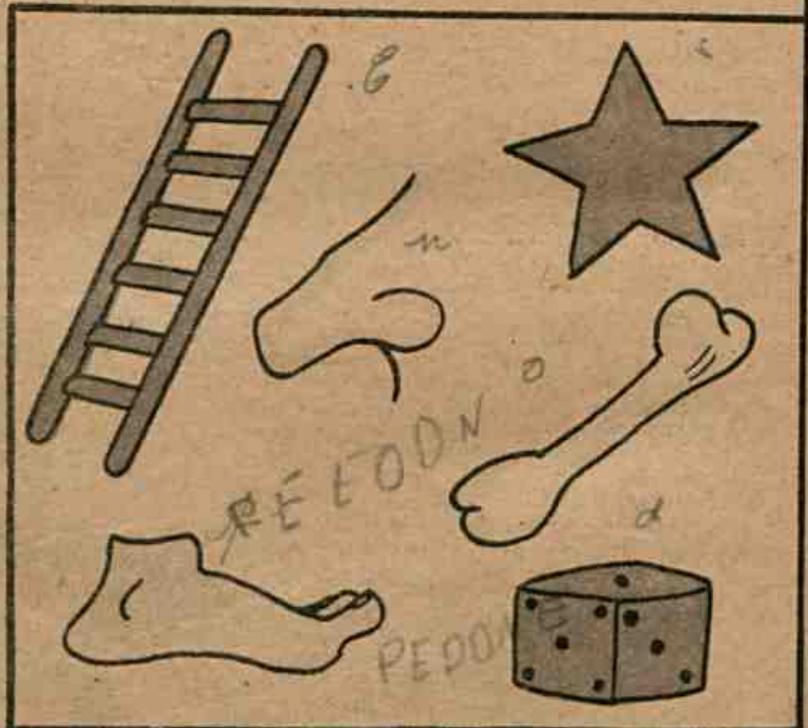
E com o correr do tempo, Gustavo tornava-se mais ordeiro e menos quebrador de louças e, por sua vez, não povoavam mais a mente de Joãozinho as histórias horriveis dos bichos máus devoradores de crianças indefesas.

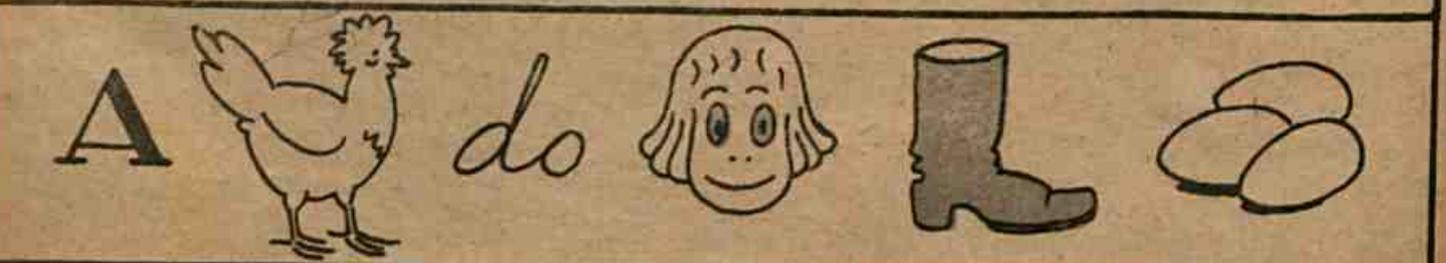
Agora era o colégio, as aulas ao ar livre, a amizade que se poderia ter aos bichos, como Mowgli tinha às féras do *jangal*. Agora, com os meninos do Instituto La-Fayette, soltaria também, para o azul iluminado dos céus, as pombas em revoada, nas tardes festivas do Departamento Preliminar.

Passatempos e Quebra Cabeças

UNA OS PONTOS DO NUMERO 1 A 37

TERMINE ESTE DESENHO, COLOCANDO JANELAS E PORTAS NA CASA, UMA DUZIA DE FRUTAS EM CADA ARVORE, E ALGUMAS FLORES NA GRAMA.

Ita Mosd

Pio Loot

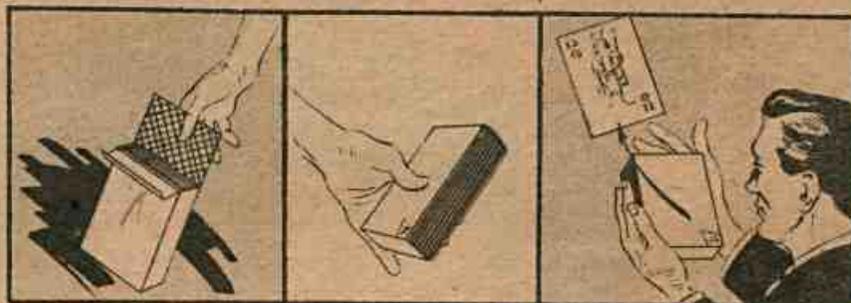
TROQUEM AS LETRAS DE CADA CARTÃO DE VISITAS E ACHARÃO AS PROFISSÕES DOS SEUS DONOS.

FORMAR COM AS INICIAIS DAS FIGURAS DESENHADAS O NOME DE UMA CIDADE DE ALAGOAS.

A do

MAGÍA AO SEU ALCANCE

PARA ADIVINHAR AS CARTAS

Apresenta-se um baralho em sua própria caixa e manda-se alguem escolher uma carta. Esta, depois de vista pelo outro, é posta outra vez no baralho, na posição em que estava (à frente, ou seja em baixo do monte) e o baralho é recolocado na caixa.

O operador, então, sem tirar o baralho da caixa, dirá qual foi a carta escolhida...

O segredo é êste: antes da prova se recorta um pedacinho do papelão da caixa, em tal posição que permita vêr, por fóra, que carta foi a elegida. Ao recolocar o baralho, com a carta à "bôca", ou à frente, (em baixo) é preciso cuidar que a carta da frente fique face a face, por dentro, com o lado da caixa cortado.

A GARRAFA ENCANTADA

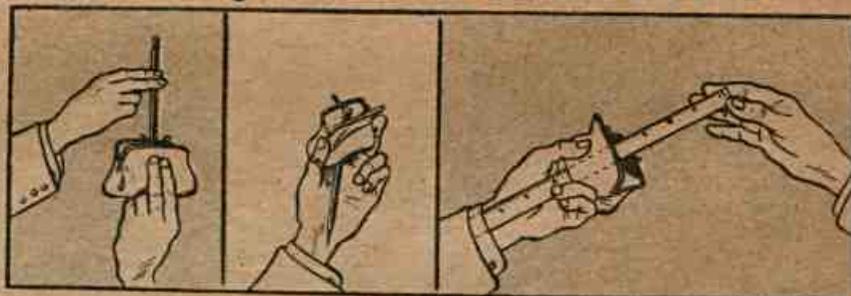
Mostre uma garrafa de boca para baixo (fig. a) o que provará que está vasia, uma vez que nenhum liquido cái dela.

Cubra-a, então, com um lenço, (depois de a ter tomado à posição normal) e ao incliná-la se verá que dela sái um liquido. (fig. b).

O segrêdo consiste em encher bem a garrafa e colocar no gargalo uma pequena rôlha. Estando completamente cheia, não só parecerá vasia como será fácil fazer com que nenhuma água cáia. Ao cobrir a garrafa, disfarçadamente se empurrará a cortiça para dentro, inclinando um pouco a garrafa para que o liquido sáia.

O TRUQUE DA CARTEIRA

Com uma carteira e um lápis é que se faz esta mágica. Naturalmente, uma carteirinha velha . . . porque no fundo deve ser feito antecipadamente um orifício.

O mágico pede, um lápis a qualquer espectador e promete, solenemente, que apezar de parecer impossivel, irá guardar o lápis na carteirinha. E, realmente, faz isso . . . mas com o truque que a figura mostra : o lápis passa pelo orifício e vai caír na manga do prestidigitador, dando a impressão perfeita de que foi metido e ficou na bolsinha. O mesmo truque póde ser feito com uma régua.

MÁGICA COM UM POSTAL

Quando o tempo estiver sêco, friccione com uma escôva, ou simplesmente com a mão um pedaço de papel fino. Dentro de pouco êste ficará eletrizado e pegará às roupas, às mãos ou ao rosto, sem cair, tal como se lhe houvesse passado cóla. (A questão está em saber eletrizá-lo). Eletrize um papel mais grosso, por exemplo : um cartão postal e verá que êste, tal como a cêra, o vidro, o enxôfre e a resina, atrái os corpos leves, pedacinhos de cortiça, peninhas, papéisinhos, etc.

Coloque uma bengala sôbre o respaldo de uma cadeira, e faça a aposta de que fará com que ela caia sem tocá-la, nem soprar sôbre ela, nem mover a caixa.

Bastará, para isso, secar bem o postal, diante do fogo, depois esfregá-lo energicamente com um pano, colocando-o próximo do cabo metálico da bengala. Esta será atraída pelo postal, perderá o equilibrio e cairá ao sólo. (Ensaie primeiro, sózinho. Depois, então, faça a aposta).

CAMOMILLINA

PARA A

DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS

Duas bôas...

Certo individuo rico recomendou ao seu boleeiro que, quando saísse só êle, pusesse um animal no carro; mas que quando saísse com a mulher, pusesse dois, por ser a senhora muito gorda e pesada.

No dia seguinte diz êle ao boleeiro que vai sair e que apronte o carro.

— Vosmecê sái só ou com a senhora ? — pergunta o homem da boléia.

— Só, — responde o patrão.

O boleeiro vai e volta depois no carro com dois animais.

— Dois burros, exclama o sujeito, dois burros ? !... Não ouviste o que eu te recomendei ? Quando sáio eu, sai um burro; com a senhora é que são dois !

•

Isso foi em 1884...

Um negociante recebeu um menino português que veio para o Rio, afim de ser empregado no comércio; estava à mesa do almoço, mas concluia a sua refeição.

— Já almoçou ? — pergunta êle ao recem-chegado.

— Ainda não, senhor, responde o candidato ao corpo do comércio do Rio de Janeiro.

— Pois, almoce, ajunta o negociante; aí tem chá no bule, e aí está pão e manteiga.

E, assim dizendo, retirou-se.

Pouco depois apresenta-se-lhe o menino com cara de chôro.

— Que tem, menino ? — pergunta-lhe o negociante.

— O bule, diz êle, já pouco caldo tinha; comi-lhe as *herbinhas*, que me estão ainda a *amargare*.

O negociante não pôde deixar de rir e mandou dar-lhe novo chá.

O Ceará aboliu a escravatura no ano de 1884.

O mal pago com o bem

Um homem, cujo nome mais vale calar, era dono de um bonito Terra-Nova que o servia há muitos anos.

Aconteceu que a câmara municipal lançou um imposto sôbre os cães que fôssem arrolados nas casas da cidade.

Por amor ao dinheiro, só para não gastar uma quantia irrisória, lembrou-se o ingrato de desfazer-se do animal. E não teve dúvidas. Preferiu o expediente que o seu coração deshumano lhe apontou como o mais ràpido e fácil.

Esquecido dos muitos e bons anos de serviço do velho servidor, partiu com êle para o jogar nágua. Amarrou-lhe as patas e, do alto da barranca, atirou com o Terra-Nova ao rio.

A debater-se, conseguiu o cão desatar os atilhos. Recobrou alento e veio a bom nadar para a barranca. Pisou em terra e, ofegante, vinha subindo a custo a ladeira.

— Ah, vens de volta?... Eu te ensino! — gritou-lhe, enraivecido o carrasco.

Agarrou um páu e, cego de ira, correu contra o Terra-Nova. Mas não chegou a alcançá-lo, porque, resvalando um pé, perdeu o equilíbrio e caiu no rio. O malvado não sabia nadar e ter-se-ia afogado si o Terra-Nova fôsse ruim como êle.

Levado pelos generosos impulsos com que os da sua nobre raça foram aquinhoados por Deus, o cachorro não trepidou. No mesmo instante que viu o homem cair, arrojou-se à corrente.

Voltou a lutar com as mesmas águas em que estivera quase a perecer e salvou de u'a morte certa o seu carrasco.

Só o conseguiu depois de arrostar por muito tempo a correnteza.

Vieram os dois para casa. O cão, na sua humildade, contente da boa ação; o homem, no seu arrependimento, horrorizado do que havia feito.

O CÃO

COMPANHEIRO fiel, o mais amoroso e dedicado de todos, o cão é o melhor amigo do homem, que êle, sem outro parceiro, segue por toda a terra. Acompanha-o às florestas, ao rio, às montanhas, ao fundo das minas, aos desertos de areia ou de gêlo, desde as regiões mais quentes da zona tropical às paragens mais desoladas das zonas frigidas.

Consagra-se ao dono. E' a sua sentinela. Adivinha-lhe os pensamentos: aceita o bom e o pior. Felizes ou maus que sejam os tempos, na prosperidade e na adversidade, é o mesmo. Não muda. Dá-lhe a vida si preciso fôr. Mantem-se fiel até a morte.

Ligeiro na corrida, fino de olfato e de ouvido, sagaz, inteligente, dócil, é um auxiliar que não se faz esperar. Um assobio, ei-lo: cá está, rente e contente por ter de partir. Para onde? Êle não sabe. E' para onde o dono quiser.

Dirigido pelo faro e pelo instinto, que fazem dêle um animal de ataque e defesa, descobre os objetos perdidos, monta guarda à noite, assinala, pelo latido, os que se aproximam. Enxota o gado das plantações, protege os rebanhos. Sai no rastro da caça ou a surpreende de um salto. Guia o caçador, e vem largar-lhe aos pés a caça que o tiro derrubou.

Em muitos paises, os vendedores ambulantes, que não podem comprar e sustentar um cavalo, servem-se do cão, para lhe puxar os carrinhos.

Na Holanda, o cachorro é o verdadeiro animal de tração. Atrelado a pequenos carros, corajoso e dócil, lingua de fóra, a sacudir a cauda, é êle que traz para os mercados o leite, os queijos, a manteiga, as hortaliças, as flores, os ovos e as aves.

Outrora eram os cães que serviam de guarda aos portos e cidades. Eram êles que davam o sinal de alarme, e defendiam os habitantes contra as surpresas dos piratas, que infestavam os mares.

Submisso e obediente, deixa-se o cão educar. Sabe atender e observar. Aprende e conserva o que se lhe ensina.

O ponto é armar-se o mestre de paciência. Brandura póde mais que violência. Não esmoreça e, mais dia, menos dia, o bom mestre terá feito o bom discipulo.

Os cães estão sujeitos a muitas moléstias. Nenhuma outra, porém, mais terrível e perigosa que a *raiva*, ou, como teimam alguns erradamente em dizer, a hidrofobia. Nesse estado, o doente pode transmitir o mal aos outros animais, e ao homem.

Muita gente está certa que o *cachorro louco* há de sempre manifestar o seu estado pelo furor, pela baba e pela vontade de morder.

Nada menos exato.

O cachorro louco pode estar atacado, e não revelar outros sintomas que o desassossêgo e a tristeza.

Fica inquieto, está sempre a mudar de lugar sem achar repouso em nenhum. Vem às vezes para junto das pessoas da casa, estaca e põe-se a encará-las, como a pedir um remédio para o seu mal.

Ninguem suspeita o perigo, e daí, às vezes, as mais desastrosas consequências.

Êle não morde, não está enfurecido, logo não é nada.

E' só uma prova do seu afeto pelas pessoas que procura. Para lhes aumentar a confiança, iludem-se muitos com o fato de o animal atacado de raiva não refugar a água.

Se êle bebe, é porque não tem nada. Não está hidrófobo. Se estivesse, teria horror à água.

Nenhum êrro mais funesto. O cachorro louco não é hidrófobo. Êle não foge com horror da agua. Em vez disso, aproxima-se da vasilha, leva a lingua ao liquido para o tomar, e, nos primeiros dias da moléstia, chega até a engulí-la.

A ciência, que ainda não póde descobrir remédio para o seu mal, tem o cão prestado os maiores serviços.

Todos os anos, veem, não poucos, para os laboratórios.

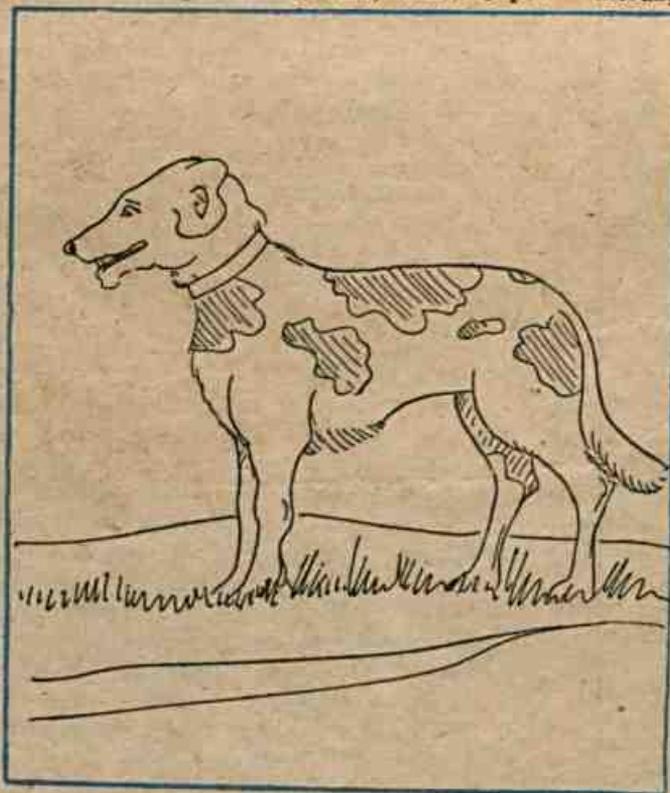
Presos ao mármore das mesas de operação, focinho atado e peiadas as patas, sofrem êles torturas e suplicios em serviço da humanidade.

Fria aos gemidos e estertôres que a mordaça não consegue abafar, cega às lagrimas que imploram compaixão, vai a lanceta desvendando mistérios, cortando, retalhando, e descarnando, para os descobrir e surpreender.

A estas horriveis operações experimentais praticadas em um animal vivo, dá-se o nome do que, de fato, é feito — *vivissecção*.

A elas devem os sábios e os homens mais de uma grande descoberta.

A Ciência de Deus, na sua misericórdia, há de levar a do homem a suprimir o horror dessas experiências, penosas para todos, a começar por aqueles que as praticam.

A ciência tem os seus mártires. Um dêles, e dos maiores, é o cão.

FELIZES E INFELIZES

(MONÓLOGO)

A ventura ou desgraça na vida
Teem, às vezes, igual parecer;
O que a uns pode dar alegria
Pode a outros tristeza trazer.

O que a alguns pode ser o motivo
Da mais bela e feliz existência,
Pode, a outros, ser causa funesta
De uma vida infeliz, de inclemência.

Uns se julgam felizes com pouco,
Outros, nem tendo tudo, lhes basta;
O prazer aproxima os amigos
O infortunio é que, a muitos, afasta...

Um que é pobre, a quem nunca a Fortuna
Um sorriso jamais dar lhe quiz
Vive muito contente com a sorte...
E' feliz.

No entretanto outro, que é muito rico,
Só parece que se contradiz
Quando afirma viver desgostoso...
E' infeliz.

Um que é simples e... pobre de espirito
Como irmão de Francisco de Assiz,
Sem nenhuma ambição neste mundo,
E' feliz.

Outro forte, ambicioso senhor,
Que tem sido, em contendas juiz,
E, apezar disso tudo, se queixa,
E' infeliz.

Um a quem tudo falta, e o emprêgo
Quase, há dias, perdeu, por um tris,
Conformado com a vida, êste, sim,
E' feliz.

Outro, embora sorrindo... por fóra
Mas, por dentro, sua vida maldiz,
Pois não tem a conciência tranquila
E' infeliz.

Um que vive contente consigo,
A dizer: — A ninguem mal eu fiz,
Pode, enfim, repousar sossegado,
E' feliz.

Mas quem vive implantando a discordia
Com as intrigas do "diz que me diz"...
Certamente se deve julgar
Infeliz.

Se gostaram de quanto lhes disse
(Mesmo sem precisar pedir "bis")
Eu garanto que assim me fizeram
Bem feliz...

EUSTORGIO WANDERLEY

O LEITÃOZINHO

CONCLUSÃO DA PÁG. 103

Conto de KARL LARSEN

E não podia haver sôbre a terra animal mais engraçado, mais afetuoso e reconhecido que o leitãozinho de Andréas Hansen. Bem vistas as coisas, duma maneira geral, os animais eram, a maior parte das vezes, de trato mais agradável do que os homens; não falavam mal de ninguém por trás das costas; não se riam do próximo, a propósito de tudo... Nunca! Nunca! O leitãozinho crescia, estava cada dia mais gordo, mais robusto e mais decidido; um verdadeiro porquito que tinha caprichos e idéias ridículas; punha-se a correr atrás das galinhas e dos patos, apenas para se dar ares de importância. Kaj e Dagmar adoravam-no, mas a mãe nem por isso estava menos convencida de que era ela quem o conhecia e entendia melhor, sobretudo desde que começara a ficar tantas horas sózinha, na sua companhia.

Nunca ninguém poderia ter imaginado que o verão se passasse tão depressa. Um domingo à noite, quando o campo ostentava ainda tôda a plenitude da sua riqueza, tiveram que voltar para a cidade. Gerda, acompanhada de Erik e das crianças, dera o último passeio de despedida, e na manhã de sábado, fizera sózinha uma longa excursão a pé. Esta terminou junto do leitão e, como ali ninguem a poda ver, o fato das suas lágrimas terem corrido não teve grande importância.

Mas, um pouco mais tarde, não se conteve que não falasse do porquito a Andréas Hansen. Êste, que não cessava de sorrir e de se mostrar afável, insistiu várias vezes na maneira como o leitãozinho ia sentir a falta de todos, mas a dela, sobretudo, êle, que estava tão habituado a andar sempre com ela e com seus filhos. E, então, as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Pela última vez foi com as crianças até junto do pequeno bacoro; os petises agarravam-se a êle e beijavam-no, mostrando-se extremamente tristes no momento da separação. Gerda, permanecia maternal e distante, como convinha, limitando-se a intervir duma maneira perentória, quando os filhos, segundo o seu costume, agarravam no seu amorzito com um pouco mais de dureza.

Uma vez de novo instalada no seu andar da cidade sentiu, ao princípio, uma terrível nostalgia do campo. Como o ar lhe parecia pesado e saturado de emanações gordurosas e fétidas, no meio de tôdas aquelas pessôas, que se cruzavam, com indiferença, e quási sem se olharem! Entre os animais, que ali via, não havia nenhum que conhecesse ou lhe interessasse..., e, às vezes, acontecia-lhe deixar-se ficar junto da janela e sentir-se, de repente, dominada por uma amarga pena; então a recordação dum rabito levantado, graciosamente retorcido, impunha-se ao seu espírito, seguida duma série de pensamentos melancólicos.

Passaram os dias e, quando menos o esperavam, na véspera do Natal, eis que a criada aparece a anunciar à senhora que Andreas Hansen, o da herdade, tinha chegado e desejaria apresentar-lhe os seus respeitos. O rendeiro, muito amável, tinha a cara prasenteira de sempre. Gerda ficou muito contente ao ver o seu rosto familiar, bem escanhoado, e ao ouvir-lhe as histórias da aldeia, à qual tanto se havia afeiçoado. Trazia maçãs para as crianças, amadurecidas naquelas árvores do jardim, suas

tão conhecidas...; e, a seguir, levantou um pouco a tampa do cêsto e deteve-se um momento antes de prosseguir.

Gerda esperava com curiosidade.

— Olhe — disse —. Também matámos o nosso porco...

Gerda sentiu uma pancada no peito, mas dominou-se e não disse palavra.

— E, então, é claro, pensámos que a senhora e os meninos gostariam também de provar um bom bocado; por isso, trouxe-lhe isto, se quizer ter a bondade de aceitá-lo.

Ao dizê-lo, Andréas Hansen tinha um ar tão bonacheirão e natural que Gerda agradeceu-lhe, e, mandando-o entrar para a sala, ofereceu-lhe vinho e cigarros. Mas, enquanto permanecia sentada diante do camponês, que falava sem que ela precisasse de dar outra resposta, além dum "sim" ou dum "não" atirados de quando em quando, experimentava uma sensação dolorosa, como se um olhar malígno, cravado nela, a afundasse num horizonte negro sob um céu de desespêro. Sentiu um grande alivio quando Erik voltou à casa, radiante de boa disposição, e se pôs a falar com Andréas Hansen em tom alegre e familiar.

Erik deitou uma olhadela para dentro da cêsta.

— Oh!, que belo bocado de porco! Mas, para que se esteve a incomodar...? Que magnífico almôço vamos fazer com isto! E' um dos meus pratos prediletos. E, tratando-se, sobretudo, dum leitãozinho tão extraordinário! Era aquele porquito do verão, tão engraçado não era? Aí está um, Hansen, que certamente o honraria! Bom, Gerda, amanhã haverá banquete...

Gerda sorria, e, apesar de tudo, sentia um certo contentamento por não ter de responder, pois quão difícil lhe seria proferir naquele momento palavras alegres.

Quando, pouco depois, os pequenos regressaram do passeio, só lhes falou das maçãs, sôbre as quais Kaj e Dagmar se precipitaram. Teriam sempre tempo de saber a lamentável e triste história do leitão.

Contudo, quando, no dia seguinte, se encontravam todos à mesa, e a alegria da festa devia dominá-los, os rostos de Gerda, Kaj e Dagmar estavam longe de exprimir qualquer satisfação.

Os entremeses foram comidos em silêncio. Erik tinha um apetite enorme e as únicas palavras que lhe saiam da bôca eram para achar excelente tudo o que comia.

— E, agora — disse, esfregando as mãos — chegou o momento de fazermos as honras a um assado de porco, vindo diretamente do campo. Isto sabe dez vezes melhor quando nô-lo trazem de lá do que quando é comprado na loja do carniceiro!

Serviu-se dum bom bocado, mastigando e dando estalos com a língua.

— Que maravilha! — disse.

Mas, de súbito, poisou a faca e o garfo e olhou para Kaj, muito admirado.

— Porque é que não comes, meu filho? E tu, Dagmar, também lhe torces o nariz?

As crianças pegaram na faca e no garfo e tentaram cortar os bocados que tinham no prato.

— Que quer isto dizer, Gerda?

Ao olhar para a mulher, o seu rosto exprimiu um assombro ainda maior.

De repente, Dagmar desatou a chorar.

— Mas que é que tens, meu filho? Hom'essa! E também tu, Kaj? Podes dizer-me, minha querida, do que é que se trata? O que tudo isto significa?

Mas a própria Gerda sentia-se absolutamente incapaz de articular uma sílaba, e duas grossas lágrimas corriam-lhe pelas faces abaixo.

— Mas que é isto, meu amor? Que é que sucedeu?

Gerda não podia conter-se mais, e, por fim, no meio dos soluços de Kaj e de Dagmar, chorando também, exclamou:

— Nenhum de nós póde comer o leitãozinho!...

VOCÊ SABE QUEM BEBEU O PRIMEIRO CAFÉ ?

TERIAM sido os europeus, que se dizem os povoadores do continente-rei ? Teria sido algum feliz mortal lá das bandas da Ásia gigantesca, berço da humanidade ? Teria sido algum filho de Adão tostado pelo sol da África, que ostenta, só ela, o duplo diadêma dos trópicos ? Foi aí.

E' o que nos conta uma lenda. Si ela, como todas as suas 'rmãs, não for a verdade pura, não fará mal algum em ser ouvida. Teremos, ao contrário, aumentado o ról das nossas hipóteses, e é destas que partimos para chegar à verdade.

Ao caso.

O primeiro homem que, segundo a lenda, saboreou o café, foi um derviche.

Um derviche é uma espécie de ermitão, que foge do mundo, para melhor servir a Deus. Foi um dêles que tomou — grande felizardo ! — o primeiro café. Como ? Com ou sem açúcar ?... Simples ou com leite ?... Em que ? Numa chícara... numa tigéla... numa cuia ?... A lenda não diz. Esquecida de descer a essas minúcias e esclarecê-las, não deixa ela, porém, de explicar como veio o derviche a beber o seu primeiro café.

Não satisfeito de rezar o dia todo, o santo homem gostava de fazer as suas preces e entregar-se às suas meditações, na calada da noite. Gostava, mas não podia. O sôno apertava, as pálpe-

bras pesavam que pareciam de chumbo, um cochilão... outro... mais outro, a cabeça pendia, e o ermitão não tardava a roncar como um bemaventurado. Triste e aflito, lembrou-se êle de pedir a Deus que lhe desse o poder de espantar o sôno.

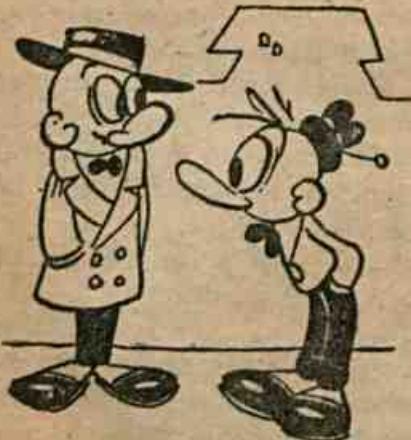
Aparece-lhe, em sonhos, um anjo. Disse o mensageiro do céu ao anacoreta que, para o que êle desejava, devia entender-se com um certo pastor alí dos arredores. O ermitão, mal ouviu a boa nova, foi procurar o pastor. Contou-lhe êste que, depois de comerem os frutos de um arbusto, as suas cabras ficavam espertas a noite inteira, pulando e saltando como se fôsse dia claro.

—Alí está um dêles ! — e o pastor mostrou o arbusto ao derviche.

Era um cafeeiro carregado. Davam-lhe êste nome, porque aquele lugar chamava-se Cáfa.

O derviche costumava seguir o velho e bom conselho : Não deixes para amanhã o que puderes hoje mesmo fazer. Assim, naquela mesma noite, experimentou a virtude dos tais frutos. Fez uma infusão, tomou-a e, para sua grande alegria, o sôno não veio interromper-lhe as orações. Varou a noite sem dormir.

Satisfeito com a descoberta, o derviche, que não era egoísta, deu parte a outros confrades. Espalhou-se a notícia. O exemplo dos derviches foi seguido, e o café cantou vitória. Não há, hoje, quem o não chuchurreie por êsse mundo afóra. E' êle, agora, universalmente conhecido e apreciado. E' uma bebida de primeira necessidade.

Se, em certos casos, se mostra ineficaz em combater o sôno, todos sem exceção a êle devemos e muito. Deixa-nos o estômago mais vigoroso, e mais ativa, mais pronta para o trabalho, a abelha mestra da colmeia — a inteligência. E é, hoje, a principal riqueza do Brasil.

Dois amigos se encontram na rua, num dia de frio intenso. Um dêles não traz sobretudo.

O que não traz sobretudo: — *Gostas do meu sobretudo de fantasia ?*

O outro: — *Mas... se não o tens ! !*

O que não traz sobretudo: — *Por isso mesmo é que é de fantasia !*

Dois pescadores se deteem a conversar.

— Eu, — diz o primeiro — conheço as lagostas, os caranguejos, os siris... Mas, como é que se chamam aqueles... aqueles que teem umas antenas muito compridas... Não sabes ?

— Sei — diz o outro. — São os radio-amadores...

Boneca assentada num sofá

— Para embelezar, por uma fórma interessante, uma pequena caixa de madeira ou de cartão coberta de pano, assente sôbre uma quina, como se fôsse sôbre um sofá do seu tamanho, uma boneca feita da seguinte fórma :

Torça dois arames como indica a figura. Terá, assim, a armação da boneca. Faça, em seguida, u'a madeixa de lã branca bastante espêssa e envolva com ela a armação. Fios prêsos nos diversos lugares constituirão a cabeça, o corpo e as pernas. Nas extremidades do arame deixe umas pontas de lã que formarão os cabelos, as mãos e os pés. A altura da cinta, prenda bocadinhos de lã para continuar o vestido, que deve cobrir as pernas até aos joelhos.

Desgrenhe os cabelos, marque os olhos com dois pontos azúis, acentuados por um traço negro ; dois pontos côr de rosa para as narinas, um traço também côr de rosa no lugar da bôca.

Coloque os braços numa posição natural, dobrando-os ; faça o mesmo às pernas, para que a boneca se possa assentar ; fixe-a ao sofá por meio dum arame que prenderá a armação e, passando por dois orifícios abertos na tampa da caixa, se fixará no interior.

Sôbre Pedro II

Frei Pedro de Santa Mariana, preceptor de d. Pedro II, era um sacerdote honesto, de uma fé serena e sem alarde, incapaz de um deslise e, para quem a vida tinha preceitos morais inflexiveis. Para êle, o monarca deveria ter a mesma austeridade conventual, e agiu sempre sôbre o imperador no sentido de conter seus impetos, dar-lhe a inibição que os impulsos paternos poderiam enfraquecer. Era professor de religião, matemática e latim. Mas foi o verdadeiro preceptor do jovem príncipe, a quem, com todo o respeito, sempre advertiu quando acaso o monarca tinha um movimento mais violento e pessoal.

Quando, já velho, soube uma noite que o Imperador tinha ido ao teatro sem a imperatriz, que ficara em Petrópolis, subiu as escadas de madrugada e foi dizer a d. Pedro II :

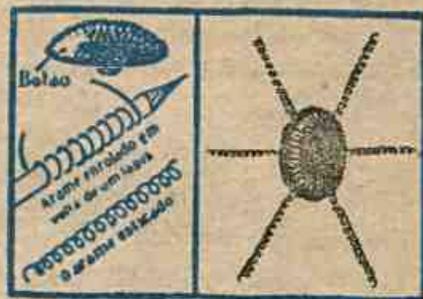
— Venho lhe pedir um favor.

— Qual é ?

— Vossa majestade não vá mais ao teatro sem a imperatriz. Fica muito feio.

O imperador obedeceu.

Uma aranha engana... tôlos

— Eis uma pequena trôça que não tem maldade e produz sempre o seu efeito. Arranje um botão meio esférico e coberto de pano, sendo possivel de veludo ; constitúi o corpo da aranha a construir. Para lhe fazer as patas, procura-se um fio de latão o mais delgado que se encontre, também coberto de pano, o que melhor servirá para dar a ilusão, e enrola-se-o seis vezes em volta dum lápis ; estenda-se um pouco os "anéis" assim obtidos, para lhes dar um aspecto mais conforme com as verdadeiras patas e introduza uma das extremidades no corpo do animal, isto é, no botão, deixando livre a outra. Tiremos partido da aranha feita. Utilizando-nos dum alfinete, espetemo-la num canto escuro, bastante alto para que se não veja senão de longe... Há razões para que a pessoa que a vê a tome por uma verdadeira aranha e vá buscar o necessário para a apanhar ou matar. A sua confusão divertirá todos os que estejam no segrêdo da *partida*.

Os três croquetes

Nas férias, ao chegar do colégio, onde estivera interno todo o ano, o Eduardo andava à espreita de uma oportunidade para mostrar aos pais quanta coisa por lá aprendeu.

Ao jantar, chegou-lhe, enfim, o ensejo. Papai e mamãe iam ficar deslumbrados com a sua sapiência.

— Papai, aí nesse prato, à sua frente, quantos croquetes pensa o senhor vêr ? Dois, não é assim ?

— Nem mais e nem menos. Isso mesmo, — respondeu o pai.

— Pois eu vou provar ao senhor que são três. Aquí está um, aquí estão dois. Dois mais um são três. Lo...ó...go, há três croquetes no prato.

— Mas onde estava eu com os olhos ?! Perfeitamente. São três croquetes. Vejo-os agora. Com que clareza você já demonstra ! Que grande matemático você vai dar ! Você merece uma recompensa. Vamos repartir os croquetes. Quinoca ficará com o primeiro, porque é a mamãe; eu ficarei com o segundo, porque sou o papai; e você, Eduardo, ficará com o terceiro inteirinho, porque foi você que o achou.

A LIÇÃO

CONCLUSÃO DA PÁGINA N.º 81

"Paraná", "Lapa", "Tijuca", "Macáu" e "Acari" foram os cinco navios brasileiros, sucessivamente afundados pelos submarinos alemães, em 1917, e cuja perda provocou a declaração de guerra do nosso govêrno à Alemanha.

SÃO uns ingratos... Receberam mais do que mereciam, e ainda tomam atitudes de revolta, como se tivessem direito a mais...

— Não são mais do que artistas — dizia outro. Gente que nunca sabe o que quer, nem onde tem a cabeça...

Com a entrada do Sultão, entretanto, os murmúrios cessaram e se fez completo silêncio.

E foram mandados introduzir na sala os artistas, para dizerem o que queriam.

Foi um velho compositor de canções campestres, de longas barbas brancas e aspecto venerando, quem falou por todos. E disse assim:

— Ismar-Hamed, poderoso monarca, Sultão a que todos prestam obediência e respeitam, perdoai a nossa audácia de vir perturbar a vossa noite de repouso. E perdoai também se, parecendo ingratos ao benefício recebido de vossas mãos, aqui estamos todos com a decidida disposição de partir.

Vamo-nos embora, cada um para a região de onde veio, cada qual para o lugar onde vivia, pobre, sem nada ter e sem nada possuir.

Há longos meses temos vivido no encantado palácio que nos déstes, e que foi o melhor presente da vossa generosidade. Mas, real senhor, nem um de nós, enquanto aqui esteve, produziu coisa alguma. Parece que esquecemos tudo o que sabiamos, que deixámos nas nossas paragens nossos talentos e todos nos sentimos como se não fossemos mais os artistas que éramos.

Tudo nos déstes, magnânimo Ismar Hamed, todo o conforto, todo o bem estar. Mas chegámos todos à conclusão de que foi tudo isso, justamente, que nos tirou a inspiração, nos arrebatou o dom divino de crear belezas, tornando-nos seres que só sabem usufruir os benefícios do conforto.

Havia em todos uma profunda expressão de espanto.

E o velho bardo campestre continuou:

— Nós, os artistas, não podemos, não sabemos viver assim. A sensação de conforto, de fartura, de bem estar completo, torna-nos ociosos, mata todos os estimulos, faz-nos preguiçosos porque entrava a imaginação. Deixai-nos partir, magnânimo Sultão, para que em vosso reino possa continuar a existir a beleza da Arte, que deve ser espontânea, cuja inspiração deve nascer por si, onde quer que se encontre o artista, na choupana ou na mansarda, no campo, ao lado do rebanho, ou no meio do lago, no fundo de um barco, a sós consigo mesmo. No Palácio da Arte, tudo tinhamos, tudo nos déstes. Para que o artista tenha inspiração é necessário talvez que algo lhe falte, que de algo necessite, é preciso mesmo que sofra, sem o que sua alma não vibrará como deve, e nenhuma coisa bela surgirá de suas mãos.

Disse isso e curvou-se, humilde, temeroso, obediente, esperando a palavra do soberano.

Ismar-Hamed, como sempre liberal e magnânimo, respondeu:

— Podeis partir. Ide, sem receio. E permiti que eu vos agradeça a lição que me foi dada, e que nunca esquecerei. Não sois apenas vós, os artistas, os que teem necessidade de estimulo, para trabalhar e produzir. Todos os homens, são assim. Aqueles que se entregam às delicias do conforto, da fartura, ao emoliente calor do lazer, como se a vida fosse apenas feita para o gozo e para o deleite, nada produzem, nada créam. E, além do vasio que sentem em si, prejudicam a coletividade, porque nada lhe dão, daquilo que seriam capazes de dar.

Um Campeão

E O MANDUCA QUEIMAVA AS PESTANAS NOS LIVROS, ESTUDAVA, ESTUDAVA, MAS AS IDEIAS SE EMBARALHAVAM NO SEU CÉREBRO, COITADO!

ATÉ QUE UM DIA...

E DESDE AQUELE DIA EM HORAS CERTAS O MANDUCA TOMAVA QUALQUER COUSA QUE A MAMÃE LHE DAVA CUIDADOSAMENTE.

E, MESES DEPOIS, MANDUCA NADAVA COMO UM PEIXE, TORNANDO-SE CAMPEÃO DE NATAÇÃO DO COLÉGIO.

E ERA TAMBEM O MELHOR JOGADOR DE FUTEBOL.

E O PRIMEIRO ALUNO DO COLÉGIO.

NO ENCERRAMENTO DAS AULAS O MANDUCA REVELOU ENTÃO O SEGREDO DE SER CAMPEÃO

SOLUCÕES DOS PASSATEMPOS

CHARADAS E PROBLEMAS PROPOSTOS EM OUTRAS PÁGINAS DESTE ALMANAQUE

FRASE COMPRIMIDA

(Pg. 84)

Êxito em tôda a linha.

O MISTERIO DA CHACARA DA TIJUCA

(Pg. 88)

O detetive Ramiro, ao se encostar na capota do auto, achou-a fria, sinal evidente de que o motor tinha parado havia muito mais de 10 minutos, tanto mais que Miguel viéra de Petrópolis, devendo o carro estar quentíssimo.

AQUI ESTÃO AS SOLUÇÕES DAS CHARADAS E PROBLEMAS PROPOSTOS EM PÁGINAS ANTERIORES DO ALMANAQUE

QUAL SERÁ?

(Pg. 88)

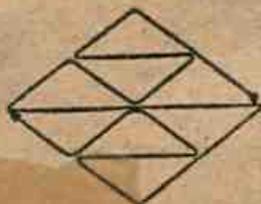
1 — Onça; 2 — Sol; 3 — Salomão; 4 — Lima; 5 Granada; 6 — Libra; 7 — Macaco; 8 — Balança.

COMPRIMIDO

(Pg. 92)

O nome do homem é Plácido.

DESENHO COM UM TRAÇO SO

(Pg. 13)

SOMA DIFÍCIL

(Pg. 13)

1	3	5	7	16
9	11	13	15	48
2	4	6	8	20
10	12	14	16	52
22	30	38	46	34

COMPLETE AS PALAVRAS

(Pg. 88)

O	P	E	R	A	R	CORTAR UM BRAÇO
I	M	E	N	S	O	GRANDE
C	H	A	P	É	U	NA CABEÇA
C	O	E	L	H	O	ANIMAL
C	A	Ô	L	H	O	SEM UM ÔLHO
T	U	C	A	N	O	PASSARO BICUDO

PROVA DE AMIZADE

Desejando causar uma alegre surpreza a Edison, seu intimo amigo, Henry Ford reconstruiu, à custa de imensos gastos, copiando os menores objetos e com a secreta colaboração dos ajudantes do sábio, o laboratório onde Edison passára noites inteiras queimando e experimentando as substancias de onde deveria surgir o filamento apropriado para lampadas elétricas. Fez-se tudo com o maior cuidado e depois Ford convidou Edison a vir a Dearborn.

— Suba — disse-lhe o magnata dos automóveis. — Terá uma surpreza.

Edison, ao vêr seu laboratório reconstruido, deteve-se com os olhos cheios de lágrimas e disse:

— Está igual em umas 99 partes.

— E que é que não está igual? — perguntou-lhe Ford.

— O piso. Estavamos sempre tão ocupados que nunca tivemos tempo de encerá-lo.

Tinha razão

— Ouvi dizer que levaste um tombo. E que perdeste um dente...

— Perdi nada! Está aqui, no bolso...

O Jogo do termômetro

Vamos apresentar aqui as explicações do jogo do termômetro.

Basta olhar para o desenho que se vê na página 25 para se compreender a sua significação. Não é preciso, portanto, entrar em pormenores.

São necessários duas fichas e um dado.

E, de posse de todos êstes elementos, vamos principiar a partida.

O jogo do termômetro joga-se entre duas pessoas, e o seu fim é vêr quem chega primeiro aos 60 gráus marcados acima de zero, naturalmente, pois abaixo de zero é desagradável estar e ninguem é tolo que se vá colocar, nem mesmo por brincadeira.

Deve deitar-se à sorte quem começa, e aquele a quem lhe pertencer começar, deita o dado, marcando com a sua ficha o número que êle indique, na casinha correspondente do seu lado. Por exemplo: o cinco.

Em seguida, o outro parceiro deita o dado e marca também o número que lhe saiu: o quatro, por exemplo.

Torna a deitar o primeiro parceiro e soma o número que desta vez lhe sair com o que tiver já marcado, colocando a ficha na casinha cujo número represente essa soma. Saiu-lhe agora o três, tinha marcado o cinco: três e cinco, oito... O oito é o número que terá agora de marcar.

Deita logo o outro parceiro o dado e faz a mesma operação e marcação.

E assim sucessivamente, até chegar ao 60. O primeiro que lá chegue terá ganha a partida.

Mas... Há a fazer uma pequena combinação para o jogo se tornar um pouco mais difícil e, portanto, mais interessante.

Vem a ser o seguinte:

Depois de ambos os jogadores terem deitado o dado a primeira vez e terem marcado o número que lhes saiu, *sempre que o dado indicar o um ou o dois, em vez de somar o número, subtrái-se*. Quer dizer que o jogador volta para traz.

Por exemplo: si o jogador tiver apontado o cinco e tirar o dois, em vez de marcar sete, tem de marcar três. Perdeu dois.

Compreenderam bem?

Dêste modo, como se disse, o jogo tem mais interêsse e torna-se um pouco menos fácil chegar de repente aos 60 gráus do termômetro que hão de dar a vitória da partida.

EFEITOS DO "BLACK OUT"

A origem da vila e atual cidade baiana de Cachoeira foi um aldeiamento iniciado pelo colono portu[illegible] Alvaro Rodrigues.

SOLUÇÃO EXATA DA CARTA ENIGMATICA DA PÁGINA 17

CARLINHOS A PAPAI NOEL:

Papai Noel querido:

Vou fazer ao senhor um pedido que talvez o senhor ache engraçado, mas não é, não. E' bem sério, Papai Noel.

O que eu queria que o senhor deixasse nos meus sapatos, que já estão um pouquinho velhos, era isto: um lindo par de sapatos POLAR.

Sabe porquê ?

Eu vejo sempre uns dizeres assim: "Deixe seu filho pular com sapato Polar", e como eu gosto muito de pular também, acho que se ganhar uns sapatos dessa marca, que eu sei que é muito boa, a Mamãe não vai se importar que eu pule...

Conheço uma porção de meninos que usam Calçado POLAR e pulam bastante e o sapato nem nada... Então, é porque é forte mesmo. E eu quero um par.

O senhor põe, não é, Papai Noel ?

Veja lá. Não se esqueça: é Polar, que eu quero !

Muito obrigado e fico esperando.

Carlinhos Pereira

As Lojas Calçados Polar, à Avenida Rio Branco, 191 — Rio, teem agora novas instalações especializadas para crianças, que são servidas por moças.

SOLUÇÃO EXATA DA CARTA ENIGMATICA DA PAGINA 2

CARTA DE UM GARÔTO DE BOM GOSTO

Minha Querida Mamãe:

Estou gostando muito das férias na fazenda da Vovó.

Aqui é mesmo bom e tenho passeado tanto que só me lembro da senhora, do papai e dos maninhos, que não vieram também.

Recebi o pacote de presentes e fiquei contente com a lata dos gostosos biscoitos Aimoré, pois já estava com saudades dêles.

A Vovó disse que quando a senhora mandar outra lata, pode ser de outra qualidade. Há muito o que escolher: Sortidos, Saúde, Indigenas, etc.

Os que a senhora mandou são de côco, e os de chocolate e de maizena são tambem "da pontinha"; são os que mais gosto.

Um beijo do seu filhinho — *Mauricio.*

Um inquilino encontra-se com o proprietário da casa em que êle mora.

— Como passa Vossa Senhoria ? pergunta-lhe o proprietário.

— Eu, responde-lhe o inquilino, não tenho senhoria, mas sim senhorio, que é V. Excelencia.

UM dia um chinês recebeu de presente de um europeu um relógio. Levou-o para casa e todos se admiravam de ouvir tic-tac que não cessava um só instante. Chegando a noite, o chinês começou a ficar intrigado com o tic-tac incessante e lembrou-se que as traças faziam êsse ruido quando furavam a madeira. Foi logo comprar um insecticida, mas, como apesar disso, as traças não morriam, jogou o relógio no fogo.

•

O casamento religioso de Pedro I com a princesa Amélia de Leuchtenberg foi realizado no Brasil.

•

O nome por extenso do padre Roma, mártir da revolução pernambucana de 1817, era José Inácio de Abreu Lima.

•

Quatro quintas partes dos povos indianos andam sem calçado. Mesmo os que andam calçados teem que deixar seu sapato à porta do templo quando entram.

•

Atribue-se a descoberta da polvora ao frade alemão Berthold Schwartz. Fazendo experiências, aconteceu-lhe misturar enxofre, carvão e salitre. Inesperadamente, produziu-se terrivel e violenta explosão. Antes dêle, porém, no século XIII, Rogerio Bâcon já havia copiado dos arabes a fórmula da polvora. O notável progresso na história dos explosivos foi a descoberta do "algodão-polvora" e da dinamite. Esta muito tem contribuido para as grandes e arrojadas realizações da engenharia contemporânea.

VARIEDADES

•

As formações de coral nos arquipelagos da Polinesia dão origem a verdadeiras ilhas, mas se elas levam anos ou séculos a se formarem podem, de repente, desaparecer, devido a não terem uma base segura, não só como os sedimentos mais antigos coraliferos se desagregam, causando o desmoromamento da inteira formaçao.

•

O único animal que, depois do homem, caminha eréto, é o pinguim. O urso e o macaco, só ocasionalmente caminham erétos, mas facilmente cansam.

OS SEIS MÉDICOS DAS FÉRIAS

MARGARETH BRADY

POUCAS pessoas sabem que podemos ter à nossa disposição, quando estamos em férias, nada menos de seis médicos. E que todos seis possuem uma clínica universal, fornecendo aos seus clientes — sem lhes cobrar nada — tanto a receita como o remédio. Basta para isso o trabalho de procurá-los, sendo cada um de nós imediatamente atendido, por todos seis ao mesmo tempo. Vejamos, sumariamente, o que cada um deles pode fazer por nós.

Primeiro o "Doutor Água" — Todas as cousas vivas precisam dêle, em toda a parte. O banho e as abluções constituem a base da existência humana, conquanto devem ser observadas algumas precauções, pois há sério risco em tomar banho antes que tenham decorrido duas horas depois de uma refeição mais ou menos abundante. No mar os primeiros banhos devem ser rápidos.

Isso pelo lado de fóra. Pelo de dentro, a água deve ser a bebida principal.

O "Doutor Luz" é o maior purificador do mundo. Sempre nos sentimos especialmente bem nos dias de grande sol, mas não convem abusar dos seus raios diretos sobre a péle núa, conquanto seja uma questão pessoal a maior ou menor adaptação neste sentido.

O "Doutor Ar" entra de tal modo na nossa existência, por fora e por dentro do organismo, que geralmente nem temos conciência de que êle existe e tantos benefícios nos presta. Respiremos sempre ar puro e tomemos — ou conservemos — o costume de dormir com a janela aberta.

Não esqueçamos, também, o "Doutor Repouso". Saber descansar é uma verdadeira arte e muitas pessoas devem o fato de viver longo tempo ao sadio costume de dormir bem. O melhor sono é o da noite. Aliás não se descansa apenas dormindo e sim também evitando qualquer agitação excessiva. A serenidade pode e deve ser cultivada.

O "Doutor Exercício" parece inimigo do "Doutor Repouso", mas isto não é verdade. Um e outro podem combinar-se muito bem. O grande segredo do exercício está em que êle deve ser diário e bem proporcionado.

Fecha a série o "Doutor Regime", que deve guiar todos os nosso hábitos de vida, principalmente no tocante à qualidade da nossa alimentação, muito mais importante, na maioria dos casos, do que a própria quantidade.

Inimigo?

Por SEBASTIÃO FERNANDES

(Conclusão da página 27)

E olhando para mim:

— O senhor não sabe contar histórias para crianças?

Sorri:

— Posso falar?

— Póde.

— Você pensa que isso é história para distrair crianças?

— Não é história porque é minha vida, e não tem graça nenhuma, mas póde dizer que si não sei fazer mel sou, no entanto, bom para os agricultores. Parou de falar, tirou o relógio e disse:

— Bom, já são quase cinco horas da tarde, e ainda tenho de arranjar o jantar da garotada.

— Quantos filhos são?

— Ah! Este ano nasceram só duzentos e trinta.

— E tem comida para êles todos?

Vou ver se a abelha me empresta um pouco de açucar...

Mexeu com as asas e levantou o vôo, como um aeroplano que carrega uma porção de bombas...

Um mês com o nome errado

Trata-se do mês de Setembro, pois não se compreende por que se chama Setembro, sendo o nono mês do ano. O seu nome verdadeiro deveria ser Novembro e o que êle usa deveria ser aplicado ao mês de Julho, que é o setimo do ano.

Essa anomalia não existiu na origem. Quando deram o nome de Setembro, foi bem dado ao setimo mês do ano que Romulo instituiu. Mas, dentro em pouco, Numa tendo introduzido dois novos meses, um no principio e outro no fim do ano, Setembro ocupou o oitavo logar. Depois, quando os decemviros puzeram Fevereiro no lugar que ainda ocupa hoje, Setembro recuou novamente e tomou o nono lugar, que nunca mais abandonou.

Pouco tempo depois, tentaram modificar êsse nome que não mais correspondia á realidade. Alternadamente, o Senado Romano e os imperadores tentaram reparar essa anomalia. Depois entraram os cortezãos: chamaram sucessivamente ao mês de Setembro: Tiberius, em honra de Tiberio; Germanicus, para lisonjear Domiciano, que usava esse apelido; Antonius, por causa de Antonino; Herculeus, para agradar a Cómodo, que usava o nome e os atributos de Hercules; enfim, Tacitus, sob o imperador Tacito.

Apesar de tudo, o costume foi mais forte e o nome de Setembro ficou até hoje, quando não admira a ninguem.

Os grandes vultos da historia

Frei Sampaio, que foi um dos mais notáveis oradores sacros brasileiros do século XVIII e começo do século XIX, foi em S. Paulo um grande lutador em prol da nossa independencia, chegando a transformar a sua cela no Convento de Santo Antonio, em centro de agitação revolucionária. E' dali que parte Ramos Cordeiro, para levar a D. Pedro I, nas proximidades do Ipiranga, a correspondencia de Lisboa, cuja leitura redunda no grito imortal de "Independencia ou Morte".

Proclamada a Independência, chegam a Frei Sampaio as desilusões. Pedro I, que lhe havia prometido o lugar de Bispo de S. Paulo, nomeia para o cargo o arcipreste Manoel Gonçalves de Andrade. A ingratidão imperial amargura a vida de Frei Sampaio, que se recolhe entristecido à cela de seu convento.

Foi o grande Mont'Alverne quem lhe disse um dia:

— Lembra-te de que és Sampaio, o grande Sampaio. Volta para a companhia dos teus livros, que foram os que te ajudaram a ser grande.

E êle voltou. Frei Sampaio faleceu aos 13 de Setembro de 1830, com 52 anos de idade, sendo por muitos considerado como o maior dos oradores sacros do Brasil.

De onde vem a palavra Mazórca?

DURANTE o período que ficou assinalado na história americana pelo governo despótico de Rozas, muitos foram os seus partidários que, aproveitando o regime de verdadeiro terror implantado pelo déspota, formaram grupos irregulares e associações fóra da lei para cometer tôda a sorte de tropelias.

Uma sociedade foi formada, nessa época, com o fito de colher proveitos da situação anormal que atravessava a Argentina.

O nome dessa sociedade era "La Mazórca", porque em certos desenhos da época, que eram divulgados com ameaças terriveis para os "Unitarios" — que se opunham a Rozas — figurava uma espiga de milho que, em castelhano, tem o nome de "mazórca". Houve tambem quem se aproveitasse do jogo de palavras "más-horca" — que quer dizer "mais fôrça" — e usasse esse termo com esse sentido, e todos sabem quea fôrca era o instrumento usado pelo tirano Rozas para eliminar os que achava serem inimigos do seu governo, embora não fôsse mais preferido êsse meio do que o degolamento e mesmo o fuzilamento.

Como se vê, do trocadilho "más horca" nasceu a palavra. E com o correr do tempo veio a ser "mazórca", que hoje é utilizada para classificar todos os movimentos de desordem e de rebeldia.

O que comem as borboletas

Na maioria dos casos, as borboletas nada comem, limitando-se a sugar o netar de algumas flôres, durante três ou quatro dias, apenas, não obstante botarem durante esse tempo grande número de ovos. Tudo isso, entretanto, resulta da voracidade da larva, fórma da borboleta logo que sái do ovo. A pequena larva, conhecida vulgarmente como lagarta, é sobremodo voraz: alimenta-se e cresce continuamente, armazenando reservas de alimento que permitem o jejum da crisalida inerte, durante mais de uma semana e ainda da borboleta logo depois da metamorfose.

Assim, a larva é uma armazenadora de energias que perduram nas transformações seguintes por que passa o inséto, que, ao sucumbir, serve de pasto às formigas. Durante o tempo em que a borboleta se apresenta com as suas belas côres, em pleno desenvolvimento do lepidoptero, sonha, contempla a natureza, decai e morre, talvez feliz. Algumas especies ainda deixam ao homem rico casulo da seda, tecido pela larva.

F. DONALD

PROPRIAS DA IDADE...

MONÔLOGO

E' costume se dizer,
Seja no campo ou cidade,
De certas coisas, assim:
— Isto é bem próprio da idade...

E é muito certo êsse dito,
Como se tem comprovado,
Pois, o que é próprio num moço,
Num velho é...* desacertado.

O mesmo caso também
Entre as crianças se ensina:
Não ficam bem certas coisas
Feitas por uma menina.

No entretanto se revelam
(Embora não pequenino)
Essas mesmas travessuras
Se feitas por um menino.

Subir, por exemplo, às árvores,
Para uma menina é feio;
Mas, para um menino, não;
Embora cause receio...

Se um rapaz, dansando, canta
Com a maior alacridade,
Dizemos: — E' natural,
E' coisa própria da idade.

Porém se um velho é que tem
Esses gestos... de espavento,
Ninguém acha próprio e diz:
— Isso é muito... assanhamento...

Quando uma jovem se enfeita,
Por uma justa vaidade,
Todos acham, com razão,
Que aquilo é próprio da idade.

Se fôr, porém, uma velha
Que faça a mesma... tolice,
Dizem logo: — Aquela velha
Já sofre de... caduquice...

Se um pequenito de cólo
Chora, sem ser por maldade,
Ninguém repara e acha até
Que aquilo é próprio da idade.

Mas, sendo um ga-
[roto grande
Que chora... se não
[apanha,
Se abre as guélas
[num "berreiro"
Bem se vê que aqui-
[lo... é manha.

Devemos, pois, ter o
[senso
Da justa oportuni-
[dade,
E fazer coisas que
[sejam...
Só próprias da nos-
[sa idade.

EUSTORGIO
WANDERLEY

ALBUM N.º 2

BELISSIMO álbum com 44 páginas do formato de ARTE DE BORDAR, capas a côres. Uma harmoniosa variedade em modelos de trabalhos úteis, que completam valioso enxoval de noiva.

Guarnições para toalhas de chá—Serviços americanos—Toalhas para jantar—Jogos de cama—Bordados modernos—Trabalhos em aplicação—Cheio e sombra.—Linda colcha de setim em tafetá franzido, com motivos bordados em sêda. Uma linda coleção de Lingerie finíssima, modêlos inéditos e de extraordinaria beleza, acompanhados de delicados motivos para guarnecê-los.

As explicações dadas para todos os trabalhos são detalhadas, tornando simples a sua execução.

Um album do interêsse de todas as senhoras, mas indispensavel a todas as noivas.

Nova edição da Bibliotéca de Arte de Bordar
Preço Cr $ 12,00

Pedidos à S. A. "O MALHO" R. Senador Dantas, 15-5.°
Caixa Postal 880 – Rio
Aceitamos encomendas pelo Serviço de Reembolso Postal

FIGURINO INFANTIL

ALBUM N. 3

QUASI 200 modêlos de vestidinhos para meninas e meninos na maior variedade de gôstos e feitios.

Não só as modistas mas, também as mães que gostam e pódem costurar para os seus filhos, terão no FIGURINO INFANTIL belissimos modêlos escolhidos, práticos.

As explicações que acompanham cada modêlo, orientam com segurança a sua execução.

Um lindo álbum com a capa a côres, por

CR $ 12,00

Pedidos à S. A. O MALHO
C. Postal, 880 - R. Senador Dantas, 15-5.° - Rio
Encomendas com as importâncias, ou pelo Reembolso

ALBUM N.º 2
Grande formato
– 046 x 0,30

UMA dos mais fascinantes trabalhos que já se viram, no gênero. Compléto enxoval para o bébé mais rico e mais pobre póde ser executado pelos desenhos publicados nêste álbum, onde se confundem — a simplicidade, o bom gôsto e a perfeição do detalhe. As explicações para a execução do trabalho são compléta e os desenhos são todos publicados na medida exáta da confecção do enxoval.

PREÇO CR. $ 12,00

Pedido à S. A. "O MALHO" - R. Senador Dantas, 15-5.°
Caixa Postal 880 — Rio
Aceitamos encomendas pelo serviço de Reembolso Postal

ÁLBUM N. 2

Um álbum de grande formato, contendo 200 modêlos de finíssima lingerie, desenhos modernissimos para os mais variados fins.

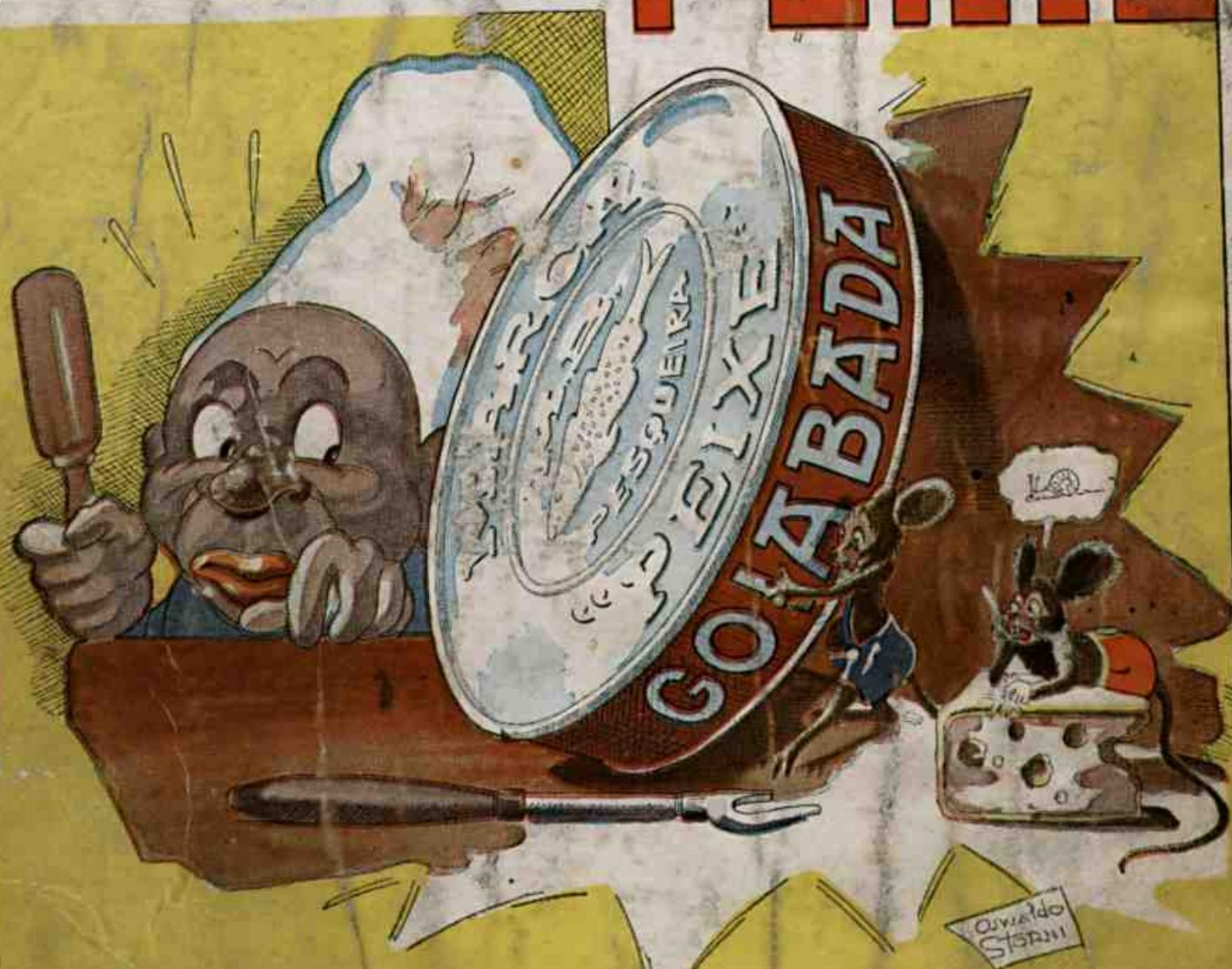
Todos os modêlos são acompanhados dos riscos respectivos, na medida da sua execução.

Delicadas sugestões para inumeros trabalhos, pontos, linhas, côres, etc.

Um álbum sempre util, sempre oportuno.

CR $ 12,00

Pedidos à S. A. "O MALHO"-R. Senador Dantas, 15-5.°
Caixa Postal 880 – Rio
Aceitamos encomendas pelo Serviço de Reembolso Postal

Goiabada marca PEIXE

ATÉ OS RATOS, PARA O
SEU QUEIJO, PREFEREM
A MELHOR GOIABADA

CARLOS DE BRITTO & CIA.

FÁBRICAS EM: Recife – Bezerros – Areias – Pesqueiras – Rio e São Paulo

Gráfica Pimenta de Mello